

Consulta de Jappon para nro Pe General

2a Via

1580

560. of 81.

1

1560

3^a. Via.

Consulta feita em Japaõ. pa N. P. Geral

S

Sta onsultado q. Via he a q' foi feita em Bungo,
a qual vay differente da outra da 1^a. e 2^a. via
por q' aquella foi feita depois de se ter tornado a
reuer nas partes do Miaco Eõo Ximo. Mas
po que vay aqui o feito nas marges concerta c's aquella,
e aquella he ppriamente a q' se ha de ver. Mas por q' nao
uia outra da 3^a. uia se manda esta, por quanto no effen
cial nao differem.

2

+

Muyto R.do em Chr.o P.e

Por os p.es se não poderaõ ajuntar todos em hu lugar para se fazer
certa consulta como na opiniaõ delle se diz, sesel prim.o
em Bungo & depois nas partes de Meaco & Ximo de man.ra
que interuenhaõ nella todos os p.es que estaõ em Japaõ que
eran vintesesete mas por quaõto esta consulta de man.ra que
conj. aqui escrita sesel em Bungo adonde entraõ não sponte
mais que noue padres. Vaõ em algumas perguntas escriptas
diuersas opinioes nas quaes se concertaraõ ou variaraõ os que
entaõ estauaõ em Bungo algumas partes porque quando se
daõno ales os mesmos emsuas opinioes se mudaraõ, parte
porque os do Meaco & do Ximo tiveraõ outras opinioes, si
caraõ algu~s tanto mudadas & variadas assi como severa
nas margens das ditas perguntas, nas quaes emsumma se
escreveras os votos que concordaraõ ou variaraõ por onde
ainda que na consulta v.g. sediga sobre este punto ouue
duas ou tres opinioes, & depois na margem se acra que todos
concordaraõ em hua, não he marauilha porque na consulta de
Bungo ouue a dita diuersidade de opinioes mas depois al
guns reuocaraõ seus ditos, & desta manera somando se taõbem
os votos dos outros de Meaco & do Ximo se escreueo na mar
gem os pontos emque concordaraõ ou variaraõ & os p.es que
nella se acharaõ foraõ osseguintes V. os Pes fra.co cabral,

Gaspar coelho, Luys froys, Organtino, Lourenço mexia
P.e Ramon, João bapt.a do monte, Gonçalo rebello, Antonino
Laguna, Gregorio de cespedes, Joseph furlaneti, fra.co carion
Belchior de Mora, Luys dalmeyda, Ant.o lopel, Juliopiani
Al.o Gonçaluez, Balthasar lopez mayor, Balthasar lopez menor
Miguel vaz, Ayres sanchez, Affonço de Lucena, Bastião
gz, Christouão de leão, Diogo de mezquita.Con[sulta]

Consulta feita em Bungo pello pe
Alex[andre] Valignano Visitador
da yndia nomes dou
tubro do Anno
1580. acerca
das cousas de
Japão

Fes se esta consulta indirectas vezes por senão poderem a
juntar em hum lugar os padres, mas nesta q se fes em
Bungo se acharão os seguintes. s. o pe frco cabral Provisor
de Japão. o pe Lourenço mixia companho do pe Visitador
o pe Luis frois. o pe Belchior de figueredo. o pe João Ba-
ptista ytalianno. o pe pero Reimon. o pe Antonino. o pe
Gonçalo Rebello, o pe Lagená. E se trataraõ as mesmas cou-
sas, no Ximo com o pe Gaspar coelho. E com o pe Luis dal
meida, E todos os outros pes daquellas partes. E tambem se
consultou denovo co o pe Organtino E mais pes q estavam
nas partes do Meaco. E na dita consulta se propuzerão p[e]lo
dito pe Visitador as cousas seguintes,

Pregunta primra do modo q
se avia de ter em levar
adiante esta empreza
de Japão

Acerca desta pergunta se tratarão diversas cousas E primro
pareçeo a todos ser a empreza q tinha a compa em Japão. a
mais importante E proveitosa de quantas ha nesta provincia

concordarão todos
.27.

4q'aynda entodovides cuberto afsi por ser agente de Japão
tam nobre Scapas, Sde engenho mui esperto, como q'sore
tam sogeitos a suaõ, Sfasenfe nelles tanto fruto como se
faz Snerce aparelho pera sefazer maior cada dia. S'J por
ifso devia aCompa por todo seu esforço pa levar adiante
Ssta Smpresa.

Com chinas tambem todos q'Juntamente co ifso era esta
ympresa, amais difficultosa Samais perigosa pera sepoder le-
var adiante dequantas tem aCompa porq'alem dadistancia

q'tem tam grande dayndia Sde Roma Sdemtas condições e calidades particulares desta terra q'fasem dificultoso gover no desta Christandade Sda Compã seachao algras difficuldades geraes incomunes -

A ja he dafalta dos sogeitos porq' como Japão he cousa tam pva de, Salingoa he tam de fícil deaprender, Snaõ pode em nhua maneira estaprovincia subrir aChristandade Guaisogendo porq' nem apadres ne pregadores ne Jrmaos, ne orpode alver damaneira q'fora necessario, Scomo esta Christandade sevey sempre dilatando cada dia sera maior afalta dos sugeitos ~

A 2ª difficuldade he, da larga Sberigo grande em q'nossos vive, porq' como os obreiros saõ poucos Sos negoceos Sa Cris tandade muita Sq'vay cada dia crescendo, sorça es saõ for, metidos endiversas residencias sendo prestador q'lenas Sfinalmente tendo, alem cargo. Sifso por toda aVida, fica sendo alarga perigosa Sinsofrível Suai cada dia crescendo.

A 3ª deficuldade he acerca do modo q'se poder sustentar osOs ditos obreiros, porq como Japão he em extremo pobrissi

mo, e naõ se pode esperar quazi nada delle, Sorpes ande se lentar asi mesmos, Sor seminarios das igrejas, e fazer outros diversos gastos, neceßarios, osquaes cada anno se faze mui groça soma. Transcription:

Os ditos obreiros, porq como Japão he em extremo pobrissi mo, e naõ se pode esperar quazi nada delle, Sorpes ande se lentar asi mesmos, Sor seminarios das igrejas, e fazer outros diversos gastos, neceßarios, osquaes cada anno se faze mui groça soma. Sa comp.a de Japão naõ tem outra cousa Senaõ os ganhos deste pouco trato da nao da china, q saõ tam ariscados e tam incertos, e q naõ basta pa sostentar og Esta feito, naõ se ve poronde se poßa a Comp.a ter remedio pera tantos gastos ~

C Porquanto as cousas de Japão naõ se entendem ne se pode bem entender, em Europa polla grande diversidade, e co trariedade dos costumes e modo deproceder q ha nelle, q se tra taõ em Portugal. Sem Roma muitas cousas p.a bem de Japão asquaes poderiaõ tornar em seu mal, porisso S.sa seachar conve nte, as ditas difficuldades sepropozirão e tratarão os segun tes Remedios, disputando se acerca delles e suas perguntas

Pergunta 2.a

Se fora conveniente Viré outras reli gíoes, pera ajudar naes nevercaõ de Japão ~

O primo Remedio q sepropoz foy se sedeveria fazer instancia q viesem aqui outras religíoes p.a nos ajudar asi como se outora etratou algumas vezes em Europa, e a todos pare

ces q ainda q pudeße ser bem teriaõ em q se empregar todas
Poravem em Japaõ tanto q fazer, todavia Japaõ não esta
agora disposto pa isto, pollas seguintes rezoës, apr.es q

concordacas todos
.27.

5na India escasa mente se podem sustentar as Relligioes, q
ahi estao polla grande falta q' tem de sugeitos, p' onde, ainda
q' quizesem não poderiaõ tomar esta empreza de Japaõ, Aza-
pong acharraõ nellas tantas dificultades q' provavelmete
Senaõ poderaõ deter nelle, special mente por falta de sosten-
tacaõ, acerca daqual não teriaõ em Japaõ nhũ Remedio
A 3ª porq' como em Japaõ ha tantas e tam diversas ceitas
e se vivem diversas relligioes e diversos abitos e diversos
modos de proceder Julgariaõ (tombem entre os xpaõs) a diver-
cas ceitas, e ficaria a relligiam xpaã perdendo a reputaçã
q' agora tem, cridando os Japoes q' foraõ invenções dos homes
como saõ suas ceitas. A 4ª Razaõ porq' sempre averia
entre diversas Relligioes devercidade de opinoes e depare-
ceres, q' causariaõ grandes inconvenientes e escandallos nesta
nova cristandade de Japaõ poronde amultiplicacaõ de relli-
gioes, em Japaõ não somente não he Remedio pª a conservacaõ
e subvercaõ d'elle, mas fora grandissimo estorvo e inconveniete
e como tal se deve propor anssio pª sua santidade. O q'
se faraõ bem entender oq' passa em Japaõ senaõ q' cause alguma
desordem irremediavel engrando se busca seu remedio

3ª Pergunta.
Se convè mandar se aqui
algum Bispo.

Rº: Remedio q' se tratou foy se convinha mandar a algum
bispo q' tivesse cuidado de Japaõ, acerca doqual se trataraõ
alguns pontos, O prº foi se convinha se o bispo for prellado,
bniversal de Japaõ, ova fosse clexigo secular, ora da compª Pareceo Vniuersalmente a todos q' em
nhua maneira co
vinha para agora vir a Japaõ Bispo q' fosse prellado Spañol concordado ad vi
Vniuersal de Japaõ, pellas seguintes rezoês, apr.a porq' não .27.
q' não pode teraqui clerigos estrangeiros, s' fazendo clerigos
Japoês não era delles obedecido. A 2.a porq' como os foxês
de Japaõ saõ gentios Sabios, Jntos, s' huûs contrarios aos ou-
tros, não pode huû ser Bispo Vniuersal de todos, s' lhe faria
mil desacatos, s' não teria nhua autoridade. A 3.a porq'
se fora necessaria m.ta Renda p.a se sustentar, A 4.a porq'
nao teria gente ne modo p.a os visitar, s' acodir a tantos,
s' finalmente porq' os xpaos e m.tas partes saõ pobres. s' vi num
deministera d' argentior. e não saõ ainda capazes, ne de fordi-
caõ, de bispos, ne doutras leis sosituras. ne de semelhantes
prellados, e m.to menos se fosse da comp.a pellas seguintes rezoês
Apr.a porq' teria sempre q' co trestar co o sup.or de japaõ, q'

Jonaõ poderia enhua manr.a amassar bem. A 2.a porq' os q' se indinaem cotra o Bispo ficariaõ indignados cotra a comp.a A 3.a porq' elle trataria co menos respeito co os nossos, s' or nossos com elle.

Hegundo ponto foi se ao menos fora bom vir huû Bispo particullar como Vex.bi graciaria do R.no de figem. s' cristandade do p.o vimo. q' se fez ahi xbandade mais junta s' lugar donde vem os puxtugnezes co seus navios acerca do graal ha duas Desta opimaõ forao openioês. A 1.a q' naõ convinha p.los ameixaõs os mesmos in os. 25. convenientes, s' allem disso porq' pareceria cousa forte, estar hum bispo em japaõ q' tivesse cota co hus xpaos, q' co os outros naõ. s' e comfarias m.tos desgostos. ahi pera o B.po como pera os mesmos xpaos. A 2.a openiaõ foi q' anondo Desta opimaõ forao z.

6do terçr Bispo fora mais conueniente sex particullar do Rno de figem pellas seguintes Rezoes. A 1ª porq era hir caso omni deferente pori ahi estanna a xbandade toda Junta S teria o Bispo mais autoridade Smais Remedio. A 2ª porq desta maneira seixra fundando axpadade coforme aordem Diuina. A 3ª porq nos descarregaríamos dapra de carga deixandoa sobre o Bpo. a A 4ª porq sedaria satis fação a s. sua santidade, nos livrariamos da oponiaõ q alguns concebe~ q porquexermos governar tudo, naõ quere mos em Japaõ prellados.

Mas acerca disto hu~s diziaõ q entodo caso o Bispo fosse Ep efteiro, S outros q naõ fosse senaõ da compª mas nisto con vieraõ todos q gnal quer q fosse p.ra seaparelhasse atex grande paciencia Sgrandes desgostos Sapadecer muitas Cousas indecentes Strabalhosas. A 5ª q senaõ avya de fin dar em trazer muitos clerigos estrangeiros, assi porque elles naõ alvarraõ aqui como por outras muitas Rezoes Sa. 3ª q Viesse Bem aprovidos de Renda Sde dinheiro porq semjsto naõpoderá fazer nada ..

O 3º ponto foy seao menos fora bom Vir hu~ Bispo de Anel peta ordenar osda compª Sos Japoes pelos muitos inconueni entes qsa em osmandar ordenar achina ou alndia, a cerca doqual couvieraõ todos qfora cousa mui conuenie~te Specefsaria aner hir Bispo de Anel em Japaõ q fosse damesma copª contal q naõ tiuesse nhua~ Jordicaõ, a cerca dos sepaos, mas antes Viuesse debaixo da obediencia

Desta opiniaõ forao
dos p.es qes pes fora
An.mino Jesups. es
pedes, lexo, q. Ramo
Ayresanches, luis
Delmeida. Julio
y Ant.o lopez

Acontraria opi

niaõ tueraõ treze
conuem a saber Damesma comp.a mas acerca disto S.ris dixeraõ q fora
bom q este bispo tivesse autoridade de nuncio de Sua
Santidade, pa em alguma maneira governar os clerigos
q sefizesem Japoes. Sdax como governador algũ remedio
a q pandade semtex acarga da cura das Almas dos fieis por
q desta man.ra sem escrupello de conciencia faria o q
pudese sem q de sem q ueietax cõ orxpaõr, doutros
senaõ deixe nhũa super entendencia aeste Bispo, mas q
somente tivesse autoridade de ordenar.

O q.to Ponto foi seconvinha faser clerigos seculares Japoes
S por hũa parte atodos parecia necessario porq senaõ se pode
ria ajudar Japaõ deoutra maneira. S por outra parte pa
recia cousa mui incoveniente e perigosa e agora, prim.o
q q era cousa quasi certa q aviriaõ de faser grandes des
manchos. S deitar aperder cõ ma vida estes xpaes, s seme
arem mui facil mente kdeixexcas heregias, segundo q q
naõ avendo Bispo senaõ seria modo como se podese gover
nar. Savendo se causariaõ muitos incovenientes ia ditos
e tambem muito maos orgovernaria, pollo qual aalguns
parecia q por agora sedese q sua santidade, autoridade
aqual quer q fose susor de Japaõ de poder como seu nuncio
prover e governar os clerigos Japoes q sefisesem como mi
nistros poria ate q o tempo e experiencia mostrase q aloia
ou estrangeiro ou delles se podese faser prellado, aoutros
parecia isto cousa incovenientissima, p.e. porq os susoex.
daraçaõ de masiada carga. Sacrecentando lhe a dos clerigos

[Marginalia, right side]

osp.es organtino
laguna carrion
Joaõ baptista
gaspar coelho
Lourenço mexia
lucena, Bastiaõ
glz: anbos os
Balthasar lopez
Miguel vaz, Mora
l.o gonçalvez
os outros naõ se sou
beraõ determinar

concordaraõ todos

Todos conuieraõ
nesta pa.te opinaõ
ainda que o p.e gulio
An.e lopez, luyz dalmei
da P.o Ramon parece
que se dilatase mais

o tempo de faser clérigos
& o p.e fr.a cabral, fi
gueiredo, João bapt.a
e Rebello senão soube
rão determinar.

[Page number, bottom center]

7ª fora incomportável. segundo porq~ em nhua maneira
lhe obedecerão senão podexia valler co~elles. 3º porq~
se foxa d'isto aco~pa~m~ odiola~.
pello qual uendosse q~ todos estes remedios se tepodem cui
dar, q~ aindadariaõ Japaõ. faõ tam deficeis q~ parece q~ care
fariaõ m.tos inconvenientes q~ Remedios, et cluivas ador q~
se fisesse mui miudamente saber anosso padre oq~ passa em
Japaõ cas dificultades q~ ha pa se poder levar adiante esta
Smpresa, e q~ tratandosse co~ S. Santidade escolhece o
remedio q~ nosso sor lhe offerecesse por melhor, e q~ pa ser
bem informado detodas as cousas tornasse a Roma o p.e
visitador. Squando não semandasse outro p.e da autho
ridade q~ soubesse dar boa emformação das cousas de Japaõ

4ª Pergunta

Se comuinha afompa~ da Ssata
aconversao ou procurar so
mente de co~servar a
Xpandade ja feita.

Acerca desta quistaõ, ouve mui grande perplexidade
entre todos porq~ pa se dilatar aconversao se offereceraõ
as seguintes rezoas. A 1ª Rezaõ he. porq~ ainda q~ senão
possa bem estirrar por falta de obreiros, toda una melhor
se gasprovincias seraõ de xpaos~ q~ de gentios, q~ os q~
ainda por xpaos~ seraõ fracos, podem sempre q~ querem, a
inda q~ no arago damorte buscar remedio da char. e
Sua saluação o q~ não podem faser sendo Jentios, 2º.

2ª. porq~ ainda q~ senão posaõ bem cultivar todos, sem
pre say entre elles muitos bons, s~ podese esperar q~ não
andossem o~s taveiros a vexa depois comodidade p.a os coltivar
3ª porq~ se saluaõ muitos meninos, os quaes se perderiaõ
morrendo gentios. 4ª. porq~ se tira aydolatria, co~ os
pecados e vicios tam enormes q~baõ apontados a S.Ma
q~ não se pouco fruto avinda q~ senão fisese outro entre
os xpaõs. A 2ª Razaõ he porq~ a say vontade q~ esta sa
sendo pode conseruar ne~ coltivar bem senão passando a
diante na conversao, porq~ sendo tam poucos e tam mistu
rados co~ os gentios estaõ sempre em grandes perigos. e co~
pouco credito q~ senão lhe pode dar os necessarios remedios
A 3ª Razaõ he porq~ acrefsentandosse a say fandade, ain
da q~ parece q~ de yso cresce a carga, se galha a somba, toda
via se pode esperar co~ o~ tempo q~ disto mesmo se lhe siga

alivio e Remedio, q~a hu~ s~ pa~ o outro. porq~ sendo muitos
Teraõ mais poder e autoridade, e se poderaõ fazer entre
s~ lles clerigos e sustentar a elles sa somba. A 4ª razã
he porq~ deixar de prosiguir a conversao~ y temor dos
galhos e por desconfiança q~ não avera modo p.a os coltivar
parece q~ he desconfiar da divina Providencia. e querer
medir sua sabedoria e poder co~ a medida do nosso entedi
mento. A 5ª Razaõ he porq~ vemos q~ yso por experi
encia q~uay a religião tomando mais forza e allei de
Deos cresce em reputaçã q~os xpaõs ficaõ mais firmes e
não tem medo de se conhecer por taes q~entre os gentios q~

8Por onde parece razã q' se va sempre adiante nella

Por outra parte se escrevem outras Rezões q' persuade
o contrario parecendo q' fora melhor cotrinar os fieis
e nao tomar novas empresas. 1a. he porq' co a falta
dos supectos quanto mais cresce a cristandade fica or
seu acarga mais pezada, e menos se pode acodir a colti-
vallos e ordernarlhes meos sacramentos.

A 2a he q' quanto mais cresce a xpandade mais cresce or
gasto. Sa Compa. nao tem maneira em Japaõ pa o poder
poronde indo mais adiante vai aperigo de lhe faltar
ocabedal edar co tudo emterra-

A 3a he porq' quanto mais cresce mais se acrexenta a lança
a sompa, e fica co mais perigo de se perder. porq' ficam os
sugeitos della mais destribidos e he forçado de valler se
dors q' tem ainda q' nao fosse soficientes poronde lhe pode
acontecer muitos desastres. A 4a porq' se os xpaos
se orderxar viver e morrer depois como gentios, pare
ce, q' he cousa e tra avezaõ, e contra aomrra daigreja
e sffee. xpaã.

Dellas quaes Rezões duas foraõ de parecer q' sendo toma[da]
mais empresas novas mas q' se procurase de cotrinar
a xpandade ja feita, procurando somente de converter
os gentios q' estavaõ demistura co os xpaos -

Outros dixerã q' sempre q' viesse a ocaziaõ de estender
a xpandade em diversos Rnos senaõ perdese, mas q' se
procurase de acender o fogo de Deos em todo Japaõ

[marginalia]

Por derradeiro conuie-
raõ todos na mesma
opiniaõ que se dilemge
a conuersaõ dos q' se
pidesse co prudencia

e discreçaõConfiando em sua diuina prouidencia q'elle dauza modo co
tempo pera se poder coTornar como deo entre as gentes
Soutras barbaras nações q'os apostollos conuerterao y q' de
sua gente tam capas e prudente como sao os Japoes sepo
de este remedio co t[e]mpo esperar

5a Pergunta,
Sedeue faser ceminarios
dos Japoes~

Concordarao todos q' Japao nao tinha outro remedio p.a concordarao todos se poder ajudar senao faser ceminarios de Japoes emque .27. aprendecem bons costumes e letras, p.a co tempo serem cle rigos e nos ajudar, e acerca disto se tratarao algus pontos opr.o foi se farião de faser os ditos ceminarios de Meninos ou de grandes, e acerca disto ouue tres openioes, Apr.a q' se fisesse somente de Menynos pollas seguintes rezoas. a 1a porq' estes ceminarios se fasem pera os Menynos apre derem letras. E jsto nao podem faser sng.do sao grandes Neste p.o ponto por a segunda. y q' faser mystura de grandes e pequenos, he cou dervadeiro comcor sa em Japao muy perigosa do vicio tam comun q' entre darão todos que se elles corre, A 3a openiao foy q' se fisesse ceminarios so & grandes mente de moços grandes. de dezacete ou dezoito annos. p.a sima, pr.o porq' estes podem m.to depressa ajudar a comp.a pregando aynda q' nao possam aprender tantas letras e cojudando nos mais ministerios necessarios. sepr.do y q' estes se criaõ co pouco gasto. facil mente; e os meninos requiere muito tpo muito gasto e muito trabalho, &ca.

9pois acontecera q'Tendo grandes nao quereraõ Viver na Ygreja.

A 3ª openião foi q' se fisesem diversos ceminarios, q' hum dos quaes Vinecem os grandes Sendubtos Vinece os pequenos, qo q' os grandes desde agora naõpoderiaõ apu zar, & os pequenos entre tanto yriaõ cresendo co letras &c como dos grandes seachaõ poucos, sm dos pequenos mais seade faser cabedal dos pequenos q' dos grandes. O 2º ponto foi se nos ceminarios se aviaõ somente de rece ber Meninos rapados determinados pa sahireve na ygreja ou tambem se se aviaõ de Receber meninos co cabellos. A cerca do qual ouve duas openioes A 1ª porq' fora gran disimo trabalho a compa criar meninos por esteixos co q bello, & nunca chegaria apoder ostentar afeus Pais, se. gundo. q' q' necessaria mente hiriaõ m tas vezes acasa de seus Pais, aonde como os Vicios saõ taõ comus, perderiaõ o q' ga nhaõ em nosa casa, & nao nos sajriaõ co proveito. 3ª porq' estes dariaõ aos meninos rapados, coa sua liberdade, q' co seu mao exemplo, Scoinversacaõ q' tivese com elles A 2ª openião foi q' quando a compa tivese comodidade deveria receber tambem nos Ceminarios meninos de cabelos ou fasendo ceminarios destintos, ou Vivendo & os outros rapados juntamente, prº porq' desta manra muitos me loriaõ seus fot nos ceminarios, & ganharia a compa co elles amor & credito. 2º. porq' desta manra os fortificariaõ afeicoados aygreja. & aprendendo nella bons costumes seriaõ depois de grandes milhores pa governar a seus

****Marginalia (left):****

Neste 2º ponto tabe
por derradeiro con
cordaraõ todos que
senaõ recebesem or
de cabelo para vi
ver co os rapados,
salvo se como se pa
a compa tivese co
modidade de faser
outros seminarios
apartados pera os

mininos de cabelo Estados. 3º. porq' a Compa nas partes de Europa toma o
afumcto de semelhantes meninos arrends em Europa.
tantas comodidades pa serem por outros criados, & en
finados, quanto mais deveria fazer ifto en Japaõ, adde
os meninos naõ tem outro nhr~ remedio ne' en fino fenaõ
oq' a Compa lhe pode dar~

O 3º Ponto foi acerca das letras q' fe aviaõ de afinar nos
seminarios acerca do qual ouve deras openioes a primra
q' fe en finaffe fomite latim. 2º depois fe poderiã en finar
Caos de Conciencia 3º naõ os metere' en outras fiencias ma
iores parendolhes inconveniente metellos engruissidos
defictes Sarduras fendo ainda taõ fracos Saõ novos
nafee.

A 2ª openiaõ foi q' depois de aprender latim, aos q' foxem
capazes fe en finaffe tambe' as artes & a theologia è tal q' fe
thenaõ fecem as Extravancras ne os erros dos hereges, ou
devercidades de openioes dos doctores mas felhe fizefse co
pendios fumarios & diftintos de todas as verdades recebidas
& comu~as fundandoos be' nellas. mas q' o Tempo daria de
tender quando ifto fedia fazer~

Sesta preguvnta.

Se covinha dos Covia manr a fazer
Japaõ provincia apartada.
da India ou as menos vice
Provincial

Acerca difto ouve tres openioes. apr.a q' Japaõ fofi mesmo
fe fizefse provincia de todo apartada da India. & defendefe

[marginalia, right side]

Neste 3.º ponto
por derradeiro co
cordaraõ todos na
2ª. opiniaõ pare
cendo q' asodos
fe en finafse fren

descobrir que fe
Creamen de infindar
mas ifto fem estrouer
sias.

[marginalia, right side]
Desta opiniaõ foraõ
os vinte e dous

10do pe geral pollas seguintes Rezoas. Apra porq Japao
he hua prouincia grandissima q' contem em si secenta
& seis Rnos Sa so mte e ta espalhada em diuersas partes
do Japao. Scada dra seruy mais q'stendendo, q'seis ta mil
& quinhentas Legoas apartado da yndia. poronde senao
podera governar nunca bem, senao for prouincia apar
tada y si mesma.

A 2a vezao he porq as cousas de Japao sao taos deferente
das da yndia q' senao podem em nhua maneira la entender
q' como sao de tao grande peso governarse polla prouinci
al da yndia. Spor seus colutores q' as nao podem entender
ne tem nhua experiencia desta terra. causara sempre mui
grandes desordens. q' porico deue ter seu prouincial q' a
governe por si mesmo ~

A 3a Rezaõ porq quem ouuer de governar Japao nao
ade ser em nhua cousa en ferior quanto a prudencia letras
& vertude dos prouinciais da yndia & emtas cousas ainda
lhe deuera levar a Ventajem. como em ter coracao gra
de esforçado em boa desposicao corporal. & como dos se
melhantes homes seacha mui poucos na ynda s'se algum
seachar nao querera os prouinciais tirar da yndia s' figura
sempre aber folta no supor de Japao se emmediatamente
nao se prouer plo pe geral ~

A 4a Rezaõ he porq Japao nao se pode em hua mania
governar bem senao por pessoa q' souber a lingoa & tiuer
speriencia & souber os costumes desta tra o q' tudo senao
pode aprender ed dous ne etres annos. poronde he nece
ssario criarse em Japao mesmo sugeitos q' o possam governar. Scomo esta de ser detanto peso
nunca Japao estivera neo
provincial da india os podera dar senao for en mediata
mente provido dop.e geral.
Asa he q~ en Japao oprincipal fundamento se hade faser
nos mesmos Japoes q~ serecebem a comp.a Sfemomte andevivir
algu~s sogetos demuito ser de Europa, Sem breve tempo
seao de faser collegios emmultiplicacao de casas oq~ tando
senao pode bem faser ne bem prover senao co Provincial
q~ tenha autoridade. Sfera somente subordinado anosfes
q~ ne deve ter este provincial cargo das mas partes do
sul. S. De Maluco S Mallaca saluo somente tre desse

cargo da china. pr. q~ q~ sendo Maluco tam longe
nao se pode bem governar de Japao. Samendoos de visitar
se empederia grande mente o governo de Japao. o. q~ q~
Japao nao pode receber daquellas partes nhua ajuda
nem aquellas partes apode receber de Japao por ser a tal
ta q~ ha despectos, spollas deversidades das lingoas
spolla grande distancia dos lugares mas achina he
bem q~ esthe subordinada a Japao asi q~ q~ se pode. co
moda mente visitar como q~ q~ todo omeneio de sosten
tacao de Japao depende da china.

Ara openiao foi q~ se fiselse provincia apartada. mas
nella se encluisse tambem Mallaca, deixando malor.
co, de baixo da provincia de goa. porq~ a Mallaca. so
envir naos de portugal, poronde pareca q~ deuiemte q~
ar debaixo do cuidado do provincial de Japao p.a ser
bem provido de muitas cousas.

11A 3^a openião foi q de nhua mam.ra se apartase da yn
dra, mas q se federase damanr.a q agora esta, ou se fize
se Viceprovincia subordinada a provincia de doyndia
salvo o collegio de Mallaca, seacresentase tames q
podese dahir Vix algus proveitos a Japão, e isto polas
seguintes Resões, Aia porq Japão esta mui longe
do pe. geral, e se o supor q for em Japão, não for sob
ordinado da provincia de dayndia, ficando tam longe, e
com poder tam absoluto, se podem causar mui grandes
desordens em Japão semter quem lhe posa dar remedio
A 2^a. Japão athe agora não tem nhua estabellidade
nem fundamento de Renda pa se sustentar, senão este
pouco q lhe vem do trao da não, q he cousa tam perigoja
e tam inserta, poronde parece inconveniente faser hua pro
vincia tam longe e apartada fundada no ar, A 3^a
porq emtas cousas depende seu provimento de Goa, spe
ciae mente quanto aos sugeitos, orgnaes nunca o pro
vincia de dayndia mandaria senão os peores, y m.o q
o pe. geral lhe encomendase, sendo Japão provincia
apartada, porq seaynda agora se prove mal, m.to peor
seproveria sendo provincia apartada, ne poderia o pe.
geral mandalos pa Japão dr.to de Europa, assi por q
esta muy longe, como tambe porq nayndia enestas
partes ha grande mudança eta de doenca da Vida
e Jdem em Europa, poronde parece bem q pr o q se espe
vemente nayndia, os q semandão a Japão, pa senão
carregar Japão de sugeitos emutillis e perigosos
O 2^o ponto foi se ao menos se devia faser Viceprovincialffasi todas serefolueraõ, q' aomenos
sefisesse Vicepoxom
cia, ou senter conta co' Morloca S'co' achina; ou se do
cota tambe' de llas damann.a Catediria do provincial

7.a Pergunta.

Dogoverno encomu' ~

Tratarãose nesta quistaõ diversos pontos; opr.o foy seco' vinha vezidir se o governo de Japaõ em hua soa manra de provincia tendo hu' Sup.or Univercal de todo, S'alle' dos Reitores, S'q's.o tem cuidado das casas S'residencias particulares, ouvesse' outros tres. subirioves nas tres ptes de Japaõ. S. hu' no Ximo, outro em Bungo, S'outro nas partes do Meaco, osquaes sobre entende' a todas ascasas eresidencias particulares q' estaõ em aquellas partes, S'osquaes recorresse' em suas nebecidades como aseus Sup.ores em mediatos todos os pes S'yrmaõs daquellas partes ficando afuper entendencia de todos em Vnivercal aodito Sup.or de Japaõ, S'pareceo atodos ser esta cousa muy necessaria, S'convenientr pollas seguintes Rezoas, a pr.a, q' g' Sendo Japaõ hua provincia tam ovande. S'sendo os lugares della entre si distantes, S'auendosse de passar de Terras degentios, nas quaes afsi pollas gerras como p'outros empedimentos, he difficil apassagem demanr.a q'naõ pode o Sup.or de Japaõ acodir d'aprestadeza necessaria atodas as partes, S'conveniente. q' encada hua destas partes, resida hu' Sup.or q' tenha immediata m.te

Neste p.o ponto co
cordaraõ todos
27.

120 cuidado debidas aquellas residencias a V.a Hezao hela q' asi pollas continuas gerras como po outras defenguictacoes q se halavantao podem acada paço nosditos lugares. deve pentr devorços negoceos graves & jimportantes, asbem da Spandade & da Comp.a ordnaes nas pao dece detenca, vponde se necessario q'asi residam sup.es qtenham autoridade sobre todas aquellas residencias. A 3.a Resao he y q' naopode o Sup.or Vniversal doJapao visitar quando quer as Residencias. po diversos enpedimentos & asi po La distanvera, como polos negoceos q' ocorre m.tas vezes nao pode visitar todas as residencias doJapao ne entermo de tres. he de quatro annos. Sendo Visitante as residencias, sera cousa tao necessaria, he necessario q' abem daquellas partes superiores paspossa visitar cada anno duas,

Pareceo asimesmo aotodos q'da renda q tem Japao sedestribuisse acada hu deles sup.ores hua certa quantidade os formr asabedos q Japao tem, qfosse suficiente pa se sustentare ascasas eresidencias daquellas partes, ficando todo demais. aadesposiçao do sup.or doJapao, pa q' osditos sup.ores podese prover suas residencias & suprir como mi sor sebodehe dopoder ordinariivs & extraordinario, daquellas partes, quanto as cousas eng' se estende sua facultade delles senter nelles ne osparticulares necessidade depedir acada paço onecessario ao sup.or Vniversal doJapao

Salvador pareceo ser cousa incunveniente afins q' tratesen
osnegoceos dasresidencias bon despacho como tambe

Neste tambe con
cordarao todospera de se astimar o supor de japas de tam grande carga, e qe
nao fora por es se poder subrir ao superentenda do
verno do mercar, O 2º ponto foi se convinha a
residencia particular asinar se tanto cada
paz osped e residem nellas qe tivese suas casas
e pedir apenas supores ou se era meyor provi
sdomais plo procurador como se fazia athe agora, e a
cerca disto vmre duas opemioes. Apra. e era cousa d
conviem qe tivese sua certa comtidade detre
mais necesidade de pedir as cousas necesavias ne ao sup.
ne ao procurador, pollas seguintes vezoes. A 1ª e q como ja
pao tem os pores desta maneira se cortara muito, e qe cada
hum olsara o qe gasta, e nao farao como agora qe gastado do
bolsa comu nao ouve tanto apoupar como fora necesario,
a 2ª razao he qe doutra maneira ne os padres se podem be
contentar, porque fora ficad co de masiada carga, e sempre ha e
de osupor qe os susudictos avastes de serca do provimento das
cousas, se dopaste e se faz poronde se avrea muitas vezes e
fadamentos, o qe se sujta dandose a cada residencia sua de
treminada comtidade pa se engastem –
A 2ª opemiao foi qe meyor era qe correse da manra. qe agora so
rrem, sendo as cousas providas poos procurador e supor das cousas
necesarias, plas seguintes vezoes. A 1ª e qe este modo parecia
mais seguro e mais coforme aa pobreza e no somodo de pro
ceder em o outro parece qe fas ospes em sua forta manr propri
atarios. A 2ª vezao e qe como sa diversas naturezas etre
ospadres, pode ser qe is to se facao de masiado escanos eolicitos

[marginalia]

Desta opiniao forno
os dezesete s. or pes
fra. cabral. Gaspar
coelho, luis froys, Loo.
mexia. figueredo
P.o ramon Rabello
Antonino. Laguna
cespedes, carrion
Mora. Miguel vaz
Lucena. cujdal
mojica e Julio.

Desta 2ª forno os
outros

13Improcurar de seus deuitos as cousas neßecarias q se lhes frie acha
ridade. dos os pedes na passage e hospedes. os yrmãos forão e suas
casas quando Vão asua parte pera outra, As.a he y q com Japaões

naõ tem renda certa e ospanhos q tem de seus seruiços trato damas
são fam perigosos & insertos naõ parece q se deuem taxar se com
tidade detreminada pa os ps. porq despois de taxado qrabes a
gnda e se perca muito do cabedal ou naõ aja panos, pa sempre os
pes ficaraõ della, e naõ poderaõ subir moderar se seus gastos
co tudo parece asidesta openiaõ e q dando algũ remedio a estes
jnconuenientis e podem seeder fora mais descansso, assi pera
os supores como pa os ps. e menos gasto taxar se gũa cantidade de
treminada

O 3o ponto foi da faculdade q deuia ter assi o supor Vniuersal
como os outros tres supores das partes de Japaõ, acerca do qual fo
recaõ os ps. a todos e porquanto naõ expandade ne as cousas da Comp.a
estão ajnda bem asentadas em Japaõ e cada dia podem repentir
nos e nouos casos. he neßecario q tenha ord. o supor muy de
seuenti faculdade do q tem os supores e Reitores das outras par
tes pecialmente o supor Vniuersal de Japaõ, mas quanto a faculdade
q deuese ter porremeteras aadetreminação do pe Visitador e
dos mais supores q los tempos desta prouincia, mas qnto
a seu supor Vniuersal deuia ter faculdade demudar estes tres
supores ouue duas openioês. A 1a q amudanca destes tres se
reseruase aos pe prouinciais pelas seguintes rezoês, A 1a 2a q
conformi ao custumi da Comp.a amudanca dos Reitores e supores
Vniuersaes se referuada aos pe Gerais, demana q ne as pro
uincias comu m.te tem esta faculdade, poronde parece,

Desta opimiaõ forão

os ps. Hyeronimo

Joseps. Figueiredo

J Antronio. laguna

Po Ramonq da mesma maneira senas deve de Peder ao Sup.or de Japao

A 2.a razao he, q p.a como Japao, estaa tam apartado do pro
vincial deixandosse faculdade ao Sup.or de Japao de poder mu
dar, todos os Sup.ores, a seu modo se podem cansar muytos inconveni
entes P.or Japao Ja qua provincia muy grande, pello m.or
Padres e muytas Casas e Residencias q tem.

A 3.a apenas fri pocas Contraris se deixasse faculdade ao Sup.or Destafarao todos os
de Japao de emmudar pocas seguintes rezoes. A 1.a porq como mais que sao 21.
esta Japao tam longe do provincial nas asperezas sup.or
de Japao mudar se podem causar muytos inconvenientes, e assi
como nosso p.e geral p.la distancia q tem da India de Roma,
concede esta faculdade q nao concede a outros provinciaes, assi
p.la mesma razao parece conveniente, q se de esta faculdade
ao Sup.or de Japao, a 2.a Razaõ porq se disto tera o Sup.or de Japao
mais authoridade p.a com seus suditos e podera melhor governar

O 4.o Ponto fri Se convinha terse fri certo

tempo determinado na

mudaca dos Sup.ores, de man.ra

q nao ficasse tanto tempo

Sempre governando

os mesmos.

Acerca do q nos e e duvidas todos q parecia cousa muy impor Neste p.o ponto concor tante, mudarence os Sup.ores de tempo em tempo, por todas as ra davao todos que da zoes, q movenao a S.ta Religiao, como todas as outras va se ao menos unico qu a ordenar q os provinciaes, e Reitores, semudasse comu mente. p.e Gaspar coello e di de tres em tres annos. mas por quanto este governo de Japao surasse tres annos: e quanto aos mais Sup.ores v.g.

Pais esp.es: Sup.es: fisicos, Mor a Bastião f.rz, carrion, e Joseph disserao q governasse tambem cinco ou seis annos. Os mais todos disserao que durassem tres annos.

14S'estarem apartados dayndia, e de Roma, e he tam deferé te, de todos os mais governos da Comp.a; afsi p.la cantidade da g.te como p.la deverfidades dos negoceos q' nelle ha. s'deferente modo de vijuer da Comp.a, p.a oqual he necefsario não fomite Vertude, e prudencia, mas tambe enteligencia da lingoa. E experiencia da g.te, he necefsario proceder fe na mudança dos fu periores, co concelho, e afento, mas avendo fuspectos q' possam governar ahidor pareceo coneniente, q' o fuperior de Japão poffe menos governar fe finco ou feis annos, e q' fe não metefse n'gu netes governos, fendo por aLguus annos experiencia de Japão y q' não parecia coneniente ao governo de Japão ja agora mudar fe e menos espaço de tempo. Equanto aos tres fuperiores quis diveras q' tambe durafse finco ou feis annos, e outros q' cor refse pella Regra dos Reitores, mudando fe detres entres annos comu mente.

Oquinto ponto foi fobre as Refidencias particullares fe deviaõ da mesma maneira mudar de tempo, em tempo, e acerca disto Desta foraõ os Vinte ovve duas openioes, A p.ra q' tambe elles femudafse detres entres annos comumente p.las feguintes Resões, A p.ra porq' estando araigados nas Refidencias, como perfpectos (mas yá com tempo fe fazem em Sua forta manr.a como proprietarios, e perdem muitas Vezes adilligencia e folicitud de trabalhar e aju dar as almas Vinendo e Sua manr.a como q'omés a posen tados, o q' né p.a elles né p.a feus freguezes he experiente.

Desta foraõ os p.s Organ A 2.a openiaõ foi q' não avia falem causa particular mudar tino, figueredo e Luis fe detres entres annos, porq' aynda q' ifto fofse coneniente p.a froys. Antonino. Ma

mon. Jozeps e Gre Don dorfel era grande estorvo p.a o q' a Comp.a em Japão gorio Cespedespretende y he enfimar, y ajudar as Almas, porq como esta Jente Se nova, Synoutra, Stem tam poucas ajudas escassa mente podera Sufrir, se entres annos conSecer seus freguezes, qnto menos aproveitалlos, Striallos quando ja os conhece y se ja Sao congecidos delles, E no tempo y comessa a fazer fruto y ome ter aqi outro. pe novo. q tera porventura, outro modo deproce der, y grandissimo eabidente esdorno ja os q se pretende. en hua xpandade tam yneutra, etaõ nova,

.8a Pergunta.

Secomuinha farse se en Japao
alguas casas nas quaes
 pornosos Vivese Jubi
 emany de colegios

Acerca disto setratarão algus pontos. 1o. foy q sefazerem se estas casas tam necessaria q não se podia em nhua manra sostentar Japão sem ellas, yporics convinerao todos q quanto mais cedo se podese sefisesse asmenos tres, hua naspartes Baixas de Xi: mo, outra en Bungo, eoutra naspartes do Meaco, afi q se fortificare aquellas partes de supuestos esbueiros necessarios, como tambe se nellas sefazerem os exercicios da Compa. Ssenecessario asvezes, atomar forças os pes y irmaos q estão pellas residencias ~

2o ponto foy emq tambe convinerao todos qenbido caso era ne cessario jnstituirse en Japão Seminario, ond osnosos apre dese a Lingoa, enouiciado emq se estroisera osq serecebese

Nesta concordarao
 todos

Neste tambe concor
 darao todos

15compa, se esteio em q estudaßé as sciencias neceßarias da Japao, porq sordivnercas Rasoos, abdor. claras seentende q tudo isto he neceßario, covieras tambe hrdos qdos estes exercicios senao podiao faser è qum mesmo lugar, mas q era neceßario faserense endivnercas casas pellas seguintes Razoes. A 1a porq estes exercicios sao entre si muy divnercos ede ferentes. Sq senao copadece qum e os outros juntamente A 2a Rezao porq afsi p respeito das guerras se tiniao mudancas como p outros respeitos nao se pode. è qum ocupar faser fabricas tao grandes nè ter junta tanta gente dd. compa. A 3a. zq he neceßario subvir abdos as partes oq senao pode faser, estando tantos juntos, samend se entdo ocase de faser corpo dos nossos ao menos nas ditas tres partes de Japao parece Dueniente. q tambe osexercicios serepartao.

Neste tambem con
 vierao todos

O 3º ponto foy acerca dos lugares particulares noq omne ad qua deuercidade separeceres. E quanto noq toca aonouiciado pareceo conhuimento abdos q sefisesse em Bungo pellas se guintes rezoos. A 1a porq Bungo estanomes entre as ptes doximo sde Meaco, poronde se pode comais comodidade mandar os subjectos, afsi portuguezes como Japoes q emtodas aspartes serecebe sendo onouiciado em Bungo. A 2a. vezao

he q p as partes doximo sde Meaco cada dia serecebe
Sjesperturbad edivnercos generos. E Bungo. Se veino mais
Seguro emoris longe deter guerra, poronde fica nelle
Onouciado mas descansado, A 3a vezao he q p q pestar.Bungo nomes Sfor passage entre as
partes do
Meaco parece conueniente q ha hi vesida amor
susor de Japaõ. S porq aysignificas dos nouicios he cousa
tam jimportante, parece bom q estd onouciado aonde o
susor de Japaõ veside mais comumente.
Aqa Resao se q q ia temos elRey de Bungo Xpaõ
estandose qe sor Vida alguns annos sepode esperar q se-
fara nelle grande fruito, ealem disto parece q os nossos
es daraõ mais seguros. Sq se derue ter muito respeito addito
Rey. q ainda sendo gentio sempre nos fauoreceo.
Quanto aoq toca aoclegio enq os nossos estudace agra
matica, emajs siencias necessarias, ouue tres openioes.
A pra q se fisesse nomismo Bungo na cidade de funay
Sonouciado se fizesse Vonguri. Pellas seguintes Vesoes
A 1a. pq o mantimento enq estudao saude saõ do noujiado.
sendo onoujiado elsta en Bungo asi como se done estar
oclegio, pq como apassagem por todas as partes se. por ha
dos gentios qcs ha perigos. Enjcomodidades, sedeua pres
sindir grande se pode. de descular demandar se os Jrmaos dua
parte pa outra. por euitar os perigos. as detradicois qos
Japois, a2a. vezao se pq como ordinariamente os q estu
daõ. saõ meces ajuda mujto pa o bom governo delles. q es
tarem e lugar q naõ seja longe do noujiado, afi: q q
se fosse onouciado po escota de andarem bem, como tam,
bem porq nas Vacacoes, en outros tempos os tiwere dispo

[marginalia]

Desta opiniaõ foraõ
os vinte acrecenta
dos todavia que po
lendo se fizesse o
Collegio no Meaco

16necesidade se pode' receser aelle, Aza razao e' q' es
tando Bungo nomen sfendo como ele esta dito, e' veni
ente, q' se tome azi o mais do tempo q' for do Japaõ ben,
muy a proposito, de seve azi amor forte do nosso a si p.a
o bom governo delles, como y q' e' dmais facilidade dmas
presteza pode o Sup.or fazer suas micoês, e' acudir a todas as
partes, tendo presentes os sugeitos, quanto mais q' por isso sendo
tira poderenfa fazer outros collegios nas partes do Meaco
Sdo. o vmo do tempo. --

Desta opiniaõ forao
o sp.e Bizantino. f.e
guer.do de Ramon.
f.e Jozeph, carrion

Cespedes E Miguel
vaz.

A 2.a openiaõ foy q' o colegio se fizesse nas partes do Meaco pellas seguintes verzoês, A 1.a porq' como da frota do Japão correm p.a todas de hũa e desta naquellas partes. Come que a Comp.a meta e' aquellas partes as suas pricipaes caledade e p.a q' a xpanseidade vay azi crescendo. E' debunança q' Se Sor Juazi do Japão nos favorece tanto, e n na sua fronte estara megor o colegio q' la.

A 2.a razao he q' nas partes do Meaco se adiverças fores Sennydos Anor Sata se he mais e mais rica de tudo o mais de Japão, poronde mais reputaçã se p.a a Comp.a S.ta a xpanseidade de Japão fazerse o legio da fento dos nossos no Meaco, q' em todas as partes de Japão, e allem disso se pode esperar mais remedio q.do as temporaes. S.do a seguranca dos nossos gentios as mais fortes delle.

A 3.a razão porq' a xpanseidade daquellas partes se he mj V.or q' toda a mais xpanseidade de Japão por ser a gente maiscapas s'nao pretende ng'u enterece dosnossos, como p

mumente pretendem os fores do ximo s de Bungo: orespeito danao, poronde convenha eng'lhas sefede fazer maior fruto sederse acompr mais dilatar,

A 2a opiniao foy gourzefse aslg'us as hudas ledas aspan tes. q'asi em Bungo como no ximo. como nas partes do Meaco, pellas seguintes rezoes. Aia porq pellas vezoes q estas ditas parece coveniente q'enbas aspan tes, estem p.s yrmaos juntos, osquaes todos triados osnovicios parece q'se necessario q' tenham alg'u q'hido A 2a rezaõ he porq parece q'ouuera Cominavios dos naturaes enbodas estas partes. s como estes onde apre der, parece necessario q'enbodas as partes aja aslg'ues hudo aomenos de humanydade,

A 3a Rezaõ he porq' enbodas as partes devemos procurar deostentar nomr de reputacao s deletrados, q'ello m.to q' yso emporta aservico de N sor em Japao e'nhua cousa nos pededar tanto estr credito como ver q'temos estudos endiversas partes. q'alemdisso enbodas as partes se adr procurar sefor possivel. de ensinar aos Japoes algumas letras,

Quanto as trgoas e' q' osnossos aprendam. asimcoa dessa pas, ouve tambe' diversas openioes. Aia q' fosse nas partes do ximo nacidade de Omura q'esta nas fas de Dom Bartholamen pellas seguintes Rezoes, Aia

Hesta comuieras todos

Datafuvas os. 23.

17Porq esta lingua nao Sao de prender senao org vierẽ da yndia, e porico nao parece q ha mais conenientr lugar

pa isso q ahi perh donde chega anao porq logo podera
começar a prender. ~.

And veras porq osg vem da yndia nao menos sao nouos
noscustumes de Japaõ q na lingoa, mas sao tidor por homes
do mato, at se q nao aprendao algu tempo os costumes de
Japaõ, poronde parece muy conuenientr mandallos aua
tras partes antes de saberẽ os costumes e a Lingoa, e porico
parece cobeniente pa isso estare. ahi perh donde chega
anao,

Destaforao os padres

figueiredo, Ramon

Joaõ bap.ta gonçalo

rebelo

A 3.a openiao foy q se fezese nas partes do Meaco afsi
pelas verões q se dixerao aßima. tirando se a do esteio
como tambem porq a lingoa e costumes do Meaco sao
muy deferentes da lingoa e costumes de Bungo, e
doximo, por ser o Meaco cabeça de todo Japaõ. e lugar
da corte poronde se forma de todas asmais partes do Ja
pao, e afsi a sua lingoa e seus costumes sao mais a
preciados e estimados em todas as partes, e a lingoa e
costumes doximo e de Bungo nao sao tidos em hua cousa
no Meaco,

Nesta conuierao todos

A 4.a openiao foy q toumbẽ a lingoa se devia afreder
em todas as partes, afsi por os portuguezes q se recebe
em Japaõ, por nouicios e neceßarios q no mesmo nouiciado
vao aprendendo a lingoa, e nao pode nouto tempo
estar, em outras partes como tambem porq a lingoa de,Do Japaõ não se limpa, seaprende be~ ne~
endous ne~

entres annos, poronde se forẽ enbiados os Irmãos aSsi Saõ
decontinuar seu exercicio da lingoa.

.9ª. Pergunta.

Se sedevaõ multiplicar as residencias

ou procurar de ter os pes juntos

mandandoos a tempo a fazer.

fruito induversas miçoẽs

Acerca desta questaõ se trataram tambe~ alguns pontos.

o 1º foi em q~ concordaraõ todos q~nos Lugares aonde, ou se nesta concordaraõ
começa ou se professa a converçaõ não se pode deixar comu~ todos
mente de fazer residencias demanra~ q~ aSsi este se fru-
tificando os pes q~ la~ porq~ não auendo aSsi, se não pode
yr adiante a converçaõ antes ha perigo de tornarem
os xpaõs atras, onde se esfriare, 2º porq~ aonde ha
gentellidade Sã ouverçaõ p.a se fazer fruto he necessaris
q~ os pes estejam denagar tomando amizade de uns le-
gando a ley de Deos e tomando aso fazes q~ se ofereçe
p.a aduerter, ora a hu~s ora a outros poronde se forane
cessario q~ de vagar se fizesse residencias de nous

enalgu~s Lugares.

O 2º ponto foi da multiplicação das residencias nas terras Desta opimaõ foraõ q~ ja~ são todas de xpaõs, acerca do qual ouve diversas os p.es Figueiredo. P.º. openioẽs, A.a foi q~ tambe~ nestas senaõ escusaraõ de Ramon. Joseph. Cespedes fazer tantas residencias quantas eraõ necessarias Carrion Rebello. Joaõ bap.ta Antonino. La guna. Mora. Art. Lopes.

18pa coltivar asditas Terras, porq nas residencias naõ co tinhao comumente als Tavr mari q Su de Soo, & q ou dous Jrmãos pollas seovintes vezes. A 3a porq pain dar esta opandade Se neceßario Sria cofirmada doutri na. Sebnerfacaõ dos padres. Sfeconuidaõ os pes das residen cias, como afima esta dito he m de tivimento quanto mais Sfora naõ estando residindo os pes, mas yndoos a bisitar Somente detempo emtempo ~.

A 4a vezaõ Se porq naõ estando residentes os pes neceßa riamente morveria mujta gente sem se poder cofeßar Sor meninos sem se poder Baptizar, Sfamavosos dosmajs Sacramentos poronde Sfora sempre a opandade masl altivada. A 4a y huas das cousas q mais sa defeca els da gente Se nas serimonias denossos enterramentos Snaõ de Sindo asy pes naõ poderaõ ser enterrados senaõ os Somes seculares. A 5a y q doutra manra Sera grande pena aos pes Spones fruto y q os fazem e qndo estaõ presentes & muyto trabalho, facilnte sedesfara o estado delles auzentes, A 5a Se porq como as das Xpaõs saõ pobres comumente, Se neceßario (q os pes Leve es Trigo para comer quando vaõ fora por mto tempo, alemde Setorn longe Se cousa muy trabaloza, edemujta incomodidade,

Destaforaõ os p.es fra.co cabral. Gaspar coelho vycentimo. Lo. mexia lujs froes. lujsdal meida. Ayres san chez. Gasp Bastiaõ fr. lucena. Miguel vaz. ambos os Balcsa sar lopes. Julio piani. christovaõ de lais AL goncaluez –

A 2a openniaõ foy q se fizeße quanto menos residencias. Sapudeße fazer, mas antes se fosse posivel q cada sovis se foße paizes (apas, se fizeße hua casa. & q yuese dous Juntos os pes e S Jrmaos q fosse soficientes pa coltivar >aquella ha, aquaes fosse de sinna mente Visitandoa E rodeandoa, etornando depois adescomsar a seu tempo na

mesma casa, e isto pellas seguintes vezes, Ai q~g multiplicar tantas residencias se espalhar demarziada mete a Comp.a, Vivendo os paes e os yrmãos por metidos toda a vida nestas residencias deq~ se segue E se pode adiante seguir m~dano Edesordem assi p.a a Comp.a como p.a os mesmos sujeitos Ara verdd q~g Usandosse dilligencia nas ditas missoes se ostinava ajnda miegor axpandade. log agora se faz, co estas residencias, Zq~g agora coms cada residencia tem muitos bons aceses cada Zil Visita seus Lugares, quando os parece Emuitas vezes se se he tomão as occupações no mesmo Lugar aonde tem residencia q~ em os q~es não pode frequente mente Visitar os outros Lugares. ou se es parece q~ não pode co tanto, Eeficad bem ocupados Cuprir E governar o Lugar de sua residencia, mas se estivesse juntos e~ zu~ Lugar teria o seu Reitor esse cujdado de os mandar ora a zuã parte, ora a outra cotinuadamente

A 3.a Razão porq~ destaman.a a Comp.a se tornaria muito millor porq~ os reitores Sguardaria o proprio modo de proceder deseu jnstituto eparece q~ ajnda q~ sendo o Zeze nas outras tanto fruito, mais fora ja elsijmar og destamam.a se ha Bassa e~ zuã certa esperança de os formar. os nofos q~ p.a esta fazer o ome mais do q~ pode, meterse a Comp.a eseus frizos abzi Casi serd perigo,

19Aqa vexaõ se yg com amultiplicaçaõ das residencias se multiplica grandemente os gastos aos quaes não pode Ja- paõ aturar, y são necessarios mays Irmaos mais pre- gadores ymais yor eparte polla folta dos sujetos, p- q não sidos pa actor pa viuer deles da manra qd for nas residencias, não sepode em hua manra aturar, ne se pode entender senaõ q co stempo sam de soceder destas resi- dencias grandes desastres

Aio. Pergunta

Ze se os Japaos se deue de se receber a compa

Neste concordaraõ todos.

Acerca desta tom be se trataraõ alguns pontos, o 1º foy q co ordenaõ todos q senaõ podia ne deuya deixar de receber a Com pa. os Japoes q fosse escolhidos de Deos pa viuerem nella, polas seguintes razoes Aia porq o principal fruito q se faz y se pode fazer a Japaõ ade ser pollos mesmos Japoes q por terem a lingoa natural se saõ achos estromentos pa pregar. Ze ensinar y copor liuros y fazer ydo o mais q he necessario pa a doutrina y soberçaõ de Japaõ, oq não pode em hua manra fazer os nossos de Europa, y não ter a sua lin- goa, a 2a. Ze, y q a gente de Japaõ he gente Branca y nobre y de engenho capas pa as letras, tanto como saõ todas as mais gentes de Europa, poronde fortificados na ffe. Einsinoidos na doutrina y nas verdades de ffe pode

esperar q sairão também religiosos como saem os nossosAs a vezaõ q Japao he hua prouincia grandissima, q esta tam longe, & he tam deferente e feus costumes de Europa poronde De cousa jmpossiu el gouernarse tamanha prouincia somte co apente quem de Europa. A qm se ajunta q nunca se podera vir ajuda de Japoes ne podera al cançar credito, & poder emodo pa se sustentar senao p m dos mesmos naturaes, & p outra manra seremos sempre tidos delles por homes sospeitosos & estrangeiros.

O 2o ponto foy enq tambe co vieras Ldos q os Japoes q se rece besem acom pa se a professaõ de toda religioeira nonouciado con forme ao modo propio da compa. & q quando ao prº ano se naõ despensaçe enqua manra delles se lauve de nouiciado se se naõ sejxaçe or superiores vencer das neceçidades q se ofereçe rem p Japao, mas no segundo ano pudese o supor de Japao despencar se dauya nao fazendo senao por pura neceçidade & procurando co tempo q enteriamente estivesse Ldos os dou amor e sua prouacaõ, E neste tempo nao etendece mais q en seu bem & proueito spritual, coforme a orde dacasa de pro uacaõ.

O 3o ponto foy se depois de nouiciado se lhes deuja dar estudo querendo o co tempo acerca do quast tambe se cordaraõ Ldos cos q tiuese tempo & abellidade pa estudar se lhes dese estudo & o tempo depois mostra hara aos superiores o q ande estudar, & q graos serao os q se poderaõ ordenar.

ii Pergunta

Do modo q se auja de ter e coseruar a uniaõ entre os Japoes q se fizesem Irmaos & dopicos etre os nossos de Europa

Neste tambe concor daraõ todos.

Neste tambem concor daraõ todos.

20A cerca desta pergunta se tratarão algus pontos O i.º q era concordarão todos com a natureza m.to diferente da n[oss]a e alcançarse esta Vnião da mesma m.ra q fora necessario, pellas seguintes razoes, A ia pella deferença das naturezas, q q naturalm.te ha os lapoes pas de natureza e disposiçoes m.to deferentes dos nossos de Europa. A iia pella deferêça e estraordinade tam grande q ha nos costumes e modos de proceder, q saõ quasy de todo taõ cotrarios, q de ficuldade se pode gus acomodar aos costumes dos outros. A iiia pella deferença da lingoa aqual se dam grandissimos guinossos se e perceberem nella p.ca de q da certa man.ra sempre barbaros

e estranhos aos lapoes. &c.
concordarão todos O 2.º ponto foy enq tambe se cordarão todos q quanto mais rigida a dificuldade tanto mais se ade vsar diligência p.a se procurar entre elles, e nos hua per feita Vniaõ, q p.a se deitar mos de hua vez e não podermos viuer se ellas não se procurando esta prespeitua Vniaõ se poderião causar grandes jnconuenientes e desordens co o tempo.
concordarão todos. O 3.º ponto foy q p.a se guardar a d.ta Vniaõ se acomodasse aos Superiores, saos pes q guardase co diligencia as cousas seguintes A p.ra q se tratasse os lapoes em tudo ygualm.te como os Fr. de Europa e os do picos da mesma maneira enfua proporção, q q nhua cousa de se teve tanto abmi ad como a desygualdade no tratar dos. Fr. A 2.a q se tratasse co ygualdade e co amor os Fr. nos proprios jstitutos

05Dafomp.a, de tall man.za q~tocando deos yntrovir na vir-tude Ena convercaõ Religioza q~nas finas enos outros afferes ne' perturbações Sagr.tos e travios aos Japoes, mas serão g~viados e conhecidos sempre E alterao lemanssa q~elles entendao aginda nos castigos q~seprocede coelles co Rezao E co amor, y q~a doutra ma n.ra, nao se aleancara delles nada . Asi q~segrande es treita mente oregra denao sentir ne' dizer cos dos costumes emodo deproceder daoutra g.te m.te q~sejao os travios os costumes e cerimorias do Ja-poes, nao digao os de Europa mall delles, ne' os estranhe q~revendoos E o vencer q~sao miejores os de Europa, Aq.a q~pois vivemos e'Japaõ aprendao os n.os os custu mes. E cerimorias dos Japoes, esformandose todos coelles noq~sepode oreligiao esformar, pois disto seseguemais servico de D.s n.or s.or Emais fruto dos proximos, edo co trario seseguiriaõ escandallos e'podemos e'perda detoda reputacaõ, y onde e'Japaõ avemos deter y similhores oscustumes ecerimorias q~elles traõ, e'coisto eco a graca de n.or s.or aCharidade' q~elle comonicara as nossas Almas sepode facil mente esperar q~avera entre os Japoes Eos de Europa adeseiada uniaõ ~

12.a Pergunta
Se era be'fazer cada tres ou cada
Seis annos co~gregacaõ ou co~sulta
dos sup.ores, emans g'teuioufo sa, iro
acerca do governo de Japaõ

21Acerca desta q[ui]ntaõ tambe' se trataraõ algu's po[n]tos
Neste concordaraõ to
dos q[ue] se fizesse congre
gaçaõ, mas os padres
Aguiredo, Ribello
Antonino, Laguna
Ramon, Belchior

Coper minor, disse
raõ que se fizesse de
tres em tres annos
e os p.es Gaspar e oe
lho, loaõ bap.ta e
Luis dalmeyda disse
raõ q[ue] naõ se ja te[m]po
determinado. Todos
os mais disseraõ
que se fizesse de
cinco em cinco, ou
de seis em seis annos

11o em q[ue] duvjeraõ todos foy q[ue] se fosse possivel, eracousa
muy necessaria co[n]gregar se p[ar]a se tratar, e minercal cada
tres annos on aomenos cada seis, ahacar doponernos q[ue]
cousas pertecentes a Japaõ, pelas seguintes rezoes, A
Aia e yl[ha] Japaõ he hua prov[inci]a muy grande e demaior
ymportancia de todas asmais empresas do oriente, e
os p[adr]es estaõ taõ espalhados, e o sup[eri]or de Japaõ naõ
podeter co[m] sigo os co[n]sultores necesarios e porta muyto
pa o bem da co[n]sa, e xpanse de Japaõ fazerse de tempo
em tempo esta co[n]gregaçaõ ou e[n]trega dos p[adr]es. A ra
uzaõ he, q[ue] he tam grande o desejo de semelhantes
co[n]gregaçoẽs pelos q[ue] naõ estaõ. E por outras divercas rezoes a
Compa[nhi]a e todas as religioes faze em cada prov[inci]a suas
co[n]gregaçoẽs, aomenos de tres e tres annos, e como Japaõ
esta taõ apartado da yndia, e he de costumes e callida
des taõ estranhas q[ue] naõ pode entria mama e tender
asi, ne ir de Japaõ a co[n]gregaçaõ q[ue] asi se faz, parece
cousa muy emportante se necessaria fazerse cada tres
ou cada seis annos esta ou outra ou co[n]gregaçaõ Japaõ

Neste concordaraõ to
dos q[ue] o procurador q[ue]
se elegesse naõ fosse
movidode depoyser
a Roma e que disso
se pedisse faculdade
a N. P. Geral.

12o ponto foy q[ue] nas formas eobinha fazerse e se outra mas
etambe' seobinha mandar se aomenos cada seis annos de
Japaõ hu procurador a Roma, mas acerca disso ouve
duas openioes a pr[imeir]a q[ue] tendo Japaõ authiridade de
fazer co[n]gregaçaõ e eleger procurador p[ar]a ma[n]dar a Romasem poder ser empedido do
provincial da yndia on do
q fizesse provincia ou Viceprovincia ou so provi legio
particular & ja isso se desse nosso pe. Geral era cousa
muy necessaria & leger se emandarse a Roma dito
procurador, mas podendo o provincial da yndia em-

pedir, nao era ja tao necessario, y q empedindo fora
Inutil a diligencia & senão proviria della senão
gastar e perturbações emãs satisfações, & ja apenas
se & agora huue esta faculdade de madar direito a roma
agora apode se impedir, o provincial & todo caso ao menos
cada trianno se & juntam se & emandase hu procurador
soficiente pa emformar nosso pe. geral. ou ao menos o
provincial de & cousas & necedidades de Japão. y que
doutra manra nuca & Roma ne na yndia se & tenderão
& se siguirão sempre muy grandes yncovenientes nas re-
sistencias, q em Roma ou na yndia se fará acerca do go-
verno de Japão.

Nesse 3º. ponto
concordarão todos
& tambem q era
de todo lugar & dos
q avião de vir
por parecer a
congregação
todos mas co
modo & Burgos
& quantos aos
que hão de vir
pareceo & se guir
se a formula
com tal que entrasem todos os superiores universais
& os mais superiores das casas particulares q tiverem
debaixo de si numero de nove da Compa. & que se dis-
pensasse com o procurador

13º Ponto em q concordarão todos foi, q em todo caso se pa-
resse ao pe Visitador & a nosso pe. geral, q se deve de
fazer esta congregação, ao menos
a congregação cada seis annos, & pa se mandar & a Roma, se se poder,
& q não se la em pedir na yndia, como se tem feito, pa q assi na yndia como
em Roma a Vesse de tempos em tempos Verdadeira yformação
das cousas de Japão. -

13. Pergunta,

educosor & si procurador a

22Se Japão se podia sustentar
se este trato da ceda se
agora temos a Japão

concordaraõ todos
Acerca desta qinstaõ se tratarão tambe alguns po[n]tos
1º foi q se formase no pr.o geral, q de deferir de todos
os qes do Japão. Se, q debaixo se tirase ja se a sido outro

trato, q se podese fazer c Japão, abendo ali algua ma
m.ra pa doutro modo se sustentar, pr q q se lemos q este
trato não se funda se extrahis ansoas constituições da
nossa Prouinsa, mascomumem.te se prouēja do, sende
sente aretigiosos, 2º q q deste trato senão sega aos
jes senão trabalhos, perigos e desgostos, os quaes cada
nestetambem concorda
rão todos
hu deuria de aujtar 02º ponto se q por agora, não
se de- nju remedio como se possa ne a fomqa ne a despudade.
sustentar, senão q uja deste trato, o qual deixandose
sem duujda nhua não poderia viuer os ps Japão e se
perderia toda a xpandade e os fruto da couberção, e pa
onde q extrema necesidade, achouidade son Ciuito
e adueniente este trato atqe q deos prouēja a Japão
doutra man.ra,

concordarão todos
03º Ponto se q deste trato se p[er]de a consideração q agora
se fas senão da ne aos portuguezes, ne aos japoos nhua
man.ra, ne ocaziaõ de escandallo, p q todos sabe q se fas
p pura necesidade e se não se não pode escusar,

concordarão todos
04º Ponto he q se faça saber anossos ps e a sua santidadeq pa sustentar o q athe agora se ha feito
em Japão
senão escusas plomenos oyto mil cruzados cada anno, e pa
se executarem o q he tão necessarios, pa o be da compa e p
a sustentação desta xpandade, fazendosse os seminarios
e casas, das quaes se tem tratado nesta co[n]sulta, foraõ plo
menos necessarios cada anno seguros doze mil cruzados
aos qynda q parece mto gasto, se mto pouco pa sustentação
de hua provincia tam grande. Com tantas casas e Resi
dencias, e tantas Igrejas e tantos padres a seu cargo, qual
ha entrda Japão, do q nao lho podere dar menda co[m] da
anoso pr Safua santidade--

Os Pontos q se hiam de concordar todos os da mesma ma concordarão todos
nra, ja se fara saber anoso pr Sa. S. Santidade. Restremos pe
riigo, em q estão todos os annos, de se perder y fortuna de pr
tentação, a compa, e toda a xpandade. E muito gaste a
gora se tem feito em Japão. E q esta ja se for ser asdiatr
y q a compa e Japão não ha nada senão q se caddar. E cercaça
mente chegaõ todos os vintes mil Cruzados. Do q mais da
metade vay sempre ariscado no mar, e perdendose não
ha em Japão os prs escassamente, modo pa se sustentare hu
hu anno, ne pode esperar nhu remedio humano, e como
Japão he tam pobre sempre tera necicidade q lhe venha de
fora modo pa fugir a este gasto, poronde se S. Santidade
quer assegurar a xpandade de Japão. Se necessario q o pro
vera a compa, de hua renda certa, soficiente a seus gastos

23Oulra de Zucabedal de outros quinze ou vinte mil
Cruzados, p.a q setenha parte na Sina, e parte Japao
depositado, p.a q ocorrendo perderse este ponco de cab.
dal, q aora temos, tenhamos os p.es remedio, p.a seguir
este trato, athe q'co acorrenca do Japao, se possa esperar
algu'a ajuda dos mesmos naturaes,

O 6.o Ponto foi q por q.do toda a sustentacao do Japao depen
de, deste ponco de cabedal q Japao tem, end.o qenter nhua
cousa fixa, se devia procurar seera posivel, a q.do se
media, q'q sesostentasse este cabedal sempre, fixo, acerca
do qual ouve diversas openioes. A 1.a foi daq.les qne
diserao q'sedevia procurar de comprar Japao algun
rioche, S. campos p.a semear, demanr.a q' sefosse possi
vel, cada residencia tivesse tanto rioche, q'lhe bastase
p.a se sustentar. eisto pellas seguintes rezoas. A 1.a q'
tendo ascasas Sresidencias Japao renda ordinaria q
aomenos se desse oarros necessario, se poderiao nedemais
sustentar copouca cousa, Sasi nao fora necessario assis
tar cada ano, tanta parte deste cabedal, A 2.a reza q'
qpareceosa incorporatanel etemerosa depender Lda a
Compa do Japao da xp.andade. algu' perigo tam grande, como
se perderse este ponco decabedal, ficando depois morrendo
aform. semnhua manr.a de remedio, poronde tendo as re
sidencias rioches proprios Japao ainda q'seperdesse o
cabedal, teriao alguma manr.a de remedio, A 3.a reza he
p.a acalidade e sidade do Japao se tost. q'senao podr hua p.a
dous p.es sustentar, senao co grande trabalho ecomodidade.

Desta forao os p.es Gas
par coelho, figueiredo
Ant.o lopes, luis dal
meida, Affonço p.es
Rebello, Antonino
Joao bap.ta entendem
do q' secomprase em
terra de christaos
oferecendo se boa
occazio.Sem alouia mamza devioche. afsi follo ferviço dos nin
dor. e fiacusos. /. depense de servico q es por my ao costume
do Japão da cada nioche. pa acodir as necedidades das casas
Como tambe porq elles nioches alengdavos. dão amavior
parte de cousas necessarias. pa ocomer. e pa diso das dias
ognao amandose de Comprar tudo q se lhe he paõ vincompor
tomvel. A 2a. openiaõ foi q ainda q he cousa deleixada e Desta opiniaõ foraõ
Comoda. deter cada residencia nioche, todavia naõ se de todos os mais
viaõ entruia momza Comprar. pellas seguintes vezoes. A pa
yq comumente os Japoes Forgadores que Ve q fomos eta
tas partes mortem q homes ricos, e se visse q ainda sobre
yso es pravamos nioche e Japão mortoriad em mt mais ricos

poronde dellas fecharíamos asportas anuca poder esperar
nhua Cousa temporal. pa nossa sustentação dos forei do Japão
e Como a Cristandade. Ea Compa. vay e Japão crescendo tanto
sera jmosivel sustentarse sempre jenter ainda dos mesmos
Japoes. A 2a vezaõ porq ainda q Japão he muy pobre. toda-
via fazendosse maior a xpendade. e fazendosse alguns fores
principaes xpaõs se pode es ainda de Deos esperar q os mesmos
fores daraõ renda. as nioches aroyeita. afsi pq seraõ ansbozor
muy grandes vendas q do do Japão he parece q não seraõ, me
nos, e se liberaõ sendo cristaoõ dos q foraõ gentios, e afsi
onamos Vendo poraes perienca. y pq deues poucos fnoxes
q temos xpaõs specialmente nas partes do Meaco todos
deraõ Conforme as suas pocebilidades alguns nioches pera
ajuda daquellas residencias poronde senaõ deve gastar

24O dinhrº de Japão e' comprar rioches. As a verad he q' q
do Japão he mui defenguieto. Sre no Livro. se cada dia semm
daõ novos sres orguaes. A ta cousa q' se faz he. tomar os ri
oches q' achas pa si epa seus criados, e como athe agora.
o q' o pandador e Japão he taõ pouca. e os sores supremos, fadados
Jentaõ, ficaraõ os nossos rioches nas menos arricados
a se perder. do q' he o da 2ª Dai neßa nas. A qª verad he q'
se feturar o proveito q' os Japoes tiraõ destes rioches, he
necessario q' se gastem nelles mto tempo, e q' aleguaõ pessoa. q'
seja, se ocupe sempre nisso, porq' doutra manra os mesmos
facuypos, ou taureadores, q' os lauraõ firaõ se s dem.
Lido de manra e não bem nada quasi av' for. por onde fora
necessario e' cada rioche ocuparse hu jrmaõ. o q' não esta
a comsa de Japão pa poder fazer agora ~
Plo qual pareceu escusado o sprarse rioche, e q' avreme
dio, q' se buscava pa se ter sartud elle cabedades q' não diferaõ
q' fora necessario Limitar q' o supor de Japão não podeße
gastar, mais q' a renda q' tiver ordinaria do panho do dito
cabedal, mas não podeße gastar do cabedal, mas antes sose
do e do cabedal. Reputado y cousa fixa, de modo q' se não
possa e' nhua manra gastar, senaõ se perdendose y algua
manra parte do cabedal fose necessario. Amav da outea
parte, outros diferaõ q' isto senaõ pode e' nhua manra
Nisto por derradeiro Limitar, assi porq' a renda he in certa. e q' m tos mezes falta
concordaraõ que não
se podia ordenar cou ynaõ aver os mesmos ganhos como tambe q' q' Japão ha
sa certa
sempre m tos gastos grandes eestraordinarios. y cousa dardas vuestras equevas avsgnas. nao
basta muitas vezes nhua
memoria deganhos, poronde comumente co Churas de dor
q~ ehida aeficacia sereprezenta se anosso p~e sa. S. Santidade
Sa. S. Alteza et Rei deportugal ograndissimo perigo
q~ esta dependurado Japao, y p~ falta de nao ter renda. eter
tampovco stado ariscado efre cabedal edq~ agora se sustenta
pedindolhes p~ sua Charidade eLiberalidade dem remedio
atao grandor maes, oudando. hua renda so ficiente cada ano

oudando hua soma dedze q~ setirese depositado como esta dito, parte nachina e parte e Japao. paq~ perdendose onas tenhamos os p~es e Xpandade de Japao remedio. eq~ q~ senao pode crer q~ sua Santidade. sendo e formado da V~dade sdeixe porgo comprando nao de o Japao remedio, p~loqual ainda q~ nao ouvesse outracousa p~negocear, parecia ahidos cousa necessaria, q~ op~ Visitador tomasse depressa a Roma p~dar eformacao das cousas de Japao. equando nao q~ sema dasse a Roma hu p~e demane granes q~ estad Japao, pa p~dar detudo isto edemais anossos p~es sa. S. Santidade, ea S. A. verdadeira enformacao

14ª Pergunta-

Sederiamos teros lugares de Na gassagui Sde Nunguri,

Acerca desta se trataras tambe alguns pontos, o 1º. foi: en q~ concordaro todos con certanas de dor q~ Sederiado o estado q~ agora tem anovella e Xopandade de Japao, foi cousa muy acertada tomarse

25 Sterse esteidous Lugares denassapassagui S de Munpur pelas seguintes rezoas. Aia yg as partes do poimo. A de bem anas, enasquaes temos amaior parte do yopandade detapadas. e pas sugeitas a Reis sfores gentios, osquaes te etres s continuas gerras. e como ahi temos dodo onosso Ca bedal, esta tudo muy arricado sendotivermos alguu Lugar fora de toda manza de guerra. enas ha ahi Lugar mais seguro pa nosoutros q oporto de Nampassagui donde comumente varianas, assi porq he de sua natureza muy forte Comolo q qualquer for, q sefisesse for daquella he so para defender assy e aquelle forte. sem intereces tam grandes. e pretender danas. A 2ª rezao y q a pandade daquellas partes esta espalhadas endiversos sorios S ahi m.tas residencias. spa ao fernacao della emportam tere os pes hu Lugar seguro, aonde sepossao elles enocpar recolher, entempo decamalhantes perseguiçoes alevantam Sguerras. A 3ª rezao he y q nao he tam forco oq se tuia dos ditos Lugares, specialmente quando ahi nay anao q senao possam sustentar delle ddas as residencias q estas nas terras de do Bertolamen, e fazer aynda outros partes q deviamos nosoutros de faser. A 4ª rezao porq como he Lugar aonde vem os navios dos portuguezes ne a compa. m.te bem telle y diversas comodidades. q ne co anao. A 5ª rezao he y q todas as vezes q a compa parecer de dei xalo estara efua Liberdade de opoder faser. egnado Emportase huma, naõ se comeßou destr pr.o anno aentender dareputacaõ q tomou a compa.ca os for.es gentios q estaõ perto dendaçassagui,

Pro ponto pri.o emq~ combe~ e obieraõ todos q~ V. R.a naõ devia detal manr.a aßirmar eaceitar esta doacaõ de Vampaçagui q tenaõ podeße p.lo sup.or de Japaõ s sua co~sulta deixar, ou: assentir co~ parecer do pe. Provincial pelas seguintes rezões

A 1.a porq~ Japão tem muy grandes mudanças, e acomo as cousas da xpandade. não estão ajnda acentadas, poronde facilmente pode ocorrer taes mudanças q~ seriaõ melhor p.a hua S.ra aoutra deixar osditos Lugares, A 2.a rezaõ he q~q~ ajnda qquize-se noço pe. destamanr.a co~firmalla não sa~ pronesta e q~taõ s~tas duacões ajnda q~ seraõ feitas pa~ sempre, adouja~ sempre depende daContade dos for.es das t.ras orgnaes quando quexem as tornar a revogar, eabmar oq~ tinha dado. nem basta nhu~ pato neobrigaçãõ, pa~ q~ se fazerem estas duacões mais firmes, q~q~ ajnda as cousas q~ pendem. tornar abmar quando querem, q~q~ como o governo he tiranico. e não ha a~ s~ee os gentios esfiencia de justiça faze~ tudo oq~ querem, q~ pode' e aßirmar avq~ bem lhes vem.

15.a Pergunta.

Seas cousas applicadas a hua, residencia sedere~ proinyr. q~ senaõ tome~ pa~ outras

Acerca desta se trataraõ dos pontos. O 1.o eq~ e s~ertaraõ todos.

concordarõ todos q~ se deixase autorida de ao Sup.or de Japão e a sua consulta pera ospoder largar qua~do o tempo mostrase que assi se devia fazer

26concordarãõ todos

For'q os padres quando passaõ de hu~a residencia pa outra não levaõ consigo nhua cousa, saluo seus vestidos & alguns livrinhos mas grande se a ordem q acerca disto tem dado o pe Visitador. porq' isto he assi conformr anossa profissão & pobreza. O q' posto concordarãõ todos eng' tambe' os bieraõ todos foi q as cousas q agora se achaõ nas ditas residencias, & as q odiante os pes nella fizerem, como ox namentos, alfaias de casa, & outras cousas semelhantes, comu mente não a stive o sup.or qver, daqnella residencias pasdarem as outras, saluo se em alguma parte ouvesse tanto de sobejo q sem faltar adita residencia parecesse justo suprir se a outra mais pobre, mas as cousas q os xpaõs p' seu q'sto deração a sua Igreja não se deve tirar das ditas residencias e' nhua manra pa se darem a outras,

16 Pergunta.

Dormocos q' en nossas casas vive como dogicos.

Pera se entender be' isto en Europa se ha de saber q' entre os bonços de Japão q' saõ seus religiosos, ha diversas divida

des, & ordens, & entre ellas hu~a de huis moços q' chamad dogicos q' se criaõ en suas casas pa sere Bonços, & destes tambe' ha ms en nossas casas, os quaes vão vestidos de compridos, & são tidos e' hu~a certa manra p' religiosos ainda q' be' sabe' q' não fas ne' da comp.a ne' lrmãos, entre todos os Japoës, & acerca disto se concordavaõ todos

tratarão alguns pontos, P.o eng' concordavaõ todos foi q' senaõ podiaõ escusar os ditos dogicos e' nossas casas, p' diversas reçoës H.a eq' a maior parte delles vive' & se criaõ e' nossas casas oscõ animo & esperanza de serẽ lrmãos ativiados ou

teriamos lrmãos Japoës. A 1a rezão he q' sãd totalmente necessarios p.a ajuda & servico das mesmas casas, porq' elles sãd os entrepetres & os pregadores & org' lrmãos & dãd recados & fazẽ a maior parte dos negoceos, & aindad nos eternizam & finamente fazẽ outros officios em casa, ag' or nossos não po dem suprir sem elles, & não se espadefse q' Japão forçerse & senão por gente q' seria tida por vertigiosa.

O 2o Ponto he q' também cõ cordaraõ todos foi q' não se devinha concordaraõ todos em hua man.ra dar se licença anhũ destes doçicos q' se feße desse casar, ne casandose se servisse delles aõ emprem se melhantes officios, mas avia se guizere casar se aparte & totalmente do servico da igreja, em semelhante ministerio pellas seguintes rezoës. A 1a porq' como esta dito estes comumente se crião cõ desejo de serẽ lrmãos, & por isso preçaõ a fazem outros officios q' os lrmãos fazem. & sãd tidos poricos em boa esta & reputaçã dos Japoës, porõde & vinda a parte se faze grande omixa & apasallado, como agente religiosa & da igreja, poronde dandoselhes liceça q' se possaõ casar comumente se quexeraõ casar todos. & fi cariaõ elles cõ pouco credito, entre os Japoës, & nos com pouca esperanza de termos lrmãos. A 2a rezaõ he q' que trigador elles cõ pregos & molheres & deitados de suas casas não fermeriaõ as nossas casas p.a q' fennem a pretendemos delles & Japão. A 3a rezaõ porq' comesandosse a dar licença aos seus doçicos de casarse, ficaria esta praxe.

27muy abatida en Japão. e pareceria Cousa muy estranha e se daria muy fones Credito anossa retreçaõ, e q~ ne ainda The osbonzos se casaõ-

concordaraõ todos O 3º Ponto foi em q~ tambe~ to Governador e estes dogicos nos seobrigasse aconfessarse mas q~ hua vez cada mes, comin gando somente en algumas festas principaes. e que se não con fessace co~ seu superiores. ne se ossey de suiras residencias estaõ mas co~outros p~ q~ deoutras residencias, p~ q~ tenha mais liberdade e não co~ ficieis. e todos senaõ tria aoz q~ quizere~ confessar e comingar mais frequente mente, e não possaõ faser. ereco~lherse asvezes extraordinariamente quando elles quizerem, e os pes. e cujas residencias estaõ frequente mente quando saõ virtuosos e bive~ ia e deseos ou botos de serem Jrmaõs-

O 4º Ponto foy seande comer co~ os pes. e co~ os Jrmaõs. a cerca do qual ouve diversas openioes a fra. fr~o por quais ograds destes era e Japaõ muito onrrado e elles vivem como religiosos naõ eraõ endecente specialmente os q~ desta fovaõ os pes Saõ pregadores comere~ co~ ormais Jrmaõs. A ra openiaõ organtino e o pe. p~ foi q~ nascasas e residencias particulares, osdogicos q~ fra. cabral. e o pe de se criaõ p~ sere~ religiosos eraõnveniente q~ confesse~ co~ Antoniuo lusitano. osnossos Jrmaõs, specialmente quando saõ Ja grandes A li~. g~r. entende ecomecaõ apregar, assi por ter epostados como tambem do somete dos prega pa q~ tenhaõ mais reputaçã co~ Japoes e o q~ enforta m~ dores. pa os seus co~fazem, mas nascasas e colegios ordenados aonde vive~ juntos comese~ apartados dos Jrmaõs ou aomenos naõ comese~ senaõ na segunda mesha. assi p~ q~Elles reconhecao sem grao, como tambe' se faz mais se Etenda adistinçaõ q ha entre elles eos nossos Irmãos.

A 3ª openiaõ seÿ q ne' nas residencias ne' nas casas desta qios aonde os nossos vive' juntos, e'nhua'mom a Comia hoveferdomo ne' apra ne' a segunda mesa, falvo se em-algu' dia de festa entre eanns. quizer o supor, ouvidar algu' ues algun delles pa q se fazer favor, fazendoo comer Com os Irmaos a sei porq naõ e' bem nos colegios esta mistura entre os Irmaos eelles, como tambem se que Mei naõ percaõ o Respeito aos Irmaos e'tanta famili aridade, econhecendo a deferença e'time' mais grando Chegaõ a ser Irmaos e seie' tambe' esta deferenca conhe qrodetodos os outros.

Desta foraõ todos os mays accentan do que nas y naca bem podias os prega dores comer algun santo a fastados com os padres.

17 Pergunta.

Se os nossos deve' comer e'Japaõ e'mesas altas

Acerca desta se tratarão tambe' dous pontos, O 1º Se co vinha aos nossos comere' emesas altas, sendo o custumi universal devido Japaõ comer acentados sobre suas esteiras damanza q elles vsaõ, acerca do qual ovve duas openioes. A 1ª q nas residencras particulares e mese' nochao, demanza q os Japoes vsaõ, mas nas Casas ecolegios aonde vivem muitos dos nossos iunos Secomese en mesa alta damanza q tecame e' Europa Pellas seguintes razoes. A 1ª porq os nossos Comedes

Neste depois con cordaraõ todos se

gundo a 2ª opi
niaõ

28 Comumente se faz de outra maneira do que os Japões usam escrevendo da maneira que se serve Japão ficava mais especificamente no inverno quando os japoneses não se poderiam guardar a limpeza que em Japão se usa comendo a sua comida, especialmente entre os nossos que estão acostumados a comer de outra maneira.

A abertura foi que meninas residências e nos colégios se comesse e a mesa alta, mas que se guardasse o costume universal de Japão, pelas seguintes razões. A já porque estando em Japão, eles rezam que nos acostumemos a seus costumes e pois é costume universal assim dos bons, como dos seculares comer no chão, sentados sobre suas esteiras, também devemos deitarmos a comer nos outros. A razão é porque sobre todas as coisas, se esmeram os Japões na limpeza de suas casas. E as mesas e que come, se edificam quando vão comer de outra maneira. E comendo os nossos e as mesas altas com toalhas se guardavam, como os navios podem a cada comer mudar, estão sempre amarrados e seguros, que é coisa muito aborrecida e desanimada dos Japões. A razão é, porque comendo os nossos e as mesas altas não se sabem depois bem acomodar a comer no chão e a limpeza que fazem os Japões, E como acontece regularmente, comem os irmãos entre os Japões ficam todos os homens seguros de favor da Criação ~.

O 2º ponto foi acerca dos manjares. Como se come em Miyako, porque há entre nós também uma grande deferência que no ordenamento de Suxopa se pode devido a como dá com os comeres dos Japões, e os Japões com os de Suxopa, acerca do que houve diversas opiniões, se lia que nos procurávamos de acomodar uns com os outros, se a favor de Joseph. E carias. metade, da semana se fizesse o comer da maneira de Suxopa. Outra metade a manjar do Japão. para que desta maneira se guardasse para todos e guardasse, porque de outra maneira no ordenamento de Suxopa poderia aturar os comeres dos Japões e os Japões com os comeres de Suxopa. A 2ª opinião foi que a deferência não tanto com o sistema nas coisas que na maneira do serviço. E de outra parece o que onde entido se guardasse quanto a como de repartir o serviço a ordem de Suxopa e do Japão, porque fazendo se desta maneira e os Japões e se trariam de comer as nossas coisas no ordenamento de Suxopa, careceriam quando as podem ter dos comeres se viros a seu modo. e por isso estamos em Japão e bem entido a como damos a seu modo. A 3ª opinião foi que sendo nós acostumados assim quanto as coisas que se come como no modo do serviço e de envelhar as mesmas coisas achamos Japão pelas seguintes razões. A 1ª porque já que vivemos em Japão

nos devijamos entido acomodar a seu modo. A 2ª porq

[marginalia]

Destafovrão os padres
Gaspar coel Lo
mexia. leaõ Bas
tiaz gr. Ant. loper
Miguel vaz. ambos
de Baltasar lo pes lo por
acrecentando que on
de se não estranha
algua cousa co mo do
Português

Desta 3ª opiniaõ foraõ
todos os mais que
saõ .16. acrecentan
do o mesmo q os da
2ª opiniaõ

29Yg os Japoes estranhao a seu modo de comer como tam
bem algumas cousas das q' nosos comemos, como Vacas, porcos
e outras cousas semelhanter, Enos nao devemos dar occasiao
as q' estranhe' enhua cousa das q' faremos em Japao
Aza porq' muitas vezes acotese, aos pes Irmaos comorem
encasa dos foresteros, os quaes lhes dao damama q'se usa
em Japao, enao se acostumando os pes, aos comeres daquella
mama estranha, enao comendo ficaõ os q' lhes dao de
comer c'vergonha, Aqa porq' destamanra se guardaria
e' nosas casas entudo a limpessa, q' nisto usao os Japoes, e
douta manra sempre seravemos tidos por Sujos e homes
de pouca criacao –

18. Pergunta.

Se em Japao sobemprandarmos
entudo os costumes e cerimonias
q' os bonzos usam,

concordarao todos Acerca disto comierao todos e' alguns pontos, O 1o foi q' p
quanto o modo de viver de Japao e seus costumes q' pertece,
a' polisia e boa crianca, sao stam deferentes dos nosos
Era totalmente necesariog' nos acomodasemos aguardar
assi em casa etre nos como fora, os costumes e catanoures q'
elles usam, porq' doutra manra sefariao e receberiao muy
grandes enjurias e descortesias, e senao poderia tratar
concordarao todos co os Japoes, O 2o conuerfoi q' se fisesse plos mesmos Japoescom a autoridade
do pe Visitador hu modo certo do costu
mes. Scatampouco q auiamos de guardar, assi entre nos
como co os de fora, pa q desta manra caminhemos todos
co hua via. enao andemos as escuras, nao sabendo q faze
mos, sendo disto tydor q homes barbaros e de pouca

criança, O

O 3º Ponto foi q de tal manra se procurase demos acomodar co os afeus costumes q senao faca entre nos profissao de entido esforando seguir as cerimorias dos Bonzos, porq isto fora cousa infinita, e elles nao todos metidos em seus exteriores mas q se faca hu modo dos costumes. Scostumes mais ne cesarios e principaes q senao escuzao de se fazermos todos pa tratarmos co hua boa crianca e obeniente avestigi sos. assi entre nos como co os de fora em Japão --

19 Pergunta.

Do de Vestidos q debiao de usar dos pes e Jrmaos

Acerca disto se tratarao tambe alguns pontos, O 1º em q conuierao todos foi q ento Japão os nossos todos vistisem hua mesma manra, enao anese deferença ne de barretes ne de guimões, ne de outro vestido nhu, porq pois eramos todos de hu Corpo, era razao q todos vistisemos de huames ma manra,

concordarao se dos nos os 1º: 2º: e 3º: pontos acrecentando se os pes do Ximo q os dogreos. trazao catabiras E que mons e aquis e de cleri cos a c bara Japão q. nao trazao se nao depois que chegarem a 17. anos

300 3º ponto foi enq tambe Eobivas do dos, q de vestido ou dinario Scomu~ fosse couba Sde Branco co q o veiave atena tado amanza dormantes, barvete redondo Etoabes dos lados abertos coferre ciguives, q p[er]e eh abito con veniente Erecebido en Japao, Eosguimoes qbusam p[ar]a casa feriaõ do talho dos guimoes de Japão, d as pontas do, jevi enteixas easmangas estreitas amodo das nossas Coubas

[Marginalia, right side]

O 3º p.to foi eq de ves do q vieraõ n do or. q do onosso vestido pa ra o seu tirado da couba q podiaõ ser ode pano onde couro. onde a pa lha, aquis castanho ou preto como mais con lamente se pode fia

auer.

[Marginalia, left side]
dos p.es fra cabral. fi
gueredo. Antonio
Laguna. Ramon
pareces q se tiraße
o q may todo se diße
ras que se o assẽ
deles nas visitasões
dalguns grandes
senores como agora
se calhaõ todos foras
da 3ª. opinaõ tira
dos os padres. cabral
figueredo d L.da
mon.

O 4º Ponto foi acerca dormantes, servilhas, chafins, chinnellas. Ebotns. acerca dasquaes cousas. ouve divercas o
pareces q se tiraße penioes, A 1ª foi q se tiraße de Japão omantes, ecaldo q se
usa nestas casas calçado, pois en Japão não se usa ese pode passar se~ elle
A 2ª openiaõ foi q os padres se servisse demontes grandes, do Vao Visitaõ alguns sores, special mente. no xangonax
E quanto aos chi, E sapatos pentus Edemujta calidade, Eocalçado
je vsa. E quanto fetive futuro se for p[ar]a alguns doentes, ou velhos q tenhaõ
particullar necesidade de servilhas, Echinellas, p[or]q oma
tes, heomais presado egabado vestido q os p.es trazem en
Japão ehe propio danossa religiaõ entodas as partes
A 3ª Opentiaõ foy q os p.es en visitasões semellantes. se servi
sem demontes, eomais calçado do do se estivesse pordetro
da casa. mas q yndo fora, ou ape. ou acavallo posañ
afirir os p.es como os lirmaos grandes se tiverem servir
se do dito calçado porq e casa anhu~ não se parece nece
sario, efora afri p[or]q se vaõ acavallo com postos não ape.pode ser comodo e neceßario por causa
das chujuas
dos frios. e dos caminhos q fazem.

Quanto aos barretes todos co cordaraõ q não anese
tençaõ Barretes redondos e pretos, ne porcasa ne p[or] fora
Salvo sefosse dormindo denoite, mas variaraõ acerca
dos barretes deportugueses, porq hu~s dizeraõ q porq não he
entre osbonços. oBarrete he insigne de dinidade os q ser-
giraõdo Vaõ fora ßpecial mente a visitar os fores ou e
outros actos publicos. tragaõ barete deportugues, mas
elles e casa. eos jrmaõs, encasa e porfora tragaõ Barretes
onde lança onde pamos preto redondos e feitos e Japão
acemelhança dos deportugueses, porq não os barretes de
portugueses ou p[or] ta muito estendos pode~ comodam[en]te a~der.

Outros diseraõ q não era neceßario ne p[or] casa q os barretes

fosse~ de portugueses, mas q podiaõ usar encasa. e fora de barretes, ora fosse~ feitos em Japão ora em portugueses, pois sendo todos redondos. e quasi dantesma man[ei]ra não se estranha ria dos Japoes, eos jrmaõs não teriaõ nhua ocaziaõ de dizer, q se fas deferença de barretes, estu~do auendo co modidade. de barretes de portugueses parece bem qospadres se sirvaõ delles ßpecial mente enceme lhantes visitasões
25 Pergunta.

Sedevê os p[adr]es usar do sacaminqui e da Prata.

[marginalia]
todos concorda
vão nesta 2ª
opinião.

31Acerca desta pergunta se tratarão tambe' alguns pontos. concordavão todos O 1º foi acerca do Vso. do sacamfugui em q' se vierão do dor. q' senão pode em nhũa maneira escusar o Vso de dar e receber. o sacamfugui. afsi a homes como as mulheres nas visitacoens q' se cebe' e se faze' afsi p' ser este Vm meo e cost costume de Japão como porq' senão poderia deixar de dar e receber quando convem sem summa descorteria, semju ria, dos q' o recebe' e dam, em q' se não ha q' se fatar, concordarão todos O 2º Ponto foi acerca do Vso da prata. equanto ao q' toca aos calicaes. turibulos, e outras cousas semelhantes q' ser vem p.a o culto divino, e servico das jgrejas e do altar a todos pareceo q' co'tinha Sera bem servir se p'a jsto de prata, quanto comodamente pode se ser, porq' aLim peza, e nobreza dos ornamentos no culto Divino, quãto maior for, tanto mais he cõbeniente e todas as partes specialmente em Japão, aonde não tem areligiaõ xpm outro lustro e resplendor q' of se pode ter nas jgrejas do q' he
O 3º Ponto foi acerca da Loica prata q' pode servir nos banquetes, q' se faze' aalgu's sores de Japão em nossas casas, So cerca disto ouve duas openioes. A 1a foi q' não parecia des cõbeniente servir se da Loica cousa de prata, em semelha tes, ocazioes, pori jsto era fazer omrra aos sres. ganofas caras e chamraõ, dos quaes muitos serem gentios e não terem mais esta q' das cousas exteriores p'rarias tendocon isfo mais vesperto Sevedito anossas Cousas,

A 2a openiaõ foi q' de nhua manra se tirinha Vsar se desta fortas e dos en nossos faras, no serviço da mefa de prata, Sq se tirase os mays q' se alguã q ate agora se Vsara em bungo grande, e danna de .zi. Comer a el Rey, Sao Principe, so tino se fosse somente algua Colher, Esparfo, e faca, E o calbo de prata, somente se orditur fores pelas seguintes rezoas, A 1a porq nhũ for do Japão vsa de prata, ne nhũ Copzo, por grande e rico

q seja, poronde muito menos adeireviamos nos outros
delvsar, A 2a porq cõ isfo não terruia ja mais q pa a q
Canfarmos. nome de ser muyto ricos, oq se nhua Couse nos
Captoueria mais q' pa danar, A 3a rezaõ porq he
Couse tam fora de nossa profiçaõ, q' ajnda q' nos fosse
necessario vsala, parecia q' auiamos de desimular; q'
mais não sendo necessaria ne Vsada de ninguem, e se
se fosse necessario, e dagui pordiante, senaõ introduzisse
enhũ lugar,

A 3a openiaõ foi q' dagui pordiante 'enhũ lugar seen Desta foraõ os p.es
troduzisse, ne se seruissse de prata, mas q' toda vja em bungo fraco cabral. luis fois
se seruissse da q' esta ia introduzida, e agora se vsa na cespedes. Antonino
mesa del Rey q he Cacio, Jarro, Carafa, Copo. Espatero
de prata cõ suas colheres, garfos, e facas, porq como O
principe he gentio podelhe causar algũ desgosto, não a
passalhar dagui adiante deste serviço de prata, duq se
se seruira p.te, e do danja q' avendosse de tirar se Bedesse
algua satis façãõ da Causa porq sefaz~

32

21 Pergunta

Das Reliquias, apnus dey
e contas Bentas.

Acerca disto setratarãõ alguns pontos, o. 1º foi se convinha
darse aos xpaos Reliquias dos sanctos, se
co Cordaraõ todos q sedevia por algum remedio, deman=
q senaõ desem, ne Reliquias, ne apnus dey, ne contas
Senaõ comuito tempo e co~sideraçãõ, pois das estas cousas
facilmente era fazer perder areverencia e debaçãõ, as
mesmas cousas, e se seguiraõ muytas endecencias, e muytos
inconvenientes, mas defendo asparticular, quanto aos
leos, as Reliquias dos sanctos, ouve diversas Ogenioes
As qeltas reliquias se ouvesse todas e outros thetrarios
dosquaes hu~s servisse pa se tereno~ nasprofiçoos. e seado=
rarem, e dadevjda reverencia na jgreja, e outros servi
sem pa sempre estar asmulheres q estaõ de parto, oupera
for, sobre os quis endemoninhados, ou q padece~ outros
doenças semelhantes, e qestas seriaõ fechados demaneira
q senaõ possa~ abrir nem ver oq esta dentro, e tirando
asmesmas pessoas dos seus ermaõs, q poderaõter seus re
cearios, anhum outro sade Reliquias q seria despos dos

*Neste p.o ponto a cerca
das reliquias dos s.os
todos concordaraõ q
se não desem,
ninguem senaõ
em hum caso raro

e som.te p.or los sup.es
Vejase as consulta*

sanctos pelas seguintes rezoas, Araz.aõ na premissaria
qpreja como se ve em sam Gregorio, Em em outros sanctos
se tinhaõ estas Reliquias em tanta reverencia, q auedo
nella tanto ssu~ senaõ atreviaõ os sumos pontifices a.adallas, senad co muy grande: co~sideracad
Sm~ tenro, saiyñ
da agura, sendo aygvera tam firme, asy sedey nasparves da Su
ropa, com muita Sleição, poronde sobem m~ mais, q~ senad de
nesta nova xpandade de Japaõ ynaõ esta tam fundada nem
tam firme Como era apremetina ygreia, Ara verad. por q~
Comu~mente, as Cousas semellhantes fas tidas dos homes, na re
verencia, estymia, q~ bem q~ saõ tidas deseus prestados, special
mente os Japoes gente todas asnações, tem mta Conta co~ estas
Cerimonias exteriores, poronde Vendo Elles q~ os p.es y Medad re
liguias, perde~ a estymia dellas, parecendolhes q~ se fosse de tanta
Emportancia, Comodize~, naõ sedariaõ aos homes, tam facil metr
A s.a virdad por q~ afri nemor y experiencia, q~ se haquer dado estas
Sreliquias, co~ facilidade aos xpaõs, ia assem e tam pouca esta
q~ parece qasnaõ estimad, s featrem apedir at se otenho da
Cruz muy facilmente, e Elles mesmos dizem q~ lhes parece q~
yq~ ledaõ asmuytas pessoas, ha pouca deferencia Etre reli
guias e Estar, Aq.a~ verdaõ he porq~ os Japoes facil mente en
traõ em Cousas semellhantes Esento de Somrra, squando Ve~ q~
Sedaõ a hu~s, enaõ aoutros. Etomad aquelles aque se nega y desonra,
Sestaõ emportunado tanto q~ ou he necessar.o dalhas, ouelles
seresfriaõ, e adoeçem e Gras. edehu~s sde outros se segue~ iniõveni
entes! Simreverencias muy grandes, poronde parece Cousa muy a
certada, naõ asdar anynguem. A s.a epq~ aynda q~ se achace at~
gu~s sPaozes Sq~ artinefe~ co~ areverencia y sederre, outros muytor
naõ setrad, ne~ tam adiante ne~ naymportigencia das Cousas seme

33 Semelhantes me nadeuacaz q' semelhedesao de oeder reliquias,
porq dandolhes, acoteceira faser irreuerencias, e pecados endece
tes, acemelhanter reliquias, Scomo comu mente, orq as pede saõ
Sores, e pessoas principaes, sabendo q as dam a
Sepodem como esta dito houver muitos encon
foi q ainda q eraber pellas duas razoes naõ
Reliquias de sanctos, todauja naõ pareccia co
detodo, q sendo possa dar an hũa pessoa, porq
vezes, sorei de tanta jmportancia, edetant
de nedeue e nhũa manra negar, precisame
das ate agora amuitas pessoas, poronde pa
ibivle, q atras desse nhu pe ne qrmes, so
vniuercaes, do Xmis. de Bispo e de Meaco
a faculdade dedallas, e bu caso semelbant
Surgor do Japaõ,

Cr Ponto foi acerca doutras reliquias qna
Como verbigracia dopao dafasa de Nassa

S. tome, edas pedras do monte caluario, e
Cemelhantes q' vem de hierusalem. Eacerca
ouue diuercas o penioes, Aia q' estas reliqu
pode se dar por ser dandas co adeuida tes
Seasadas, emudao sua vida, por estarem
Como os Japoes estão tam acostumbrados
muitas reliquias echitos, defras sup
cousas semelhantes q' posão estancar
pra sua duracaõ, Aia openiaõ por q' estas
mantes tambe se dese mui rara mente,

[marginalia]

Quantos a estas 2as
reliquias tambem
concordaraõ q sendo
desum jentio pello
superiores ouuer
fais co muyta co
sideracaõ, fomutandos osp.es mas fosem reformadas on ao fupor deJapaõ
fomente, ou aelle sjuntamente ansoutros tres fuperiores Vni
verçaes das tres partes deJapaõ

O 3º Ponto foi acerca dos apnus de xj, e das contas
destas sobieruadoor, fr. q' nhua destas cousas sede
mas fomente plos padres, sestese asnaõ deßé sem
Superior, no p.ro anno q' vem oJapaõ, e quando
rem, aedem com muyto menor tenho seofedivaõ
asdevão athe agora, fazendo lhes fazer algúas
romarias, paq' desta mom.a astenhaõ mais

[Marginalia]

grão as contas
tambem concordarão
que se não dem polos
Irmãos deJapaõ
as dem com muyta
consideração fasen
do p.ro numero q' farão
algua sentencia
e q' que se fosse etc
[End Marginalia]

Outros diferão q' tambe osagnus dey eoutas
senaõ plos fuperiores Vniverçaes, entrando entre elles tambe
os Reitores das Casas eestegios formador, asmais padres
medianeiros p.a as alcançar de seus fuperiores, p.a ordos q'
as pedem, pellas seguintes rezões. Aia porq' oJapaõ e tão
firmas as cousas, quanto achao deficuidade easa
onde vendo q' semelhantes cousas senaõ pode alcançar senaõ
a dificuldade plos fuperiores as estimaraõ muyto mais
do q' as estimaõ agora, Ara rezão porq' deferir deoutra

semelhantes cousas aproveita muyto, endo pode nunca danar
spor endallas devemos deprocurar sem p'juito, deve osp.es
ter p'bem deas não dar senaõ alcançandoas prim.o dos fup.ores
A 3ª rezaõ q' p'q' disto teriaõ osp.es mais o faz.do de fazer que
se enmendaé en algúas suas faltas orxpaõ domand
o fazias de dizer lhes que elles p.a avia logo i as fup.or

34mas o superior não fas entendimento, porquanto elles senaõ
confessaõ ou senaõ eremedaõ detalhes e tais faltas, o q não pode
tam facilmente fazer, quando os padres sabe q os padres
podem, mas não lhas querem dar ~

Pelo q me pareceo aelles q ou senaõ desse senaõ p[or] os
ditos superiores ou aomenos os padres vsa[r] he de trapa
ça de estar quando as pedem respondendo lhes, q elles
faraõ deviaboyoi pera lhes fazer alcançar e depois q elles
se emendarem como os padres pretendem, as pode[r]aõ mesmos
dar, demaneira que elles ficaõ q alcançaraõ ymes dos
padres as ditas contas sagens dey dos superiores ~

fra est[ev]aõ de s[an]ta [cruz]Regimento para os Comissarios De Japan
1580

Para nuestro Pe. General

35

+
Regimento que se ha de guardar nos se=
minarios desta p.a p.r visitador
no mes de Jun.o de 1583.

Porque a principal cousa que Sumana m.te se entende que podera
ajudar p.a pad.s se conseruar Sacreestar nele a expandade e a
e a boa instruicaõ dos seminarios, por isso os superiores dele pro=
diligencia que os seminarios se posuerne conforme a este regimeto,
mas a destribuiçaõ das horas que vay conjunta a ela.~

E porque a orde e concerto senaõ pode guardar sem o recogimeto e co=
modidade dos casos e escusas necessarias, os mesmos superiores se occuparão co
os moços tanto se fore poucos se fore muytos, por isso cada seminario tera
seu apartado comodo e capaz, pera quareta ate cincoeta moços, egl
estando de tal maneira conjunto a casa dos padres, que por ella se entre no semin.o
e toda via não posa em nenhua maneira ser deuassado dos forasteiros, e
tera seu patio apartado e tudo o mays, coforme a traça que pera isso se dara
aos seminarios que esta agora feito em Arima.~

Ainda que o padre que for superior da casa hade ter a superyntendencia, e cuida=
do do seminario, todauia terá su lrmão a cura immediata dele, egl e tudo
se decera ao dito padre, mas podera quando conue acoutar os moços e dar
ges outras penitencias quando asi conue, sem outra liceça do padre. E ele

dormira e estara sempre no seminario não se ocupando em outras cou= sas da casa, se não no bom couerno dos mininos. E quando fore fora jra com elles, fazedo que guarde suas regras, e se aproueite e quando per= caõ tempo e se elle hade estar ou outro Irmao ou algu dos picos de con= Lanca que o ajude no gouerno delles.~

A casa do seminario ha de estar muyto limpa e concertada e seu altar bem= guarnecido, e os catres e a mudaraõ em cada ano. E os moços teraõ seus socos em q' estude estando ordonadamete, de maneira q' stensao por sua orde os mays honrrados os pr.os lugares, e da mesma maneira jraõ quando não frea. E quando estaõ na jgreja, indo de dous em dous com seu concerto.~

Os moços jraõ limpa m.te vestidos dos suas casatras ou quimoes de cança azul coforme ao tepo quando estaõ em casa, e teraõ outras limpas quando sae fra damezma cor e seus debucos pretos, e aos que fore fidalgos e nos seus se farao seus quimoes de seda azuis, ou de outra cor honesta coforme a suas qualidades

36pera levar quando nao fora, vu na acasa pera os visitar afous seus parentes, especial m.te em quanto forẽ mininos, &quando forẽ ja grandes teráo seus quimões de compas asuis limpos &bem feitos.~

LENHAO Tamb.ẽ suas catadras dobradas de cança branca, pera trazer de baixos dos quimões no jnuerno. &de tração sempre calçois damezma cdea branca, sendo de tudo prouidos em a bastanca. de tal maneyra q nao sempresim por &bem concertados, &nao padeção frio no jnuerno. Etenha cada hu sua esteirinja pera dormir, Eno jnuerno seu quimao comprido cõ que se cubraõ. &algua moçer fora de casa q lhes leue cada somana aroupa soza a concerte

TERA cada seminario seus mestres que en sine Latim. &bem tapas. &despois que a prenderẽ bem de ler &escreuer lhe en sinara Latim, tendoselhes ago in tayoẽ. &tudo omais rredenada m.te, &en tao se mu= darao a de m.te Ruicao das Soras, fazendo que as que oa trauao em ler &escreuer as passem vu todas, vu amajor parte dellas em comfor &estudar Latim.~

SE os mesmos que tiuẽre cuidado do seminario forẽbessẽ tanto que pudessẽ ser mestres, fora melhor pora nao vcupar nisso tanta gente. &se isto nao puder ser, tensa outros mestres, Sora seiao de casa &fora forasteiros, ajnda q se hade procurar quando se pode queseiao Trmaos. ou da propria, fradesvs donde vierem ajnda que por isto se ponja em necessidade algua vutra casa ou residencia, porque como o fruyto que se espera deste seminario he major do que se pode fazer em qual quer residencia, assi deue ser proui= do o mejor.~

DEpois q souberẽ Latim os que tiuerẽ pera isso abilidade aprenderao suas tras sciencias, especial m.te casos de conciencia, &mostrando stempo, &c nego poriencia que bonde ensinares philophia, &theologia, como parece q fora conueniẽte lhes ensinarao, mas enao de se deyxar de ensinar especial m.te as cousas que tocao anosa fee. &a immortalidade da alma, as diuersidades de opinões que sa entre os doutores &as estrouersias &spiniões dos Herejes, mas ensi= ne adoutrina verdadeira &solida pora que saibao assi na phi= losophia, como na theologia as verdades comuas, &recebidas da jgreja

de qes ler Christ. ni vutros Autores à que aprêdaõ por lhes
ediursidades de opiniões. &erros que tiuerao os outros, horafe
jao, anke por Sora modernos, os quaes sabidos pora e fra ponte tao noua na
konorale nao aproueyta nada. &pode fazer mujto dano. &c
se farao hu liuro corvête que tensa em suma adoutrina co:
mua se outras conhouer fias, ou qes lerao por algun outro compendio. &suma
ja feita, como se ade vizerio, ou de Dionisio Carfusiano, ou outro seme-
lhante, &nisso se carregê mujto da sciencia, assi dos superiores como dos
mestres q nao facao ocontrario, ao menos ate que a go pandade seiaõ
ja tao mais dilatada &mais fundada nas cousas denosa fee, porque
se poderiao causar muj grandes danos &inconuenientes, &por
isso terao aqui aemprensao com que im primao os liuros que seouuerẽ
deler.-ALe disseo apredêraõ os que huverẽ pora isso abilidade. de cantar & tãger
Cravos, &orolos, & outros semecantes instromêtos & siruiraõ pora oculto &
cerimonias dajgreja & pora as festas solênes que nelas se fazem~

OSeu comer sera limpo & bem concertado & suas mesas & pratos
concertados, oqual se lhes dara sufficiêcia esforme bvy dade & nececidade
de cada hû, & seu comer vrdinario sera arros franco & peixe
Sû say depetixe ou outra cousa semellante, & avs domingos
Se daraõ mays ouho pay alem do ordinario, & alouãa fruta
corija por festa, & quando jejuarê se acrecetaraõ & uho prato
licaõ em latim & Japao quando come. & assi no comer como em tudo
omays guardaraõ os costumes & catanques entresy. & se lhes dara
Goa & rianca de Tapao, os quaes tambem lhe enfinaraõ~

SOBRE Tudo se ha de procurar que se façao, as cousas aseu tempo
ordenado guardandose a distribuicaõ das horas, pera que nao aja des
concerto, & porisso o padre que tiver cuidado da casa & nao aja
falta em dizer lhes missa a seu tempo, porque trespasandose as horas
nisso todo omays yra des concertado, & por isso nao falte amissa
asua hora logo depois da oraçaõ acabada tirando os dias de festa
nos quaes se hade ter respeito ao povo, & os mininos, porque entho nao
ehudao, nao padeceraõ desconcerto, & assi mesmo se guarde de nao se
jantar, & da cea & pera isso & pera que nao
se impida o comer & servico delles & o comer dos padres
da casa: tera o seminario hû ou dous moços proprios em fazer o comer
& mays se for neceßario pora o servico dos mininos, os quaes nao tenhaõ
cota cô o comer dos padres, & mays servico da casa, senaõ quando nao
huverẽ que fazer poraos seminarys~

ASSy mesmo o Padre que for superior da casa tenha cuidado q de todas
as cousas se faca boa provisaõ a seus tempos pera que tenha em casa o ne
ceßario. & nao passe depois do ficado & seacâde muytas cousas se remedie
falcandose com que acudir. quando senaõ acha oque se compra cada
dia de ordinario, & porisso fora boa provisaõ de arros, de misso de
peixe seco & salgado, de vmes & yamamomos salgados, & cõonomono
& outras cousas semelantes, & tenha hû lirmao sofficiente que seja yai
guny & tenha cuidado do forneco da casa & dos moços della & que tudo
se faca a seu tempo.~

DENtro teraõ sempre no seminario candeia aceza, & dormiraõ de maneyra hũ do ouho apartado que fique Sũ muyto satame entre elles, & todo o q' forad eus socos & os divida, & teraõ nos seminarios seus almarios ou arquibancos em q' tenhaõ seus cauaõs. & sua roupa apartada & concertada de maneira que se guarde & em. & o seminario fique limpo. sem ter nele nẽhua cousa q' dê o emfarace & tenha des concertado & ocupado.~

37TENHAO tambem hu claustro cõmodo, e pateo, no qual se lauem ordinariamente no veraõ cada oytto dias, e no ynuerno cada quinze dias, e alguãs uezes se lhe podira dar licença que se uaõ alauar no Rio, ou mar. E assi mesmo tenhaõ dentro no seminario sua clauozina apartado do ouho que serue pera casa.

O Pe. que for superior da casa tenha grande aduertencia que naõ de traya, vr moço vr de seus estudos ocupando os em outras cousas, mas faça q' em tudo se guarde a ordem e regras do seminario. E nas cousas que ocorre por bem dos mininos, e do seminario ouça sempre o que lhe diz o yrmaõ que tem o cuidado delles, e com elle tome conselho sobre as cousas que acerca do seminario e dos mininos lhe occorrem.

No seminario naõ entrara nenhuõ forasteiro senaõ for quando pelua alou pera fazer quebut, nè menor vr moços de casa tenhaõ entrada e conuersação no seminario, e assi mesmo naõ se mande vr moço a comèr nè a visitar seus parentes asuas casas, mas dar se ha o padre as vezes porque se naõ concede quando o pede seus parentes, mas quando elle vierè pera vr visitar em casa, vr fara ser vindo sem reuestar e concertado vr quando se parecer conueniente, e poderaõ falar c'elles ou for vr a acompanhado como parecer ao padre, aduertindo todauia que se naõ distrayaõ com semelhantes visitaçoẽs, e naõ ueraõ ser muyto comercio com eles, e quando aloud uez senaõ puder escusar de vr mandar asuas casas por estare seus parentes enfermos, ou por outros respeitos o que se deue conceder muy rara mente e omde quando se naõ pode escusar, mandou a acompanhado co algua pessoa da igreja de confiança emcomendando lhe que vr naõ façaõ estar ne a pousar em da sua presença, e no mesmo dia tornem acasa, e em nenhua maneyra permitaõ q' estem fora della denoyte.

QUANDO morrer algu fidalgo grande, e principal poderaõ ou todos, ou parte ir co padre ou yrmaõ aacompanhar ao defunto de dous em dous por sua ordem, mas naõ se faça senaõ com pessoas nobres e de importancia. E ontaõ leuaraõ suas sobrepelizes das quaes sabem se seruiraõ qua do he precisaõ. E nos enterramentos dos outros bastaraõ vr mininos forasteiros, e naõ iraõ vr da casa.

TENHASE huma vigia que por sua parte se aproueite e o vinaõ limpos, e gastem pelo tempo, e por outra parte que o vinaõ consolado e porfys vr tratar aõ e gouernaraõ co amor, guardando lhe deser os asperos, e apastados com eles, de maneira que se enfade e o vinaõ des contentes. E todauia o açoutaraõ e daraõ outros castigos quando è nè pera seu bom gouerno, mas tudo se faça de maneira que se alimbre que

saõ mininos, e mininos de Japaõ, e que se saõ como mininos de tratar co brandura e chane mête. Os Domingos e Sanctos jraõ comu mête camingar ao campo, e fazer sua recreação em algum lugar depois do Jantar, Salvo se daraõ alguns mo: tivos vu vutra fruyta por merenda, e a tarde tornaraõ acasa acaça in do Irmao vu outro em seu lugar com elles.

Nas casas aonde Saõ seminaryos alem do padre que for superior, deve estar pello menos vu no padre, e So hu delles seja confessor ordinario dos moços, vs quaes se confessaraõ cada mes, e os que quizerem mais frequête mête especial mête os grandes. E os que huvere pora vso em femi do menor quatro vezes no ano. P. Talchosa da Natividade, Saõ Jph Sancto, e dia da Asunção de Na Snra, e cada comu mête ese faraõ por meja Sora hua exortação en puã cousa espnal, e outra o saõ se faraõ svre ella con

Procure se não receba nos seminaryos de ordinario senaõ honrrada que possa estar no lapiqui com 5 tons, especi cipios, nos quaes importa muyto acreditar bem vs seminaryos se recebera senaõ os que entraraõ vudere seus pays, com sempre na jgreja. E porisso jraõ todos tapados se por não parecerem ao superior Gus recebaõ algum particular deste cabellos. E a faculdade de receber vs moços nos somête o que for superior de Japaõ, e o que for superior do cia, e a mesma teraõ superior das partes de Bungo, e quando asi se fizere seminaryos, e os mesmos teraõ facul despidir do seminaryo quando conue, e quando depois de ser seus remedios senaõ quizerem aproueitar, especial mête qua Sdanoso por aos vutros.

Advirta muyto o superior da casa em que estaõ os ditos seminaryos de não ocupar ne vs Algytres, ne vs moços de tal maneyra q sein cor me taõ suas licois ne se furtem de ordem do seminaryo, mas faca que em tudo se guarde sua ordem, e senaõ se puder meys aja falta nas vutras cousas, e guardemse estas. E digno e de tudo o mays que se conte neste Regimêto se tomara conta ao superior quando se pide as casas – feito a 2 d. de Junyo de 801 –

38DISTRIBUICAO

das horas pera os mininos do Seminario

i No Veraõ se leuantaraõ as quatro e meya, e aca-bada a oracaõ dos padres, e no ynuerno correraõ tudo hua hora mays tarde, e comecandose esta mudança no meyo de Outubro ate meya de feur.o

2. ACABADA aoracaõ se dira logo mißa com seu pater nr, e despejar ate as seis varreraõ os Çagoiguys

3. DAS seis ate as sete e ma gastaraõ em seus estudos de corando sua lição os mays pequenos aprendendo vocabulos Latinos con forme ho q parecer a seu Mestre.

4. DAS sete e ma ate as noue estaraõ co o Mestre que ensina latim dando conta da lição, e do que de coraraõ, e ouuindo o que o Mestre lhes ler, fazendo os pequenos neste tempo suas materias, e os mays que seu Mestre os ordenar, o qual tera cuidado de ensinar de maneyra aos grandes, e aos pequenos que se não confundã e percaõ o tempo ajudandose pera isso da quês que sabem mays pera tomar a lição e emendar amateria dos pequenos.

5. DAS noue ate as onze comeraõ, e teraõ sua recreação ordinaria

6. DAS onze ate as duas gastaraõ tudo em ler e screuer Japaõ e em com pôr os que souberem em Japaõ alguas cartas coforme o que seu Mestre Japaõ lhes vedar o qual lhes tomara lição e emendara suas materias, ordenando tudo de tal maneyra que se aproueite e não se percaõ o tempo.

7. DAS duas ate as tres gastaraõ em cantar, e tanger recreandose no estro q souber, escreuendose os que souberem pera nisso mais aptos, e ajudandose o mestre daquês que saibaõ mays pera q tenção tempo e possa superior em ensinar os e duas.

8. Das tres ate as quatro e ma estaraõ denouo co o mestre que ensina latim, o qual lhes dara algua composiçaõ neste tempo lendolhes algua outra lição que mays aproueite e se parecer pera seu proueyto delles, de sendo os mays pequenos em ler, ou escreuer materias em latim, como melhor parecer, e am.a hora q figua ate as sinco antes da cea se daraõ de folga.

9. Das cinco ate as sete cearaõ, e teraõ sua recreação.

10. DAS sete ate as oyto seraõ a repetiçaõ do que aprende latim, e os mays pequenos gastaraõ aquele tempo ou em escreuer Japaõ, ou e screuer Latim ou em algua outra cousa q parecer milhor de tempo.C11. As oytas faraõ seu exame, & rezaraõ as ledainhas de N. Sa.

Slogo se ditaraõ adormir —

12. NAõ auêdo festas entre semana se ge dara em a quarta fra a metade de sua Sora de diante, de modo que seraõ somête duas Soras deler & escrever Japaõ, & o mais teráõ de recreação, gastando se davia hu pedaço de tempo em tanger & cantar canto de orgaõ, ouvio-las, & outros instrumêtos semelhantes —

13. Hos sabados pelamenhaã gastaraõ todo em dar recordação de Latim, que aprenderaõ pela semana. Sdepois de Jantar seraõ duas Soras de ler & escrever Japaõ, & da hua pra diante seraõ uacacaõ d'aquelle aquelle tempo pera se lauar, & trosquiar, & pera se confessar. & na Sora que sobejar depois dacesa, & recreação se gastaraõ mea Sora de ouuir apratica que em tal tempo se faraõ de alguãs cousas espirituaes, & vutra meja Sora em repetir & fazer conferencias sobre o que vuiraõ sobre a doutrina Xpaã —

14. Hos Domingos & festas depois de Jantar jraõ a folgar óquinta ou ao campo. & sendo tempo de chuua, ou de muyto frio q' não posaõ ir foraõ

todo o dia recreação em casa, gastando todavia hu pedaço de tempo em tanger & cantar vs que souberem —

15. No tempo em que ouuer grandes calmas no verão se daraõ alguns dias mais de afeto dandose uacações ou remetendo os es alguma cousa dos estudos conformé ao que parecer may conueniente ao Superior do Seminaryo. —

[Signature]

39

1581- 1583

+

Consulta di Jappon para el Padre General

1.a Via

40

41Muy S.or en X.to P.e R.do

Porq. se hizo esta consulta primero en Burgos y entonces se escreuio conforme alo q alli se trato, y despues tratandose de nueuo lo mismo en el Vlliate y en el Pardo, se juntaron las opiniones y se emendaron de manera q en la margen de la consulta q se escreuio primero se aniauan las opiniones de aquello q yua escrito en la consulta, para quitar toda cofusion y para q p[ar]eciese mejor declarada las cosas torne a escreuir de nueuo esta consulta, tomando la ultima resolucion de ayos como se estuuieron juntos y conforme auia pori[en]do en los pregan[t]es las opinion[es] y porq con esto era algun tanto mudada de la q se escogio primero, o de aquella en bie de la China una via a V. P. por las Philipinas y por la nueua España, y agora le embio esta, y despues se hizo mas distinta y clara y se halla (como se ha dicho en la una y en la otra alguna diuersidad) me parecio aduertir esto a V. P. para q sepa como passa, y si se mirare alo q ua escrito en la margen de la otra q em bie, se hallara q en todo es conforme a esta aunq ayia alguna variedad en lo q va escrito dentro, y por esto esta es mejor y por forma mas distinta y mas clara.

D. V. P.

Hijo inutil en el Señor.

L.or Valey[?]Jhs.

Consulta hecha en Jappon, por el Padre Alex.o va= lignano Visitador de la Compañia de la Yndia, en el año de 1580. y 81.

Por no se poder ajuntar todos los padres en un lugar hizose esta consulta en diuersas partes conuiene asaber en las tres partes principales, de Bungo, de Meaco, y de Ximo, en q esta hasta aora diui=

dida la Compañia en Jappon, y por esto se hizo esta consulta primero en Bungo en ochubre del año de 80. y despues en Anzuchijama, en el mes de julio, y ultima-m.te en Nangasaque lugar de Ximo a 2 de Ziembre del año 81. en la qual se hallaron los padres siguientes.

El padre Francisco cabral, q entonces era sup.or de Jappon.
El padre Gaspar coello, q es agora vice prouincial.
El padre çorço mexia, compañero del padre visitador.
El padre Organtino, superior delas partes de Meaco.
El padre luis frois, compañero del vice prouincial.
El padre Melchior de figueredo, rector del collegio de funaj.
El padre Pero Ramon, rector y maestro de la casa de probaciõ.
El padre Melchior de mora, rector del seminario y casa de Arima.
El padre luis dalmeda, sup.or de la casa y residencia de Amacuça.
El padre Antonio lopez superior de la casa de Nangasaque.
El padre lucena, superior de la casa de Omura.
El padre Juan Baptista de monte.
El padre Baltezar lopez el grande superior de la casa de firando.

42El padre Goncalo rabelo
El padre Basthan gonsalues
El padre Antonino.
El padre franco laguna.
El padre gregorio de cespedes.
El padre Joseph fornalete
El padre franco carrion.
El padre Aries sanches.

El padre Julio piani.
El padre Alonço gonsalues.
El padre Baltasar lopes depequena
El padre Miguel uas.
El padre Christouao delcon.so

Primera pregunta del modo que se ade
tener e lleuar esta epresa de Jappon
adelante.

Acerca desta pregunta se trataron dos puntos, el primero acerca
dela calidad y grauedad desta empresa, acerca del qual des corriendo por
diuersos razones, concluyeron todos ser la empresa que tenia la copania
en Jappon la mas importante y prouechosa de quantas ha en esta proua:
doa delos yndios orientales, y aun en todo el des cubierto, assi por ser
la gente de Jappon tan noble, capaz y de ingenio muy efficieto, como
por ser tan sujetos ala razon y hazerse en ellos tanto fruto como se
haze, y tener aparejo para se hazer cada dia mayor, y que por esso
deuia la compania hazer todo su esfuerzo para lleuar adelante esta
empresa.

Concluyeron tambien todos y juntamete con esto era esta empresa. La
mas diffcil y la mas peligrosa para se lleuar adelante de quatas

la Compañia tiene, porq allende de la distancia tan grande q ay de Jappon a yndia y a Roma, y de muchas condiciones y calidades particulares desta tierra, q haze mas difficil este gouierno, se halla en el algunas difficuldades, casi inremediables, y particular mente los seguetes. La 1.a es dela falta delos Sresnos, pa que siendo Jappon tan grande y bastecido

[Marginalia, left]

Concordaron todosen diuersas partes fanta conuersion, y teniendo costumbres y lengua tan differentes de los nuestros, y tan difficiles para se poder aprender, no puede la Compañia en ninguna manera segun parece suplir de obreros ala xpiandad que ua haziendo, porq ni puede auer tantos p.s ni tantos hermanos y predicadores como son menester, y como esta xpiandad ua cada dia tanto creciendo, siempre nos hallaremos con mayor falta de obreros.-

La 2.a difficultad es, porque sin hermanos Japones, no podemos biuir, y formando muchos dellos como sean nuevos en la fee, y por las muchas ocupaciones no se puede instruyr en las uirtudes y letras como conuene, y congan los Japones calidades, y costumbres y modo de proceder en todo tan contrario alos nuestros, corre peligro q no aya entre ellos y los de Europa mucha union, de do se puede con el tiempo temer mucha ruina.-

La 3.a difficultad es, dela carga y peligro tan grande en q han siempre de biuir los nuestros, haziendo officio de Prelados, y de curas, y teniendo toda la carga desta nueva yglesia asus cuestras, y como los obreros sea pocos y los negocios y xpiandad cada dia uaya creciendo, quedan siempre los nuestros mas derramados y cargados, y no se entendiendo como pueda en algun tiempo echar la compañia esta carga, es cosa muy peligrosa y en sufrible auiendo de durar para siempre.

La 4.a difficultad es, del modo con que nos hemos de sustentar quanto al temporal, porq siendo Jappon tan pobre no se puede esperar casi nada del y los padres con lo que les ueniere de fuera ande sustentar asi mismos, con todas las casas y yglesias que tiene y uan cada dia haziendo, y no puede dexar de hazer otros diuersos gastos necessarios que llegan cada año amucha suma, los quales como crece la xpiandad uan tabie ellos creciendo, no se ue donde pueda la Compañia tener para esto remedio, porq el modo con que se sustentaron hasta agora delos ganancias que sa can del trato dela seda allende de ser anuestro profecion in-

43conueniente, es muy peligroso y incierto, y que no puede durar para siempre, y aun q pudiera siempre durar, no alcançan estas ganancias para conseruar lo que esta hecho, quanto mas que va cada año amucho riesgo el cabdal, y este perdido se pierde todo lo que esta hecho sin remedio

El 2º punto fue tratar de algunos remedios y se podrian offrecer verdaderos o aparentes, acerca del qual tambien con cluyeron todos que se deuia tratar delos unos y de los otros, assi para se senallar quales fuere possible algun remedio para estas difficultades, como tambien para que e Roma y en Portugal se entienda quales sean los verdaderos und remedios q se an

de dar a Jappon, porq como las cosas desta tierra por la diuersidad y con trariedad de sus costumbres y calidades y modo de proceder de Europa no se puedan bien entender sino de los que tiene della experiencia se pueden alla facil mente offrecer algunos remedios aparentes y pareciendo buenos echã aperder esta xpiandad de Jappon, y por esso por sus preguntas se propu sieron y disputaron los remedios siguientes.

Pregunta. 2^a.

Si fuera conueniete uenir otras religioes para ajudar e la conuersio de Jappo.

El primero remedio que se trato, y se puede offrecer es se conuiene hazer instancia q uengan a Jappon otras religiones, para nos ajudar en ta grande empresa, y esto se puede offrecer ser cosa muy conueniete por las siguientes razones. La 1^a por q claro esta q alo q nos no podemos suplir es bien que acudan los otros, y no se pierda el seruicio de N señor y tantas almas quantos se pueden conuertir por falta de obreros. La 2^a es porq assi vemos que se hizo siempre en el mundo, yndo en diuersas partes diuersas religiones, y desta manera se conuirtio tan grande parte del mundo. La 3^a porq la yglesia de Dios est cricu amicta uarietate lo q especial mente se verefica en la diuersidad de las religiones, q aun q uan por diuersos vias todos se ajuntan en el fin que se pretêde, y lo

Concordant todosq falta ala una se suple con las otras. (La 4a. es, porq parece q en algun tpo. se ade auer tambien en Jappon otras religiones, assi como las ha e Europa y por esto es bien que uengan agora q ay tanta necessidad de obreros. (La 5a. es, porque assi como la Compañia ua haziendo fruto claro esta q lo haria assi tambien otras religiones, porq no se ade presumir, que tenga mas uirtud fola, o mejor modo de proceder la compañia, delo que tiene otras religiones tan sanctas y antiguos, y que hizieron tan grande fruto en todas las partes adonde fueron, y pues la Compañia huuo manera y uirtud de perse uerar y uencer las grandes difficultades de Jappon, sabiendose acomodar con sus calidades y costumbres, claro esta que lo podran delamisma manera hazer las otras religiones. (La 6a. es, porq como dis el Apostol. omnia probate et quod bonu est tenete por donde alo menos parece que se deuiera experimentar lo que puede hazer en Jappon las otras religiones, especialmen te porq con esto haria la Compañia dos cosas. (La 1a. que quitaria de si la murmuracion de algunos que dizen que para gouernar Jappon a nuestro modo, no queremos que uengan aqui otras religiones. y la 2a. asegurarnos pa ra con Dios que despues no nos pida cuenta y seamos ocasion dese perder muchas almas, los quales se pudieron ganar se hisieramos uenir a Jappon otras religiones.

Estas y otras razones que se offrecieron fueron muy bien disputadas y consideradas entre todos, y con todo esto todos concluyeron q aunq de pri mera uista parece muy euidentes estas razones, todauia aplicadas en par ticular a Jappon son engañosas y aparentes, porq aun no esta Jappon dis puesto para recibir diuersidades de religiones; y la prueua desto podria ser muy dañosa. y final mente no se puede entender q esto por agora sea buen remedio por las siguientes razones. (La 1a. porq o an de uenir pocos o muchos religiosos, si fuere pocos, poco aprouechara, y podra dañar

mucho, y se fueren muchos o an de biuir de limosna que pedira por los pueblos, y alle de de no hallar en ninguna manera con que se sustente, pa- la tierra sera pesada, fuera cosa en Jappon por muchas razones muy dañosa escandalosa, y in conueniente por agora, y se an de biuir de renta, ello no esta adonde la puede auer, porque su Majestad y su sanctidad no haran poco

Concordant hodie

44se pudiera dar renta, y modo para sustentar lo que esta hecho. (2a. ra- zon es, porq Jappon es tierra de gentiles, a de su Majestad no tiene ningun poder, y ado estan quinze o diez y seis maneras de sectas, de su falsa religion que estan todas tenidas en grande cuenta, y como es gente de mucha capacidad, unas delas razones principales q los conuierte es ver la grande diuersidad de sus religiones, y la unidad dela nuestra quedando conuencidos, y pues ellos dizen cosas tan contrarias, y nos otros dezimos una misma cosa, es nuestra religion verdadera, y falsa la del los. y viniendo agora otras religiones con diuersos habitos, y diuerso modo de proceder, y en muchas cosas encontrandose, y contradiziendose unos aotros (aunque no sea en las cosas de fee) como por nuestros pecca- dos vemos, q acada passo acontece, corre mucho peligro q tambien la re- ligion Xpiana pierda con los Jappones el credito que tiene agora, pa- reciendoles que como somos diuersos en los habitos lo seremos tambien en las sectas, y que las nuestras cosas son tambien invenciones delos hombres assi como nos le dezimos que son las de sus sectas, y porq ellos no saben discernir, ni se puede saber por agora quales sea las cosas de fee, y son cier- tas, y quales sea opiniones en que puede uariar y contrariar los hombres sin menguanca de la fee, bastara para ellos tomar este conçeto, con ver la diuersidad delos habitos, del instituto, de muchas opiniones, y del modo de proceder, y a esto no ayudara poco lo que passa entre sus sectas en Jappon, porque todos tiene por su escritura los mesmos libros, y las mesmas cabezas de Amida y Xaca, y con todo esto hizieron di- uersas sectas, con diuersos opiniones, fundando cada una la suya en los mesmos libros, y en los mesmos auctores, q ellos por sus dioses adora (a 3a. razon, porque sin duda qual quiera delas religiones q ueniesse no se ade unir con la Compañia de la manera q conuiene, mas antes ade auer entre ellos y los nuestros muy grandes controuersias y contradicciones, sin poder auer en esto remedio, lo que fuera total ruina y perdicion de la Xpiandad de Jappon, y notable impedimeto dela conversion, porq alende que para uerificar esto, basta la experiencia delo que passa entre los nuestros, y ellos en la yndia, y en diuersas partes de Europaen Jappon hay otras muchas cosas particulares que an de ser seminario irremediable de muchos dicordias, y como aqui no esta ni Rey, ni Prelados, ni otros hombres de autoridad que nos pueda ni alamanos, o concertarnos, o de quien tengamos miedo o verguença, sin duda se cau- saran muy grandes escandalos con que los unos y los otros perdamos el fruto y el credito. La 4ª. es, por que las caldades y costumbres de Jap- pon son tan diferentes y contrarias alas nuestras, y ay tantas difficulda- des asi en governar la xpiandad como en tratar de la conversion, por no tener mas ahi ninguna manera de juridicion temporal ni spual, ni lapoder auer por agora, y asi en la governacion de la una, como e la promocion de la otra es neçesaria mucha prudencia, y mucha experiencia,

asi en la publicacion de las cosas que son de derecho positivo, como en la de oficios delos casos, modo de proçeder, predicacion y explicacio de muchas cosas y causaria muy grande escandalo y impedimeto entre una gente de tanto ingenio, tan altiua, y tan nueua se todos los padres no se conformase en sus yglesias, y como esto no puede ser auiendo diuersos religiones, y lo que parece bien alos unos, no parece alos otros, luego se causarian cismas y diuisiones, y lo que se concediesse auna yglesia, se prohibiria en la otra, y lo que aunos pareciece bien de publicar, publicarian los otros, de donde se causaria extrema ruina en Japon, y como no concede nuestro señor aora dones de lenguas, ni de resuçitar muertos, ni de hazer otros milagros, y losos marauillosos que hazian los sanctos en la premitiua yglesia, si las diuersidades delas opiniones en ella bas to para causar tanta ruina como sabemos, bien se puede entender lo que causaria en Japon. La 5^a. y ultima razon es, por q la qualidad y condicion delos Jappones, es tal que de ninguna manera se ade esperar que ayan de ser gobernados por Prelados y religiosos forasteros, mas antes como ellos comẽçare a aprender nuestras sciencias, ellos por si mismos se an de go uernar, porque no son tan humildosos, ni tan acatados como ellos, y no por esso les faltara spiritu, ni prudencia, y tendra tanta mas abilidad y autoridad, quanto ellos son naturales, y saben bien sus costumbres, lengua y modo de proçeder, que nosotros nunca pudimos de acabar apréder, por de

45no ay necessidad en Jappon de multiplicaciones de religiones estrangeras, especialmete auiendo tan grande difficultad en la union de los animos, entre los Jappones, y los de Europa, por lo qual, y por otras muchas difficultades que en Jappon se hallan, probable mente parece q aunq alla fuesen otros religiosos no auian de quedar. Por las quales y por otras razones que no se deue ni puede todos escreuir, parecio a los padres todos que la multiplicacion de las religiones en Jappon no solo no era remedio para la conuersacion y conseruacion del, mas seria grandissimo estoruo, y inconueniente, y como tal parecio a todos que se deuia proponer a nuestro padre, y a su sanctidad, y al Rey de Portugal, para que por no se entedir bien lo que passa en Jappon, no se cause alguna desorden irremediable, mientras se busca su remedio.

Pregunta. 3.a

Si conuiene embiar a Jappon algun obpo.

El 2.o remedio que se puede offrecer es, si fuera conueniete embiarse algun obispo a Jappon. Acerca delo qual se trataron algunos puntos. El prim.o [marginalia: pmer punto pro afirmativa]

fue si conbien hazerse un obispo uniuersal de Jappon, y para persuadir que fuera bien, haze las siguientes razones. (la 1.a por que assi lo hisieron los Apostoles, y se hizo siempre en la yglesia de Dios, assi como vemos que se ha hecho tambien en las yndias occidentales y orientales, a do luego se embiaron obispos aun no auiendo entonces tanto numero de Xpianos quantos ay agora en Jappon. (la 2.a por que parece cosa intolerable y nueua gouernarse toda una yglesia sin cabeça, y biuir la esposa contenta sin su esposo, y como esto sea el obispo de su yglesia, parece q ya es tiempo q lo aya en Jappon, especialmete auiendo ya treinta años que se empeço a fudar aquella nueua yglesia, y si an hasta agora mas de ciento y cinquenta mil

almas Xpianas con dozientas yglesias q parece buena anchura de tierra y buen numero de ouejas para mas de un obispo. (la 3.a rason es por qe [marginalia: 3a] Jappon a de auer clerigos, y por lo consiguiente quie los ordene, y gouierne, y quien pueda oir misas, bendesir oleos, y haser los mas ministerios del obispo, y dotrinar, defender, y tambien castigar quando conuiene sus ouejas. La 4.a pa que desta manera la Compañia alcaçaria dos cosas buenas. La 1.a descargarse del cuydado delas almas y de tantos y tan graue de muchos peligros, y recogiendo en sus casas, y asu saluo, y como dada ayudando al obispo. La 2.a es dar desi satisfaçion a loslos, especialmente ala corte Romana, y quitar la occaçion de murmurar a algunos y podrian concebir y por mandarnos todo no queremos obispo en Jappon. Con todas estas razones, y otras que largamente se trataron, finalm.te se concluyeron todos que de ninguna manera conuenia uenir al Jappon este obispo y fuesse Perlado, y pastor uniuersal de Jappon, por las siguientes razones. La 1.a porq Jappon se deuide en sesienta y seis Reynos, y en cada uno dellos ha diuersos señores que son gentiles, y señor absolutos en sus tierras, y unos son contrarios a los otros, por do esta todo Jappon en continuas guerras, y por eso no puede ser un obispo uniuersal de todos, ni passar a su saluo de unos Reynos a otros. La 2.a porq no tendria el Jappon ni podria tener por agna ninguna jurisdiccion ni poder, y no tendria ninguna autoridad para poder haser su officio, y a cada hora le haria mil desacatos y des afueros, como haze agra a los padres, porq ni co los xpianos, ni con los gentiles se puede hazer mas delo que ellos por si mismos quiere. La 3.a rason es oade uenir sin clerigos y entonces no hara nada, o los ade traer consigo estrangeros y estos allende que llegando en Jappon luego seande boluer, no seruiran para mas en el tiempo que alli estuuieren, que para dar muchos escandalos, y causar mucho descredito a este nombre de xpiani y la religion xpiana: porque la libertad de Jappon es muy grande, y ellos no aprendieron nuca, ni la lengua, ni sus costumbres, ni querran a ellos aco modar, pa que todo eso costa mucho, y como no terna alli ganacia, ni poder, fino mucho peligro y trabajo, no ha para q se ayan alla de detener y se quisiere el obispo sacar clerigos Jappones, allende de se auer de pasar alo menos dies años primeros que pueda hazer algunos dellos, Dios lo sabe quales saldran, y despues de hechos no tendra contra ellos poder para los gouernar. La 4.a porque es gracia pensar q un obispo estrangero se quiera

[marginalia]

Concordaro todos

46acomodar alas costumbres, lengua, uida, y modo de proceder de Jappon, por que todo esto le ade costar tanto, que si fuese hombre no queriendose traspar co tanta mortificacion, y si fuere sancto no se querrera meter allenas tanta carga, con tanto trabajo y distracçion, y con tan poca esperança de aprouechar. La 5a. rason es, porq~ vse ade tratar como pobre, y entonces no solo no aprouechara, mas causara grande abatimie~to ala religio~ xptiana, paque como los Prelados de sus falsas sectas se tratan con tanto fausto, no se compadece en Jappon tratarse baxamente el q~ fuere obispo, especialmente paque como nos otros les dezimos quanto mayor es la gloria de los obispos por ser Perlados de la xpiandad, y no es la de sus bonsos, y se sequi~riere tratar con fausto y pompa, allende de tener neçesidad de muy grueça renta, no terna clerigos ni ministros quelo pueda ajudar para sal~

los offiçios y ministerios que conuiene a su dinidad, y asu yglesia, pordos fuera mos daños y descredito, y no remedio y ajuda la uenida deste obispo. Y si dixese que podria ser este obispo de la Compañia, se responde que allende que contra el tambien ualdrian las mismas razones, se dieron tambien las sigue~tes para no ser ni aun de la Compañia. La pa. porq~ siempre ternia diferencias, y contrastes con el superior de Jappon, y casi de ninguna manera se podrian amaçar bien, porq~ no se auiedo el obispo de ualer de otros que delos de la Compañia, como el tambien tendria el ojo principalmente al buen gouierno de la xpiandad y de sus yglesias, y el superior de Jappon al bien de la Compañia, siempre auria entre ellos contrastes, y des confianças, porque muchas uezes lo que tornaria bien para descargar la conçi~del obispo, no tornaria bien al superior ni ala Compañia, y los padres q~ el obispo querria tener en un lugar, el superior querria en otro. La 2a. porq~ los que se indinare contra el obispo quedaria mal co toda la Compañia, y los desacatos q~ ael se hiziesse, tocara tambien a toda la Compañia. La 3a. porq~ el como hombre de casa trataria co menos respecto con los nuestros, y los nuestros con el, pardo se causaria muchos desconfianças, y final mente fin clerigos y depende~çia del, no se entiende como pueda biuir con tanto y satis- hecho con tanta, un obispo. Bueno uenir un obispo particular como verbi gratia en las tierras de Omura, y de Aryma, y mas xpiandad de Ximo. y aunos pareçio que El 2o. punto fue si alo menos fuera auiedo

[marginalia, right]

5

1a.

2a.

3a.

2o. pu~toauiedo de uenir algun obispo, mas conueniete era que fuesse particular destas partes de Ximo, assi por que uieçe alli los nauios de los portugueses, como porque estas partes esta la Xpiandad mas junta y mas auitaridad y mas remedio para le poder acudir. y se compriu de algunos de las razones que se dieron, para persuadir q uenga el obispo, y se euitarian algunos de los inconuenietes y por la contraria parte se pusieron, otros dixeran q ni esto conuenia, por que aurian los mismos inconuenietes, y allende desto porque pareceria cosa muy fuerte y contra toda razon, estar un obispo en Jappon y tuuiese cuenta co unos Xpianos, y con los otros no, y se causarian muchos desgustos y escandalos, assi para los Xpianos como para el obispo. El 3º punto fue si alo menos fuera bueno uenir un obispo de Anel. y para esto se ofrecieron los siguientes razones. La 1ª para poder ordenar los de la compañia, y aũ los Jappones, q se uuiese de ordenar por el tiempo, por los muchos inconuenientes que ha en los embiar a ordenar ala CHyna, o ala yndia, assi por que semete amucho peligro, como porque Jappon carece mucho tiempo de la ajuda dellos, y alos uezes se hallaran los obispos muertos, y tendran poco remedio. La 2ª porque por falta del no usan santa agua, ni el sacramêto de la extremauncion, ni el de la crisma, ni en el baptismo oy oleo de catecumenos, por falta de quien los consagre, y no siêdo posible uenir de la yndia para tanta gente, por las quales razones parecio a algunos que era bien embiarse aqui un obispo de Anel que

fuese de la Compañia, sin tener ninguna otra jurisdiccion, mas antes bi-
uiese de baxo de la obediencia de la misma Compañia. otros dixero que
ni aun parecia conueniente uenir obispo de Anel por los siguientes razo-
nes. La 1ª porque como ueniese con nombre de obispo, no biuiêdo co-
mo en Jappon conuiene, siempre causaria mas discredito que prouecho, y
como aun los Xpianos no son capaces de tantas distinciones, pareceria
cura de poca autoridad estar en Jappon desta manera un obispo, especial-
mente por respecto de los gentiles. La 2ª razon porq alo menos por diez
años no aura manera para ordenar Jappones, porque los niños del semi-
nario ni ternã edad, ni podrã aprender lo que conuiene para ser sacerdotes

[marginalia, right side]
Desta opiniõ fuero dos
pilos.

Desta cõtraria fueron
todos los de mas.

Desta 1ª opiniõ fueron los
padres. f. cos padres luis frois.
Antoniño. Jrof. cepedes
leon. P.lo ramon. Andres
sanches. luis dalmeida. julis
y Antonio lopez.

Desta cõtraria fueron
todos. f. los padres de gallar
coello organtino. Chriço-
mexias Juan baptista.
carrion. Uguara. Lucena
Bastian gonsales. Ambros
lo Balthasar lopes. Miguel
Vaz. Moxa y Alonso gonça
lez.

47Nesta question los padres
francisco Cabral, figuei-
redo, y gonzalo rebolo, no
se pudieron determinar
ni para una parte, ni
para otra.

antes deste tiempo, y parece cosa entadoña para este obispo estar desta
manera en Jappon no mas que para ordenar y bendesir los oleos. La 2a. paque
tambien ade auer des confianças entre el, y el superior de Jappon, pues el
obispo no terna otro credito, ni otros ministros q los q el superior de Jappon le
quisiere dar.

El 4º. punto fue si era bien procurar de hazer clerigos Jappones, e lo q se
se hallauan muchas difficuldades por las sequintes razones. La 1a. porque sa-
ziendose clerigos seculares Jappones, como en

Jappon aya tanta libertad, no se puede entender sino que haran muchas desordenes y dissoluciones, echando a perder con el exemplo de sua mala vida, asi mismos y a esta nueva xpiandad con peligro muy probable de sembrar entre ellos falsa doctrina con diuersas heresias, por lo mucho a- parejo que para esto ha en la tierra. La 2a. razon porque el embiarse a qui el obispo tiene los conuenientes q se han dicho, y no lo auiendo quie- re de governar estos clerigos. La 3a. porque los señores de Jappon son ta libres y absolutos en sus tierras, que hase en ellas lo que quiere, y como tenga por honra y por costumbre amparar y defender contra qual quiera los que se acuestan y encomiendan a ellos, y los clerigos por paresco o por otra a- mistad se encomendará a ellos, no aura poder de obispo, ni de Perlado que pueda preualecer contra los clerigos, de donde causaran, crismas falsos do- ctrinas, y muchos inconuenientes.

Concordaron todos.

Estas y otras razones haze esta determinacion peligrosa, de todo esto como no sea posible de dexar de hazer clerigos naturales con el tiempo, concluye- ron todos q era bien vi disponiedo los que se offreçiese q podria despues salir para clerigos, pues no se podia de otras manera conuertir Jappo ni sustentar tanta xpiandad, como se vá haziendo, y por la diuissidad de la lengua, por mucho que se trabaje empeçando dende agora, han de passar por lo menos dies años, antes que algun Jappon llegue a saber tanto q pueda ser clerigo, pareçio que se fuesse disponiendo desde agora los q se ofreciessen.

En esto tambien concordaron todos, aung los padres fra- cisco cabral, figueredo, y gon- çalo rebolo no se de- supieron determinar.

Asi mesmo parecio a todos que quando fuesse tiempo de ordenar los Jappones clerigos, fuesse governador por algun tiempo de los nuestros, dando su san- tidad al superior de Jappon autoridad y facultad de poder como su Nuncio prouer y governar los clerigos Jappones como mejor supo diesse, hasta que el

****Marginalia (right side):****

415

4.º pun-
to. p. nos-
tros

37

125

37tiempo y la experiencia mostrara que era bien Sarzirse d'esto, o esco- giendo algunos delos naturales entre los mesmos clerigos, o embiandose al- guno s'bispo extranjero, porq en este negocio es necessario procederse con

mucho tiempo, y para q esto se haga asi se offrece las seguites razones. La 1.a por que gouernando todo esto el superior de Jappon, allende que enor- denarlos tendra mucho miramieto à diuersas congnecturas razones, no que- dando ellos libres sino como coadjutores delos padres, y de baxo del mado dellos por algun tiempo, sera mas facil conseruarlos, y baxo de mu- cho peligro y experiencia. La 2.a razon es por que como toda esta xptia- dad sea hecha por los mesmos padres de la Compañia, entre los quales ha mu- chos hermanos, y tambien aura con el tiempo padres Japones, claro esta q el superior de Jappon tendra con los Reyes y señores Xpianos, y co la misma Xpiandad mas autoridad y poder que algunos estos clerigos, por lo qual no podra ellos facilmente huыр de su correccion, por do como los padres tendran poder y estaran en todas las partes adocha Xpianos, no se podran los clerigos ni con fuerças, ni co falsa doctrina facil mte ualer contra ellos.

Pregunta. 4.a

Si es bien dilatar quanto se podiere la con- uersion, o procurar primero de doctrinar la Xpiandad q esta hecha.

Acerca desta question se offrecieron por una parte y por otra muchas razones, por que para se dilatar quanto se podiere se offrecian las seguien- tes. La 1.a por que aun que los que se conuierte no se podiesse bien cul- tinar ni doctrinar por falta de obreros, todauia mejor es q los prouin- cias se hagan Xpianos que no es quedar gentiles. Lo 1.o por que aunque los Xpianos fuesse flacos, tendran todauia siempre muchas ayudas, y podra aun puestos en el passo de la muerte buscar remedio y Sallar su saluacion, lo qual no puede hazer los gentiles q biue ciegos y sin padres q les pueda dar remedio. Lo 2.o porq aunque no se pueda bien cultiuar, todos siempre fale'e'te

48dellos muchos que son buenos Xpianos, por ser hombres de tanto entendimieto, y pudiesse esperar con razon q criandose obreros delos naturales mesmos, aura despues comodidad para los cultiuar. Lo. 3°. porque quando no se hiciesse otra cosa alo menos se salua todos los que mueren niños, los quales se perderian moriendo gentiles. Lo. 4°. porque se quita la ydolatria con las abominaciões y peccados enormes q uan ayuntados aella, lo que no es pequeño fruto, aunq no se hiziesse otro dar saundolos Xpianos.

(a 2ª. razon es, porque la Xpiandad que es hecha, no se puede bien conseruar, ni cultiuar sino yr passando adelante en la conuersion, porque siendo los Xpianos pocos y biuiendo de mezcla con los gentiles, biue siempre comuchos estoruos, y peligros, y con poca reputacion y credito, lo qual quita ellos el heruor, y a nuestra religion y ley la autoridad, sin la qual no se les puede dar los reme- dios necessarios.

(a 3ª. rason es, porque creciendo la Xpiandad, aunq parece q crece tambien la carga y el gasto ala Compañia, todauia se puede con razon esperar q con el tiempo se sigua desto mesmo, aliuió y remedio alos nuestros, porq siendo los Xpianos muchos y poderosos, daran sin duda ayuda y renta ala co- pañia, assi como la dieron alos bonzos, lo qual no puede hazer agora por ser los Xpianos pocos, esparsidos y pobres, y assi mesmo creciendo la

autoridad y poder delos Xpianos se haran clerigos muchos dellos, y ayu-
daran y descargarán mucho la nuestra Compañia, por do se figura para
el gasto, y para la carga remedio.

(a 4ª. razon es, porque dexar de proseguir la conuersion del Jappon por temor
delos gastos, y por desconfiança que faltaran obreros, parece q es des co-
fiar de la diuina prouidencia, y querer meterle taça midiendo su infinito
poder y sabiduria con la medida de nuestro flaco y pequeño entendimie-
to.

(a 5ª. rason es, porque uemos por experiencia q assi como ua la Xpiandad
creciendo, assi ua tomando mas fuerça la religion creciendo la reputacion
de nuestra ley, y en los Xpianos el seruor, y tambien ua creciendo los
obreros entrando muchos dellos en la religion, lo qual todo se puede con razon
esperar q yra en lo adelante mejor. Por la parte contraria que persuade parecer mejor culthuar lo q
esta hecho,
antes de tomar nuevas empresas, se offrece las razones siguientes. La 1a. por
que con la falta delos sugetos quanto mas crece la Xpiandad, mas se a
crescia la carga a Compania, y queda con mas peligro de se perder,
porque queda los sugetos della mas esparzidos, y de frugidos sin
poder acudir a tantas partes, valerse delos que tiene, aunque no fuesse tan suffi-
cientes, por do le puede acontecer muchos desastres. La 2a. porque como se
ha dicho quanto la Xpiandad mas crece, tanto crece los gastos q se haze con
ella, y como Sasta agra la Compania no tenga ninguna renta, ni por agra
esperanca de poderla tener en Jappon, corre peligro de faltarle esse poco cabi-
dal, y dar con todo en tierra sin remedio. La 3a. es, porq quanto mas crecelos
Xpianos, menos se puede a ordinar a culthuarlos con los deudos medios delos
sacramentos y doctrina, y parece contra la razon, y contra la honra
na y religion Xpiana, saser los Xpianos para los de oxar despues, biuir
y morir como gentiles. La 4a. porq parece mas prudencia conquistar poco
tanto de tierra quanto hombre puede conseruar, y no ir conquistando ma-
res y montes padeciendo muchos gastos y trabajos, y quedando despues
sin nada, por no tener poder de conseruarlo. --

Estas y otras razones, que por una y otra parte se offrecieron, fueron bie
disputados y considerados, y final mente todos concluyeron que las pri-
meras eran mas verdaderas, y efficaces, y por esso siempre y se offreciesse
occassion de dilatar la Xpiandad en diversos Reynos no se perdiesse,
mas antes se procurasse de encender el fuego de Dios en todo Jappon.
confiando en su divina providencia que dara modo para se poder con-
seruar, como lo dyo entre los Xitas, y otras naciones barbaras, y los
santos Apostoles, y discipulos de Xpo Nro señor conuertieron, por
que de una gente tan capas, y prudente, y tan deseosa desu saluacion, y
sugeta a la razon como son los Jappones, se puede facil mente y con ra-
zon todo esso esperar. --

Pregunta. 5a.

Si se deuen hazer Seminarios delos nales
lappones. --

[marginalia]
concordar final mete

todos e esta qnestion.

49 Para tratar de los remedios verdaderos que se pueden dar al Jappon. Despues de auer tratado de los apostatas. el primero que se offrecio es de hazer semina= rios de los Jappones. y que ellos aprendiessen buenas costumbres y letras, para nos poder ayudar haziendolos clerigos con el tiempo. Acerca de lo qual a= unque en una 603 concluyeron todos, q este era unico y verdadero remedio, para la conuersion y conseruacion de Jappon, todauia se trataron y dispu= taron acerca de algunos puntos. El primero fue si los dichos semina= rios se auian de hazer de niños, o de grandes, y aun que en el principio uuo diuersas opiniones, aunos pareciendo que se hiziessen solos de grandes, y aotros de pequeños, toda uia final mente todos concordaron en la misma opinion, q el principal cabdal se auia de hazer recebiendo moços pequeños, mas q de esto offreciendosse algunos de los grandes que fuessen para esto tambien se recebi= ssen, y esto por las razones siguientes razones. La 1a. porque estos seminarios se han de hazer para q los que en ellos se criare aprendan buenas costumbres y letras, y nos pueda con el tiempo ayudar, y para lo uno y para lo otro son mas aptos los pequeños, porque quato al primero como ellos no esta hecho callo en los vicios como suelen hazer los grandes, se pueden doblar mejor, y lleuarlos en la virtud y buenas costumbres por donde quisiere, y quato al segundo como tengan menos edad, terna mas tiempo, y seran mucho mas aptos para fundarse en las letras, y poder empezar aaprehender desde los primeros elementos. La 2a. razon es, porque destos moços pe= queños se hallara facil mente buena copia especial mente auiedo de ser honrrados y nobles dela manera que conuiene, y de los grandes se hallaran muy pocos que sea aptos y quiera entrar a biuir en los seminarios, por lo como se ha dicho el principal cabdal se a de hazer en los pequeños, mas con todo esso offreciendosse algunos aptos de los grandes, es bien q se reciban porque aunq no pudiesen aprender letras, nos puede muy de priessa ayu= dar, en catechisar, y en otros ministerios, y se crian mas facil mete, y co poco gasto.

El 2º. punto fue, se en los seminarios se auian de recibir solos niños rapa= dos, y determinados de biuir en la yglesia, o tambien se auian de recibir ni= ños con cabellos. Acerca de lo qual concordaron todos que pa agora los semi= narios se hiziesse de rapados, y solos estos se recibiesse en ellos, por las

****Marginalia:****

****Left margin, top:****

Concordaron todos.

****Left margin, middle:****

En esto tambie final mete concordaron todos.

****Left margin, bottom:****

Concordaron todos. siguientes rasones. La 1a porque estos seminarios principal mte se hazen para se proueir Jappon de obreros y para nos ayudar, y des cargar de el traba jo y los niños q trahen cabello, no haze profession deser de la yglesia, mas pto de aprender mientras niños, y despues boluerse asus casas, y los rapados al contrario ya son de terminados para la yglesia. La 2a rason,

porque como los de cabellos no son deseredados de las honrras y regalos de sus padres, fuera neçesario criarlos con muchos mimos, y por muchas vezes asus casas, con lo qual ellos se aprouecharian poco, y co
j exemplo dañaria los niños rapados biuiendo con ellos.

Con todo esto concluyeron tambien q si la Compañia con el tiempo tuuiesse comodidad de obreros, y de renta para hazer otros seminarios de cabello distintos y apartados de los seminarios de los rapados fuera cosa muy buena y conueniente por las siguientes razones. La primera paq desta manera los principales señores darian sus hijos para biuir en estos seminarios, los quales como se acostumbran criar en sus casas co muchos vicios y regalos, importaria mucho al bien de la xpiandad y de sus tierras q se criasen dende niños en el temor de Dios y en las buenas costumbres, para despues de grandes ser buenos y gouernar bien sus tierras. La 2a rason paq desta manera los padres de los niños tomarian mas amor ala Compañia y se harian mas familiares, y los niños embeueria con el leche el amor, respeto y obediencia alos padres, lo qual todo ayudaria mucho despues q fueren grandes para gouernar sus estados. La 3a rason, porque aun en las partes de Europa toma la Compañia el assumpto de niños semejantes, auiendo alla tantas comodidades para sere criados y enseñados bien para otros, quanto mas deuíamos pudiendo hazer esto en Jappon, ado los niños se crian tan malo y no tiene ningun otro enseño, ni remedio sino es lo q la compañía le puede dar.

El 3. punto fue acerca de las letras que se auian de enseñar alos q se criaran en estos seminarios. Acerca del qual aunq en el principio aunos parecio q no se deuián enseñar mas q latin y casos, sin los meter en otras sciencias mas altas pareciendoles in conueniente meterlos en questiones difficiles y arduas siendo aun tan flacos y nuevos en la fee, todauia despues conuinieron todos

(Concordaron todos.

(en esto tambien final mte
concordaro todos

50en la segunda opinion que se enseñasse latin, y despues acada uno los oficios de que fuesse capaz, y que el tiempo y la esperiencia mostrasse que se les Suuiesse de enseñar, con tal q assi el latin, como todo lo de mas seles enseñasse en libros buenos y apurados, y de ninguna manera seles enseñasse las diuersidades de opiniones que ha entre los doctores, ni los controuersios y errores de los herejes, mas se hisiesse compendios distintos y claros delas verdades comunes y recibidas, fundadolos bien en sus razones, y el tiempo daria a entender quando se aura de hazer todo esso.

Pregunta. 6.a

Si conuiene al bien dela Compañia hazer Jappon
prouincia apartada de la yndia, o alo menos
un vice Prouincial de Jappon.

Acerca desta question se trataron tres puntos. el 1.o si era bien hazierse Jappon prouincia del todo apartada dela yndia, y de pendiente al padre

General. Acerca del qual huuo dos opiniones. La 1.a affirmatiua pareciendo esto del todo necessario por las siguientes razones. La 1.a porq Jappon es una prouincia grandissima que contiene en si sesenta y seis Reynos, y la compaña esta derramada en diuersas partes del, y cada dia se ua mas estendiendo, y como esta mil y quinientos leguas o poco menos apartada dela yndia, no se podra nunca bien gouernar sino se hisiere prouincia. La 2.a razon es, porque los vssos de Jappon son del todo differentes y estraños alos de yndia por muchas calidades y costumbres que son particulares de Jappon, no se puede en ninguna manera entender en la yndia, y como los negocios y cosas dela Compañia en esta tierra sea de tan grande pezo, no puede ser gouernados por el Prouincial de la yndia y su consulta, que ni les puede entender, ni tener dellos ninguna experiencia, y por esso para q no se causen muchos y graues desordenes, es bien que se haga prouincia apartada, y se gouierne por su prouincial y consulta q este in facto y tengan desta tierra experiencia. La 3.a razon porque el superior q tuuiere de gouernar Jappon, no ade ser en ninguna cosa inferior al Prouincial de la yndia, assi en las virtudes como en la prudencia y en las letras, mas antes

****Marginalia (left):****

desta opinion fueron
los nuestros y vno.

****Marginalia (right):****

vide tract.

Japon c.25

et 2.o cong.

India art. 4en muchos casos le auia de lleuar uataje, como al que en tierra de gentiles no solo gouierna la Compañia mas toda esta nueva yglesia q tiene ep si tras dificultades. y por esto son necesarios muchos mas partes, especial mente un coraçon muy grande y esforçado, y muy buena disposicion corporal, y casi lo mismo en su proporcion a de ser en los otros superiores uniuersales del Jappon, y porque de semejantes hombres se hallan en la yndia muy pocos, y si algun se hallar lo quiere el Prouincial en su prouincia, por las muchas necessidades que ay tambien ahy de hombres semejantes, se seguira siempre auer mucha falta en la calidad de los que en esta prouincia gouernare, si in mediatemente no fuere embiado del padre General. La 4a razon es por que Jappon no puede en ninguna manera ser bien gouernado sino es por personas que sepan la lengua, y tengan experiencia de las costumbres y calidades desta tierra, lo qual todo no se puede aprender sino es con mucho t[iem]po, por lo qual es necesario criarse aquy mesmo sugetos que sean para logouernar, y como estos ajan de ser de tantas partes, ni Jappon los terna nunca, ni el padre Prouincial de la yndia los podra dar si no fuere embiados del padre General in mediatemente. La 5a. es, porq Jappon es prouincia nueva que tiene cada dia mil mudanças, y la Compa con sus collegios y casas se a de nuevo hazi[en]do y acrecentando, asi como sera dilatando la xpiandad, y el principal fundam[en]to q se a de hazer es en los mismos Jappones que se han de recibir a la Compañia, y para todo esto es necesario q aja en Jappon prouincial q sepa y pueda dar a todos estos y otros casos que de nuevo se offrece expediente.

(a. 2a. opinion fue contraria, que de ninguna manera se hiziesse por agora prouincia del todo aparta de la yndia, por las siguientes razones. La 1a. porq Jappon esta muy lexos de Roma, y por esto no siendo el sup[er]ior de Jappon subordinado al prouincial de la yndia, y no se teniendo otro re: curso sino es a Roma, se puede causar muy grandes desordenes y in conuenietes sin poder acudir de priessa con remedio. La 2a razon porque Jappon hasta agora no tiene ninguna rais ni fundam[en]to de renta con que se pueda sustentar, sino es con ese poco que se saca cada año del trato de la se: da y es cosa poca, muy peligrosa y incierta, por donde tratar de hazer Jappon

[marginalia]

Desta opinion c[on]traria
fueron cinco p[adr]es. f. los
padres orgatino, Josef.
Antonio lopes Bastian
gonzales, y Miguel vaz

51prouincia apartada, parece q es cosa de niêro, y sin ningun fundamento, y q quedaria ella co todos sus cosas, y collegios fundada enlo ayre. Las pagas muchas cosas depêde su proueymiêto dela yndia, y de especial mête quâto alos fujetos, los quales siendo prouincia apartada nunca embiaran dela yndia sino los peyores, por mucho que nuestro padre encomendase al puincial de la yndia, y si nuestro padre los huviessse de embiar todos in mediatamête Dirigidos de Europa aJappon, allende de ser cosa difficul, y de gasto muy grande por estar tan lexos, no sera cosa muy segura para Jappon, por q en Europa no se conocê tan facil mente los que puede ser (aquy buenos, y en estas partes se hallan muy grandes mudancas enlos fujetos, por do nos po driamos enchir degente de poco prouecho, y que nos diesse mucho ê que en: tender lo que para esta tierra, nueua, y de tan pocas ayudas, fuera muy grande inconueniecia, y por esso parece bien que los que han de uenir deJap pon den prueua desi enla yndia antes que uengan.

Concordaron todos.

El 2º punto fue, si alo menos era bien q Jappon se hiziesse vice prouin: cia, teniendo su prouincial conla autoridad y facultad necesaria fubordi: nado todauia al padre Prouincial dela yndia, y todos concordaron que alo menos esto era necesario por las razones que se apuntaron para se hazer del todo prouincia apartada.

El 3º punto fue si este Prouincial, o vice prouincial aura tambien de tener la super intendencia de Maluco, Malaca, y dela China, o se auia de quedar con Jappon del todo apartado dellos. Y quanto alo que toca a Maluco Conuenieron todos, que en ningun modo se podia ayuntar co Jappon, prq por la mucha distancia no se puede en ninguna manera ni visitar, ni gouernar, ni prouir por el superior deJappon. Concordaron tambien que por agora la China era necesario q se juntase conjunta aJappon, assi prq esta muy cerca, y se puede visitar y gouer nar de vice prouincial facil mête, como tambien prq todo el modo de la sustentacion del Jappon depende dela China, y aella paran por mucho tiempo los que em bian aordenar, y los q uienê aJappon, y es bien q sea

Jappon un lugar de recogimiêto entre los portugueses, adonde se puedan

Concordaron todos. Fornar a embiar, y de tener los que la experiencia mostrar que no son para Jappon.

Quanto alo que toca a Malaca, primero parecia a algunos q se incluyes se, y ajuntasse a Jappon, especialmte quando se hiziesse alli Collegio grande, y las naos de Portugal veniessen a Malaca derecho, porque entonces tornaria esto muy bien para Jappon, mas final mente conuenio ron todos, q por agora se ajuntasse la China y Jappon y Malaca y Maluco quedasse como primero.

Pregunta. 7a

Del gouierno de Jappon en comun, y del modo en que se ha de ordenar, especial mente quato alos Superiores.

Porquato hasta agora Jappon no estaua ordenado y asentado dela ma: nera que conuiena para se poder con mas fructo y seguridad delos nuestros hermanos gouernar, se propuso esta question tocante a su gouierno, acerca de la qual se trataron diuersos puntos. lo 1o fue acerca dela reparticion de Jappon, y delos superiores que parecian necessarios para se poder bien gouernar, y conuinieron todos que se diuidisse en tres partes, conuiene a saber de Ximo, de Bungo y de Meaco, por estar entre si apartados, y ternos en ellos todos los nuestros y la major fuerça dela Xpiandad y que en cada una dellas huuiesse un superior uniuersal que tuuiesse cuy: dado dela conuersion y conseruacion delos Xpianos con la superin: tendencia de todas las cosas y residencias delos nuestros, y sobre estos tres fuesse el vice prouincial uniuersal de Jappon con la super in: tendencia uniuersal, y esto por las siguientes razones. la 1a porq cada una destas partes ha muchas residencias de los nuestros, y como ay entre todas ellas conuersion, cada dia se iran las casas de la Xpiandad acrecentando, y como estas partes estan lexos la una dela otra, y

en esto tambien finalmte concordaron todos.

52 distinctas de Reynos y señorios gentiles, y el viçe provincial no puede acudir quando conuiene ni estar en todos, es neçesario que en cada una dellas aya quien tenga lo a sumpto universal de la conuersion y gouierno de los Christianos y de los nuestros. La 2ª razon es por las continuas guerras y otras desenquietaciones q' de en todos ellos ocurre, acada passo de repente diuersos negoçios, graues y importantes al bien de la Compañia, y de la Christiandad y conuersion, los quales no suffren dilacion, y pagdo es neçesario q' ayan siempre superiores que tengan facultad para proueerlos. La 3ª razon es, porque Jappon es prouincia muy grande, y el superior uniuersal no la puede visitar quando quiere por diuersos impedimetos y negoçios q' se curre, y no es poco si la pudiere visitar todo en termo de tres o de quatro años, y por esto es neçesario q' aya en cada parte quien visite cada año y entre el año quando conuiene las residencias todas.

Pareçio assi mesmo a todos q' cada uno destos tres superiores se diesse cada año un tanto de rendendo, conforme 'alo que puede dar de si Jappon, con el q' sustentar las casas y residencias de aquellas partes, y suplir como mejor se pudiesse a los gastos ordinarios y extraordinarios q' ocurre en los casos en que se effrecē su facultad, sin tener ni ellos ni los particulares neçesidad de pbir acada paño lo neçesario al superior uniuersal de Jappon: y esto por las siguientes razones. La 1^a porque de otra manera ni los negoçios ternia buen despacho, ni los residencias lo neçesario, ni el superior es que acudir. La 2^a por des cargar el superior de Jappon, el qual no hara poco si terna tiempo para acudir al gouierno uniuersal, sin tomar el a sumpto del particular de las cosas. La 3^a para q' no aya siempre d frustes y mala satisfacion entre el viçe prouincial y estos superiores uniuersales, el uno diziendo que gasto mucho, y los otros que les dan poco. ~

El 2º punto fue, si era bien assi mesmo señalar acada casa y residencia un tanto cada año, o correr como hasta agora dando el sup.or acada una lo que es neçesario cõforme alo que pedieren y huuiere menester. Acerca delo qual huuo dos opiniones. La 1^a q' era bien darse acada casa una cierta cantidad determinada, por las siguientes razones. La 1^a porq' Jappõ

[marginalia]

Destas. 2. opiniones fueron de los seis. p.s la 1^a fueron tres delos seis. el p.e Cabral, gaspar coello, luis frois, los p.es mexias, figueira, y pero ramon. De los p.es Anto- nino, laguna, ceñar, carrio, Mira, Miguel Vaz, lucena,

luis dalmeida y Julio.hiene poco, y desta manera se encontrara el gasto mucho, porque con tidad cierta cada un se moderara lo mejor que puidere, y no seran como agua q gastando dela bolsa comun son mas largos degastar. La 2a. razon es porque desta manera ni los superiores que estan en las residencias se pueden es tentar, ni los superiores uniuersales le pueden ir tanto ala mano en el gasto. y se da ocasion que aya entre ellos contrastes acerca del prouey: miento y del gasto, y se cause muchas ueses desgustos y enfadamientos, lo q' se euita dando acada residencia un tanto determinado para su gasto.

La 2a. opinion fue al contrario que fuesse las residencias proueydas por los superiores conforme alo que pedisse para sus gastos por las siguientes ra: zones. La 1a. porque este modo parecia mas seguro, y mas conforme ala pobreza y nuestro modo de proceder, y el otro parece que haze los padres en una cierta manera propietarios. La 2a. razon es, porque como los padres tiene diuersas inclinaciones, puede ser que los unos se hagan de: masiado escaços, y los otros demasiado solictos en procurar desus deudos lo neçessario, y que en otros se esfrie la charidad con los huespedes quando los padres y hermanos passan por sus residencias yendo de una parte a otra. La 3a. razon es, porque Jappon no tiene renta cierta, y las ganancias dela seda son inciertas y peligrosas, y por esso no parece conueniente ta: carse cantidad determinada, pa que despues de taçada una ues, aunq no ayan ganancias y se pierda mucho del cabdal, siempre los padres pue:

darán por su faca, y no podrá el superior moderar los gastos conforme a la ganancia y prenda que huviere.

El 3. punto fue acerca de la facultad que se debía de dar tanto al superior de Jappon como a los otros tres de las tres partes. Acerca de lo qual pareció a todos que por quanto en Jappon ni la Copiandad, ni las cosas de la Compañía están aun bien asentadas, y cada día acontece casos repentinos y nuevos, es necesario que los dichos superiores tengan muy diferentes facultades de las que se concede en otras partes, especialmente al superior universal de Jappon, mas quales y quantos debe de ser sus facultades, se remetieron a la determinación del padre visitador, y solo se ofreció dificultad si el superior universal de Jappon debía de tener la facultad, o no,

[marginalia, right]
Esta contraria fueron
los Ches. f. Antonio lopez,
Juan baptista, ambos los
Baltasar lopes, Gasprion
gonçales, Josef, Aries
sanches, Alonço gonçales,
christoual de lelón, y on:
gantino.

[marginalia, right]
Concordaron todos

53 de mudar estos tres superiores, acerca de la qual fueron dos opiniones. la primera que la mudança destes se refiriese al padre Prouincial por las siguientes razones. La 1a. paque conforme a la costumbre de la Compañía en la mudança de los rethores quedaua referuada al padre General. y como estos sean aun superiores de los rethores, parece que mucho menos se debe la mudança dellos dexar al superior de Jappon. La 2a. razon es, porq como Jappon está tan lexos del Prouincial, si quedare el superior del tan absoluto que pueda mudar a todos a su modo, se puede causar muchos inconuenientes, no le pudiendo ningun ir a la mano, y estando estos superiores dependido del prouincial parece que será el gouerno de Jappon mas seguro.~

la 2a. opinion fue contraria que se dexasse al superior de Jappon aun esta dificultad de los mudar por las siguientes razones. La 1a. paque estado Jappon tan lexos del Prouincial, y no los pudiendo el vice Prouincial visitar, se puede causar muchos inconuenientes, y assi como por la distancia concede nuestro padre al Prouincial de la yndia estas y otras facultades que no concede a los otros Prouinciales, assi por la misma razon parece que se debe conceder al superior de Jappon. La 2a. razon es, paque con esto terna el superior para con sus subditos mayor autoridad, y quanto esta fuere mayor gouernara mejor.~

El 4o. punto fue se conuenia auer tiempo de terminado en la mudança de los superiores. Acerca de lo qual concluyeron todos que parecia cosa muy importante mudarse los superiores de tiempo en tiempo por todas aquellas

razones que mouieron assi la nuestra como las mas religiones aordenar q los Prouinciales, y rectores se mudasse, mas por quanto este gouierno de Jappon es muy diferente de los otros por la diuersidad de los negocios dif=ferēcia de lengua, costumbres, y calidades de la tierra, por do es necessario en los q gouiernan inteligencia, y experiencia de la tierra como se ha dicho allen de de la prudēcia y uniuersal, por esto es necessario procederse en la mu=dança destos superiores con mucho tiento, mas auiedo sujetos aptos para esto, parecio que el superior de Jappon por lo menos gouernasse cinco o seis años procuradosse q quado se pudiere que no se haga ninguno su=perior de Jappon sin tener primero alguna experiencia del, porq por todos

****Marginalia:****

Left margin, top:

Desta 1a. opiniõ fuerõ
los p.es Cosme de torganes,
Ano. Figueredo, Josef
Antonio, Cagunal y
Pero ramõs

Left margin, middle:

Desta contraria fuerõ
todos los de mas.

Left margin, bottom:

Concordaron todos.las calidades ya dichas, no parecia conueniente mudarse en mas breue tiempo, y quanto alos tres superiores unos dixeron q durasse cinco o seis años, y otros que se mudasse de tres en tres años por la regla delos rectores.~

El 5.º punto fue si los padres delas residencias particulares se deuia de la misma manera mudar de tiempo en tiempo, sobre lo qual huuu tambien dos opiniones. La 1.ª que ellos comunmente se mudasse de tres en tres años por las siguientes razones. La 1.ª porque estando arraygados por mucho tiempo en las mismas residencias, se hazen en una cierta manera como propietarios, y pierden muchas vezes la diligencia y solicitud de trabajar y ayudar las almas como hombres aposentados, lo qual ni para ellos, ni para sus ouejas es expediente.

La 2.ª opinion fue que no era bien sin causa particular mudarse de tres en tres años, porque aunq esto fuesse bien para los padres, era muy grande estorno para lo que pretende la Compañia en Jappon de doctrinar y ayudar las almas, porque como la conuersion seua cada dia haziendo, y la xpian=dad es inculta y nueua, escaça mente podra un padre en tres años conocer quanto menos aprouechar sus feligreses, y tirarlos quando ya los conoce y son conocidos dellos, en el tiempo q empieza a sacar fruto, poniendo a hi otro padre q por ventura no los conoce, y se torna quisa otro modo de proceder; es grandissimo y euidente estorno para lo que se pretende, y causara muchas vezes mucha trista y disgustos en los Joppones de aquellas residencias.

Pregunta. 7.^a

Si es bien hazer en Jappon algunas casas en las quales los nuestros biuan juntos amañera de Collegio.~

Acerca desto se trataron algunos puntos. El primero en q conuinieron todos fue, que esto era tan necessario que no se podia en ninguna manera

[Marginalia, right side]

En esto los padres Luis frois, Thoma, Sebastian gonzales, carrion, Josef, dixeran q gouernasse de este tiempo como el superior de Jappon, los otros dos que se mudasse de tres en tres años.~

Desta 1.^a fueron los padres y nueue.~

Desta edtraria fueron los siete. s. los padres figueido, organtino, Luis frois, Antonino, Pero ramon, Josef, y gregorio de cespedes.

Concordant todos

54sustentar Jappon sin este remedio, y que por esso se hiziesse alo menos has quanto mas de priesa se pudiesse, conuiene asaber una en las partes de Ximo, y otra en Bungo, y otra en las partes de Meaco; affiporase fortificar aquellas partes con los sujetos, y obreros necessarios, y auer adonde las residencias se pueden recoger quando conuiene; como ca bien para se podiere hazer las mas cosas que la Compania pretende d'aqllas partes.

Concordaro Ldos.

El 2º punto fue en que tambien conuenieron todos que para bien de la compania y remedio de Jappon era necessario instituyrse en Jappo[n] semy=nario en que los que uernia denueuo aprenden los costumbres y lengua, y nouiciado en que se enseñen y prueuen los que en la Compania se reciben, y collegio en que se estudie las sciencias necessarias, paque por diuersas razones que son claras a todos se entiende que todo esto es necessario. Co[n]uenieron tambien que todos estos exercicios no se podian, ni deuian de hazer en una casa sola, mas que era necessario hazerse en diuersos lugares por los siguientes razones. La 1ª paque estos exercicios son de he si muy diuersos y diferentes, y que no se compadece juntamente en una casa sola. La 2ª razon es, paque affi por respecto delas guerras, y co[n]tinuas mudanças, como por otros respetos, no se puede en un lugar tener tanta gente de la Compania junta, ni hazer fabricas tan grandes como

fuera necessario hazer para tanta gente. La 3ª porq se a de suplir a todas las partes lo que no se puede hazer, haziendose en un mismo lugar todos estos ministerios, paque para los hazer bien todos, son necessarios muchos obreros, y desta manera casi toda la Compania quedaria en un lugar junto, quedando desamparadas las otras partes. La 4ª razon porq auindose de hazer casa en q se biua con recogimiento como se ha dicho en todas las tres partes, parece que se haran comodamete reparti-do en cada una dellos estos ministerios.

Concordaron Ldos.

El 3º punto fue acerca de los Lugares particulares, y quanto alo que que toca al nouiciado parecia a todos que se hiziesse en Bungo por las siguientes razones. La 1ª porque el Reyno de Bungo esta en el medio de las partes de Ximo, y de Meaco, por do co mas comodidad se puede embiar los sujetos portugueses, y Jappones q se han de recibir destas partes.

La 2ª La 2ª porque las partes de Ximo y de Meaco cadadia se perturban con guerras, y bungo es Reyno mas seguro por ser fuerte y de un Rey solo, y metido en el medio de otros Reynos que son del mis-mo Rey, por do estara el noviciado mas seguro en Bungo. La 3ª razon porque por estar Bungo en el medio y ser possaje delos nuestros que uan y uienen delas partes de Ximo a Meaco, parece conueniente que el su-perior del Jappon resida en Bungo la mayor parte del tiempo, y siendolo la institucion delos nouiçios cosa tan importante, forna muy bien estar el nouiciado adonde residir el superior mas comunmente. La 4ª razon, porq ya el rey uiejo del Bungo es Xpiano, y dandole nuestro señor algunos años de uida, sehara en el grande conuersion, como uemos que se ua cada hora haziendo, por do parece que los nuestros estaran mas seguros, y haran en este Reyno muy gran prouecho, y tambien se cumplra con el rey, a quien se deue tener mucho respecto, assi por la calidad de su persona, como por lo mucho que aun siendo gentil por nos hene hecho.

Quanto al collegio en que ayan de estudiar los nuestros, huuo dos opinio[nes] la 1ª que se hiziesse en el mismo Reyno de Bungo, en la ciudad de funay que esta seis leguas dela fortaleza de vsughy; adonde parecia bien a todos hazerse el noviciado, y esto por las siguientes razones. La 1ª porque comunmente los que estudian, an de ser los que salen del noviciado, y pues el noviciado esta en Bungo, ahi tambien deue estar el Collegio, porque hi-ziendose en otras partes se an de pasar por otros de gentiles y de muchos peligros distracciones, y incomodidades y gastos, los cuales todos se deue y pueden es-cusar, estando tambien el Collegio en Bungo. La 2ª razon porq como ordinariamente los que estudian son mancebos, ayudara mucho para el prouecho y buen gouierno dellos, estar el collegio no muy lexos del noui-ciado, assi porq con el exemplo y servir delos nouicios ellos se calientan, como tambien porque en el tiempo delos uacaciones, y en otros tiempos se puede recoger en el noviciado a hazer los exercicios y otras mortificaciones, conforme a lo que pareciere que a cada un conuiene. La 3ª razon, porque es-tando Bungo en el medio, y auiendo como se ha dicho de estar ahy el sup.or del Jappon el mas del tiempo, forna muy bien que esten la mayor parte delos nuestros Hermanos, assi para su prouecho y buen gouierno, como porque con

[marginalia]

Desta 1ª fueron los

diez y nueue, acrecen-
tando la auria y pudien-
dose se hiziesse otro colle-
gio en Meaco

55mas comodidad y priessa, puede el superior hazer sus missiones, y acudir a todas las partes, quanto mas que con esto no se quita hazerse con el tiempo otros collegios en las partes de Meaco, y de Ximo.-

La 2ª opinion fue, que este primero collegio se hiziesse en las partes de Meaco por las siguientes razones. La 1ª. por que la corte principal y la flor de toda la nobleza de Jappon y la reputacion de todos los otros señores, esta en aquellas partes, y por esto conuiene que tambien la Compañia meta ahý su principal cabdal, y pues la Xpiandad va creciendo mucho en aq[ue]llas partes, y Nobunaga que es el mayor señor de Jappon con sus hijos nos fauoreçe esta en ninguna parte estara este collegio mejor q[ue] ahi. La 2ª. razon porque en aquellas partes ay diuersos señores y muchos Reynados, y la tierra es mas larga, y mas rica, y abastada que no es en Bungo, o en otra parte, y por esto mas reputacion es para la Compañia, y Xpiandad de Jappon, hazerse collegio ahi que en otras partes, y ahi se hara mayor fruto, y podra cõ el t[iem]po tener mas remedio, assi quãto a la sustentacion temporal, como en los gueros y trabajos que se aleuantan por auer ahi como se ha dicho muchos señores y diuersos Reynos, que haziendose Xpianos daran a la Compañia ayuda y remedio. La 3ª. razon, porque la Xpiandad de aquellas partes es muy mejor que toda la otra de Jappon, assi por ser la gente mas noble y mas capas, como porque estan mas de parte de pretender de nosotros intereses, como pretiẽden los señores de Ximo, y aun de Bungo por respecto de los naues, pues como en tierra en que se puede sacar mayor fruto se deue la Compañia mas dilatar y fundar.-

Con esto parecio a todos que no es cuzana auer en todas las tres partes algũa manera de estudio por las siguientes razones. La 1ª. porque por las razones que se han dicho parece conuenier que en todas estas tres partes se tenga casa en que biuã los padres y hermanos y juntos, los quales todos querrados los nouicios, parece que an de tener alguna manera de estudios. La 2ª. porque cõ el tiempo parece que aura seminario de los naturales en todas estas tres partes, y como estos san de aprender, parece necessario que cõ todos ellos aya alguna manera de estudios. La 3ª. razon, porq[ue] conuiene al serui-
cio de N. señor, y credito de su santa ley, alcaçar los de la Compañia en Jappon nombre y reputacion de letrados, y ninguna cosa nos puede dar este

****Marginalia:****

****Left margin, next to line 5:****

Desta 2ª opinion fuero[n]
de p[ar]te. los padres figuei-
redo, organtino, Vilanõ,
Joseph chrion, cespedes,
y miguel vaz.

****Left margin, next to line 41:****

En esto concordarõ todos.ordino como ver y tenemos estudios en todas las partes, y attende desto se podra con el tiempo de abrir escuelas y enseñar algunas letras alos niños y mancebos Jappones.

Quanto al lugar del seminario delos nuestros en que aprendan la lengua, hubo tres opiniones. La 1a. que se hiziesse en las partes de Ximo, y en la ciudad de Omura que esta en las tierras de don Bartholome, por las siguientes razones. La 1a. porque esta lengua no la ha de aprender sino los nuestros que ueniere dela yndia, y por esso no parece que ay lugar mas conueniente que este que es cerca del puerto ado viene la naue para que en poco tiempo luego pueda empear aprender. La 2a. razon, porque los que vienen dela yndia no menos son nuevos en las costumbres que la lengua, y hasta que las aprenda, son tenidos por bisoños y rudes, y por esso no es bien que sean embiados aotras partes antes de aprender las costumbres y la lengua, y admodarse ala vida y modo de proceder del Jappon, y todo esto puede hazer comoda mente ahi cerca de do llega quando viene a Jappon.

La 2a. opinion fue, que se hiziesse en las partes de Meaco, assi por las razones que se dieron tratandose del collegio, como tambien porq la lengua y costumbres de Meaco son en mas estima que la lengua y costumbres de las otras partes, por ser lugar de corte y cabeza de todo Jappon, por do son como reglas en todas las partes, y los que aprendieron en Meaco a-do quiera que uan son en mucha estima, lo que no es en los que aprêden en las partes de Ximo, y de Bungo.

La 3a. opinion fue, q la lengua se avia de aprender en todas las partes, assi porque los portugueses que en Jappon se reciben por nouicios, no pueden estar en este seminario, mas han de ir aprendiendo la lengua en su nouiciado, como tambien porque esta lengua no se acaba de aprender bien ni en dos ni en tres años, por do en todas las partes alas quales fueron embiados los padres y hermanos, han de ir siempre continuado su exercicio de aprender la lengua. En esta opinion conuinieron todos, adq no por esso escusauan hazerse una casa que tenga este exercicio por proprio como se ha dicho los que de nuevo veniere, aprenda por algun tiempo las costumbres y la lengua.

[marginalia, right]
Desta 1a. opinio fuero los siguientes y dos.

Desta 2a. opinion fueron quatro s[cilicet] los padres figueredo, Ramon, Juan baptista, y gonçalo rebell.

En esto concordaron todos. Aunq no se escusa una casa propria para

esto.

56Pregunta. 9.a

Si era bien tener estas residencias como esta con un padre, y uno o dos hermanos solos, o fuera mejor en cada señorío recoger los padres de todos sus residencias en una casa de do fueren uisitado todos los lugares de quel señorío.

[Marginalia, left]
Cerca de esto.

Acerca desta question se trataron dos puntos. el pr^o. en q~ conuenieron todos que en los lugares ado se comêça de nueuo la conuersion, o biue los xpianos de mezcla con muchos gentiles, no se escusa tener y multiplicar residencias de un o dos padres solos por las siguiêtes razones. La 1^a. por que no auiendo ahi padres, no puede ir adelante la conuersion, a tes ay peligro de se esfriare, y boluerse atras los xpiano.s, y para se hazer entre gentiles fructo, es necesario que los padres estén de espacio diuulgando la ley de Dios, y tomando amistad con unos y con otros, y cõforme a las ocasiones que se ofrece, ir dilatando la conuersion. q~ como d'estos lugares no se puede ni conuiene aunq~ se pudiera embiar muchos juntos, es necesario que se hagan estas residencias con un, o dos padres solos. La 2^a razon pa que desta manera, y no de otra se puede ir en cêdiendo el fuego de la ley de Dios en todo Jappon, conuiene a saber embiando a q~ un padre con un hermano, y de alla otro que uayan predicando y manifestando a los gentiles la ley de Dios en todo Jappon, y por que quãdo ellos conuierte~ no es razon de dexarlos desamparados y solos, es necesario hazer y multiplicarse entre ellos estas pequeñas residencias, y por quanto en muchas partes se ua haziendo conuersion, y se halla mucho aparejo para se hazer mucho mayor, estando ahi padres de asiento, parece bien quanto se pudiere se hagan en estas partes las dichas residencias.–

El 2^o punto fue de las residencias que estan en señoríos q~ ya son todos xpianos, como los de Omura, de Arima, de Amacuça, y de otros semejantes que se hallaran en tierras que seran todas xpianas. Acerca de loqual Suuo dos opiniones. La 1^a que tambien en estos señoríos era mejor multiplicar los residencias haziendolas de un padre o dos hermanos por los siguientes razones. La 1^a paque para La Xpiandad es necessaria una continuada doctrina y conversacion de los padres, y se el mudar delos padres delos residencias como ha dicho, es mucho detrimeto del fruto que se saze, quanto quitar los residencias delos padres, y dexar solo que sean uisitados de tiempo en tiempo. La 2^a razon es, porque no estando residentes padres en diversos lugares, morira muchos sin se poder confesar, y muchos niños sin baptismo, y auria mucha falta de doctrina y del uso delos sacrametos, por donde quedara la Xpiandad siempre fria, y mal cultivada. La 3^a razon, pa que una de las cosas con que mas se ediffica esta gente son las cerimonias de nuestros enterramientos, y no resi–

dindo alli padres, muchos no podran ser enterrados por los nuestros. La 4ª razon por que estando los padres todos ayuntados en una casa torna mucho trabajo, y poco fruto, pa que han de vi siempre peregrinado, y lo que haze en quanto estan presentes facil mente se deshara quando se ausen- Las. es porque estos Xpianos son muy pobres comunmente, y por eso es necesario que los padres lleue consigo lo ande comer quando va fuera, ylleuarlo tan lexos, y por mucho tiempo, es mucha incomodidad y trabajo. –

La 2ª opinion fue al contrario, que en los hierros y por todos Xpianos se recogesie los padres destas residencias, y en cada señorío se hiziese una o dos casas, conforme ala cañdad y calidad de la tierra e que estu- biesen

tantos padres y hermanos juntos, quantos bastase para cultivar la Xpiandad, y della fuese visitando y rodeando los lugares asus tiem- pos, y a tiempos bolviendo addescansar y biuir juntos con los otros de- baxo de la obediencia en la dicha casa, y esto por los siguientes razones. La 1ª por la multiplicacion destas pequeñas residencias derrama mas de lo que conviene, y pone mucho peligro la Compañia, paque biue los padres y hermanos por toda la vida en estas residencias sin reglas, y a su liber- tad, delo qual se puede seguir en lo adelante mucho daño y desorden, a- si el cuerpo de la Compañia, como en particular a ellos mismos. La 2ª

[Marginalia, right side]

Desta 1ª opinio fuero
los p.es. Jorge Lopez, Geronimo
Poro ramon, Josef, Cepeda,
carrion, Ysbelo, y Juan lopez.
Desta Antonio Raguel,
Aluarez, y Antonio lopez–

Desta cotraria opinio
fueron quinze. p.e. los padres
Francisco cabral, gaspar
coello, organtino, lorencó
magalhais, luis frois, luis
dalmeida. Aires caldeira,
Bastian gonzales, lucena,
Miguel Vaz, ambrosio
Baltasar lopez, Julio piaé
ni, christoual dleon, y
Alonso gonzalez.

57razon, porque reduziendose en una casa, y usandose la devida diligencia en embiarlos a sus tiempos fiera, parece que aunq se cultivara aun mejor la xpiandad de lo que se haze agora, porque agora cadauno visita sus lugares quando y como quiere sin tener quien le ombre y le toma cuenta desto, y desta otra manera el superior tendra cujdado delos embiar a sus tiempos, si ellos usasse de pereza, y allede desto en estas residencias pequeñas como se hagan casas con Ogicios mocos, y si tenga fante christia, mantenimientos y todas las mas alfajas neceçarias para una casa, crece tantas las ocupa–

ciones, y ay tanto que hazer en ellos, que un padre solo que ahi esta, agora por no dexar la casa sola, agora por otras ocupaciones dexa de visitar frecuente mente los lugares no pudiendo, o pareciendole que no puede co-fa-lo, y estando juntos los visitarian mejor. La 3a. razon porque desta ma-nera la Compania escusara mejor los hijos, y guardara el pprito modo de proceder de su instituto, y aunq no se hiziese con esto en los otros ta-to fructo, mas fuera para estimar lo que se hiziese con la conseruacion de los nuestros, que por intentar de hazer mas de lo que se puede meter la Compania, y a sus hijos en cierto y manifiesto peligro. La 4a. razon por-que con la multiplicacion destas residencias pequeñas se multiplica grade-mente los gastos, a los quales no puede la Compania acudir, y asi mesmo son neçeçarios mas bermanos, mas padres, mas predicadores, y mas Oo-gicos, y parte por falta delos obreros, parte porque no todos tiene partes para biuir desta manera solos en estas residencias, no se puede con tanto ni se entiende como se pueda esto bien sustentar sin muchos desastres.

Pregunta. 10.a

Si se deve recibir los Jappones en la Compania.

Corondado 1715.

A cerca desto tambie se trataron algunos puntos, el primero en que conui-nieron todos, q no se devia, ni se podia dexar de recibir en la Compania los Jappones que nuestro senor llamasse con esta vocacion, por las seguites ra-zones. La 1a. porq el principal fructo que se haze y puede hazer e Jappon, ade de ser por ellos mismos, que por tener la lengua natural son aptos y suficie tes para predicar, enseñar, componer, y tresladar libros, y hazer todo lo mas

18que es neçessario para el enseño y conuersion del Jappon, lo qual no puede de nin-guna manera hazer los nuestros de Europa, por no saber nada la lengua Gen-tilica, ni escreuir con las letras que ellos usan. La 2a razon, por la gente de Jappon es blanca, noble, y de ingenio, capas para la virtud y las letras, ca-si como son todas las mas gentes de Europa, por do llamandolos nuestros se-ñor para la Compañia, no ay para que se escludan, mas antes se puede es-perar que fortificados en la fee, y instruidos en las virtudes y letras saldran tan buenos religiosos como son los nuestros de Europa. La 3a razon, por que Jappon es una prouincia grandissima y abastada de gente de mucha honra y primor, y esta delexos de parecerles que ande ser gobernados por otros, y que tiene muy diferentes calidades y costumbres, y modo de biuir delos nues-tros, por do es cosa imposible poderse gouernar mucho tiempo esta yglesia de Jappon con sola la gente de Europa. La 4a razon, porque nunca la Co-mpañia se podra bien unir con los Jappones, ni alcaçar credito y autoridad y modo para se sustentar sino es con recibir en la Compañia los naturales mis-mos, porque de otra manera siempre nos tendran como a hombres extranjeros y sospechosos.~

PL. 2º punto fue en q tambien conuenian todos que los Jappones q se reciben (concordant tds). en la Compañia se prauie bien, y si instruyan con toda diligencia en el no-uiciado coforme al modo proprio de la Compañia y q quanto al primero año no dispense en alguna manera con ellos sacandolos del nouiciado, y no se dexe los superiores uencer delas neçesidades que se offreçe, y en el segundo año tambien rara mente el superior del Jappon dispensara

y no sin muy graue neçesidad, procurandose con el tiempo q este se fera mente en su probacion todos los dos años, en el qual tiempo no hagan otra cosa mas que atender a su bien y prouecho espiritual coforme ala orden del nouiçiado.~

FL. 3º punto fue en el qual tambien concordaron todos, que despues de a- (concordant tds) cabado el nouiciado a los que el tiempo y las neçesidades dieren lugar para ello, y tengan edad y capacidad se en señen en el collegio la humanida y mas sciencias que el tiempo y la experiencia muestran y san de estudiar; y entonces tambien julgaran los sup.es quãdo y quales dellos se puede tambien ordenar

58Pregunta . 11.a

Del modo que se ha de tener para conseruar
La union entre los Jappones y los nuestros
de Europa..

Acerca desta pregunta se trataron algunos puntos. El primero y esta union entre los Jappones y los de Europa, es natural m.te (hablando) muy difficil para lo hazer de la manera que conuiene por las siguientes razones. La 1a. por la differencia del natural que es tan differente y contrario en los unos y los otros, que aun en los mismos sentidos naturales desdizen tan: de manera que en el comer, en los cantos y tañeres, y aun en los olores y oleres que consientan a sus sentidos, comu m.te son de tal manera contrarios que lo que alos unos contenta, parece muy malo alos otros. La 2a. razon por la differencia y contrariedad tan grande de las costumbres, y modo de proceder de los unos, y de los otros en todas las cosas de manera q con mucha difficultad y mortificacion sepuede los unos acomodar alos otros; y como ellos en su tierra no han de dexar los suyos, es neçesario que nos otros nos acomodemos aellos, lo qual no se puede hazer sin mucho trabajo. La 3a. es porque la differencia de la lengua, en la qual por mucho q los nuestros exerciten, quedan siempre en una cierta manera como barbaros en co~pacion de los Jappones.

Concordarõ todos.

El .2o. fue en que tambien concordaron todos, que quanto mayor difficuldad se halla en hazerse esta union, tanto mas se ha de usar diligencia para la alcaçar como unico remedio de nuestra conseruacion, por q~ ya que estamos en su tierra, y no podemos en ninguna manera biuir sin ellos, sin duda se echara la Compañia a perder, no auiendo esta union.

Concordarõ todos.

El .3o. punto fue proponerse algunas cosas q parecian neçesarias para se alcaçar esta union, en los quales conuenieron todos, aprouandolos como neçesarios, y que como tales se encomendasse alos superiores y a los por que los guardassen. La 1a. es, que se trate los Jappones que estuuieren en la Compañia en todo ygual mente como los hermanos de Europa, y loslogicos de la misma manera en su proporcion, porq[ue] ning[un]a cosa destruye tanto la union, y charidad en las congregaciones, como la des ygualdad en el tratar de los hermanos. La 2a. que se trate los Jappones con amor, y suavidad, conforme al proprio instituto de la Compañia de

tal manera procurando de los instruir en la virtud y disciplina religiosa, que no sintã en nosotros asperesa, ni perturbacion, y agotamiento, pues ni conuiene a nuestra profesion, ni aprovechan por ser muy contrarios al modo de proceder de los Jappones, mas sean guiados y obligados siempre con la razon, de manera que ellos aun en las prias y castigos entiendan que se procede con ellos con amor, y conforme a la razon, procurando su bien, y provecho, y no cõ passion, por que de otra manera nunca podra auer union entre nosotros y ellos. La 3a. que se guarde es trecha mente nuestra regla que manda guardarse los de una nacion de sentir ni dezir mal de las costumbres y modo de proceder de la otra, y por esso por mucho que las costumbres, y cerimonias, y sentidos de los Jappones sean contrarios a los de Europa, no digan los nuestros mal dellos, ni los estrañen queriendolos conuecer que son mejores los de Europa, porq[ue] esto es semynario de muchos discordias y apartamiẽto de los animos. La 4a. q[ue] pues por amor de Dios dexamos nuestras tierras, y passamos tãtos trabajos para venir a Jappon procurando de dilatar la ley de Dios y ayudar las almas, aprendan los nuestros no solo la lengua de Jappon, mas tambien sus costumbres, y cerimonias, y modo de proceder, cõformando nos con ellos en todo lo que no contradige a la orden de Dios, y a la religion, pues desto se sigue mas servicio de nuestro señor, y mas provecho en los proximos, y del contrario se sigue desunion y desaprovecha miẽto en los nuestros, y en los de fuera, con escandalo y daño, y perdida de reputacion de la religion, y de la ley de Dios, y por esto Jappõ hemos de tener por mejores las costumbres y cerimonias que ellos usan y con hazer estas quatro cosas, y principal mente con la gracia y charidad que nos comunicara nuestro señor en que han de ir fundadas estas cosas, se puede facil mente esperar que aura entre los Jappones, y los de Europa la deseada union. ~

59

****[in right margin]****

vide trat.

Japp. cap.

ar. 4. cong.

3rd. art. 5.

Pregunta. 12.a

Si era bien hazerse en Jappon congregacion.
y del tiempo, y mas cosas pertenecetes aella.

****[in left margin]****

Concordaron Hdo.

Acerca desta question se trataron algunos puntos. El primero en que do: uinieron todos que era cosa muy necesaria hazerse en Jappon congregacion o alo menos consulta no auiendo esta facultad, en la qual se ayuntasse los superiores, y mas personas que en la congregacion tiene voto, por las siguientes razones. La 1a. porque Jappon es una prouincia muy grande, y que tiene empresas mas importantes de todas las mas que son en este Oriente, y porque los padres biuen en diuersas partes muy derramados, y el superior

de Jappon no puede quando quiere tratar con ellos, ni por falta de sottom puede tener consigo los consultores necesarios para tan gran gouierno, im: porta mucho al bien de la Compañia, y de la xpianidad de Jappon hazerse de tiempo en tiempo esta congregacion, o consulta de los padres. La 2a. razon es por los muchos bienes que se sigue de semejantes congregaciones, por los quales, y por todas las mas razones que mouieron la Compañia, y todos los religiosos a ordenar q se haga en cada prouincia congregacion de tiempo en tiempo, parece necesario hazerse tambien en Jappon. La 3a. razon, porque Jappon esta tan apartado de la yndia, y tiene costumbres, y calidades tan contrarias de las otras tierras, que no se puede en ninguna manera decidir en la yndia, ni yr de Jappon a la congregacion que se haze alli, y por esso parece cosa muy importante hazerse congregacion, o consulta misma.

Quanto al tiempo, unos dixeron que se hiziesse de tres en tres años, porq assi se acostumbra hazer en las otras prouincias, y aun parece necesario hazerlo en Jappon, por los muchos accidentes y mudanças que de nuevo ael se aduiere. otros dixeron q se hiziesse de seis en seis años, porq ay muchas dificultades, y peligros en se ayuntar los padres ueniedo por tierras de gentiles de diuersas partes, y dexando los que gouierña por mucho tiempo los lugares de sus residencias, de lo qual en tierra tan nueva y tan mudable pueden nacer muchos inconuenietes muy grandes. otros dixeron qno sus uiesse tiempo determinado, mas que se hiziesse la congregacion al tiempo

****[in left margin]****

Desta 1a. fueron los padres Luis d'almeida, rabelo, Salvatierra, (Laguna. Alman, y Christouan Lopez pequeno.

Desta 2a. fueron los mas q uiro de padre gaspar coelho, Juo baptista y luis dalmeida q. fueron de la 3a. q se offreciesse comodo y necessario, por que por ser Jappon tan instable y auer muchos peligros y dificultad en congregar los padres, no se puede dar cierto y determinado tiempo para esta congregacion.

El 2º. punto fue acerca del procurador quese elegesse para ma- En esto concordaron todos. ma. acerca de lo qual conuinieron todos en dos cosas. La 1ª. q el procurador q se elegesse para ir a Roma, no pueda ser impedido, ni de tenido en la India por el padre Prouincial, y que desto se pediesse facultad al padre Visitador y a nuestro padre. La 2ª. fue que se dispessasse con este procurador aun que no sea professo, ni coadjutor espiritual, por la falta que ay dellos, y por que los que huuiere muchos uezes haran muy grande falta embiandolos de Jappon.

El 3º. punto fue quanto a las personas que se auian de ajuntar a esta congregacion. acerca de lo qual parecio a todos que se guardasse la formula de la congregacion prouincial, con tal que entrasse todos los superiores uniuersales, y tambien los de las casas particulares q tuuiesse de baxo

de si el numero de nueue de la Compañia, aunq no se llamen rectores, y algunos añadieron q tambien se llamassẽ algunos de los mas uiejos, y experimentados como pareciesse al superior de Jappon, aunque por la formula no teniesse uoto en la congregacion, por la mucha falta q ay de los otros.

El 4º. punto fue quãto al lugar, y a todos parecio mas comodo Bungo, Concordaron todos. por estar en el medio, y poderse ajuntar ahy con mas facilidad, saluo si el tiempo otra cosa mostrar, y para se saluar todo esto concordaron que se pidiesse facultad al padre visitador, y a nuestro padre, haziedo Jappon prouincia, como pareciere mejor, de la manera que se ha dicho.

Pregunta. 13ª.

Del remedio que se ha de procurar, para la sustentacion temporal de Jappon.

Acerca desta question se trataron algunos puntos. el primero es q conuie Concordarõ todos. ne

60 todos que por qudado en Roma sedixera muchas vezes, y aun se ordena por nuestro padre que del todo se quitase el trato que tenemos de la seda, sediue informar. S. P. que el desseo de todos los padres de Jappon fuera si pudie se ser que se quitasse esto y todo otro trato. primero porque sabemos que es contrario anuestra profession y constituciones. y lo segundo porque es muy peligroso y incierto, y que trae consigo muchos cuydados y trabajos. y para todos fuera mejor alcaçar la sustentacion de otra manera mas y pa agora no ay ningun remedio para lo poder dexar, porq los gastos son muchos, y la renta ninguna, por lo qual ni la Compañia, ni la xpiandad se puede pa agora sustentar de otra manera, y dexandose este trato antes de ser de otra manera prouido Jappon, era necessario tambien quitar los pes de Jappon y dexar el assumpto de la xpiandad y de la conuersion, por lo qual por acudir a esta extrema necessidad, La charidad parece q nos haze hasta agora licito y conueniete este trato, y parece que se haria cõtra ella si antes de ser prouida Jappon de renta se qui ziese de dexar, y especial m.te pues deste trato hecho es la moderacion que se haze, no seda ni alos portugueses ni alos Jappones ninguna ocasion de escandalo, pues sabe todos que se haze por pura necessidad y on tiende que no se puede escusar.-

Concordant hres. El. 2.º punto fue en que tambien concordaron todos, que se haga saber a nuestro padre, y a su sanctidad, y al Rey de Portugal muy claramete todo lo que esta hecho hasta agora en Jappon, y que para lo sustentar no se escusan cada año por lo menos ocho mil cruzados, y auiendose de executar como es necessario para el bien de la Compañia y conuersion de Jappon, lo que en esta consulta se ha tratado de los collegios, casas, y seminarios, son necesarios cada año por lo menos doze mil cruzados, alle de de los gastos que se an de hazer en las fabricas de las dichas cosas, lo ql aun que parece que es mucho, es en la verdad muy poco para la sustetacion de una prouincia tan grande que tiene tantas casas y residencias, y tantas yglesias con tanto gasto a su cargo como ay en diuersas partes de Jappõ, de las quales todas y de los gastos que en ellas se haze se deue dar menuda cuenta anuestro padre, y a los dichos señores.-

Concordaron hres. El. 3.º punto fue, en q tambien concordaron todos, que de la misma manera

63se haga saber a su sanctidad y a nuestro padre y a su Alteza el extremo peligro en que esta de se perder la Compañia con toda la xpian-
dad por falta de sustentacion temporal, por quanto la compañia
en Jappon no tiene renta ninguna, sino es las ganacias deste poco cabdal
de seda de la China a Jappon, que estrechamente llega a veynte mil cru-
zados, la mayor parte del qual va siempre con tanto peligro de la vida
y hazienda ariscado a los baxos, y crueles tempestades, y hurones de aquellos
mares, y perdiendose no tiene Jappon ningun remedio humano, porque
tiene necessidad de tan gruesos gastos, los quales no puede hazer
con ir en este trato muy gruesos cabdal, lo qual perdido una vez no ha
por donde se pueda tornar a restaurar, ni aunq con el tiempo se puede es-
perar alguna ayuda de Jappon quando se conviertiere muchos señores gra-
des y Reynos enteros, todavia por agora no se puede esperar, sino ha-
zer muchos gastos, para lo qual es necessario que su ayuda le venga de
fuera, y por esto si su sanctidad y su Alteza quiere asegurar y conservar
la Compañia con esta nueva yglesia y xpiandad de Jappon, es necessa-
rio que prouea la Compañia de una renta cierta suficiente para suste-
tar estos gastos, y no podiedo dar por agora tanta renta, les han de dar
otros veynte cinco, o treynta mil cruzados para engrocar su cabdal,
para q ocorrido perderse una naue, tengan los padres remedio, y no es-
ten con tantos peligros y temores de se perder cada año con toda la xpian-
dad~

El 4º punto fue, si era bien gastar alguna parte del cabdal en coprar
algunos siervos de panllevar, que ellos llaman rioches, para q se quisiera
por lo menos huviesemos en Jappon alguna cosa cierta de q vivir, por-
que en estas partes de pan, sobre lo qual huuo dos opiniones. La 1ª y era
bien procurar de comprar algunos destos rioches, de manera q si fuesse
possible cada residencia y casa tuviesse tanto rioche y hostage para dar
pan, o por mejor dezir arroz en su lugar, por las siguientes razones. La 1ª
porque teniedo las casas y residencias esta renta ordinaria de arroz, se
podrian en lo demas sustentar co mucho menos, y allende que se moderaria
con esto los gastos, no seria necessario ariscar cada año tan grade cabdal.

[marginalia]

Destra opinion fuerõ
los ocho. q. los padres
gaspar coello, figueredo,
Antonio lopes, luis dal-
meida, Alonco gonçalez, da
Costa, Antonino, y Juan
baptista.

61La 2a razon porque parece cosa muy temerosa, peligrosa, y misterable de
perder toda la compañia y xpiandad de Jappon por un hilo, y por un
peligro tan grande como es perderse una nave de ese poco cabdal, quedan
do despues sin ninguna manera de remedio, por lo qual parece bien tener las
residencias y casas rioches propios, porque aunque se perdiesse el cabdal,

podrian hasta ser socorridos tener alguna manera de remedio. La 3a razon porque la calidad y uida de Jappon es tal que no se puede una casa de los nuestros sustentar sin alguna manera de rioches, sino es padeciendo trabajo, y padeciendo muchos in comodidades, y haziendo mayores gastos, assi por el servicio de los Nimbos y fiacuxos que es gente de servicio y conforme ala costumbre de Jappon cada rioche dà para acudir al señorio de rioche, como tambien porque de estos rioches se saca casi la mayor parte de las cosas necesarias para el comer y mas uso de las cosas, los quales aviendose de comprar todos de plata como agora se haze, es gasto intolerable.

(a 2a opinion fue que aunq fuera cosa muy comoda y deseada tener cada casa y residencia su rioche, todavia no se devia en ninguna manera comprar, por las siguientes razones. La 1a porque como mente los Jappones por los gastos que nos ve hazer en tantas partes nos tiene por hombres muy ricos, y si se uiere sobre esto que tambien compramos rioches nos tendra por mas ricos, por do de todo sellariamos los puertos para nunca poder esperar dellos ninguna ajuda de los mismos señores y naturales de jappon, la qual todavia se puede con el tiempo esperar dellos, assi como la dieron a sus bonzos q tiene hasta agora tan grandes rentas, y tan ricos rioches en todas las partes de Jappon. La 2a razon, porque Jappon no tiene agora tanto de cabdal que lo pueda ir disminuyendo en comprar rioches, y menguandose, no tendríamos con que hazer este trato, y assi nos faltarian las ganacias con que se sustenta agora tan grades gastos. La 3a razon porque todo Jappon es muy de fenguieto y inestable, y cada dia en el ay rebueltas y guerras, y se mudan nuevos señores, los quales la primera cosa que haze es ocupar los rioches para si y para sus criados y capitanes, y por esto comprandolos no quedariamos con el mismo riesgo, delo que corremos en la naue, y podriamos quedar perdiendo los rioches

Desta opinio contraria fueron todos los mas dies y ocho.y con ellos el cabdal. La 4a razon pa que para se sacar de el prouecho que sacan los Jappones, es necesario que se gaste con ellos mucho tiempo, y que velen muy bien por alguna persona que se le toque, po q de otra manera los mismos labradores hurtan y come todo, y por esso fuera necesario ocuparse en cada rioche un Germano, lo qual no eftala Compañia para bazer en Jappon agora.–

El 5.o punto fue si se podria dar algun remedio para que siempre se conseruasse este cabdal, y no estuviesse en la mano de un superior por mucha esfrança, liberalidad o descuydo gastarlo todo, y echar de esta manera a perder todo Jappon. sobre lo qual se propusieron y disputaron muchas cosas, para verse si se pudiesse limitar el superior de Jappon, de manera q no pudiesse gastar sino hasta una cosa cierta del cabdal, mas finalm.te conuinieron todos que por se poder perder de una manera vdestra parte del cabdal y tambien de las ganacias, y por otros gastos vrdinarios y extra vrdinarios q suelen acontecer, no se podria dar ninguna cuenta limitada en effo al superior de Jappon, ni asegurar de manera q este siempre saluo este cabdal. y por esso concluyeron todos que uistas las graues necesidades y peligros enq esta Jappon, y qual sea los remedios aparentes q puede

engañar, y qual los verdaderos que han de remediar Jappon, vaya el padre visitador en persona a Roma dar cuenta de todo lo que passa a nuestro padre informando tambien su Alteza, y su sanctidad, para procurar algun remedio a Jappon, priq si no puede creyorni del dar, sino que su sanctidad y S. A. informados de la verdad, y de lo q passa en Jappon le daran el remedio que conuiene, y quando el padre visitador no fuesse, se embie a Roma un padre de los mas graues de Jappon, para dar esta informacion a los dichos señores y a nuestro padre.

Pregunta. 14.a

Si es bien tener los lugares de Nangasaque y de Monguy.

Acerca desta question se trataron dos puntos, el primero en que concordaron

[Marginalia, right side]

En effo final mente concordaron todos.

[Marginalia, bottom right]

Concordaron todos.

62 todos fue, que confiderando el estado q agora tiene la yglesia y xpiandad del Jappon, es cosa muy acertada auer recibido y tener estos dos Lugares, de Nangasaque y Monguy por las figuientes razones. La 1.a porq estos partes de ximo ado viene los nauios, y adonde tenemos sosta agora la mayor parte dela xpiandad, estan fujetos a Reyes y señores gentiles, y tiene contrafi continuos guerras, y porque aquy por caufa del trato y de los naues tenemos todo nuestro cabdal, esta todo ariscado no teniedo al-
gun lugar fuerte, en que lo tengamos feguro, y no ay ahi Lugar para nros fros mas feguro y fuerte que este puerto de Nangasaque, ado viene co-
mun mente la naue, afsi porque es natural mente situado en lugar fuerte, como paque qual quiera que conquistasse aquella tierra, holgara de con-
feruar los padres en este puerto por los intereces tan grandes y preftido de la naue. La 2a. razon es, paque la xpiandad en estas partes esta espar-
zida en diuerfos señorios xpiano y gentiles, y en ellos tenemos muchas refidencias y para la conferuacion delos padres, y delos xpiano, q a las
uezes fon perseguidos de sus feñores gentiles, importa mucho tener un lu-
gar fuerte ado se puedan recoger en tiempo que acudiran femejantes per-
fecuciones o guerras. La 3a razon es, porque no es tan poco loque se faca destos
dos lugares especial mete quando viene la naue en este puerto, que no bas-
te para fustentar todos los padres y refidencias que estan e estos tierra
de dom Bartolome, y afistir aotros gastos de presente adiuersos señores
que en todo caso no se escusan de hazer. La 4a razon es, porq fiendo
este el puerto ado viene los nauios delos portugueses, viene muy apropofito
tenerlo la compañía por muchas comodidades que con los mismos nauios nos
viene. La 5a razon es, paque todas las uezes que ala Compañia pareciere
que es bien dexarlos esta en su libertad delepoder hazerlo, y quato impor-
tafse fernarlos, ya se empeço en este primero año aentender d la reputa-
cion que tomo la compañía con los feñores gentiles que estan cerca deste
puerto de Nangasagne, las quales agora con recaudos y vifitaciones

y otros otros defmiftes que nos hazen, procuran deunirfe con nos otros muy al reues delo que hazian primero –

Concordaron todos. El 2º punto fue enque tambien conueniõ todos que quedase al fuperior

20

del Japponde lappon con su consulta, facultad para poder dexar los dichos lugares quanto el tiempo, y la experiencia mostrasse que no tornaua bien tenerlos mas, y porq el p[adr]e nuestro padre no deuia confirmar y aceptar de tal manera esta Donacion y no se privase por el dicho superior dexar, por las siguientes ra= zones. La 1a por que lappon tiene siempre muchas mudanças, y las q[ue] las cosas de la Xpiandad no estan aun asentadas, porq[ue] todos es princi= pio, y que se va haziendo de nuevo, por do facil mente puede acontecer tales mudanças q[ue] torne mejor dexar los dichos lugares. La 2a razon es, porque aunque nuestro padre confirmasse esta donacion sin dexar esta fa= cultad no aprovecha casi nada, porque en lappon no se la pasara nos p[adr]es conformar lo nuestro en la manera de Europa, mas todo de pende de la voluntad de los que señorean las tierras, los quales assi quando querrè tornar a revocar lo que hizieren, y tomar lo que dieron se= forme al poder que ellos tiene y al costumbre de la tierra.

Pregunta. 15a

Si es bien que las cosas aplicadas a una residencia no lleven para otra.

Acerca desto se trataron tambien dos puntos, el primero en que conue= nieron todos, que quando los padres son embiados de una residencia a otra no lleuè consigo ninguna cosa de las que estan en aq[ue]lla residen= cia, aunq[ue] ellos los truxeron, o se las dieron sus devotos despues de es= tar en aquella residencia, saluo sus propios vestidos de que usa, y algunos librillos, mas en todo se guarde la orden que acerca desto dio el padre visitador, porque esto conforme a nuestra profession y pobreza.

El 2o punto en que tambien concordaron todos, q[ue] las cosas que aora se hallan en las dichas residencias, y las que en lo adelante se hizieren, como ornamentos, Libros, y otros alfajas semejantes de casa, no los quite los superiores que governarè aquellas partes, ni el superior de lappon pa= ra los dar a otras residencias, saluo se en alguna dellas huviesse dema=

[marginalia, right]
concordaron todos.

concordaron todos.

63cosas tanto y sobrepujasse de manera q[ue] sin auer falta en ellos paresçe sse justo alos superiores ajudar alguna s[u]a mas p[ar]a los costos que los ospianos a su costa hizieren y dieren por su deuocion a los di= chos residencias, no se deue quitar de allj en ninguna manera para sedar a otros.–

Pregunta. 16.a

De los Dogicos que biue en nuestras casas.–

Para se entender bien en Europa loque se trata, acerca desta question conuiene a saber que entre los bonzos de Jappon q[ue] son sus religiosos ha diuersas dinidades y grados, y entre ellos ay una de unos mancebos que llaman Dogicos que se crian en sus casas para despues ser bonzos, y destos ay tambien muchos en nuestras casas, los quales uan uestidos con ropas largas diferentes de los nuestros, y son tenidos en Jappon por hombres de yglesia, y en buena reputacion como en esta manera religiosos, aunque bien se sabe que no son de la compaña. Acerca de los quales se trataron algunos puntos. el. 1.o en q[ue] conuinieron todos que los dichos Dogicos no se podian en ninguna manera escusar en Jappon en las nuestras casas, por diuersas razones. La 1.a porq[ue] la mayor parte dellos se crian y biuen en los semynarios y en nuestras casas con voluntad y esperança de entrar en la Compañia, y quitados estos nuca terniamos ninguno Sermano Jappon. La 2.a razon. porque son total m[en]te necesarios para el ajudo y seruicio de las mismas casas, porq[ue] ellos son interpretes, y los que catechizan, y los que toman y dan recados, y ayudan alos enterrami[en]tos, y hazen la mayor parte de los negocios y officios de casa, que por falta de hermanos no pueden hazer los nuestros, de Jappon no se compadesçe hazer sino por gente tenida por religiosa El. 2.o punto fue en q[ue] tambien concordaron todos, que no conuenia en ninguna manera darse liçencia a ningun destos Dogicos que pudiesen casar biuiendo en nuestras casas, y que quando algunos la compaña no se seruiesse dellos en semejantes officios, mas total m[en]te se aparte del

Concordaron todos.

Concordaron todos.seruicio de la yglesia por las siguientes razones. La 1a. pag como esta dicho ctos como mente biuen en la yglesia con desseo de ser hermanos, y por esto predicán y hazen otros officios q por propios de los nuestros, y con tenidos por cto en buena cuenta y reputacion entre los Jappones, hazendoles como agente de la yglesia y religiosa mucha honrra y buen tratamiento en todas las partes. Y se teniendo todo esto se les diesse liçencia para casar, comun mente se casaria todos, y desta manera ellos quedaria entre los jappones con poco credito, y nosotros co poca esperaca de tener muchos hermanos. La 2a razon, paque siendo ellos obligados a sus mugeres y hijos, y con el cuydado de sus casas, ni ternia el amor y la diligencia q para estos officios conuiene, ni seruirian en nuestros cosas para lo q se les legna. La 3a. razon, paque ni aun entre los bonzos se casan, y dando esta liçecia a los nuestros Dogicos, que daria este grado muy abatido en Jappon y pareceria cosa estraña, y quedaria poco credito a nuestra religion.

El 3o punto en que tambien conuenieron todos que estos Dogicos no se obliguen a confessar co sus superiores, ni mas que una vez cada mes, (concordaron todos). comulgando solamente en algunas fiestas principales entre el año, mas tengan por sus confessores otros padres, que resten en otras residencias, o no sean superiores pera que tengan con esto mas libertad en sus confessiones con todo esto se no prosibe a los que quisiere confessar y comulgar mas frequente mente que no lo puedan hazer, y reconciliarse tambien a las

vezes extra ordinaria mente quando ellos quiziere co sus superiores especial mente quando son conuitados, y que gia de determinacion o de voto de entrar en la Compañia.

El 4o punto fue si era bien que estos Dogicos comiessen juntamente con los padres y hermanos. acerca de lo qual huuo dos opiniones. La 1a (Desta opinio fueron que en los casos y residencias particulares en que huuo un padre o dos fride. los padres fran- con un hermano no era inconueniente q algunos Dogicos que presidiga cisco cabral, organtino, predicadores comiesse juntamente co los nuestros, nos antes parecia bien Josef, cespedes Anto- assy para los tener mas costlados como tambien para q tenga mas re- onino, luys froys, y alle- putacion y credito con los Jappones en los ministerios q hazen. mas en go gonzalo).

64las casas y collegios en que biue muchos de los nuestros, y adonde van los otros mas vedemadas, como apartados de los nuestros, assi para qe ellos se reconosca su grado, como tambien paque los otros entienda mejor la diferencia que ay entre ellos, y los nuestros hermanos.~

Q[ues]ta 2a fue la mas v[ot]a mas de los 9 nueue.

(a 2a opinion fue, que ni en los refreitorios, ni en las casas y collegios, comiesse los dogicos juntos con los nuestros, mas en lugar apartado, saluo si en algun dia de fiesta entre el año quisiesse el superior conbidar alguno ues algun dellos, para le hazer fauor haziendolo comer de los padres y hermanos, assi paque no conuiene tanta mezcla entre los nues- tros hermanos y ellos, como tambien paque ellos con tanta familiaridad no pierda el respecto a los hermanos, y allende desto conosca la diferencia que ha entre los hermanos y ellos, para q estime mas el beneficio q recibe quando se foma por hermano, y sea tambien esta diferencia conocida de todos los o fros. Con esto todauia parecio bien a todos q quando fuere por las Aldeas visitando, bien puede los q fuere predicadores comer pi- camente con el padre q visita estando algo tanto apartado, assi poraq tenga mas credito en sus predicaciones, y mas autoridad en los negocios q dhi trata, como tambien porq en estas Aldeas no se pueden guardar tanta orden, ni se puede hazer tantos meses apartados.~

Pregunta. 17a

Del modo que han de guardar los nuestros en el comer de Jappon.~

Acerca desta pregunta se trataron dos puntos, el 1o si era bien que comiessen los nuestros en mesas altas, o s'auian de guardar tambien en esto la costumbre uniuerfal de Jappon, comiendo sentados en el suelo sobre sus esteros q ellos llaman tatames como en todo Jappon se usa- Q[ues]ta opinion final m[en]te se apartaron los 9, y con= cordaro e la 2a.

acerca de lo qual huuo en el principio dos opiniones. La 1a q en las re= sidencias particulares comiesse sentados en el suelo como los Jappones usan, mas en las casas, y collegios adonde biue los nuestros y juntos coma en mesa alta de la manera que se acostumbra en el Europa, assi paque

49concertandose los comeres anuestro modo quedan frios y sin aprechar
fiel servicio fiere en el suelo que se usa en Jappon, como tambien porq
donde ay mucha gente no puede los nuestros guardar la limpieza que
en Jappon se usa, no estando acostumbrados asemejante modo de comer.

La 2a opinion en la qual despues final mente conueniendo
la pra que, que ni en las residencias ni en los collegios se comiese a me-
sas altas, mas se guardase la costumbre uniuersal de Jappon por las
siguientes razones. La 1a porq estando en Jappon es necessario q nos
acomodemos asus costumbres, y pues el costumbre uniuersal
de Jappon de los bonzos y de los seglares es comer sentados sobre sus
esteras en el suelo, tambien deuemos de comer de esta manera nosotros.
La 2a razon porque los Jappones sobre todos los otros miran y esme-
ran a la limpieza de sus casas y sus mesas, y si desedifican quando
uen que no se guarda esta limpieza, y comiendo los nuestros e mesas
altas, como no puedan cada comer mudar toajas y guardanapos,
estan siempre llenos de manchas y suzios, q es cosa muy aborrecida
y estrañada de los Jappones. La 3a razon es, porque comiendo los nues-
tros en mesas altas no se saben despues bien acomodar, ni comer en el
suelo con la limpieza que hazen los Jappones; y pa que a contece fre-
quente mente auer de comer con ellos y son tenidos despues por hombres
suzios y de poca criacion.

El 2o punto fue si era bien guisar las cosas en la manera q se usa
en Jappon, y no comer las cosas q ellos estrañan, sino las q ellos usan.
Afinalmente guardar en el modo y en las cosas la costumbre de Jappon.
acerca de lo qual huuo tres opiniones. La 1a q procurasemos de los dos aco-
modar unos aotros, y que pa quanto ni los de Europa se podran del todo
acomodar ni sustentar con los comeres, ni los Jappones con los de Europa
de Europa, se repartiesen de tal manera q la mitad de la semana
se hiziesen los comeres al modo de Europa, y la otra mitad al modo
de Jappon, porq de esta manera se guardaria ygualdad y se podria acomodar
los unos y los otros. La 2a opinion fue q la diferencia mas

[Marginalia, right side, top]
Concordaron todos.

[Marginalia, right side, middle]
Destra 1a fueron los pa-
dres Josef, y carrion.

[Marginalia, right side, bottom]
Destra 2a fueron ocho. s.
los padres Gaspar coello,
Mesias, Alon. Gaspar
gonzales, Antonio lopez,
Miguel vaz, y ambos los
Baltasar lopez.

[Footer]
65consiste en el modo que en las cosas, y que soruviendosse y guizandose

los comeres al modo de Jappon, aunq fuesse delas cosas q acostumbramos comer en Europa se podrian facil mente aellos acomodar los Jappones, y por esto que en todo se guardasse quanto al servicio y al modo de reponer por orden y costumbre de Jappon, y en esto se tenesse mas miramiento que en las cosas, porque desta manera ni los Jappones estrañarian nuestas cosas ni los de Europa carecian delant dellos quando les pudie auer, y con esto tambien se permitiessse que en los Lugares adonde por el comercio delos portugueses nolo estrañan, tambien pudiessen alas vezes comer algunas cosas guizadas al modo de Europa. La 3ª. opinion fue que en todo nos acomodasemos alos Jappones, assi quanto alas cosas que se comen, como en el modo de guizarlas, y de todo el servicio q concierto que en Jappon se usa por las siguientes razones. La 1ª. porque pues que buimos en Jappon, nos deuemos en todo acomodar a su modo, pues esto para lo que pretendemos es mucho mejor. La 2ª. razon porque los Jappones no solo estrañan el modo de comer y guizar, mas tambie muchas delas cosas que los nuestros usan en Europa, como vacas, puercos, azeyte, mantega, y todos los mas cosas de queso y leche, y ga dura, y nosotros no les deuemos dar ocasion para que estrañen y no les parezca bien nuestras cosas. La 3ª. razon, porque muchas vezes los Jappones es necessario que coman con nosotros, y nosotros con los Jappones, y sino le damos todo concertado a su modo, no les parece bien y como ellos dan siempre todos los comeres guizados a su modo, no estando los padres acostumbrados aellos los estrañan, y no los come, de que los Jappones quedan auergonçados y quexosos. La 4ª. razon, por que desta manera se guardara del todo en nuestras casas, en la cozina y en las mesas la limpieza q se usa en Jappon, y de esta manera comiendo vacas, y puercos y otras semejantes cosas no se podra nuca guardar bien, y siempre seremos tenidos por suzios y de poca criacion.

Pregunta 18ª.

[*Marginalia, left side*]

Desta 3ª. opinion fueron estas y sus f.s los padres francisco cabral, organtino luis frois, figueredo, Olamon, Mina, luiz dalmeida, da, lucena, Juo Baptista, Rabelo, Antonino, La guna, appes, Aries Panches, Julio piani, y Almes gonzalis.

28Si es bien guardar e todos las costumbres y çerimonias que los Bonzos usan.–

Acerca desto conuenieron todos en algunos puntos. El primero y (Concordaron todos. porquanto el modo de biuir delos Jappones, y sus costumbres y çerimonias que pertenece ala pulicia y buena criacion son tan contrarios y diferentes delos nuestros, es del todo neçesario que nos acomodemos a

ellos, guardando en casa y fuera las costumbres y buenos criancos y ectos y des comedimientos, y somos tenidos por gente ruda, Barbara, y de poca criacion, con que quedan los Jappones muy aduersos a nos stros.

El. 2º punto fue, q por los mesmos Jappones, se hisiese un compendio (Concordaron todos. y modo cierto de las costumbres y buenas cricanças q auiamos de guardar asi entre nos stros, como con los de fuera, de la manera que los bonzos usan, para q todos tengamos un modo, y no uamos como hasta agora alos escuros, no sabiendo lo que hazemos, ni lo que deuemos hazer lo q nos hizo tan grande mal hasta agora.

El. 3º punto fue que de tal manera nos acomodasemos a sus costum- (Concordaron todos. bres que no hagamos profession de seguir del todo y en todas las cosas tantos çerimonias quantos tiene los bonzos, porque esto fuera cosa infinita, y como ellos uan todos metidos en estas cosas exteriores, no tiene mas que hazer que atender a estas, mas para nos stros q buscamos la salud delas almas, y la oron y vida interior, bastara hazerse un modo y compendio delas costumbres mas neçesarios y principales q no se escusan de saber, para tratar con la buena criança y conuiene areligiosos asi entre nos stros como con los de fuera.-

Pregunta. 19ª
Delos uestidos de que deuen usar los nuestros.

Acerca desto se trataron algunos puntos, el. 1º en que conuenieron todos. (Concordaron todos.

66nefiessê de vna manera, y no huuieessê diferencia ni de bonetes, ni de quimones, o ropones, ni de otro uestido ninguno, porque ya q eramos todos de un cuerpo, era razon que uestiessemos todos del mismo modo.

Concordaron todos. El 2º punto fue en q tambien conuinieron todos, q todo nuestro uestido fuesse negro y sin seda, quitados los tabes, que podia ser de pano, o-
coro, o aduellas, azules, castaños, o prietos como mas comoda mente se pueden auer, pues de toda manera se usan.

Concordaron todos. El 3º punto fue en que tambien conuinieron todos que el uestido ordinario y comun fuesse lota y de buco con el gojal aleuantado al modo delos manteos, con bonete redondo y tabes, por ser este habito conueniente alos nuestros y recibido en Jappon.

El 4º punto fue delos manteos y calçado como es foruillas, sapatos, chignelas, o botas, y delos ropones que ellos llaman quimones, acerca delos ql se tomo dos opiniones. La 1ª que del todo se quitassê los manteos con toda esta manera de calçado, pues en Jappon no se usan, y no se puede auer sino mandandolo uenir de la China, mas calçê tabes, y xiquingis de la mesma manera q se usa en Jappon, y los quimones aun que sea cortado al modo de Jappon, tengan las puntas del Siriy enteras, y los mangos largos de la manera de los ropones de Europa. La 2ª opinio fue q se uistiessê de manteos en las conuersaciones de algunos grâdes señores, especial mente gentiles, y en el Xongachy, y en otros tiempos y

lugares q bien pareciere, pues es proprio de nuestra religion, y de grande y recibido en Jappon, y todo esta manera de calçado se use quando se puede auer, quando uan acauallo y fuera, mas en caça no se use sino son las foruillas, y con esto usen tambien los tabes y xi- quingis quando quieren. Y quanto alos ropones o quimones se usen, no solo del corte de Jappon como los otros dizen, mas tambien se usê los ropones de la mesma manera q vienen de la yndia, o de Europa, pues correnê sechos asi, o poco se differencian de los otros.

Pregunta. 20.

[Marginalia, left side]

Desta 1ª fueron los p.es
frãncisco cabral, figuerei-
do, Ambrino, Cassuna, y
Pero ramon.

Desta 2ª fueron todos
los mas co ygnicjuns. Si pueden los padres escusar de dar
Sacan_zuquy, y de usar de plata
quando conbidan algunos Rejes
y señores.

Acerca desto se trataron algunos puntos. el 1º. del uso del dar o tomar sacan_zuquy de la manera y sensa en jappon quando se visitan unos aotros, agora sea hombres, agora mugeres, y acerca desto conuinieron todos q[ue] este uso de dar y recibir sacan_zuquy, assi a hombres como amugeres, no se puede en ninguna manera escusar, assi por ser uniuersal costumbre de jappon entre bonzos y legos, como por que es descortesia y injuria el no dar y recibir quando se uuiene.

El 2º. punto fue acerca de la plata que en las yglesias se usa como son casticales, turibulos, alamparas, y otras cosas semejantes y firuen al culto diuino, y al seruicio del altar en los officios que se hazen. y acerca desto conuinieron todos q[ue] era muy bien y conueniente usar e nuestras yglesias desta manera de plata quanto el modo merece la pue dad, por que la limpieça y nobleza de los ornamentos en el culto diuino quanto fuera mayor, tanto es mas conueniente y mejor de todas las partes y especialm[en]te en jappon, adonde no tiene nuestra religion Xpiana otro lustre y resplandor que aquello que se vee en las nuestras yglesias y en los padres.

El 3º. punto fue acerca de usar alguna plata en los banquetes, y es ne cesario hazer alas uezes aalgunos señores jappones. acerca de lo q[ua]l huuo dos opiniones. La 1ª. que no parecia desconueniente seruirse deal guna cosa de plata en semejantes ocasiones, pues esto era hazer honrra alos señores que en nuestras casas se llaman, y que pues estaua ya in trodúzido en Bungo usar quando el rey, o principe come e nuestras copas de fuente, y jarro de agua manos, garrafa para el vino, con platos, cucharas, tenedores y cuchillos de plata, parece bien no los quitar por no causar especialm[en]te al principe que es gentil, y a sus criados

[Marginalia, right, next to first paragraph]
Concordaron id[em].

[Marginalia, right, next to second paragraph]
Concordaron id[em].

[Marginalia, right, next to third paragraph]
Desta. 1^a. fueron los p[adr]es
fr[ancisc]o cabral, luis frois
cespedes, y Antonino.

67algun des gusto, mas que por adelante no se introduzga en ningun vtro lugar. La 2a. vpinion fue que de ninguna manera conuenia ni en Bu sar, ni en vtra parte usar de semejante plata, saluo si fuesse p.a de cue char, y cuchillo co cabo de plata, para los dichos señores, y esto por las siguientes razones. La 1a. porq ningun Gonzo por grande y rico q sea, ni ningun señor de loppon usa en su mesa de semejante plata, y por esso mucho menos la auiamos de usar nosotros. La 2a. razon, porq esso no sirue para mas q para alcaçar nos nombre de muy ricos, y lo que para ninguna cosa aproueche, mas antes daña. La 3a. porq es cosa tan fuera de nuestra profession q aunq la usase los Gonzos, la auiamos nos otros de escusar, quanto mas no se usando, y por esso parece bien quitarse la q se vsa en Bungo, dandose al Oloÿ y al principe satisfacion se pareciere necessaria.

Pregunta. 21.
De las reliquias, Agnus dey, y cuentas beditas.

Acerca desto se trataron algunos puntos. El 1o. en que conuinieron todos que se deuia dar remedio a la desorden que ay en dar estas reliquias, Agnus dey y cuetas, pues la abundancia y facilidad en las dar no sirue para mas q para hazer perder la reuerencia y deuocion, y seguirse muchas indiscreçios, y quanto a las reliquias que son de huessos de sanctos, parecio a todos que sacados los relicarios grades que se auian de tener en las yglesias, y para las professiones y otros pequeños hechos de tal manera que no los puedan abrir para prestar alos mugeres de parto, o a los que por otras dolencias los pedieren, aningun vtro loppon se de reliquias que sean de huessos de sanctos por las siguientes razones. La 1a. porque aÿ lo hazian en la primitiua yglesia como se le de sant gregorio, y de otros sanctos que siendo sumos pontifices los negauan a Reyes y señores muy grades, o no los daua sino co mucha co sideracion y reuerencia, y pues esta es yglesia nueva, y que no tiene tanta abundancia de spirita como aquella, mucho mas se deue tener tiento y co sideracion en darlos

[marginalia, left]
Desta opinion diuersa
fueron ados los mas v[?]te yos.

Concedaron vdos. a los jappones. La 2a. razon porque los jappones especial mente mas las cosas de quanta es la difficultad q se halla en alcaçar estas dandose estas reliquias amuchos y facil mente, perde entre ellos, porque acostumbrando se q lo q es precioso y de importancia no se da amuchos ni tan facilmente, y assi por experiencia lo vemos, pues ya todos se atreue a pedir el sancto leño, y no les contiene vna y otra gunda reliquia. La 3a. razon es, porque los jappones son nuevos y no estan aun todos tan adelante que entiendan la reuerencia q se deve tener a los religiosos, y son nuevos en la fee y metidos entre gentiles, que mucho menos lo entienden, y por esto dandolas pueden acontecer muchas indiferencias, y porq los jappones en cosas semejantes entra facil mete en puntos de honra, y sientese mucho quando aellos se niega, lo q se concede a los otros, es mejor es que de aqui adelante no se den estas reliquias a ninguno. ~

Con todo esto porq todo caso tiene comun mente alguna excepcion y puede ser q las pida algun gran señor, para las tener y algun relicario en su capilla, y por otras justas razones por las quales pueda ser inconueniente negarlas, parece bien dexarse esta facultad al superior de Jappon, para q en algun caso tal, rara mente y con el consejo de su consulta las pueda dar. Y algunos dixeron que tambien esto se concediese a los tres superiores.~

El 2º punto fue acerca de otras reliquias que no son huessos de sanctos como verbi gratia de sus vestidos, leño de la casa de nuestra señora y de sant Thome, y de las piedras de monte caluario, y de otras reliquias semejantes. Acerca de lo qual huuo dos ypiniones. La 1a. q estas se pudiesen dar por los padres con deuida consideracion, porque muchos jappones se ayudan y emienda su vida por alcaçar estas cosas, y allende desto porq los jappones estan tan acostumbrados de recibir de sus bonzos muchas reliquias q ellos llaman mambres de sus perversos supersticiones, no teniendo algunas cosas semejantes q puedan alcançar de los padres se siente mucho y se esfrian en su deuocion. La 2a. ypinion en la qual final mente conuinieron todos que tambien estos se dießen muy

[marginalia]

Desta 1a. ypinion final mete se apartaron todos. y concordaron en la 2a.

Concordaron todos.

68raramente, y no por todos los padres, mas solo por el superior de japon y por los otros tres de ximo bungo y Meaco.

El 3º punto fue acerca de los Agnus dey, y de las cruces benditas por su sanctidad, y acerca de estos concurrieron todos en dos cossas. La 1ª q ni aun estos se diesen por los hermanos. La 2ª que tambien los padres q dicho al japon el primero año no las den, por que como no conoce los xptianos, ni tiene experiencia de japon, son muy faciles e darlos.

Quanto a los otros padres huuo tambien dos opiniones. La 1ª que estos los pudiesse dar todos los mas padres, mandando hazer primero a los q las diere algunos penitencias, y romarios para que desta manera las estime y tengan mas caras, y esto por las mismas razones que se dixeran en la primera opinion del segundo punto.

La 2ª opinion fue q tambien los Agnus dey, y las cruces no se den sino por superiores uniuer sales entrando entre estos tambien los sup.res de las casas y collegios que buie con cuerpo de gente y con alguna forma, y q los padres sean medianeros de los xptianos para las alcançar quando las pidiere, y esto por las siguientes razones. La 1ª porq como se ha dicho, los japones tanto estima la cossa quanta es la difficultad que hallan en alcançar, y por eso quando supiere que aun los padres dan estas cossas, mas que es necessario recorrer a sus sup.res las estimaran mucho mas de lo que las estima agora. La 2ª razon porq la experiencia muestra que el dilatar de dar a los que piden semejantes cossas nunca daña, y siempre aprovecha mucho, porq se en pide de mas en el deseo de alcacarlos, por ser esta costumbre de los japones, y pues en darlos deuenmos de procurar lo que es mas su prouecho, es bien q los padres los den de tener deziendo que no los puede dar, mas q procuraran de las alcançar de sus superiores. La 3ª razon porq de esto se torna los padres mas ocasion de hazer que algunos xptianos se emienden de sus faltas quando piden semejantes cosas, agora deziendoles que se quiere q las pidan al superior sehan ellos de emendar primero de tales y tales faltas, agora deziendo q ellos ya las pidieron, mas que los superiores no se las quiere dar, porq ellos no se emiendan de tales y tales cossas, lo qual no puede los padres hazer tambien quando los xptianos saben q ellos mismos se los puede dar se quiziere. y por esto parecia

Marginalia:

[left margin, top]

Concordaron todos.

[left margin, middle]

Desta 1ª fueron cafi todos.

[left margin, bottom]

Desta 2ª fueron dos solos. a estos que o no los den los padres, valo menos usen deste modo, y cau-

tela en los dar, mostrando que los han de alcançar de los superiores, para su mejor ocasion se los poder negar, si ellos si no emendare, del Zelo y ellos intercedieron, mas que no hazen entendimiento los superiores, de manera que alo menos ellos entiendan que no se puedan dar sin licencia de los superiores. -

Luis Osorio

69Iesus

Resoluciones que el padre visitador da
acerca de las preguntas de la consulta que

hizo en Jappon en diuersas partes el año de 1581.

Quanto a la primera pregunta por otras muchas razones se prueua y entiende muy claramente ser esta empresa de Jappon la mas importante de quantas ay en todo lo descubierto, y por esto no solamente la Compañia mas tambien su sanctidad y su Magestad del Rey de Portugal deue ser muy bien informados de quanto importa esta empresa, y de quato tiento y atencion se ha de proceder en fundar esta nueva yglesia, la qual no se puede e ninguna manera lleuar por las leyes de Europa.

Assi mesmo por otras muchas razones de mas de las que en la cõsulta estan escritas se prueua quan difficultosa y trabajosa cosa sea lleuar como conuiene esta empresa adelante, y quan pesada y peligrosa sea a la Compañia, y muchos maiores peligros y difficultades heche para acertar se en el modo con que se ha de Gouernar esta yglesia y lleuar los Jappones; en la qual se pueden sacar muy grandes feruos y irremediabiles cõ grande de fructo de la xpiandad y de la conuersio, si no se guiare conforme a lo que conuiene en Jappon por hombres q del tiene eexperiencia y mucha prudencia: de lo qual todo deue ser muy bien informado su sanctidad y S. A. y N. P. Padre por el peligro q en esto hay.

Acerca de la 2a pregunta, por las razones q se escriue en la dicha

70occulta y por otras muchas, me parece sin Duda que venir a Jappon otras religiones, no solamente no sera buen remedio, mas sera grande escandalo, confusion, y perturbacio para esta nueva yglesia especial mente porque la calidad y desposicion del Jappon no es capas del modo de proceder q tiene las religiones de Europa: y como esto no se puede bien entender sino despues de mucho tiempo y mucha esperiencia, viniendo ellos aqui han de hazer primero los hierros que nos otros hizimos y sera agora peores, y no ayudaran para mas q para des hazer lo que nos otros començamos a hazer agora despues de tener tanta esperiencia de Jappon. y de mas desto no se ha de hazer fundamento e poderse sustentar en Jappon la yglesia por religion hombres estrangeros, ni una nueva yglesia como esta, es capas de diuersidad de religiones, mas con el tiempo se puede esperar que los mismos naturales se hagan capaces como se hizieron con las demas naciones.

A cerca dela 3a pregunta, quito alo que toca al 1o y 2o pito por las razones q en ella se dan, y por otras muchas, parece q por ningun caso conuiene venir a Jappon obispo uniuersal ni particular, ni delos dela Compañia ni delos de fura, y no solamente esto mas qe ninguna manera conuiene entender el obispo de Macao o de china con los Jappones, ni venir el ni embiar ningun clerigo suyo a visitarlos: porq como no saben la lengua, ni las costumbres, ni el modo de proceder delos Jappones, no puede aprouechar para mas que para perder el credito y escandalizar esta gente, y quedar el escandalizado, y ser causa de muchas desuñones y inconuenietes, porque sino fuere hombre q tenga mucha esperiencia de

Jappon, qual quiera que tratare co ellos especial mete como persona que quiere usar de jurisdicio, no puede sino hazer daño y causar muchos inconuenietes.

Y porque a uezes puede algun obispo o su vicario correr con sus ymaginaciones no dando credito alos padres acerca desto especial mete que puede acontecer querer algunos venir a Jappon con esperanza de algun in=terece me parece delante de nro señor cosa muy necesaria q su Santidad aparte a Jappon de la Jurisdicion de un obispo de la china, o le mande q

2

no se enhemista en las cosas de Jappon, mas siga en esto el parescer de los padres que tiene de el expendencia.

Y si dixiere alguno que nunca se governo la yglesia sin obispos, y que no se puede entender como la Compañia sola quiere gobernar la yglesia de Jappon, respondo q bien nos pesa desto, mas la Lengua, las costumbres y modo de proceder delos Jappones son differentissimos de todas las gentes del mundo, y por ahora no esta capaces de ninguna manera de jurisdicion ni gobierno de obispos, mas andando el tiempo sin duda los harde auer; aunq ami parescer poco se hade estribar en obispos estrageros, mas que alo q yo por ahora entiendo primero se han de hazer clerigos naturales, los quales viviendo por algun tiempo de baxo de la dotrina de la Compañia daran muestras de q tales seran y entonces se podra ver si conviene hazer alguno dellos obispo, o algun extranjero que tenga experiencia de Jappon, porq de hombres de tanta capacidad como son los Jappones se puede esperar q enseñandose en el seminario virtudes, y letras saldra capaces para ser religiosos, clerigos, y obispos como son los de mas naciones de Europa.

Quanto al 3º punto desta pregunta, consideradas por una parte y por otra sus dos razones, sin duda me paresce mejor no venir a Jappon ni a un obispo de anillo especial mente por las razones siguientes. La 1ª por que para lo que se pretende delos que tiene la contraria opinion este es muy incierto, y flaco remedio, porque la distacia q ay de Europa a Jappon es tan grande, q facil mente puede un obispo de anillo q se embarcase morir en tan largo viage, o pocos años de pues de auer llegado a Jappon y en tal caso quedaria sin fructo este remedio, y embiar mas obispos de Anillo que uno parescera cosa de risa.

La 2ª razon es porque o este obispo ha de ser de la Compañia, o estragero. Y no teniendo jurisdicion ni que entender con los Jappones sera cosa que los mesmos Jappones estrañaran mucho, y les hara perder el concepto que ellos tiene de la dignidad de obispo, especial mente no viviendo de fausto como es necessario en Jappon. Y al mesmo obispo sera cosa q de otra manera enfadosa estar en Jappon destra manera sin tener q hazer

71mas que ordenar de quando en quando uno v dos clerigos. A 3ª razon es porque en el ordenar los clerigos Jappones se ha de proceder co mucho tiento, especial m[en]te hasta tomarse dellos experiencia: y delos de

la Compañia no se han de ordenar tantos que no sea menos in conueniente embiarlos ala China, o a Malaca, que hazer venir al Jappon un obispo de Anillo.

Q[uan]to al 4º punto desta pregunta parece que no hay que dudar sino q[ue] es cosa conuenie[n]te y necesaria procurarse con la mayor breuedad que se pudiere ir disponie[n]do los naturales enseñandoles las virtudes y letras para hazerlos clerigos, aun que por mucho que se trabaje comencar dose des de ahora por lo menos sa de passar dies años antes q[ue] se pueda hazer clerigo alguno de ellos, mas puedese esperar dellos que saldra muchos buenos con el tiempo, si en los hazer se tuviere las aduertencias. la 1ª que sea criados con el orden y diciplina que conuiene alos Jappones. la 2ª que aya orden de su sanctidad que ningun obispo los ordene sin particular licencia y de missoria del superior de la Compañia del Jappon. la 3ª que el mismo superior del Jappon como delegado o nuncio apostolico tenga sobre ellos gouierno y jurisdiccion, hasta que el tiempo y la experiencia de a entender si sera mejor darles perlado natural o estrangero. y hasta prouirse esto sera necesario que el superior del Jappon tenga facultad de su sanctidad para dispensar y ordenar en todo el derecho positivo lo mejor que le pareciere, assi delos clerigos, como delos demas Christianos Jappones; con consulta de algunos de la Compañia letrados, porq[ue] por muchos años sera necesario dissimular con la mayor parte del derecho positivo para con los Jappones: y de todo esto es necesario dar se muy cierta informacion (a su sanctidad para q[ue] sepa y oya el Jappon y assi la pueda dar.

Acerca de la 4ª pregunta no obstante las razones de la contraria opinion, sin duda paresce que se debe dilatar y estender qu[an]to pudiere la consersion, procediendose todauia con la prudencia que conuiene, por que las razones que uan por esta parte son firmes y ciertas, y las contrarias son aparentes, alos quales facil m[en]te se puede responder, porq[ue] en quan-

3

dose clongos naturales todos sepueden reftituer.

Acerca dela 5a pregunta sin duda la jglesia de Jappon ni otro remedio que hazer quantos mas seminarios se pudiere grandes y pequenos, mas teniedo la Compania posibilidad acentada y necessaria hazer stros seminarios distintos de ninos asi por las razones que sedan en la 2a opinion como para santos Coicios y pecados en q se crian, y para quitar las los x pianos en las quales se puede dezir que tiene razon siendoles nosotros que no en bien sus hijos aaprender alos delos bonzos, no les damos comodidad para ensenarlos, dan perdidos y sin deprender nada, cosa que ellos sienten pareciendoles cosa contra toda razon.

Quanto al 3o punto paresce que no ay que dudar que se ha de tener la 2a opinion con la moderacion que en ella se dize, la qual sera facil de efectuar en Jappon, porque como no ay ni puede aver otros li-

bro que los que los otros les damos, imprimiendose los dichos y pedien-
do otros libros en que estudiar heregias y controversias y erro-
res de philosophos q les puedan hazer dano y en esta nueva jglesia
paresce cosa acertada tenerse muy grande election, no solamente en se-
mejantes libros delos sviceros mayores, mas tambien en los libros de hu-
manidad, pues esta en nuestra mano darles los que quisieramos, y me-
jor paresce aun aprendiendo Latinidad ensenarlos con libros sanctos
y deustos, y ed profanos.

Acerca dela 6a pregunta aun que las razones que se dan en la 2a opi-
nion son de mucha fuerca, todauia sin duda son mas efficaces las dela
1a opinion; y pudiendose dar algun remedio alas razones contrarias,
paresce que luego se deuria hazer Jappon Prouincia apartada, inclu-
yendo solamente pla china y dexeando Maluco y Malaca y
la India como agora esta, alo que paresce q se proueeria con las se-
guientes condiciones. La 1a q Jappon se proueyesse o por su sanctidad
o por S. A. de alguna renta cierta, que alo menos llegasse cada ano
a ocho mil cruzados, o alo menos dandoles la mas pronta y pudiendo

72no le pudiendo dar tanto de renta cierta. le diese un caudal en dinero
de quinze o veynte mil ducados mas delo que tiene, para q pudiesse negociar
por una dela naue de prouision de S. A. q pudiesse embarcar Vella
o cient picos de seda para Jappon, y con espedimiento de S. Sanctidad,
y ninguno los pudiesse impedir, para hazer loque de ellos quisiessen, para
presentacion de ellos y dela xpiandad, porque la ganancia destos cien
picos montaria seis o siete mil ducados. La 2a condicion es q se proueyesse
de sujetos de Europa inmediata mente por el P. General sin passar
xener en la India: y estas se podrian añadir otras dos condiciones para
mas assegurarla. La una que huviessse siempre Asistado en estas par-
tes del V Orñe o comissario q en lugar de N. P. huviessse la superin-
tendencia de ambos estos prouincias de la India y de Jappon: y otra q
se procurasse co S. A. q fundasse un collegio en la China en el puerto
de Amachan co mil y quinientos ducados de renta cierta, para susten-
tarse ahj treinta personas dela Compañia, assi para acudir a Jappon
como para intentar ala China en Sjon, y en Cochinchina y las otras
partes, las empresas dela conuersion que de nuevo se offrecen y para que
con los subsidios que de Europa se embian.

Acerca dela 7a pregunta, quanto alo que toca al 1o punto, no hay
ninguna duda ser necessarios los dichos superiores con todo lo demas
que se dixo en el 1o punto, con todas las razones q se escriue enel. onto
al 2o punto sin duda es mejor la 1a opinion, porque gastando ellos
dela bolsa comun, los gastos son mucho mayores, y no se puede sustentar
en Jappon. y la 2a opinio es sospechosa, porque es solamente delos pos
de las residencias particulares.

Quanto al 3o punto la facultad que se concede aeste superior de Jappon
ora sea Prouincial, ora vice prouincial, sin duda ha de ser grande y no
menor que la del Prouincial dela India por estar tan apartada de
Roma y dela mesma India, y ser esta tierra de lejes y costumbres
tan contrarias y irse cada dia la Compañia assentando mas y ex-
tendiendo y tomando nuevas empresas en diuersas partes, y porque
este superior no solamente ha de gouernar la Compañia, mas tambien

toda esta nueva yglesia y xpiandad de Jappon, es necessario que de mas dela facultad que le diere la Compañia, tenga otra facultad desu Sanctidad con la qual como su Nuncio y delegado pueda dispensar sobre todo el derecho positivo, porq esta gente es nueva, y en ninguna manera se puede llevar por las leges y modo de proceder de Europa: so davia auiendo en esta prouincia Comissario vesitador sele podra por el limitar esta facultad conforme a la calidad de los subjectos, y a lo que entendiere que conuiene mas para el seruicio de Nro Señor y bien de la Compañia, y del San de deponder todos los otros.

Quanto a lo que toca al 4º punto, sin duda la mas principal y mportante de cosa es que no se haga superior del Jappon sino persona q de mas de mucha virtud y prudencia tenga mucha experiencia: y por muchas partes que tenga no sera apto para gouernar el Jappon, ni podra dexar de hazer muchos yerros hasta tomar la dicha experiencia, por que sin duda por la experiencia que yo tengo y por lo que muestra la razon, no ay en toda la Compañia gouierno q tenga tantas difficultades, y que requiera tantas qualidades en la persona que gouierna como este gouierno del Jappon, assi porq Jappon cada dia se rebuelue y se ve la xpiandad en diuersos peligros y graues perturbaciones, como por que esta prouincia esta muy es= tendida y es muy grande, y las costumbres y modo de proceder della son differentissimos de las de la India y de Europa, y los negocios que la Compañia tiene entre manos son muy graues y importates, y este superior no solamente ha de gouernar y dar orden a la Compañia que ahora se comieca a ordenar, mas tambien ha de gouernar y ordenar toda esta nueva yglesia y xpiandad que tanto se va dilatando, y como ayan muchas setas que se gouierna co mucha prudencia y concierto, y las costumbres y calidades de los Jappones son tan contrarios a las nuestras, que apenas despues de muchos años se entiende, si este superior no huuiere mucha virtud y prudencia y experiencia del Jappon, y si en su modo de viuir no huuiere mucho tiento, puedese hazer en este gouierno muchos y muy graues yerros y que no tenga remedio. La 2ª. cosa es q auiendo en Jappon personas desta experiencia y prudencia, es bueno y co=

73reside auer mudancas de Superiores, y el que fuere Superior uniuersal lo a de gouernar por lo menos cinco o seis años, y los otros se podria mudar de tres en tres años con los de mas Electores, mas aun que se tuuiesse de tener repecto aeste tiempo como miete tambien se ha de tener repecto aotras muchas cosas, como alos principes en cuyas tierras residen, al despacho que dan alos de casa y alos de fuera, y alos negocios que trahen para alargar o cortar este tiempo, paque estas mudancas en una Prouincia tal, y en una Xpiandad ta nnueva sedeue hazer siempre co mucho tiento.

Quato alo que toca al 5º punto en la mudanca de los padres delos residencios, aunq a las residencias que estuuire entre los Xpianos paresce bien mudarlos ordinariamente de tres en tres años, toda via tambien en esta mudanca se ha de tener cueta con muchas cosas para alargar o abreuia este tiempo: y en las residencias que de nuevo

se hazen entre gentiles es necesaris tenerse mucha mas aduertencia.

Marca de la 3ª pregunta. quato alo que toca al iº punto, no ay ni guna duda ser necesaria en cada una destas tres partes dichas alguna casa en que viua cuerpo de los nuestros juntos, mas de mas de que si se escusan de hazer tambien otras, y si se pudiesse auer modo para sustentarse se curian hazer muchos destos cosas en diuersos reynos.

Quato al 2º punto por las razones que en el se escriuen y por otras muchas no se escusa seminario de la Lengua, nouiciado, y collegio en Jappon, porque desta manera no se puede ni gouernar ni sustentar la Compania y tambie por agora no se puede ni deue hazer todos estos exercicios en un Lugar.

Quato alo que toca al 3º punto aunq por ser Jappon tan ynstable y auer en el cada dia tantas guerras y mudancas, no se puede ordenar las cosas de la Compania tan estables como hombre quiere, y como en Europa se ordena, todauia por lo que en Jappon ahora corre en quanto no huuiere mas que una casa de probacion, parece mas proprio y conueniete lugar el que ahora tiene en Bump en la fortaleza de Dsagui, por las razones que en el dicho pueblo se escriuen. y quãto alo que toca al Collegio me parece que conviene, qe esta es mi intencion Sazer por ahora alo menos dos collegios, el unº el que esta ya Secho en Bungo en la ciudad de funag, y el qual mi intencion es que por ahora se enseñe solamente gramatica y Sumanddad, y de mas desto algunos cursos delas lejes y modo de escreuir, y otros cursos que conviene saber alos Sermanoes yappones y el otro collegio se haga quanto mas presto pudiere en la ciudad del Meaco, en el qual se estudie philosophia con los señores magnos y esto por las razones siguientes. La 1ª porque funag esta en el mesmo regno, y no Say mas de cinco o seys leguas del Usuqui, donde esta el Nouiciado, y porque todos los nouicios que se resciben (ahora sea Jappones ahora Portugueses) no saben nada, y necesariamente han de aprender, parece muy proprio y acomodado leerse en este collegio gramatica y Sumanddad y las de mas cosas que conviene saber alos Jappones. La 2ª que por las razones que se escriue en la 2ª opinion importa mucho Sazerse Collegio en el Meaco, y en este viene aproposito estudiarse philosophia y las otras sciencias mayores, alo qual se han de embiar los que ya aprendieron latinidad en Bungo, porq como es necesario suplir a todas las partes, no se deve tener toda gête dela Compania junta en un lugar, por las razones que se dixerõ en el 2º punto desta pregunta: y con esto se puede sustentar y acomodar y un collegio y el otro, porque assi como fueren saliendo los estudiantes del collegio de funay para el Meaco, assi se tornara ainchir con los que saliere del nouiciado para yr estudiar en el, y demas de la reputacion que con esto se ganara en las partes del Meaco los mesmos subjectos ternã mas credito, y se yran mas aprovechando a=ssy en la lengua, como en las costumbres, y modo de gouernar la xpîadad por ser aquella tierra de mas policia, y en todo mas noble. Con esto no se escusa tan biẽ leerse alguna cosa de gramatica en los dos seminarios que se hizierõ, los quales son ahora dos y ambos de

niños, el uno esta en la ciudad de Anzuchi, que es la mas noble

74y principal fortaleza de Nobunaga, quatorze leguas del Meaco. el otro esta en las partes del Ximo en la fortaleza de Arima, que esta otras quatorze o quinze leguas de Nangasaqui y de Omura, mas porq~ no conuiene estar en el los seminarios los grandes mesclados con los niños mi intencion es quando huuieremos comodidad para sustentar, lo hazer en el collegio de funai otro seminario, en que los que se fueron haziendo grandes assi en Ansuche como en Arima se embiassenthu diar y humandiar y las de mas cosas del Jappon que aellos pertenece saber hasta q~ el tiempo y experiencia muestre si conuenia acrecētar ahi otros estudios y hazer otras mudancas, porq~ Jappon es tal que con el tiempo se pueden del esperar mucho mayores cosas.

Quato al lugar en que los nuestros deprendē la lengua, aunq~ no se puede dexar de seguir la 3^a opinion, conuiene saber, que en todos los lugares se aprenda, todauia para los que de nuevo vinierē de la Yndia y de Eu=ropa parece proprio y comodo lugar para estar p.r lo menos tres años la ciudad de Omura, por las razones que se dan en la 1^a pregunta.

A cerca de la 9^a pregunta, quanto alo que toca al 1^o punto. Sin duda no se puede escusar en las tierras de señores gentiles donde se comiença de nuevo, o se va siguiēdo la conuersion, de hazerse residencias parti=culares, por las razones que en el se punta, y por otras muchas q~ se puede dar, especial mēte porque de otra manera no se puede dilatar la Xpiandad ni tener esperāca de conuertir al Jappon, ni confirmar la Xpiandad ya hecha y stablescer esta nueva yglesia de Dios sino desta; con todo ha se de proceder en el hazer estas residencias entre los gentiles con mucha prudencia y tiento, y particular mente guardando dos circunstancias. la 1^a. que pues no se puede hazer e todas las partes, se deue poner el particu=lar intento en hazer las donde se puede lo esperar mayor fructo, como es en el Goquinay y en los demas reynos que estan en su contorno, pues en el Meaco y en aquellos reynos esta el principal ser y poder del Jap=pon, como arriba se apunto en la 5^a pregunta. La 2^a circunstancia es que quando se comiēcan estas residencias, se han de comencar bien y de manera q~ se pueda alli suplir dlo que conuiene en ordē y reputacion por que va mucho para lo que se ha de hazer en char cō buē principio y q~con este credito, y por esto los padres y hermanos y predicadores que a ellas se embian han de ser sufficientes y bien instruidos acerca de las leies, costumbres y leies del Jappon, y han de tener servicio conueniente y tratarse en sus casas limpiam.te no inhonestado ni comerres, ni otras costumbres nuestras aborrecidas y estrañadas de los Jappones, porque perdiendose al principio la reputacion entre ellos, muy de espacio se torna despues a cobrar, y ponese muy grande impedim.to a la conuersion como tenemos experi=mentado por falta desto.

Quanto a lo que toca al 2^o. punto acerca de las residencias en los tiernos y japones de cristianos, sin duda es mucho mejor la 2^a. opinion, y deue procurar quato mas presto pudiere ser, que quitadas las mas residencias que pudiere ser, se hagan en diuersos señorios casas en que vivan los nros juntos, procurando que viva tantos padres y hermanos en cada una de ellas q puedan acudir y cultiuar los cristianos, visitandolos otras epocas de cuidos, y esto es sin comparacion mejor, assi para la conservacion de los

nuestros, como para la labor y cultura y conservacion de la cristiandad lo qual demas de las razones que bazen por esta parte escritas en el 2º punto se prueua por las razones siguientes. la 1ª porque con estas residencias se destruye todo el gouierno uniuersal de la Compañia del Jappon, porq para acudir y suplir dellas a los novicios, no puede estar en la casa de probacion su tiempo deuido, y necesario los estudiantes no pueden proseguir sus estudios, por donde va creciendo entre los nuestros en Jappon mucha ignorancia, los padres es necesario que se ordene muy moços sin saber nada y antes del tiempo deuido, de lo qual se siguen mil inconuenientes los seminarios no se puede inchiir ni instruir como conuiene, assi porque las residencias lleuan asi muchos dogicos, como por la falta que con esto se siente de maestros q los puedan enseñar y aprouechar, los collegios estan siempre flacos, mal seruidos y faltos de subjectos, por lo qual no se puede guardar en ellos en cosa ninguna el orden deuido, porque apenas se comienza a hazer un subjecto quando es necesario embiarlo a las residencias. la 2ª. razon es, porque por la necess.d de acudir a ellas es forçada la Comp.a entregarles a subjectos muy des conuenietes y faltos muchas vezes de la prudencia y uirtud necesaria al gouierno de las dichas residencias, porque los

75padres por muchos mozos y faltos de saber y de experiecia, y los bermanos y predicadores mienos y sin ningun fundamto. ni de virtud ni de letras, y los dogicos sin ningun gusto de espiritu y con los malos habitos y desposiciones con que se criaron, los quales todos metidos en tan familiar comercio con niños y mugeres (que tan sueltas se [suppo]) y con tanta diuersidad de gente de toda suerte, y con tantas tentaciones, comodidades y ocasiones para hazer loque quizieren y viuiendo sin ningun orden ni recogimto. porque en las residencias no se puede de tener, ni se puede operar sino muy cuenta recina con el tiempo. La 3a razon es porq como forzosamente en las dichas residencias se va haziendo mucho caso y fundamto de casas, yglesias, ornamentos, alhajas, gente de servicio, provision, y las de mas cosas necessarias de mas de el gasto incomportable, quedan los padres atados y obligados aaquellas residencias de tal manera que ni ellos pueden visitar los Lugares de su jurisdiccion, por no tener a quien dexar con confiança la casa ni el superior del jappon tiene como didad de un padre para lo poder embiar adiuersas empresas y se offrecen denueuo, estando todos contados y obligados alas residencias, ni los puede mudar ni recoger quando conviene, porque no tiene que otros que poner en su lugar, y final mte queda la Compañia catiua y subjecta sin poderse valer ni menear. La 4a razon es porque con estas residencias no solo la mente no se cultiua la xpiandad, mas antes cada dia se pierde mas el credito y concepto, porque como son tantos y no esta en ellos mas q un padre si los señores desgustã de el (como acontece los mas de las vezes, porque no seles puede dar conforme asu voluntad) toda la xpiandad va los padres tiene una carga incomportable y con poco prouecho, y de mas desto como ellos son solos y estan demasiadamte ocupados, ni pueden los xpianoes hospedar, ni tener sus casas Limpios y concertados ni tener el mas servicio y concierto que conuiene tener conforme alas costumbres del jappon: por donde quedan los mismos xpianoes enfadados y espiran fasta conuersacion y memoria de sus (franges), y por el orden, limpieza y concierto de sus varclas, teniendonos por gente suzia y vil, juntamente con la ley que predicamos, por lo qual cada dia se resfrian mas, perdie

do el amor y respecto ala yglesia y quedando nos otros sin credito; los qles mem.

7

inconuenientes hdos se quitarian, quitando las residencias, y juntando los nuestros en diuersos señorios de la manera que esta dicho, porque assi de muchos juntos se guardaria el deuido orden y concierto, y nuestras yglesias y casas se podrian mantener limpias y bien seruidas, y los Xpianos serian bien recelados y tratados, porque quie no gusta de un padre, gusta de otro, y los nuestros assi hermanos como dogicos viuiria en ellas con menos peligro y mas recogidos, y el superior ternia su libertad de acudir a las misiones que le ofresce, y de mandar quando quisiesse los padres, y se escusaria buena parte del gasto, y la Compa y religion Xpiana creceria cada dia en mayor reputacion y credito. y de mas destas hay otras muchas razones, porque se poblaria la Compañia haziendo cuerpo en todas las partes y criando sus nouicios, estudiantes y seminarios con su deuido orden, no quedando tan flaca siempre como ahora esta, y no se haria tantos faltos y imprudencias como ahora se hazen, porque mas facil mte se hallaran pocos que gouiernen bien que no tantos, y se gouernarian co mas consulta no haziendo cada uno de su cabeza lo que le paresce, y desta manera se yrian haziedo sujetos aptos para gouernar Jappon, tomando experiencia y el gouierno destos casos, lo que no se puede hazer ahora, porque viuen todos apartados y solos por estas residencias, y desta reducion se siguen otros infinitos comodidades.

Ni las razones contrarias son de mucha efficacia, porq como estos señorios de Xapianos estan reducidos en pocas lenguas, y no se puede visitar los Xapianos sino dos o tres vezes en el año en su cierto y deuido tiempo, por estar lo mas del tiempo ocupados, viuiendo solos padres y hermanos juntos quantos bastaran para acudir a los lugares de aquel señorio, puede visitar a sus tiempos co mucha comodidad, y antes es esto mejor que estar en las residencias, porq estas casas se ha de hazer solamte en los lugares mas principales, y las residencias estan en las aldeas pequeñas, donde por ser esta gente muy pobre y obligada a muchos seruicios, no esta capaz para sufrir siempre la presencia del padre, porque estando siempre alli padre es

76razon que siempre acudan ala yglesia, y como en la yglesia ay siempre mucho que hazer, han tambien de acudir y ayudar en los otros que se haze, y hazerlo assi es para ellos mucho disgusto y trabajo, y no lo haziendo y viendo que lo devia hazer, desconfian y quedan cortos y no se atreve a parecer delante del padre, y desta manera van poco a poco perdiendo el respecto y la deuocion, porque real mente no pueden con tanto como lo vimos por experiencia que en todos los Lugares donde tenemos residencias firmes son los xapianos mas tibios y frios, y los mejores y mas deuotos son los que estan en los lugares que son visitados del padre a sus tiempos y cuidados, porque como entonces los padres se detiene pocos dias en cada Lugar y los xapianos no estan entonces ocupados, acuden todos de buena gana y con alegria en aquellos pocos dias, y quedales despues

con aqhella memoria amor y desseo de los padres.

Por las quales y por otras muchas razones concluyo que en las tierras que ya son todas de xapianos sequite las residencias, juntando los p.es dellas en uno o mas Lugares principales de aquel señorío, y conforme ala grandeza de la tierra y al numero de los padres que en ella viven quanto mas comoda mente se pudiere, y assi reduziran todas las residencias del Ximo a quatro o cinco casas, de las quales una estara en Omura, otra en Nangasaqui, la 3a en Arima, y la 4a en firando o en facata, y la 5a en Amacuça, y no se haran otras residencias particulares en los dichos señoríos de xapianos de aqui adelante, saluo por algunas causas oraciones particulares, como para cumplir con algun señor que deseando su estado se recogesse en algun lugar al qual huviessemos grande obligacion, y estubiesse tan lexos dellos dichos casos que pareciese ala consulta del superior de Jappon que no sele puede sin escadalo negar un padre.

Mas en las tierras donde estan mezclados los xapianos co los getiles, o se comieca de nuevo la conversion como en Bungo y en las tierras de Meaco, se podran con la mesma consulta hazer las mesmas residencias quando no se puede acudir ni cultivar por los padres que estan a las dichas casas, haziendo esto de espacio y con mucho tiento guardando

8

las circunstancias que en el 1º punto estan dichos, y assi como con la espiandad crecida se deve recoger las residencias haziendo cosas dela manera que tenemos dicha en el Ximo, y aduertiendo que no se corra depriessa y con facilidad en hazer residencias aun en las tierras delos gentiles sino fuere en lugares principales en los quales se puede esperar mucho fructo y se puedan proueer como conviene sin detrimeto del credito y reputacion dela Compañia, pues esto importa tanto ala mesma ley de Dios, y mejor es no los hazer que proueerlos mal con peligro y detrimeto del credito dela ley de Dios y dela Compañia.

A cerca dela 10. pregunta, acerca del 1º punto no ay que dezir sino que han de recibir en la Compañia todos los Jappones que huviere partes para esso y fueren escogidos de Dios, mas no con la facultad delos recibir sino el superior uniuersal del Jappon, al qual los tres superiores delas partes del Ximo, del Meaco, y de Bungo daran informacion delas partes y qualidades delos dogicos que heche de baxo desu jurisdicion todos los años, haziendo un catalogo dellos con sus informaciones como se haze delos hermanos, para que sepa el superior uniuersal la vida qualidades y partes dellos, y quanto tiempo estuuieron y como viuieron en casa, para poderse determinar quando los ha de llamar para recibir y embiarlos al nouiciado, conforme ala facultad q para esso tiene haziendo que se tenga muy buen cuydado dellos.

Quanto al 2º punto, de aqui adelante todos los que recebiere se embiara al nouiciado en el qual estaran dos años enteros, diuidido en los exercicios y mortificaciones del nouiciado conforme al orden de el, y en d-

ho año no se podra dispensar en sacarlos del nouiciado sino fuesse si-
do neçesario alguno embiar por muy pocos dias apredicar o hazer alga
otra cosa en algun lugar vezino; y tambien en el 2º año no se dispen-
sara con nadie sino con consulta y por causa neçesaria y graue confor-
me alo que dize en este 2º punto dela consulta: y no pudiendo embiar
luego al nouiciado alguno que se recibiere, o por no auer passo, o por
alguna otra causa graue, embiarseha luego que se pudiere y cessare el
impedimento al nouiciado para cumplir en el su determinado tiempo.

77Quãto al 3º punto no solamente me parecia bien la opinion dela consulta
mas mi intencion y voluntad es que todos los Jappones que tuviere abilidad
para estudiar, en quãto la neceßidad y falta dehermanos nos diere lugar
para esso, sehan de embiar despues de acabado el tiempo del noviciado a
estudiar en el collegio de finday, assi para que deprendan lo que es nece-
saber desus leyes para predicar, y para escreuir las cartas dela ma=
nera que conuiene en su lengua, y aprender gramatica y los de mas scies
deque fueren capaces conforme ala comõidad de Jappon Dara desi, como
tambien por que luego en saliendo del noviciado y no se repartã por diver-
sos casos pequeños, mas echen mas raizes en la virtud y e~ los letrasy
biuiêdo en los collegios y casas vrdendras, mas por quanto es necessario
tambiẽ acudir alas casas y en Jappon no se puede vdenar luego todo co
mo conuiene, quedara ala prudencia del superior vniuersal con su cõ
sulta ver quãto tiempo y quienes podran estar en el collegio y estudiar
mirando siempre al mayor seruicio de N. señor y bien dela Compa
y aduirtiendo mucho que paralouno y lo otro es de mucha importancia
sazer quãto se puede para abilitar y instruir los subiectos a su deuido
tiempo para sallir los despues aptos para servir ala Compañia, y no
hazer como algunos que en quanto no tiene cuêta de esto los ocupa
en cossos de poca importãcia que se podria escusar, y assi les haze per-
der el tiempo y los años en que podian de prender y aprobechar, los
quales passados quedan despues ignorãtes y con pocas partes para ayu=
dar ala Compañia, por culpa de quiẽ no los gouerno como conuenia,
delo qual se sigue mucha perdida del seruicio de nuestro señor que
podran hazerlo y mucho daño y detrimẽto dela Compañia, y quedan
dellos despues muchas vezes con vieda muy tristes y descontentos y
guzgando po el tiempo que les hizierõ mal perder.-

Acerca dela 11ª pregunta sin duda es cosa muy difìcil alcãçarse
entre los nuestros y Jappones esta union por las razones que en el 1º
punto se dixerõ, y como cosa en que nos va el bien o destrucciõ dela
Compañia se ha de procurar cõ toda diligencia esta union, y los medios
mas proporcionados para poderla alcãçar son los que se apũtã e.d.z:punto, los cuales se han de
guardar con toda diligencia y rigor, y assi
los encomiendo encarecidamente a todos los padres y hermanos, especial-
mente a los que fueren superiores encargandoles sus conciencias que los
hagan con toda diligencia guardar, pues de lo contrario se siguira muy
cierta nuestra perdicion.

Acerca de la 12ª pregunta es cosa necessaria hazerse de tiepo en tiempo
congregacion en Jappon por las razones que se dan en dho punto co facul-
tad de elegir procurador para yr a Roma, sin poder ser impe-

dido del Provincial de la India y assi se executara de aqui adelante, y quanto a lo que toca al tiempo, y a los que han de entrar en la dicha congregacion, conformandonos con lo que ordeno nuestro padre acerca de la congregacion que se ha de hazer en la India declaramos (como su paternidad de claro) que lo que se dize en el paragrafo o capº undecim de la formula de la congregacion Provincial, acerca de elegir procurador de los provincias transmarinas fue privilegio a ellas concedido, y no derogacion de la ley comu de nuestras constituciones en el modo de elegir procurador, por lo qual quedan las mesmas provincias transmarinas con la libertad que tiene los otros de hazer cada tres años congregacion para elegir d. dicho procurador. Mas por que es cosa dificultosa en la India congregarse los sup.res y los demas personas que se han de hallar de la dicha congregacion ordeno. S. P. que la congregacio se hiziesse en la India cada seis años y si a los mas votos pareciese y se decidiera mandar procurador lo elegiesse y embiase, y en el triennio siguiente el Provincial escriviesse a todos los que tiene voto en las dichas congregaciones pidiendoles sus pareceres sobre si se deve hazer congregacion o no en el dicho triennio de nuevo, y despues de oydos los pareceres quedasse en la libertad y eleccion del Provincial se quiere hazer congregacion o elegir siendo necessario procurador conforme al de creto de la dicha formula de la congregacion provincial, o dexarlo de embiar hasta el 6º año. Y por quanto las mas razones y dificultades y aun mayores se hallan para ajuntarse en Jappon los que han de estar presentes a la dicha congregacion se hara de la mesma manera

78de seis en seis años procediendose en ella conforme ala formula hecha por la 3a congregacion general. y por quanto la persona que se ade debiar por procurador hade ser qual deste officio conviene, y siendo tal podria hazer mucho daño sacarse cada seis años de Jappon sin otra desemejantes personas, trataran en la dicha congregacion antes de elegirlo, si los negocios que se han de tratar son tales que parece conveniente embiarse procurador a Roma, o dilatando el procurador para otro tiempo bastara embiarse las informaciones ala Yndia y ala Roma sin otro procurador haziendosele que a cerca dello de terminarse la major parte delos votos. y porque en Jappon ay falta de profesos y coadjutores espirituales. hasta q aya major copia de ellos, torna liberto esta congregacion de embiar un procurador aunque no sea ni coadjutor spiritual formado ni profeso.

En el siguiente trienio consultara el vice provincial y sus consultores y mas padres y profesos que comoda mente pudiere y hene costo para venir ala dicha congregacion si conviene convocar aquel año congregacion o embiarse de nuevo algun procurador conforme ala forma del dicho decreto haziendo despues lo que le pareciere mejor en el señor, assi a cerca dela congregacion, como del mesmo procurador.

Mas assi el vice provincial como la congregacion en la enleccion del dicho procurador y en lo de mas consideraran las cosas siguientes. la 1a de quanta distraccion, dificultad y peligro sea congregar de diversas partes de Jappon los que han de venir ala dicha congregacion. la 2a qua grande es la falta de los subjectos en Jappon y quan grande daño

se le haze en sacar del un sujeto prudente y que sepa la lengua de Jappon y que tenga experiencia para embiarlo a Roma poniendolo en tanto peligro de nuca mas tornarlo aver. la 3a que por ser la distacia tan grande de Jappon a la Yndia y a la Roma aunque ocurriese muy graves negocios sino son tales que padecen mucha dilacion, no aprovechara para su remedio embiar procurador a Roma. por las quales razones y por otras que se offrece no han de ser faciles sino muy considerados assi en llamar ala dicha congregacion como en embiar procurador escusando la una cosa y la otra quanto se pudiere. Y aunq bajasse congregacion cada seis años para tratarselos mismos negocios del Jappon paresce y sera bueno todavia se ha de considerar mucho si sera bueno embiar procurador cada seis años, pues comun me[n]te este procurador no puede servir de mas q dar informacion a N. P. delo que passa, y como ha de pasar tanto tiempo antes de tornar la repuesta, y los avisos del Jappon se mudan tanto de una hora en otra, comun mente acontescera hallarselos avisos del Jappon tan mudados quando viniere la repuesta de Roma que no servira lo que se reponde y sera necessario hazer una cosa, por lo qual deve ser N. P. general advertido de dos cosas. La 1a. que por la mucha distacia que hay del Jappon a Roma y por los muchos y graves negocios que ocurren se[r]ia bien que la congregacion del Jappon huviesse tambien authoridad de determinar y ordenar los casos pertenescietes a Jappon, mejor mente q en determinar los es necesaria experiencia de las cosas que passan en Jappon. La 2a. cosa es que S. P. en las repuestas que diere y en lo que mandare y ordenare en Jappon se acuerde de las mudancas que acontesce aqui cada ora para q quede alguna libertad al vice provincial del Jappon con su consulta de hazer otra cosa si el tiempo y las mudancas del Jappon assi lo requiere, sin quedar, ed escrupulos y con inquietaciones, dando S. P. a ambos estas dos cossas, el mejor orden y remedio que le paresciene, de tal manera q la congregacion tenga alguna mas facultad de la que ahora tiene acerca de determinar algunas cosas, y toda via quede alguna libertad al vice provincial para que en las ocurrencias q de nuevo o de repente viniere, que ni por los de terminaciones de la congregacion, ni por las repuestas que de nuevo viniere quede atado ni embaraçado demanera que no pueda ni sepa resolver.

Quanto alo que toca a las personas que se han de juntar a la dicha congregacion de claro S. P. que demos de las personas que se trata en la dicha formula de la congregacion, convengan a ella y tengan voto los superiores aunq no tengan nombre de Rectores, si tuviere debaxo

79de su mando alo menos alo menos nueve personas de la Compa quien esten fijos en una casa. quier en diuersas residencias, y quando ellos no pudiere venir personal mete. podran embiar sus substitutos en su lugar conforme alo que en la dicha formula se dize. mas porque en esse Jappon hay tanta falta de personas que conforme a la dicha formula pueda legitima mete asistir a las dichas congregaciones y importa mucho sallen se en ellas personas que tiene de Jappon mucha experiencia, basta que nro padre diere su orden entraran y seran llamados a la dicha congregacion tambie los profesos de tres votos y coadjutores spuales formados y demoda mete se pudiere congregar al juizio del vice provincial y despues con-

sultores estandose a los mas votos conforme alo que en la dicha formula se dize.

Quanto al lugar paresce mas aproposito Bungo por estar en el medio. todauia quedara esto al juizio del vice provincial conforme alo q dize en la dicha formula. teniendo aduertencia quato al tiempo que se haga la congregacion en tiempo que auiedose de embiar procurador para Roma Rrequanto fuere possible a gra a tiempo que se halle e la congregacion que alli se haze tambie de seis en seis años, salo menos q pueda yr juntamete al Ro[y]no con el vtro procurador que de la India se embiare yendo en diuersas naos. por que importa assi por muchas razones y conuiene que assi se haga. y por quanto agora yra o embiara el padre visitador a dar a nuestro padre informacion llena de las cosas de Jappon paresce que bastara esperar la respuesta destas informacioes antes que se haga nueva congregacion. pues parece que entre el dicho termino de seis años llegara a Jappon.

Acerca de la pregunta. 13. quanto a los 1os puntos no hay que dudar sino q assi es puntual mete como en ella se dize. y quato alo q toca al. es tan grande el peligro en que esta no solamete la compa mas toda esta nueva yglesia y xpiandad de Jappon de perderse del todo por falta de la necessaria en lo que toca al temporal q paresce sin duda q sabiendo su sanctidad y. S. A. lo que passa no podrian dexar de entender que estan obligados en conciencia alo menos su sactidadde acudir a esta nuena yglesia special m[en]te p[id]iendola o de remediar, delo qual todo se deue dar larga informacion assi a S.A. como a su S. por persona q[ue] tenga auctoridad, y que la sepa dar y fundar con toda breuedad, pues conforme alo que yo siento en mi conciencia esta Jappon en extremo peligro de perderse por falta de lo temporal, porq[ue] perdiendose una naue no se vee por donde se puede esperar que tenga remedio para sustentarse mucho tiempo, sino fuex proveydo presto con algun mayor caudal de la manera q[ue] se dixe en el dicho 3º punto.

Quanto alo que toca al 4º punto acerca delo que toca al comprar reochis sin duda parece mejor la 2ª opinion por las razones q[ue] en ella se dan, con todo esto si en algun lugar de xptianos que paresciesse segun suuiesse alguna obligacion entre el señor de la tierra y la Compañia de manera tal que la Comp[añi]a no pudiesse escusar emprestarle algun dinero, o ellos offresciesse reochi para pagar lo que deue en tal caso paresce que se podrian comprar, mas esto no se haga sino raram[en]te y quando paresciere que no puede escusar: y porq[ue] todos las cosas de Jappon son tan instables que alas vezes conuiene para el seruicio de Dios y para bien de la xpiandad obirnar a vender o tornar a dexar no sola m[en]te lo que nos es dado mas tambie lo que es comprado, parece necessario por quitar escrupulos que su Sª y nuestro padre den a los que gouierña Jappon mas facultad de la que tiene los de mas Provinciales acerca destas alienaciones, permutaciones, y donaciones, por que alas vezes es necessario hazerlas aunq[ue] no sea in euidente utilitati, por que no se puede saber menos, y de otra manera correria peligro la yglesia de padeçer detrimento.

Quanto alo que toca al limitar los gastos y hazer estable este caudal no se vee por ahora ningun remedio sino buscar con presteza el reme-

dio q[ue] puede dar S. A. y S. P. y encargar la consciencia del coi-
ce prouincial que tenga el cuydado que deue desto pues q[ue] tiene Jappon
procurando en toda manera conseruarlo.

[marginalia]

reochis es horra de arros

80Acerca dela pregunta. 14^a. paresce bien tenerse estos lugares de Go=
gosaqui, co tal que quede libertad al sup.or deJappon, para que co ospulsa
paresciendo mejor los pueda dexar procurando que dom Bartholome sea a=
ga de mandar co do jacunim que haga justicia.

Acerca dela pregunta. 15^a. paresce bien todo lo que se dize enella y assi
se correra de aqui adelante.

Acerca dela pregunta. 16^a. qnãto alo que toca al 1º. 2º. y 3º. punto esta bie
todo lo que en ella se dize y assi se guardara. qnãto alo que toca al. 4º.
paresce sin duda mejor la 3^a. opinion. s. que ni en las residencias ni e los
cogos coman los dogicos juntamete con los sermanos saluo si fuesse algu
dia de fiesta en el año para les hazer fauor chforme alo que en la dicha 3^a.
opinion se dize, mas por esso no prohibe q con algn particular que fuesse
predicador o dogico coiejo bene merito no pueda el sup.or deJappa dispe
sar que coma con los nuestros por particulares razones. Mas con toda
diligencia se sa de procurar que sea bien instruidos en las virtudes y
letras conforme al talento que cadauno de ellos tuviere, y sean bien tra=
tados assi en el vestir como en el comer y en todo lo demas dela ma=
nera que conviene a su estado, y ellos ayudaran a seruir ala mesa, aun
que los que ya fuere predicadores no seruiran la mesa comu mête, y nin=
guno podra ni rescibir ni despedir los dogicos sino los que fuere sup.es
vniuersales. los quales cada año Saran un catalago dellos dando dellos par
ticular informacion al superior de Jappon, conforme alo que se acostûbra
hazer de nuestros sermanos.

Acerca del. 17^a. pregûta, quanto alo que toca al 1º. punto sin duda es
mucho mejor la 2^a. opinion y assi de aqui adelante se guardara comiedo
en los rectorios y en los collegios conforme ala costumbre uniuersal de
Jappon, saluo si fuere quando se da de comer al jacata de Bungo, y de
aqui adelante no se introducira esta costumbre de dar de comer a mezas
altas con ningun otro señor de Jappon, pues dello se sigue muchos in
conuenietes y en Jappon es cosa bien escusada.

Qnãto al 2º. punto sin duda la 3^a. opinion es mucho mejor y acomodarnos
no plamonte en el modo del seruicio y del aparejar mas cõ qnãto quãto

12.

alos mesmos costos que se comen haziendolo todo ala guisa de Jappon. y
cosa q importa para el servicio de N. señor y para lo que pretendemos
en Jappon, es esta mucho mas delo que sombrē puede pensar, y de hazerlo
lo contrario se causaron hasta ahora en Jappon notables inconuenien=
tes y impedimtos para el credito, y dilatacion de nra sancta ley. El. 1º

fue que como los Bonzos de todas las sectas no comen ninguna mane= ra de carne ni de pescado, coerse en Jappon que nosotros no solamente no hazemos esto mas comemos puercos y vacas, y otras cosas anssi guisa que de los Jappones son tenidos y aborrecidos por suzios y inmundos, cau= so muy grande escandalo y aborrecim.to de nosotros y de nuestra ley alos gentiles, lo que no fue poco impedim.to para la conuersion yprehendemos. El. 2º fue venir acriarse en nuestras casas puercos, cabras, y matarse en ellas vacas y auenderse despues los cueros, cosas todas muy estra= ñadas y aborrecidas delos Jappones, y que no las haze en Jappon ningun otro sino algunos chinos que entre los gentiles son tenidos por tan ba= xos y viles, y assi dezir que se hazen en nuestras casas estas cosas tan ajenas de la estima y reputacion en que estan los Perlados y predicadores de la ley de Dios causa siempre notable escandalo no solam.te entre los gentiles mas tambiē entre los mismos Xpianos, los quales comu mēte aborrecē semejantes cosas, por donde quedo abatida nuestra ley, y nosotros fuimos tenidos por hombres chinos suzios baxos y viles. El. 3º incon= uenieēte es que como los Jappones sean tan enemigos de toda suerte de gor= sura y tan limpios en la manera de comer, viendo las viandas de nros refitorios y cozinhas, y la manera de nuestro comer con tanta gordura y sin gusto y olor dellos tanto estraña, y siendo la poca limpieza q teniamos en nuestras casas, en la qual los Jappones especial mēte los Bonzos tanto se esmeran, venēmos a quedar con ellos tenidos por gēte suzia y de poca estima. El. 4º impedim.to es que siendo necessario como es en Jappon recibir y hospedar tan frequēte mēte y dar de comer a muchos en nras casas, siempre quedamos cō verguença haziendolo muy ruin mente, por que ni los cozineros saben concertar el comer ala ma= nera de Jappon, ni los otros moços saben servir, ni tenemos ē nras casas

81las alhagas y otras necessarias comodidades para esto. y las mesas y gisques estan siempre sujas y con ledor de la grosura del prancay de la baca, y nos otros ni sabiamos comer bien aguisa de lappon ni po= diamos acomodarnos asus comeres, de lo qual todo se siguen otros mu= chos desordenes co no poco abatimiēto nuestro, perdiendo los mismos lappones que vinie en nuestras casas su buena manera de proceder y no contentando ni ellos alos otros ni siuiēdo ellos contentos en nuestras casas.

Por las quales razones y por otras muchas deue cada vno de nos otros considerar lo que S. Pablo dise aeste proposito hablando co agllos que sabiendo que podian comer de todo no tenian cōta con lo que los otros dezian reprehendiendolos que no deuiā vsar desta licencia con escandalo delos flacos para que no se diga que ellos parecian por esta sabiduria, añadiendo sic aut peccantes in fr̃es et percutientes cō= sciētīā eorū infirmam in Xpm peccatis. y por esto concluye que pro pter si esca scandalisat fr̃em meū non manducabo carnes in eternū ne fr̃em meū scandalisem. y pues nos otros vemos que muchos se escanda lisa de nos ver comer esta manera de carnes, y se causa no poco vtro= paculo ala conuerssion delos gentiles abatiendose con esto nuestra sãcta ley. cada vno deue procurar uencer su propria naturalesa acomidan= dose alos comeres delos lappones para quitar este escandalo, y sobre todo han de mirar en esto los superiores haziendo con prudēcia y dis=

cricion que se vayan todos acostumbrando assi en el seruicio como ē la qualidad delas cosas que se comē y en el concierto dellos haziēdose quanto pudiere ser todo ala guisa y manera de lappon.

Con todo esto condescendiendo con la flaqueza humana, y teniendo respecto amuchos razones que aora me muerie me parescio acerca desta materia ordenar las cosas siguientes.

(a 1a que de aqui a delante en ninguna de nuestras casas (ora sea d' herma de xptianos ora de gentiles) no se crien ni puercos ni cabras ni se matē bacas, ni se ponga laengāngar los cueros dellas ni se hagan otras cosas

18semejantes comidas por suzias y abominables enlos ojos delos jappones, mas no quita con esto que se puede criar gallinas y anades con tal que esten cercados en un lugar apartado de manera que no ande por casa.

La 2ª cosa es que en los hierros ora de Xpianos ora de gentiles donde no esta introduzido comerse entre ellos puerco vaca y otros comeres lechos a nuestra guisa, no se introduzga de aqui adelante saluo se fuesen algunos cosos limpios y que no los ygnoren ellos estrañar como. v. g. pan biscocho las conservas aceitunas y otras cosas desta suerte: y quando se combidan Tonos donde no esta introduzido darles de comer a nuestra manera no se introduzga antes se deue procurar quanto comodamete pudiere de quitar lo que esta introduzido en esta parte, pidiendo se bagar sin escandalo delos señores con quie esta costumbre esta introduzida, aunque con el Jacata de Bungo y con el Tono de Omura parece que no es bien innovar nada.

La 3ª cosa es que en los hierros donde por la conversacion delos portugueses no se estrañan tanto comer puerco y vaca como enlos hierros de Nangasaqui, de Cochinoçcu y de Bungo, sepodran alos nros comer en nuestras casas semejantes comeres con tal que concierte aguisa de jappo y no vengam huessos ala mesa ni se hagan unas puestas tan grandes que parezcan disformes alos jappones, y el xiro que se hiziere de vaca se ponga en porcelanas y no en xirogoques para que no queden los goques despues oliendo mal quando en nuestras casas come Jappones.

La 4ª cosa es que el comer ordinario delos padres y hermanos ha de ser arros y xiro con dos maneras de say concertados aguisa de jappon con su postposto de fructa o de otra cosa semejante seruiendose se lo sobredho al arros y al xiro con saixai mexor que et hornarlo adar conforme alo que pedieren los que comen corrido a su tiempo el xiaque del vino y el yu y guardandose en el seruicio y en el comer el orden y costumbre de jappon.

La 5ª cosa es que aunq en los casos el comer ordinario ha de ser desta manera todauia con los que fueren mal despuestos o enfermos vque ajuizio delos supres por particulares razones tiene necessidad de alguna cosa hecha

82a nuestra manera, se forma alguna colera con ellos conforme a lo que la razon y charidad enseña que se ha de hazer, y con los que deniere de nueuo oppo se ha de tener algun respecto alo menos en el 1º año, pues no pueden tan facil mete ni tan presto entrar con los comeres del Jappon, y por esto e Man= gasagui y en Omura donde ellos estuuire se ponga por algunos dias con= descender con ellos con tal que se vayan acostumbrando poco a poco, y no se

quite por esto la manera ordinaria de comer y servir se que arriba dixi= mos.

Causa es que yo pido y encomiendo a todos mis charissimos ps y hermanos que ahora estan y que al delante verna a Jappon q hagan quato pudie ren por se vencer a comodandose en todo a los comeres y a la manera de comer que se usa en Jappon, pues por muchas razones que tengo vistas por ex= periencia importa mucho al seruicio de N. señor. Y de lo q pretendemos en Jappon vencernos en esto, acostumbandonos a sus comeres, ni porque hallen en ellos al principio repugnacia ni porque la peresca y los puder escusar y que sus estomagos no pueden con semejates comeres, se canse facil mete dexandose vencer, mas antes venca con la virtud y charidad es= ta repugnacia porque la experiencia me ha mostrado amy mesmo y a mu= chos otros que determinando de nos vencer pudimos acerca desto mas delo que pensaramos, y nuestra naturaleza em breues dias se acomoda a lo que hombre quiere quando se determina a hazerlo. Mas porque no todos tiene el mismo estomago y la mesma salud, haran todos lo q a esto pudiere guardando lo que El Apostol dize qui manducat non manduca= tem non spernat, et qui non manducat manducate non judicet.

Acerca de la 18.a pregunta quanto a lo que toca al. 1º. 2º. y 3º punto to= do esta bien dicho, y quanto lo que toca al. vº se ade saber que aun q son infinitos los costumbres de los Jappones todos estraños y nuevos a los q ve= nimos de la India y de Europa, todauia se pueden reduzir a tres gene= ros los que a nos otros pertenece saber. el. vº acerca del modo que hemos de tener en el tratamieto de nuestras casas y personas que a de ser propor= cionado a la professio y lugar que tenemos en Jappon como predicadores y perlados de la ley de Dios y desta nueva yglesia de Jappon confor= mandonos al modo de proceder que tiene los bongos de todas las sectas

14

del Jappon. El 2º genero es de las costumbres y cerimonias que auemos de tener assi en el conuersar y hablar como en el tratar con diuersas gentes conforme a lo que en Jappon se usa. El 3º es de la costumbre y modo que auemos de tener en hospedar los huespedes, para hazer familia= res y deuotos los xpianos. y final mente para regular todas nuestras acciones conforme al modo del Jappon de la manera que usan los Bongos. y importanos tanto saber estes tres generos de costumbres que humanamente parece cosa impossible alcançar de otra manera ningun credito ni repu= tacion en Jappon: y como por experiencia vemos (que por falta desto estamos hasta ahora muy abatidos y tenidos en poca cuenta, y sin duda esto fue (quanto yo entiendo) hasta ahora, y sera (hasta que se quite) el maior impedimto y obstaculo para dilatar la conversion de quantos se hallan en Jappon por las razones siguientes. La 1ª porq esta gente de Jappon es de muy grande entendimiento, y puesta en sus costumbres y ce= rimonias exteriores sobre todos los gentes que hay en el mundo, y por esto tiene libros particulares y costumbres determinadas, con los quales ordena y regular el uestido, el comer, el seruicio, el orden de la casa, el modo de hospedar, y final mente todos los acciones particulares que hizieron propias y particulares y conuenietes a las personas y dignidades

de qual quier estado y de mas de ser estos incognitos y inauditos a todos los otras naciones, son calificados por ellos de tal manera q sino se guarda aquella propria orden deuیدا, comu mente o queda injuriada la persona con quien se trata, o la mesma persona que la haze, por donde no guardando los padres en todos estos tres generos de costumbres el orden deuido, o quedan haziendo injuria a los otros con daño y peligro suyo, o quedan tenidos por gente barbara y sin ninguna crianca ni de abatirlos. La 2ª razon es porque no sabiendo nos otros correr con sus costumbres venimos a tratar con ellos como gente encogida y corrida y vergonzosa no sabiendo ni tratar ni hospedar, ni corresponder a sus ceriminias, por donde quedase ellos reziendo y burlando de nuestro modo de proceder, teniendo nos por gente de poco saber, y tratandonos como a gente vil y abatida, y assi quedamos hechos fabula del mudo, con lo qual queda grãmente con nos otros abatida nuestra sancta ley. La 3ª razon es porque

83los bonzos de todas las sectas de Jappon son tenidos entre ellos de suma veneracion y ellos se tratan co mucha authoridad y grandesa y como los gentiles no sean capaces del deprecio del mundo y de nra mortificacion, de do nuestro modo de proçeder tan uil y tan depreciado y tan diferente de la grauedad y reputacion delos bonzos, conciben de nra ley una opinion muy baxa y uil juzgando y diziendo que tan baxa y uil es la ley de Dios como la manera de vida q nos otros tenemos. La 4a razon es porq teniedo los perlados y bonzos de Jappon tanto orden y concierto en todas sus cosas y no auiedo por la parte de la ley de Dios otros perlados ni otros muebles de la gloria y reputacion de la yglesia q la que ellos veen en nosotros, viendo una manera de proçeder en todo tan desordenada y contraria a sus costumbres de tal manera se rien y deprecian nras cosas q nos solamente nosotros quedamos abatidos, mas quedalo tambien la ley de dios y quedan los mesmos xptianos auergoncados y corridos de nro modo de proceder. de donde en muchas partes se causan en ellos la tibieza que vemos no sabiendo como se defender delos gentiles. La 5a razon es porque aunq quanto a la verdad de la ley y a la birtud interior no ay ninguna comparacion entre los bonzos de esotras sectas y nos otros, todauia ellos dieron a sus falsedades tales apariencias y colores, y cubrieron la maldad interior de capa exterior de tantas virtudes q para los que no tiene fe ni sciencias no me nos creibles parecen sus cosas que las nras, y en todo lo demas nos hacen tanta ventaja que con dificultad pueden los Jappones concebir que tienen ellos menos birtud que nos otros, porque en la abstinencia en la competicion de las costumbres, y en la modestia en todas las cosas, y en la moderacion de todas sus passiones exteriores, y en la madurez y prudencia y en su modo de proçeder y en la reputacion y authoridad y en el trato de sus casas y personas nos lleuan tan grande ventaja que yo mesmo me espanto quando las considero: y como no tengamos nosotros, ni don de milagros ni spiritu de profecia ni gracia de sanar los enfermos, ni dones de lenguas, ni otras qualidades epocteles con que quede la manera de nra vida engrandescida, no sabiendo ni la lengua ni corriendo con sus costumbres, quedamos en comparacion delos de mas bonzos muy depreciados y abatidos, y como toda esta gente esta toda puesta en honrra y opinion, es tan baxa y mala la opinion que concebieron de nos

otros por no ver nras costumbres tan contrarias alas suyas y nra manera de proceder y nros comeres, y casas tan despreciadas y viles que no quieren en nra manera oyr lo que predicamos como cosa q dios conciben por de ninguna estima o se ojen aun q sean convencidos por la razon, no se a treuen a lo man[?] tan despreciada, y muchos aun despues de tomada quedan frios y corridos. Por todas estas razones y otras muchas de no menor qualidad concluyo ser cosa neceßaria asi para tener con los Jappones la amistad necessaria como para que no sea a buelta de na esta sancta ley, y para q la conuersion se dilate, y los xopianos se hagan familiares y deustos, que aprendamos y guardemos los costumbres y catangues del Jappo. Para lo qual conforme a lo que en el 2º. punto se dixe con consulta y parecer de algunos Sujimos algunos auisos acerca de los costumbres y catangues del Jappon que no se puede dexar de saber, los quales encomiendo al super. del Jappon y a todos los de mas sugetos vniuersales y particulares de los casos que hagan con diligencia enseñar y guardar entre nos otros encomendando a todos los padres y hermanos que los quieran le piden con diligencia, pues desto se seguira tan grande fructo y seruicio de nuestro señor conforme a lo que des de ahura dizen todos los xopianos.

Ellas acerca desto se me ofrecen algunas cosas. La 1ª que por quanto en tan breue tpo no se puede perfeccionar todo lo que era necessario para los dichos auisos, procuraran todos los sugetos inuestigar lo que falta certificandose de lo que se hallare dudoso y acomodandose conforme a la verdad y neccesidad en la que se hallaren faltos por que mi intencion es que asi se haga y se corra en todo conforme al proprio modo de proceder de los Japones. La 2ª cosa es que por quanto en ellos se tratan muchas cosas q pertenecen a dar honrra y anthoridad a los padres, tenga cadauno aduertencia que no se a fierre a ellos de tal manera que se descuyden de la paciencia, humildad, longanimidad, charidad y mortificacion, con que han de vencer sus pasiones y sus menos apetitos en acomodarse a los comeres y a los de mas auisos que son necesarios para saber los costumbres y saber familiares a los xopianos, por que la reputacion sa de seruir para esto y no para contentarse en ella.

Acerca de la 19. pregunta refiriendome a lo que dixe en los quatro puntos de ella me parecia acerca delos vestidos ordenar las cosas seguites. La 1ª que de aqui adelante el uestido nro y de nros legicos on todos sea uniforme, y el nro hade ser

84todo negro conforme a lo que dije en el 1º y 2º punto sacando los tabes como en el esta dicho. La 2ª que los nros en ninguna cosa se sirvan de seda y assi no se usara ni sombreros ni bonetes aforrados de seda ni Golas grandes al derredor delos sombreros ni cordones y cintas de seda, mas estos se podran sacar de cadaço o orillos de seda, pues es quanto a los nros se pueden dexar de usar estas cosas sin ningun detrimto. La 3ª: es que el ordinario vestido delos padres y hermanos sera sotana y debueco con el collar levantado y bonete redondo ora sea hecho en Jappon ora en Portugal, y los quimones se haran con mangas a manera delos de Portugal, y aun que assi las mangas delos sotanes como delos debuecos han de ser anchas y no tan estrechas como ahora se usan, y los quimones podran ser quanto a lo demas o del corte delas ropas de Europa o delos quimones de Jappon, porque conformen en las mangas y en la color, va poco en lo de mas con tal que los quimones que tienen el calle de Jappon sean cojeri largo hasta baxo y no cortado de la manera que ellos usan. (La 4ª: es q los padres se sirvan delos mantos en algunos dias solennes quando van a hazer algunas visitas a grandes señores especialmte si son gentiles como ahora se usa. La 5ª es que porquanto los Jappones no estrañan en los bonços çapatos con la punta redonda a manera delos nros, mas antes en los dias solenes y quando hazen sus cumplimtos

y cerimonias traen çapatos de la china, y en las procesiones y quando se dize missa y se hazen otros actos solenes no parecen bien caber con dedos descubiertos, y de aqui res, los padres de aqui a delante procuraran todos tener chinelas quando se dize missa y se hazen semejantes actos, no usando de xiquirines en ello, y quanto al demas tiempo assi ellos como los hermanos podran usar de tabes abiertos o cerrados como ellos quisieren, y assi mismo de servillas y çapatos y de xiquirines o chinelas conforme a la comodidad que cada uno tuviere, y esto tanto por casa como fuera della, teniéndose siempre cuenta con lo que acerca desto se puede acordar de Jappon, porq como es en cosas con dificultad se puede auer es bien que los hermanos se acostumbren tambien a andar con xiquirines y tambien los padres si no es como esta dicho en los actos solenes, guardandose tambien en esto el orden de Jappon. 5. que se tenga un lugar acomodado para dexar sus chinelas, y que ningº tome las chinelas de otro queles delos otros, mas use cada uno delos suyos particulares: assi mismo de aqui adelante ninguno ayude a missa descalço, mas antes tengan sus tabes o servillas guardados de proposito para esto en la sanchristia. La 6ª que ninguno use por casa de bambaxi

16

ni de bonetes que cubran las orejas, ni hechos de otra manera que redondos y negros como usan los portugueses, ora sean hechos en Portugal ora en Jappon, y assi mysmo no usaran ni por los Zaxoiqius ni por los nicayes de ninguna manera de chinelas ni de çapatos estirados, mas podran los que los huvieren usar como co-uillas de media tira saluo si por enfermedades o por ser algunos mas viejos el supr. dispensare en algunas cosas desto para defenderse del frio.

La 7a. que ninguno de los nros use quando uan de camino de cimbres de pieles, pues no es habito sino de soldados y mercaderes y no de Bonzos de respecto y de aqui adelante no se introduzga ninguna manera de vestido extraordinario, mas del que esta dicho.

La 8a. que quanto a lo que toca a nros dogicos tambien ellos no usaran ninguna suerte de seda sacando algunos niños nobles de 16. años abaxo los quales de la dicha edad podran en los seminarios y las demas cosas a juizio de los supr. vniuersales, usar de quimones de seda, mas passado el dicho tiempo se vestiran como los otros, saluo si con alguno que de nuevo entrare en nra casa pareciesse a los mesmos supr. convenirse dispensar que truxesen seda en el 1o. año, assi por respecto de ellos como de sus mesmos parientes.

La 9a. es que para ser entre los Japones conocida claramente la diferencia que ay entre los dogicos y los hermanos de aqui adelante ningun dogico usara de quimones ni catabiras negros, mas los quimones y catabiras seran azules, y los debacos negros mas cortos que los de los hermanos y hechos a la manera de Jappon, y ninguno de los usara de bonetes.

Acerca de 20. pregunta quanto a lo que toca al 1o. punto que trata de sacanqngue no ay que dudar sino que no se puede en ninguna manera dexar de dar assi a los nros como amagores, aunq los padres han de procurar desabor assi los cerimonias como tambien el tiempo y las ocassiones en que se han de dar conforme a los avisos q acerca desto dimos.

Quanto a lo que toca al 2o. punto acerca del usar plata en nras yglesias esta bien lo q en el se dize teniéndose siempre cuenta con usar plata solamente en los Lugares q parecen seguros de manera que no puedan causar peligro de hechar los gentiles algun mal recado por codicia de la dicha plata.

85Quanto al 3º punto parece sin duda mucho mejor y assi se guardara de aqui ade-

lante quitandose toda la plata que se usa en el Bungo saluo si fuere algun re-
dar o alguna cuchara para el rey dandole raçon dela causa porque se haze si fue-
re necessario conforme a lo que en la dicha 2ª opinion se dize, y no se introduzira
de aqui a delante con ningun señor ningun seruizio de plata.

Quanto a lo que toca a los combites aun que con los s.s dela tierra o sean gentiles no se
pueden escusar una o dos vezes en el año, y no se escusa hazerlos comer en nras casas muchas
vezes

no se escusa hazerlos comer en nras casas muchas vezes

familiares toda uia assi los supres conbersales como los supres particulares de las casas
tengan mucha aduertencia de no introducir costumbre de los conuidar cada domingo
porque despues no nos quede una cierta obligacion trabajosa y en fadossa, mas mejor
lo ha de tiempo en tiempo tratandolos familiar m.te como se dize en los auisos que a
cerca desto se hizieron.

Acerca de la 21. pregunta quanto a lo que toca al 1º punto es tan necessario ponerse
remedio al desorden que ay no solam.te en Jappon, mas aun en toda la Yndia acerca
de las reliquias agnus dey, y cuentas que conforme a lo que siento en mi conciencia
des de ahora suplico a su Sanctd.ad y a V. P. general que pongan remedio en
esto no concediendo ni a los que venieron a estas p.tes ni embiando aellas tantas re-
liquias con agnus dei y cuentas como hasta agora embiaron, porque no siruen de
mas que de ser poco estimadas y seguirse todos los inconuenientes que en la dicha
pregunta se dizen. y quanto a lo que toca a las reliquias yo dessearia que en todas
las partes ouiesse muy pocas y se mandasse a los supres y perlados que las tengan en re-
licarios en sus yglesias de manera que sean tenidas y adoradas con el debido respec-
to y no se repartan con tanta facilidad entre hombres y mugeres, como en todas las
reliquias se haze. y quanto a los Agnus dei y cuentas aun que parece bien usar de
mas liberalidad, todauia se vee que caen en notable desprecio embiandose tanta
abundancia. y por esto pido a V. P. que quanto a lo que toca a nra religion se a
cerca desto algun remedio.

Mas para hazer de mi parte lo que entiendo que deuo hazer, y para remediar los desor-
denes que acerca desto veo que se siguen de esta nueva xp.iandad me parecio or-
denar las cosas siguientes. la 1ª es que sacando los relicarios que los padres y her.s

17

para si mesmos usan) todas las demas reliquias que ellos huvieren de huessos de
sanctos las den alos sup.res uniuersales oparticulares delas casas, y ellos las pon-
gan en relicarios o en algunos ynsignes teniendolos con decencia bien guar-
dadas en el altar o en otra parte que para eso pareciere mas conueniente para
q sean con el respecto deuido honrados asus tiempos delos mesmos expianos.
La 2a que ningun padre ni hermano ni aun los sup.res los sagres uniuersales den
de afuy adelante semejantes reliquias aninguno de fuera, ni aun alos mesmos de
casa como son dogtos y moços, y solamente al sup.or uniuersal dela ppon que-
da esta facultad de poder dar alguna reliquia de huessos de sanctos con tal
que guarde las siguientes condiciones. La 1a que no las de sino con consulta yso-
lamente quando paresca que no se puede escusar por justas y muy graues razones.
La 2a que no las dé para que los tragan consigo, si no para que los tengan en sus
oratorios en relicarios bien hechos y concertados, los quales los mesmos señores
mandaran hazer antes que se las dieren. y el mesmo superior se las dara quando

los huvieren, y en ninguna manera les daran reliquias en papeles sin encareciendo seles mucho como se deuen encarecer. La 3a que en el dar estas reliquias mire no des contente a muchos por querer contentar a uno, y que por esto y por las razones que se dan en la dicha pregunta no sea facil en persuadirse que no se pueden degoar de dar-

Quanto al 2o punto delas demas reliquias que no son de huessos de sanctos se guardera La 2a opinion no se dando las dichas reliquias sino solamente por los sup.res uniuersales dela ppon como en ella se a punta. y encomiendo assi ellos como alos demas sup.es de las casas particulares que procuren quanto pudiere ser sin es candalo y perturbacion quitar no solamente alos gopianos, mas tambien alos dogicos y moços de casa las reliquias de huessos de sanctos que ellos tuvieren y se algunos los degoaren procuren que sean personas que vivan limpia mente y guarden la ley de Dios.

Quanto al 3o punto sin duda me parece mejor La 2a opinion acerca delos Agn.s dey y delas cuentas, mas todauia por no usar de tanto rigor digo lo 1o q ningun delos hermanos de aqui adelante dé agn.s dei ni cuentas benditas ni alos de fuera ni alos de casa, y los que ellos huvieren demas delas que usan para si las entregue

86alos sup.es en cuios casos estan. Lo 2. digo que ninguno delos padres que de nuuo Vinieren deJappon den ni cuentas ni toquen bles en el 1º año q. vienen alos de fuera ni alos de casa, mas tengalos assi guardados hasta que tengan mas experiencia deJappon. Lo 3º digo que los padres mejor sera contentarse de no dar los dichos casos sin licencia particular del sup.or en cuia casa estan, mas si dauia quando les pareciere conuenirse darlos, podran darlos despues de mandar sojor algunos p.nes alos que los piden teniendolos que ellos haran foriaueze usando de la cautela que se dize en esta 2ª vpinion del 3º punto por las razones que enel mysmo se dizen, teniendose en todo cuenta con que estas cosas se den en la estima deuida y los xpianos se agruechen. Lo 4º digo que sera bueno que los padres para satisfacer alos xpianos usen de darles mambres los quales se haran de cinco o seis maneras para q todos usen dellos no se haziendo otros inuenciones de mambres sino por el superior uniuersal deJappon para que no se introduzgan diuersas variedades, y con esto queda respondido a todo lo que se trato en las preguntas dela consulta.-

[F] estas resoluciones se guardaran en todos los casos por los padres y hermanos de la manera que en ellas se dize hasta que N. P. General mande sobre ellas otra cosa, y assi estas resoluciones como la consulta se escriuirran en todos los casos donde ouiere numero delos nros juntos en el libro delas vbediencias que para esso teman y para exercitarse en ellas las de mas cosas que de aqui adelante se ordenaren por los sup.es conforme alo que manda N. P. G.I y los sup.es delos casos leeran algunas vezes estas resoluciones haziendo que se guarden. En esta R.a delos Reies magos. 6. de henero de 1583 años

48Regula – Prov. Japonia
1592

87Muyto R.do Em xp'o padre —

Pax christi.

Postoque neste liuro se conthem naõ Som.te as regras de todos os off.os e modos de ajapper, mas tanbe as obias e auisos asside N.s p.s l.s como as do visitador que se tiraraõ das consultas gerais e congregações q' se fizeraõ en Japaõ, todauia q' destas cousas huas p.tencem somente aos sup.res e Rejt.es e outras tanbem aos mais p.es especialm.te aos q' estaõ Epouco aquietaria toler os Reitores en seus liuros seos ditos p.es naõ sou besse as q' ptence' aelles q' isto me pareceo apontar aqui todas aq.llas cousas q' os Reitores haõ de dar aos ditos p.es p.a q' consigo as tenho, mas p.a q' isto se faça da mesma man.ra q' todos e p' hua parte se guarde boa hordé, e p'outra naõ se torne a escreuer neste liuro denouo o q' ja hua vez estaa escrito, aqui naõ farei mais q' apontar aq'llas cousas q' haõ de dar e escrito aos ditos p.es as quais se tiraraõ do q' neste liuro estaa escrito separado q' todos os ditos p.es escreuaõ e tenho em seus cartapacios. e alem disso en comendo aos ditos p.es Reitores q' cada ano duas vezes ao tpo da renouacaõ dos votos facao suas conferencias com todos os p.es de suas residencias. lendolhes as di tas cousas e tira'do delles as duuidas e difficuldades q' o correre' sobre ellas, p.a q' se ponhaõ em pratica, eas cousas q' lhe haõ de dar e' escriro saõ as seguintes. Prim.te lhes daraõ as Regras e como dades peos p.es das residencias em latim da man.ra que estaõ.

Item q' quanto nas residencias se as ha officiaes q' possaõ correr comos offi cios coa ordem e distin caõ com q' se corre nos collegios, e saõ Reitorados naõ se obrigue' a ter as regras pellos ditos off.os mas se pera comodid.e e melhora m.to de suas casas quiserem tomar algumas dellas paes dar ao yacunq' ou a outro moços q' tiuerem en suas casas e residencias o poderaõ fazer.

Item. das obias de nossos p.es gerais se tiraraõ peos p.es as cousas seguintes. prim.te os casos reseruados da man.ra q' estaõ c' as suas aduertencias.

Item. o parrafo. 1.o co 3.o das obias de nossos p.es q' trataõ sobre os mesmos casos.

Item. §. 12. 13. 15. 20. 23. 24. do cap.o 4.o das ditas obias.

Item. do Cap.o 6.o das ditas obias se tiraraa. o §. 2.o e o §. 5.

Item. das obias do p.e visitador selhes daraõ as cousas seguintes prim.te

88o Cap. 1º. q' trata das Regras, se lhe daraa todo desde ag.lle lugar q' no 1º. S. começa as regras afrido sumario, como as comu's da Comp.a se guardarão todas etc–

Item. todo o Cap– 2º. em q' se trata das Cousas daguerra.

Item. do Cap. 3º. enq' se trata dos moços, e gente de serviço. se daráa o 1º. 2º. e 3º. S.–

Item. do Cap. 4º. q' trata do cabedal, gastos e prefentas se lhe daraa som.te q' começa tenhase conta ate ag.llas palauras em q' diz eos Reito res imaõ pella mesma regra etc. –

Item. do cap. 5º. enq' se trata da Conservação da Vniaõ e de pmouer a ap feiçaõ os Irmois se lhe daraa desde ag.lle lugar q' começa Nes som.te an q' item do cap. 7º. estaõ no colleg. mas ran be' aos q' estaõ derrama dos pellas residencias etc. q' trata do susten ate o fim do capº. –

to. das casas e Item. o cap. 8º. q' trata da pobreza se lhe daraa todo.

residencias se lhe Item. do cap. 11º. q' trata dos do iucur se lhe daraa o S. 1º. eo 2º. eo 5º. eo daraa o S. 2º.

eo S. 4º. atee 6º. –

o fim do cap. Item. do cap. 12º. q' trata dos vestidos dos noßos. se lhe daraa todo.

Item. do cap. 13º. q' trata da conuercaõ sensino dos L.os se daraa desde o S.

2º. atee o fim do cap.

Item do cap. 14º. q' trata da limpeza, q' se ha de guardar nas casas se daraa o S. 3º. 4º. 7º. ate o fim do cap.

Item o cap. 15º. q' trata de como se haõ de auer os p.es naõ obla cois er mo thas etc. se lhe de todo ut jacet.

Item o cap. 16º. q' trata das conficois dos doentes se lhe de todo.

Item do cap. 17º. Se tirara ao q' ptence aop.e das residencias nesta forma. Todos os p.es q' tiuere' cargo das residencias. escreueraõ as menos duas vezes cada anno a s.u p.e Vicep.uincial de japaõ' como ao Visitador enq.to esti uer en japaõ' e estando na india lhe escreueraõ todos huavez cada ins E naõ auendo visit.or aop.e q.uincial da india. Asimesmo aporatareis entre o anno as cousas de edificacaõ q' se faze' em suas residencias, sem setembro as mandaraõ a s.eus reitores paellas conforme a orde' que tem fazer de todas. hum breue sumar.o q' tantos eo mandaraõ a p.e V. p.u para fazer a aninua, mas tudo escreueraõ detalman.ra q' aindag'selesse publicam.te nacasa, enlugar onde as ditas cousas se offende. E especialm.te se guarde' de tratar dos casos particulares q' se remearaõ nas confissoe's pello perigo q' ha nisso.

Item. o Cap.o 18. q' trata daslgue's cousas q' em comu' sephibi' selhe detolo.

Item. os Cap.os 20. 21. 22. et 23. selhes daraõ todos como estaõ, q' nelles setrata de vni formidade q' haõ de guardar em diversas cousas.

Item. os p.os das residencias faraaõ saber aos jrmãos of aelles p'tena guardar destas cousas paq' as ponhaõ em pratica –

89Regulæ rectoris Japoniæ residentis accomodatæ
et ex diuersis Societatis officioru[m] regulis ex:
ceptæ. ~

De ijs, quæ ad ejus personam, et sui officij
administrationem pertinent. Cap. 1.~

1. Omni studio enitatur, ut talis sit, qualis optatur in nostris constitutionib[us]. pri:mòq[ue] sui officij curam in eo positam esse intelligat, ut oratione et sanctis desiderijs, non solum nostros, qui sub sua jurisdictione indiuisis domibus sunt, sed et exter:nos, utlüt Summi suis sustineat: et quicunq[ue] in ijs, quid[em] præest, ad ipsoru[m] alio:rumq[ue] ædificationem iuxta instituti nostri rationem operare debet, prius in se ipso præstare studeat.

2. Finem officij sui, quem ante oculos habebit, in eo positum ee intelligat, ut nostros sibi com[m]issos in acquirêda perfectione iuxta proprij instituti rationem, et regulas ipsi datas, promoueat.

3. Imiter[ur] in gubernatione caritatem, mäsuetudinem, et benignitatê D[omi]ni nostri, ut iuxta eam normam, quam tradidêrunt Apostoli, non dominans, sed forma factus gregis ex animo, exemplo magis, quàm uerbo, subditos ad perfectionê dirigat. ~

4. Seueritatem suo epôre cum benignitate misceat, suamq[ue] autoritatê, perfuasi:das uirtutes tueatur, ac dilectionem et curam suorum præseferendo, modeste, et circumspectè præcipiendo, ita se amabilem se reddat, ut omnes fidenter ad ipsũ recurrere possint.

5. Solicitè animum ad gubernationem applicet, neq[ue] tamen in ea ita distraha: tur, ut in studio orationis et sanctis desiderijs, quibus omnes sibi com[m]issos substen: tare debet intepescat.

6. Communes regulas, quæ in ijs residêtijs seruari poterunt, iuxta visitoris præscriptum ipsi seruet, et particularia in cibo, indumentis, et aliarũ rerum usu, quantum fieri potest, vitet: et familiaritate atq[ue] indulgentiâ cū quibusdam alios non offendat. ~

7. Infra annum postq[uam] officiũ rectoris prima uice inierit, quadraginda diebus re: bus explanatam doctrinam, eo modo, quo in 2a. congregatione expositum est, legat, aut doceat: sed ex causâ per alium id munus cū facultate vice Prouintialis obire poterit ~

Rectoris et
Præpositi. 1a.
2a.

Prou[incia]lis 2a.

Prou[incia]lis a
Prou[incia]li. 3.

Prou[incia]lis a
Prou[incia]li. 4.

Prou[incia]lis a
Prou[incia]li. 5.

Rect. 2a.
Præp. 3a.

Rect. 3a.
Præp. 4a.

90Rect. 4a.
Prop. 5a.

8. Consuetudines receptas, et à Generali, Visitatore, vel ViceProuintiali ap- probatas seruet, ac seruari faciat. Si tamen aliqua alea à præcedente superiore in- ducta fuerit, non mutet inconsultis ViceProuintiali, ipsi vero nisi suo superiore approbante, nullam introducat.

Rect. 5a.
Prop. 6a.

9. Eos, qui ad domestica ministeria obeunt, quia operariorum penuria ex nostris exologicis prudenter constituat, quos p cuique regulas iaponica per vicedecem accomodatas, tradat; aliquando uisitet, et prout in domino conue- nient iudicabit. ut in eisdem ministerijs detineat, vel ab eis removeat. Quia verò officia quædam, ut bene fiant, experientiam requirunt, patres, qui refidantiam curam habent, absque ViceProulis licentia mutare non debet: si habertamen iuxta ta operariorum penuriam, ac ipsorum et externorum necessitatem, et spiritualem

utilitatem, re cu suis consultoribus comunicata amouere et mutare poterit. Quæ-
uis qui idonei inuenientur, non facile mutazi debebunt.

Rect. 6a.

Prop. 7a.

10. Vt prospicere officialibus de subsidijs sine quibus fari nequit, ne laboret ga-
uentur debebit, ita cum opus vacuum illis fuerit, ut utiliter illud impendant in
diuinis seruitijs, curabit.

Rect. 7a.

Prop. 8a.

11. Ipse potestatem habet designandi confessarios suis subditis, ordinaria tn
confessarium illis non constituet sine approbatione ViceProuintialis. ~

Rect. 8a.

Prop. 9a.

12. Quamuis in virtute obedientiæ iubere possit, non nisi rarißime, et exgrau et
urgenti causa id faciat.

Rect. 9a.

Prop. 10a.

13. Ordinarias tantum pænitentias imponat, qualia sunt comedere, stando, L
sedendo in medio refectorij, ut ex emendicatis eleemosynis, orare in refectorio,
dicere culpam suam, disciplina publica, et subtractio cibi usq ad panē et aquam:
quæ, ut ijs residētijs decentius et coram nostris tantum fiant, eo epse fine sit
injungenda, quæ per singulos mense conueniunt, et tunc deijci in prima mensa
non seruiant. Publica verò representis cum res postularint, priuatim potius cs
ram aliquibus ex nostris erit danda. ~

14. Non minori solitudine, cæteris residētijs, quæ sub sua cura sunt, quamdo-
mui, in qua ipse residet, prospiciet, intelligens non solum nostrorum, sed etiam
externorum sibi curam esse comissam, et ideo etiam externos sibi comissos ex-
colere, ac fidem domini nostri Jesu. Xti dilatare impensa cum diuina gratia stu-
deat.

Rect. 10a.

Prop. 11a.

15. sicut ad rectorem pertinet dispensare in regulis, cōstitutionibus et decretis
congregationum generalium cu particularibus quando necesse erit, sic et cu dispe-
satione in rebus maioris momenti, quæ uidentur urgere et in quibus sine graui
damno ViceProulis responsum expectari non potest, cum primo quoque tempore
de huiusmodi dispensatione ac eius causa admoneat.

Rect. 11a.

Prop. 12a.

16. Nomina eoru, qui uota solēnia uel simplicia emisierunt, in libro ad hocparatis notentur: In
professis quidem et coadjutoribus formatis, cu nominibus
admittentium: in reliquis vero post trinnium cu nominibus celebrantium an:
notato loco, et tempore iuxta constitutiones. ~

17. Quas habeat facultates partim ex eis, quæ ipsi in eis regulis conceduntur,

partim ex compendijs & musici coindice facultatum societatis intelligat, ut in ijs, quas non habet, sciat ad superiorem recurrere. ~

De ijs, quæ superiorem ad bonam ad: ministrationem iuuabūt. Cap. 2.

18. Habeat aliquem loci subministri, eiusque opera utatur in ijs, quæ ipse per se comode facere non potest, iuxta quod illi fuerit ab eo præscriptu: qui quidem regulas subministri seruet, non tamen alijs prosit fratribus, sed dūtaxat eis, ac reliquis famulis omnibus, sitque sollicitus ne ille et reliqui officiales suo dees: sint officio omissis alijs, quæ possunt impedire ~

19. Alternis ebdomadis, ut saltem singulis mensibus cum suis consultoribus conueniat, (nisi pro re nata aliquid extra ordinarie esse et consultandum) de quibus rebus maioris momenti, quæ pro temporum et negotiorum uarietate occurrunt, de illis aqua: quam Sir auditis penes ipsum erit de singulis statuendi facultas. Consultores uero Sabeat, quos sibi Vice Prouincialis designabit: præter quos non est Lumen ex respon: cis fratribus, cum opus fuerit, sed et exterius aliquos uiros probatos et ecclesiæ fam:iliares consulat, ut habita iaponico[rum] morum ratione, qui tantum ab Europæis dis:tant, melius ac securius possit, quod in dñō magis conueniet fuerit, statuere. ~

20. Consultores aliosque omnes, cum ei aliquid proposuē, libenter ac benignè excipiat, et præcipue eum, cui admonitionis officium commissum fuerit: efficiatque ut a nostris, quæ in regula scribenda præscripta sit, accuratè seruentur ~

21. Singulis ebdomadis, ut cum opportunè fieri poterit, ad Vice Prou[incia]lem scribat de statu personarum, et rerum omnium, non solum quæ inter nos, sed et quæ per minis:teria societatis erga externos tam domi suæ, quam in alijs residētibus curæ suæ co:missis fiunt, et non tamen de ijs, quæ rectè se habent, sed et de ijs, quæ secus, et quæ ad fieri poterit, curet ut omnia tanquā præsentia Vice Prou[incia]li cornat, et reliqua omnia, quæ in formula scribendi præscripta sūt, seruet. ~

22. Habeat librum, in quo scribantur tum visitationes à Generali approbatæ, tum ordinationes aliæ alicujus momenti, quæ a Generali mittunt: et quæ perpetuæ fue:rint, ab eis, quæ temporaneæ sunt, separatè notentur. Alia uerò, quæ visitor et Vice Prouincialis præscripserint, in alia libri parte scribantur.

23. Jastitutum societatis cognoscat ex plectisæ litterarum Apostolicæ, constitutionu,

Rect. 12a.

Prep. 13a.

Ex ministris.

Rect. 13a.

Rect. 14a.

Prep. 15a.

Rect. 15a.

Prep. 16a.

ex formula scri:
bendi. 2a et 3a.

Rect. 16a.
Prep. 17a.

Rect. 17a.
Prep. 18a.

91et decretorum generalium congregationum, magis autem particularia, et lectio[n]e
regolari, tam communium, quam officij sui et alioru[m], qui sibi ipsius curae sunt, ac
Prou[incia]lis et compendiorum facultatum societatis, (quod omnia apud se habere debet)
atq[ue] ex obseruatione consuetudin[u] receptarum, atq[ue] demum ex recursu ad su-
periores in ijs, de quibus dubitabit.~

Rect. 18a.
Prep. 19a.

24. Libellum habeat, in quem referat quaediq[ue] sibi ad bonum domus et residen-
tiae statum subinde occurrunt, ne memoria excidant, praecipuè uero illa, de
quibus ad Generalem, uel Vice Prouin[cia]lem scribendum putet.~

Rect. 19a.
Prep. 20a.

25. Pro occurrentibus necessitatibus communibus et priuatis missas et orationes
fieri, meditari tamen iuxta numeru[m] personaru[m], et consuetudinem societatis, ap-
plicare poterit.
[Doodle of a hand pointing]

De cura nostrorum in sp[irit]u. Cap. 3.

Rect. 20a.
Prep. 21a.

26. Curet ut quisq[ue] in suo officio integram obedientiam caeteri praestent, et sibi
et omnes studeatq[ue] eisdem exemplo obire praeire, quam ipse suis superiorib[us], quos
in loco habet, praestare debet.~

Rect. 21a.
Prep. 22a.

27. Det operam ut constitutiones et regulae, quae in ijs residen[t]ijs seruari poterunt
obseruentur, et ut patres proprias etiam residentiariu[m] regulas seruent: omnibus domus
rebus cu[m] omni sollicitudine inuigilet erga ab eis, quod nocere possunt domi et foris de-
fendat cum praeuiendo, tum et si quid mali acciderit, remedium adhibendo, ita
ut in uirtutibus proficiant.~

Rect. 22a.
Prep. 23a.

28. Efficiat ut sibi uel alijs ab ipso deputatis quoties operibus ratio conscientiae red-
datur, iuxta modum, in officio Prou[incia]lis praescribitur, et instructionem ad reddendam è
scientia rationum, à professoris quidem et coadjutoribus formati semel in ano, ab alijs
uero bis, et aliquos praeterea matutiores patres assignet, qui confessiones generales ex-
cipiat, nisi ViceProu[incia]lis tum adsit.

Rect. 23a.

Prep. 24a.

29. Meminerit ut oes, praeter professores et coadjutores formatos bis singulis annis circa confesta Circumcisionis domini nostri, et Apostolorum Petri et Pauli, uota sua renouent, praemissis ijs, quae fieri solent.~

Rect. 24a.

Prep. 25a.

30. Singulis saltem mensibus prima quarta feria mensis exhortationem nostris, uel ipse faciat, uel aliquis alius, qui rationem nostri instituti bene teneat: in qua de obseruatione constitutionu[m] et regularum, de fraterna caritate, humilitate, pae[niten]tia, mortificatione, et alijs uirtutib[us], praesertim de sua agatur: et ad eam etiam, qui ex residentijs comode uenire poterunt, conueniant. Tametsi exhortationis loco sp[iritu]alis collatio eisdem de reb[us] haberi possit: siue id in quarta feria sollemnis aliquis dies festus contingeret, exhortatio in quintam feriam transferatur.~

Rect. 25a.

Prep. 26a.

31. Crebro, et magna caritatis significatione alloquatur subditos, eorumq[ue] necessitatibus non corporis tantum, sed multo etiam magis animae paterno effectum prospiciat. Regum uero intelligat, aliqua tentatione pulsari praesertim graui, ejus peculiam curam et sollicitudinem, non solum per se, sed et, si necesse fuerit, per alios gorat. ne remedium longius differendo difficiliorem morbi curationem reddat. ~

32. Peculiarem habeat curam colandi afflictos, et tepidos et procujusque infirmitate, ut necessitate adigendo, qualia sint frequentius communi: case, plus temporis orationi impendere, exercitia spiritualia facere, tentia a sumere, aliquos libros spirituales legere, et similia ~

33. In correctionibus et poenitentijs injungendis, rationem habebit dispositionis personarum, et aedificationis uniuscuiusque et particularis earum ad gloriam Dei. ~

34. Nisi prudentia rebus particularibus adhibita aliter procedendum dictauerit ne, illud in correctionibus seruet, ut ij, qui peccant, primo in caritate et dulcedine admoneantur, secundo in caritate quidem, sed et tamen modo, ut eis confusio et rubor injiciatur. tertio amor ea, quae timorem incutiant, adjiciantur. ~

35. De publicis defectibus, publica debet esse poenitentia, ijs tantum, quae ad omnium aedificationem faciunt, declaratis.

36. Delegare poterit confessario, uel alij uices suas, ut eas poenitias approbet, uel improbet, quas ad maiorem sui ipsius profectum, a sumere quisq[ue] uolet ~

37. In danda facultate ieiunandi sicut et in alijs poenitentijs concedendis uideat ne modum recte rationis excedat, detque operam, ut omnes intelligant ad singularitatem non pertinere si quis ieiunet, alijs non ieiunantibus, dum modo ordinaria et statuta ieiunandi, quae iuxta constitutiones non sit, non introducatur. ~

38. Sicubi aliqui à rectitudine deflexerint, eos dirigat iuxta modum societatis, erga cuius institutum curet, ut omnes bene affecti sint; et det operam, ut nostri in spiritualibus

exercitijs tradendis accurate exerceatur, postea ea ipse fuerint experti, et ut orandi et medijcandi modos, quos docuit Pater noster Ignatius in libro exercitiorum, retineat et illo libro familiarissime utantur. ~

39. Unio et conformitas mutua diligentia inter omnes, praesertim uero inter Europeos et iaponios procurada est, neq et aduersantur permittenda, nec ferenda inter ullos domesticorum postulationes, uel uia mutua. siquid autem hujusmodi acciderit, curet ut statim et satisfactione debita in gratiam inuicem reddeantur.

40. Ad hanc unionem conformandam ex parte Europeorum primo diligentissime curet, ut ipsi, quoad fieri poterit, non solum linguam, sed et iaponicos mores bene adiscant illis que se equis animis accomodent, de inde ut non solum nostros iaponios magna amoris significatione in omnibus et quie ac alios Europeos fratres tractent, uerum erga ceteros iaponios omnes tam domesticos, quam externos, beneuolos ac amabiles se exhibeant. Demum ut eis tanquam nouis in sp. plantulis compatiantur, ac salutari doctrina et uitae exemplo, tanquam benigna matres promovere patienter studeant. ~

****Marginalia (right side):****

Profect. reru
Spualiu. 6^a.

ex Rect. 9^a.
et. 26^a.

Rect. 27^a.
Prop. 28^a.

Rect. 28^a.
Prop 29^a.

Rect. 30^a.
Prop. 31^a.

Rect. 31^a.
Prop. 32^a.

Profecti reru
Spualiu. 4^a. /
Rect. 67^a.

Rect. 32^a.
Prop. 33^a.

****Footer:****

41. Ex parte uero iaponiorum curet primus, ut non solum sincere cu suis superiorib. omnia etiam interna comanicet, sed exterius cu fratribus Europeis familiari quadam ac facili conuersatione tractent. de inde ut et ipsi ecclesiasticis moribus ac re:

gulis et institutis nostræ societatis libenter se accomodent, quanuis iaponis morib. contradiceret. Demum ut et ipsi compatiantur Europeis dum linguam et mores iapo: nior ignorante ipsosq. benigne doceant, et tanq. parentes et magistros ex tam remotis regionibus ad eos sstum in japoniam uenientes, ut eos christo lucri faciant, amene, et magnificent.

Exp. p.a cap.

1. S. prou. 128.

42. Si quis autm diuisionis, uel dissensionis eorumq. ruina uiuere, inesse uel cu sus capite auesse esse cornetur, diligentissime ab qua eam potest sumopere inficere, si prorsus remedium non adhibetur, separadus est.

43. Dogicorum etiam magna habeatur ratio, cum circa ea, quæ ad corpus exspectat, ut munde tractentur, tum multo magis circa ea, quæ ad animam pertinent, ut in doctri: na et uirtute proficiant. Qui uero eorum uel concionatores fuerint, uel ætate pro: uectiores superioris iudicio suis auditis exultoribus, et bonum sui exemplum cæ: teris præbuerint, ab alijs separati comedent. et aliquando etiam cu patribus, cum per pagos discurrut, alijsq. priuilegijs iuxta superioris arbitrium, et honestentur, ut æ: quiori animo in ecclesiæ ministerijs perseuerent. Ad hunc uero dogicorum gradum admittere, uel admissum ab ecclesia dimittere ad vice prouincialem pertinet: uel eo absente si periculum esset in mora et ejus responsum comode exspectare non posset, ad Rectorem.

Ex Can. 42. 2a

Cong. gen. et

ex reg. odiui

sos Congreges

44. Absolutionem casuum reseruatorum, si quod Deus auertat, opus esset, iuxta mo: rem societatis, intelligat sibi esse reseruatum, nisi eam in aliquo casu sibi Vice Proulis retineret. ac nullum alium rectore inferiorem, etiam si minister esset, uel rectore absente in locum ejus sufficeretur, hanc potestatē habere, ipse uero curet, ut ordinem circa Sac casuum reseruatum à generali præposito prio habeat ac seruet.

Decl. 33.

Prop. 34.

45. Tam ipse, quam omnes alij sacerdotes, qui ei uidebuntur iuxta constitutionem aliquando intra annum, præsertim cu persingulos menses conueniunt, ea officia humili: tatis obeunt, quæ comode et cu ædificatione in japonia fieri poterunt, qualia sut legere et ministrare mensæ, domum uerrere, lauare scutellas, lauare pedes inuicem et similia.

Decl. 35.

Prop. 35.

46. Videat scripta et litteras omnes, quæ scribuntur ad domesticos, et quas ipsi alijs scribunt, aut aliquem uirum fidelem ad id constituat, easq. lectas reddat, aut non id: dat pro ut in dominis magis expedire iudicauerit. Patres uero cum absq. superiore in suis residētijs degunt, poterunt iuxta occurrentes occasiones, uel necessitates litteras scribere, et recipere. res autm uanas, aut quæ alia ratione offendere porint, nemine scribere permittat: nec sigillum quorq. habere sinat, sine vice prouintialis facultate.

Decl. 36.a

Prop 36.a

47. Non sint domi arma, quæ tamen si alicubi iudicio Vice Proulis necessaria fuerint non habeant in loco publico, sed secretis custodiant. nec etiam sint domi uana mu:trica instrumenta, nisi quia ecclesia inferuiant, ejusdem ViceProuintialis iudicio nec libri laiciui, aut uani, nec nouæ ullæ recreationes introducantur.

De auxiliis animæ. Cap. 4.

48. Meminerit Soc. pertinere ad scopum huius Societatis, ut ad animarū salutem. Prep. 37^a. et perfectionem cū diuina gratia promouendam incumbat; ideoq~ uideat, an nostri zelum habeant animarū, et an strenue et diligenter earū salutem procurent, ne si zelent, quos sanctus Dei amor impulit, nec solum in moderatis laboribus suffelipi non sinat, sed multo etiam minus in proximis uiuandis negligantiam toleret.

49. Singulis annis per se ipsum semel saltem singulas residentias sunt, uisitet, curetq~, ut earū patres ecclesias ac pagos omnes ad se eundo, idem faciant, incolarum omnium sessiones excipiant, doceat, ac reliquis sacramentis, et societatis ministerijs foueant; Quæ omnia ut melius præstent, nec diutius, quam par est, in uns locis resideant, ne se onerent nec demum nimia rerum necessariatū solitudine occupentur.

50. Agat cū Vice Prouintiali, ut (quantum operariorum penuria patitur) non desit patrum, ac fratrum numerus ad excolendam uineam domini necessarius, ne si pauciores fuerint, etiam cū animarū iactura, nimis labore grauentur: quos ipse non solum uerbo, sed exemplo studeat promouere, suam de ipse uinea domini partem excolendam suscipiēs: caueatq~ ne eos à suarū residentiarū ministerijs distrahat, ut suæ domui consulat: cū uero absq~ suarū residentiarum detrimento pstorint, cū ea, quæ societatem decet caritate, alter alterū iuuat, ut epoē iubilet ut similis necessitatis.

51. Det operam, ut à nostris ministeria societatis iuxta ViceProuintialis præscriptum, et cujusq~ talentū exerceantur, non solum in propria ecclesia, sed etiam in alijs residetijs et locis, quantū de more fieri poterit. Nominationem uerò puerorū ac rudium personarum in Christianismo instituendorum, tanq~ propriæ nostræ uocationis ministeriū, ualde comedatam habeat.

52. Media spūalia, quibus iuxta Societatis institutū et beneplacitum superioris uti Missionū. 11. poterit, fere sunt, ministerium uerbi Dei in prædicationibus, catheseSiu et xplanatiō in priuatis exhortationib9 et colloquiis rerum diuinarū explication, et reliquorū sacramentorū administratis, exercitationū spūalium traditio, conciliatio, et xpianæ doctrinæ ad pueros, ac alios rudes publica declaratio.

53. Corporalibus et pietatis operibus, quantū spūalia permittunt et uires patiunt, incū- Missionū. 12.

bent, ut infirmos per se, uel per alios iuuando, mortuos sepeliendo, et pauperes quælibet licabit, eodem modo subleuando.

54. Cum frequens sacræ eucharistiæ usus in xpo. ecclesiæ ualde utilis et cōmendatus semper fuerit, omni diligentia curet, ut frequenti hujus diuini sacramenti pabulo bensoia ecclesia non careat, doceant ergo japonij iuxta Apostoli præceptum, quomodo corpus dñi dijudica-

93et se ipsos pbare debeant, ut diuinum illum panem magnificent, magisq[ue] se probent, qui primo uice sacra- ad illud nisi prius aliquos dies confessi fuerint, et de eo quisitis facta sit, non admittant. si uero ab aliquo alio in n[ost]ro Soc prima uice petierint, id eis abeq[ue] sui p[ro]prij patris licentia nullo modo concedatur. Qui autem de nouo alicuius residentiae Susp[er]m. prima uice petentes, etiam sibi subditos, non aliud specialis aliqua ratio persuaserit ~

55. M[inist]ri n[ost]ri iuxta Apostolum arma militiae n[ost]rae non carnalia esse, sed spir- ritualia cognoscant, q[uo]d circa in bellorum continuis occasionibus, qui adeo in- ter magnates iapsnioni uigent, nec ipse se misceat, curat seuerius, quod in Sac parte fuit a V[isitatore] p[rae]scriptum ~

Missionu. 14. 56. Quamq[uam] Sumana media non solum aspernanda non sunt, sed etiam, cum opusest, prudenter et religiose adhibenda; diuinis q[ui]p[er] p[rae]cipue utendum est, in eisq[ue] magis fi- dendum, orandusq[ue] Deus, ut

ys omnibus det ueram efficaciam, quae sit p[ro]posito fini consequendo necessaria.

Missionu. 15. 57. Juxta eam caritatis regulam, quas sc[ilicet] Apostolus, omnibus omnia faciebat, ut omnes lucri faceret, expediet nonnuq[uam], ut inge- nio se attemperet, (quatenus ratio et uisus ferent)

tandem eos c[um] Dei gratia perducere, quod illis in domino magis conferre iudi- cabit.

Missionu. 16. 58. Eam animi magnitudinem et aequabilitatem retinere studeat, ut et prosperis successibus, et aduersis superior sit; quo nullo euentu fractus, nec religiosae modes- tiae, nec sanctae libertatis, nec bona de se conceptae existimationis, quae ad fruc- tum colligendum necesaria est, quicq[uam] amittat ~

Missionu. 25. 59. Cum propter nullas occupationes permittendu[m] sit p[ro]priae perfectionis studia, dili-

genter animaduertat, ne n[ost]ri p[rae]textu p[ro]curadae aliorum salutis, p[ro]priae per- fectionis obliuiscantur, ipsaq[ue] p[ro]prium salutem ea ratione in discrimen adducant, sed saepe illud domini mente reuoluant, qui prodest Somini si uniuersum mundum lucretur, animae uero suae detrimentum patiatur? Jbiq[ue] illud D. Pauli unusquisque dictu existimet, attende tibi et doctrinae, insta in illis Soc enim faciens, et teip- sum saluum facies, et eos, qui te audiunt. ~

Missionu. 26. 60. Hanc obrem causae ne n[ost]ri consueta in Collegijs ac domibus orandi et exam- minadae conscientiae exercitia imminuant, nisi si quando necessitas, aut in euentu ali- quus caritas aliud faciendum postularet. Conuersationem cu[m] saecularib[us] nimiam, non habeant, aut in cautam, aut quae saeculare sapiat, sed in omnib[us] se integritatis et gra- uitatis exemplu[m] praebeat, atq[ue] infima regularis Societatis siue eant, quae omnibus communes sunt, siue quae ipsaru[m] residentiaru[m] p[ro]priae, quat[enus] locus patiur.

deformationem

non praetermittat.

Prog. 45. 61. Si quis ad sacros ordines promouendus, aut in confessariu[m], aut in concionatore[m] essedigendus videbitur, trice Proulm ad moneat, ad qum pertinet Praelatos constituere.

62. Et si propriu superioris est, domum sibi comissam diligenter ac fi: Rect. 69a. deliter gubernare, nec is ppter aliud quicq3 Suic muneri deesse debet, in sis tame Prop. 48a domibus, ubi co noz tri tam pauci sunt, non solum concionari et confessiones audire, et alia societatis ministeria ipse exercere debet, sed et ceteros suo omnes suo exemplo praire

63. Ne noua haec ecclesia praeceptoru multitudine obruat, quod si ante debitum epus publicetur, et nouiter ad Deum fidem conuersos opprimat, et plexanda auertat, curet ut nullum praeceptum positum in sua iuris ad obligandum populos sine licentia Viceprocuratoris. In causis libris cum difficultate uideantur, ad rectorem omnes recurrent, tam in ijs, quam in alijs quibusdam casibus difficilioribus definire nificatore praescriptum.

64. Efficiat ut unusquisque patrum infra residentia librum nomina eorum, qui baptismo sacramento initiantur: et in alia librum qui sacramento matrimonij coniunguntur. Et alium librum Sabeat, bilium omnium, quae cuiusque residentia propria sunt, inuentarium cum in alium locum transmittit, est eosdem libros successoribus tradat.

De Ordine domestico. Cap. 5.

65. Iustitiae post orationem matutinam, quatenus fieri potest, fiat in ecclesia Rect. 45a. sacrum comperet et ceteris ademptis. cui epus fratribus aliquis, quantum comode Prop. 49a. fieri potest, inseruiat, et intersint reliqui omnes, qui sacerdotes non sunt, nisi aliquibus propter particulares causas aliud tempus ad sacrum audiendum concessum sit.

66. Quando nostri ad sacram communionem accessuri sunt, praesertim diebus dominicis, Rect. 46a. curet, ut in ecclesia, sicomode fieri potest, id faciant, separati tamen ab externis, quah locus feret.

67. Horae distributio ac domus ordo non solum in principali sua domo diligentissimè: Rect. 47a. seruetur, ac tintinabulo significetur, uerum et quatenus locus feret, in residentibus. Cetera: Prop. 50a. pro orationi et reliquis exercitijs assignato sit aliquis, qui obseruet num omnes ijs uacent, quod et per se ipsum aliquando faciat.

68. Peculiarem Sabeat cura ut domus muda sit, et omnia ubique decenter suis locis deo: Minist. 13. posita, sed praecipue in ijs, quae ab externis uideri possunt, sitque domi suum officio semper aliquis deputatus.

69. Syndicum domus constituat, ubi ejus, quum loco subministri Sabet, opera ad Deum Rect. 48a. non utetur, cujus officium erit obseruare in omnibus, quod ad Deum statum et decentiam Prop. 51a. externam pertinet, ecclesiam et domum in locis publicis perlustrando, et si quid quid in comunicum annotauit, superiori referends.

94 Rect. 50.

Prop. 52.

70. A posteriori prandio signis ad cenam octo ut minimu[m] horae intersint, aliquo uero amplius ad refectiuunculam uespertina[m], sed diebus ueneris et ieiunioru[m] iuxta morem regionis. Vespere autem, quo se nostri cubitum receperint usque ad signu[m] quo excitantur, septem. ~

Rect. 51.

Prop. 55.

71. Benedictio et gratiaru[m] actio in refectorio iuxta usum breuiarij Romani, in prima mensa fiant, in 2a uero et priuata retineri possunt antiquae Benedictio, et

gratiarum actio, quæ à singulis sumisse et deuote fieri debent. ~

Rect. 52.

Prop. 54.

72. In mensa sacerdotes præcedant alios ad eum gradum non promotos, sed neq[ue] inter sacerdotes, neq[ue] inter eos, qui sacerdotes non sunt, ullus ordo constituti, ipse uero superior curet, ut primæ mensæ adsit.

Profecti lector

ad m[en]sa[m]. 5.

73. Initio tam prandij, quam cænæ legatur aliquid ex aliquo libro pio et facili, uel ex l[itte]ris annuis, uel ex regulis initis cuiusq[ue] me[n]sis cu[m] martyrologio post lecti: onem uespertinam tanto spo[n]ij spatio, ut qui legit in eadem prima mensa com[m]edere possit: silentium tamen seruetur in mensa iuxta regulam et dum non legitur. ~

Rect. 55.

Prop. 56a

74. Aprandio et à cæna hora una, diebus autem ueneris post collatione[m] uesperti: nam dimidia, recreationi religiosæ impendatur. Idq[ue] in uno loco si com[m]ode fieri poterit.

Prop. 57a

75. Conferentia casuum scientiæ saltem semel singulis ebdomadis habeatur, cu[m] drmi emunt talem tres sacerdotes præside ipso superiore, uel aliquo, qui ea de quib[us] agatur, loculentiùs explicare ac difinire possit. Quod itidem fiet cu[m] per singulos menses conueniunt. ~

Proui. 95a

76. Non ferat nostros quidq[uam] petere à parentibus, cognatis, uel amicis. Quod si propter domus inopiam aliqua eleemosina petenda essent, in co[m]muni, et non in particulari petantur. caueatq[ue] ne in petendis eleemosinis grauis, uel molestus exiternis fiat, et ne in ijs quærendis, uel ad mittendis præjudicium fiat paupertati instituti nostri, quod attinet ad ejus ministeria gratis exercenda. ~

Proui. 96a

77. Quæ eleemosinæ externis pauperibus siue ordinariè siue extraordinariè dari debeant iuxta domus facultatem à Vice Proui[nci]li intelligat. ~

Missiona. 22

78. Vt nouæ Sac r[at]ionis ecclesiæ m[inist]ris in diuinis cultu[m] instruatur, det opera ut confraternitates iuxta ordinem à visitatore præscriptum, instituantur, ac promoueantur; de alia autem noua constituenda non agat, nisi prius Vice Prouintia: lem consulat. ~

Minist. 11.

79. Sit domi aliquis, qui noctibus singulis portas domus, quibus in publicu[m] itur, uideat an bene sint clausæ et earum clauēs, ut sibi tradat, uel alij, cui id munus ipse dimiserit. ~

De ijs, quæ pertinent ad res spirales. Cap. 6.

Rect. 57a

Prop. 60a

80. Singulis mensibus à Procureto, si fuerit, uel ab eo, quem pro sub ministro Sabet, rationem accepti et expensi exigat, ut istius domus administrationis ratio ipsi constet, eam, qua reddere possit, cui et quando per superiores statuatur. Caveat aut ne domus are alieno gravetur. ~

81. Pecunia undecumq. illa proveniente, si alicujus momenti fuerit, ad id designata, cujus ipse superior clavem una, et procurator si fuerit, usq. ad existente, is, quem pro subministro Sabet, alteram diu se cum liber asservetur, in quo scribatur pecunia summa tam ejus, quæ qua efertur. Si quando autem cogente aliqua necessitate pecunia infertur nihilominus accepti et expensi summa, in eodem libro st si in ea reponeretur. ~

82. Quoties ex arca pecuniam accipiet, ejus summa et diem bae, quem ipse, ut is, quem pro subministro Sabet, faciat, et in ipsi ratio constet, efficietq. ut is, que pro subministro Sabet e quotidianos sumptus subministret, à quo expensam exigat ram utro in librum suum referat. ~

83. Curet ut res omnes, præcipuè diu duraturæ, quam opportune perinde bonas, aut non æquo pretio cogatur comparare. Caveat etiam ne dum nimiu pecuniæ parcat, non bonas aut insalubres res emat, videatq. num ea, quæ empta sunt, illesà conferventur.

84. Omnia, quæ speciem Sabent secularis negotiationis, intelligat omnino prohibita esse sibi et nostris dibus.

85. In ijs, quæ ad victum, vestitum et habitationem et alia corporis necessaria pertinent, curet, ut quantus sit, in quo probetur victus et sui ipsius abnegatio, non desit tamen quo sustentetur natura, Sabita convenienti ratione personaru, tam Europeoru, quam japonioru in dño: et in Sis et ibs ita consuetudinis et qualitatis ratione ratio Sabenda est, ut præcipua semper Sabeatur humilitatis, paupertatisq. ac prudis ædificationis, quæ semper nobis oboculos versari debet ~

86. Observet et crebrò ne aliquid desit ex necessarijs, aut abundet, coruq. pstrariam ratione Sabeat, qui in corporis cura, minime de se ipsis sollicitudinem gerunt. ~

87. Ut nostri, qui in resid-nijs degunt, posint liberius pagos circumundo visitare et spirale veru necessaria cura et sollicitudine non destineantur, omnia necessaria in magna cu caritate à rectore provideantur, iuxta quod fuerit à Vice Provli. præscriptu.

88. Ægrotoru cura Sabeatur magna, et offeratur diligenter tam in victus ratione, qua in cæteris, quod medicus præscripserit. curetq. ut dñt cu medicus ægrotos invisisse deseruerit, num quis ex nimia fatigatione corporis, aut ex plus æquo labore, vel alia de causa morbi periculo se exponat ~

89. sicut particulari ex ijs, qui domi morantr. quippiam ab exeternis aliquis mittatur, id in comunem usum accipiatur, et dispensetur, quod verò ijs mittitur, qui morantr.

Procurat. Colleg. 5.

Procurat. Colleg. 6.

Procurat. Colleg. 9.
et. 10.

Procurat. Colleg. 12.

Rect. 58a
Reg. 67a

Ministri. 5.

Rect. 59a
Reg. 63.
Perfect inform. 3.

Rect. 60a
Reg. 67a

95in refiduis, illis fideliter tribuantur. ~

Rect. 62a.
Prop. 67a.

90. Lites, fiue fefes figiat, nec ullam inconfulto vice Prouli. intentes, neg inbentes respondeat nifi cogatur. ~

Rect. 63a.
Prop. 68a.

91. Si bona alicujus confortris distribuenda effent, si in eundi contractus, si fabrica alicujus monrii et expensa extraordinaria facienda, aut si bona offerentur domui cū aliqua obligatione, non ad vice Prouli. referat ~

Rect. 64a.
Prop. 69a.

92. Depositum pecuniæ absq3 urgentifsi. ratione nullu' admittat, aliaru verò rerum non nifi cautius: et quæ eorum fint, quibus multu' debeamus, aut alioquin d officij fine magna offensione denegari non possit. Cæteroru verò pecuniæ amcdaum nullam prorsus mittat nec alijs mittendam tribuat ~

Rect. 65a.
Prop. 70a.

93. Fæminam ex nostris in causis ciuilib9. ne dum criminalib9. examinari (nifi qui obligare ad peccatū posset, compelleret) permittat absq3 licentia. quam minimè dabit, nifi in causis, quæ ad religionem catholicam pertinet aut aliquin pias fue, et ita unifareat, ut non in aliorum detrimentum cedant. ~

Præfecti ecctiæ
14. et 29. et 29.

94. Animaduertat ut nullæ pro facris faciendis, confessionibus audiendis, cæte-

risq3 facramentis administrādis eleemosynæ admittantr ad nostrum usum, vt autē Sac noua ecclesia laudabili Alationū usu abfuefcāt, curet aliquem uirum probum deputari Sabore, perquem ea quæ aggrianis offeruntur, in pauperes et catsecumenos, ut in ecclesianæ refectione distribuat, ita ut omnes intelligant, ea ad nostrum usu' nullo modo admitti. Quod si in hujusmodi refid negligis talem uirum inuenire non poterit, ipse in eosdem usus dispofset. Animaduertat autem ut nulla sit in ecclesia nostra arcula fiue pro nostris, fiue pro alijs ~

Præfectus ecctiæ
.30.

95. Librum Sabeat, in quo eleemosinarum, quæ pro ecctiæ usibus dantur, et expensarum rationes constant: et quidquid pro ecclesiæ usibus datur, in eis expendatur, et nō in alios usus non conuertatur. ~

De Communicatione cū externis et gratitudine
erga fundatores, et benefactores. @ 7.

Rect. 71a.
Prop. 72a.

96. Mulieres inuifere, et ad eas fcribere, nifi in necefsitate, aut cū fpe magni fructus, nostros non sinat; neq3 Soc quidem permittat, nifi uiris valde probatis et prudentibus. Cū uero quis uel ad confessiones audiendas, uel aliā de caufa eas adierit, qui eum comitabi fine logicus ille sit, fiue alius, et in hoc erit, unde uidere ex ponte quantū loci dispositio patietur ~

Inspectoris
et Prop. 73a.

97. Sit aliquis Sonestus locus, qui ad fieri poterit, propè ecclesiam deputatus ad excipiēdas mulieres cū ad patrem iuxta mōrum gentis inuifendum accedunt nec interiorem domū ingredi permittantr, nifi ex fint, quibus id absq3 scandalo pro Sitori, non possit, quæ quidē quamuis iuxta patrium mōrem et personarū qualitatem, cū aliqua breui et ntiæ significatione recipi debeant, non tamen sunt data opera ad conuiuium inuitandæ in nra domo. quamfuis primariæ fæminæ sint: Jubeo utrū ita in cas deuotos facere curet, ut nelongosfermanes misceat, nec se nimium familiares exhibeant; paterna quaedam et prudens grauitas in eis semper eluceat.

98. Etsi in Japonia expausari non potest, quin munuscula iuxta gentis morem mag- Exo. nect. 72a. natib9. offerantur, diligenter aduertat, ut ea sint, quae nostrae paupertati et qualita- et Prop. 74a. ti conueniant, et ut nullus in id uocabulus inducatur, munuscula quae taxatum à visitatore ualorē non excedant. ~

99. Aduertat et ne dum magnates et reliquos primarios uiros, liarę facere student, et studium in aliquam domi inducant, qua grauis fiat, et auferendae difficilis, utluri esse si singulis dominicis conuiuiuo exciperet, et alia similes.~

100. Etsi in japoniae difficile sit prohibere ne nostri cibum capiant apud exter- Ex nect. 73a. et nos, id tamen data opera, ne absq3 licentia, nec passim sed rarò et ra- Prop. 75a. tionali causa fiat, quam eandem esse oportebit, si quādo externus aliquis ad mensam uideretur, qui quidem externi cū iuxta morē gentis ad conuiuium

in priuata mensa ab alijs separati inuitari debent.~

101. Amicos conseruare, et eos, qui erga nōs male affecti sunt, prosertim si potētes sint Rect. 75a. non uulgaris authoritatis, orationibus, et rationibus conueniētibus in amicitia reuocare Prop. 77a. ut saltem ne aduersarij sint efficere studeat: ad quam rem non parum conferet, si Mißio. 27. data occasione instituti nostri rationem illis exponant, nullumq3 officij genus prae-
termittat, quo illos cū opportunū fuerit sincere ac religiose demereri, et conciliari po-
sint.

102. Obsequia erga fundatores et benefactores, q tam uiuos, quā mortuos obseruāda Rect. 76a
sint, eisq3 gratiendinem exhibeat, et alijs obligationibus, si quas domus habet, sa- Prop. 78a.
tisfieri curet.

103. Consideret num missae celebrentur, et sacramenta alia administrentur iuxta usum Prouidi,
8a.

Romanae ecclesiae, concionādi et confessiones audiendi, et doctrina xpiano docēdae
modum obseruet, curetq3 ut in his omnibus nostri uniformes sint, et ut formam, quam
societas intendit, assequantur. Praecipuē uero circa concionatores inuigilet, ut si qs
et ad suas se regulas fortē non accomodauerit à concionādi munere amoueatur, et
in alijs societatis nostrae ministerijs occupetur.~

De ijs, qui admitti petūt, aue ad domū
diuertunt, aut foras mittunt. Cap. 8.

104. In societatem neminem admittat, nisi à vice Prouli. id ipsi edmittat, sed de ijs, Rect. 77a.
qui admitti petunt, ad viceProuintialem referat, aut scribat quales illi sint, et quibus do- Prop. 79a.
ni Dei praediti.~

105. Recedenti sine licentia ab aliquo loco societatis, ut abea dimissum, non admi: Rect. 79a.
tat, sed si expedire uideretur ad viceProuintialem de eo scribat, et eius ordinationem Prop. 81a.
expectet illa domi ut hospite, ut in alio loco, si uidebitur, detento~

106. Caritatem magnam exhibeat erga alios de societate quordomū suam transeuntes. Rect. 80a.
Prop. 82a.

96erga amantes hospitis excipiat, ac meminerit se aliquos uiatres, aut eleemosina eos
pindigerent, iuuare posse; curet item diligenter dirigere ac iuvare gospedisner Soce
pitum, qui negotiorum causa domi versantur.~

Decl. 81^a.

Prop. 85^a.

107. Ipseoni cu excipiunt hospitis ut domi pernoctent, si sint, quibus multu debeatur,
aut de officij sine magna offensione prætermitti non possit. magna tamen habeatur
ratio excipiendi hospites iuxta more gentis, et des habita qualitatis personaru roc
ut sint in aliquos domos hospitis coaptiantur, ut ad conuiuium inuitentur, ut Lalia
amoris significatione familiariter ac beniuole tractentur.

Ex reg. 82^a.

et Prop. 84^a.

108. Cum quis ex nostris domi egreditur, habeat semper aliquem, qui eum comitetur,
siue ille socius sit, siue alius ex famulis conuenienter, et quanuis iuxta itineris ne:

cessitatem et causæ occasionem comitantiu ratio sit habenda, omnis tamen pompæ, et ambitiosi apparatus species auferatur.

Decl. 83^a.

Prop. 85^a.

Peregri. 12

109. Neminem ex sua domo in aliquem locum mittat sine Iris patentibus, missi autem regulas peregrinorum, sus mods, quantum fieri potest, seruent.~

Peregrn. 10.

110. Monuerit cu opus fuerit, eos qui uel itinese ad domum suam diuertut, uel mittunt, monere ut de rebus, aut personis alioru Collegioru aut domorum, nihil loquantur, aut tractent nisi ad ædificationem, et ut nihil ab externis nec p se, nec pr alijs petant, aut accipiant sine ejus facultate.

Decl. 84^a.

Prop. 16^a.

111. Siquis experimento comperiatur ferre non posse cælum sue domus, et male habere continenter cerneretur, ut alia ratione uideretur mutandus, Vice Proul-em admoneat, an alio mitti debeat.~

Decl. 85^a.

Prop. 87.

112. Profecturi ad alia loca præter uestes et alia indumenta, quibus utuntur, et re: liqua illis iuxta præscriptum Visitoris concessa, nihil aliud secum ferant absq; superioris licentia, reliqua uero omnia, quæ ad iter necessaria erunt, magna charitatis significatione ab es loco unde mittuntur subministrentur, sumptibus tamen esru, quæ: rum erit expensas itineris soluere.~

Mission. 27.

113. Præter hæc, quæ pro ratione diuersaru regionum, et earu qualitate ac ipsorum a superioribus constituto sunt, uel constituenda uidebuntur, ea in peculiaribus instructi: onibus addita, pari diligentia obseruanda erunt, inter quæ responsa Sultarisnum, et Congregationum Iaponicarum a Generali, ut Visitori approbata, et ad electione gentinand inferiphis habeat.~Regulæ patribus residentiarum accommodatæ, et ex regulis rectoris, et repositis congregationu Iapon: carum exceptæ.

1. Summariu constitutionu ac regulas comunes sacerdotum quoti

die legat, et meditetur, quæ à Collegijs et fratrum congregatione sejunctus maiori indiget uigilantia ac directione: idcirco prædictas regulas omnes ex qua parte in residentijs seruari poterunt, tanq sui officij proprias diligenter seruet.~

2. Horaru distributio et domus ordo in societate et Tuctus, quatenus locus feret, etiam in d[omi]is residentijs seruetur, et tempus ad surgendum, ac orationi, recreationi, et reliquis exercitijs assignatum tintinabulis significetur.~

3. Det operam ut à fratribus regulæ comunes, quæ in ijs residentijs seruari poterunt obseruentur, suisq; domesticis omnib[us] cū omni sollicitudine inuigilet, eosq ab ijs, quæ nocere possunt domi et foris defendat: cū præueniendis, tum si quid mali accidrit, re medium adhibendo, ita ut in uirtutib[us] proficiant.~

4. Consuetudines receptas et à Dicecesani approbatas in sua residentia seruet: sitamen alia qua alia à præcedente patre inducta fuerit, non mutet inconsulto rectore: ipse uero nihil no

ui per se approbante, nullam inducat.~

5. Diligenti magna habeatur ratio, tum circa ea, quæ ad corpus spectant, ut munde tractetur, tum multo magis circa ea quæ ad animam pertinent, ut in spiritu et uirtute proficiat et semel saltem singulis mensibus confiteantur, sacram uero Eucharistiam sumat, iuxta qd confessario conuenientius uidebitur: ad quæ ut tam ij, quam reliqui famuli liberius in suis confessionibus se habeant, cū deputato ipsius patre alterius residentiæ confitebuntur.~

6. In ijs, quæ ad rationem uestitus, uictus ac usus reliquarum rerum uitæ necessariarum, nil à residentium spectant; ita est consuetudinis, et qualitatis iaponicorum ratio habenda, ut præcipua semper etiam habeatur humilitatis, paupertatis, ac spiritualis ædificationis, quæ semper nobis in domino ob oculos uersari debet.~

7. Litteras scribere, aut recipere, præsentem rectorem, absq; eius licentia non debet, sed regulam seruet, cū uerò eo absente in sua residentia residet, poterit iuxta occurrentes occasiones, ut necessitatem litteras scribere et recipere. Mulieribus, uerò raris et non nisi in necessitate, et ut cum spe magni fructus scribat. Fratres uero, quas cū licentia litteras scribunt, aut recipiunt ei ostendat. Res autem uanas, aut quæ alia ratione offendere possunt, nec ipse scribat, nec alios scribere sinat.~

8. Unio et conformitas mutua diligentiae inter omnes, præsertim uero inter se, cequum habet socium procuranda est, nec quæ ei aduersantur facienda. Ad quam seruandam primo diligentissime curet, non solum linguam, sed etiam iaponicos mores bene addiscere, atq; illis se atq; animos accomodare. Deinde non solum iaponicum fratrem, quem habet socium, magna amoris significatione in omnibus æque ac alios Europeos fratres tractare, ut cū erga cæteros iaponios omnes tam domesticos, quam externos beneuolum ac amabile se exhibere.

97Demum cui tanq3 nouis ip[su]s plantulis compati ac salutari doctrina, et uitæ ex[empl]o plotanq3 benigna mater patienter ad uirbutim promouere.~

9. Cum rector uel alius ipsius mandato, exhortationem facit prima quarta feria cuiusq3 mensis, ad eam ipse una cui[us]uis, quoad comode fieri poterit, accedat, ut Sac Spirituali consolatione se reficiat; quæ epsiæ si iuxta regulæ normam frequentius non poterit, etiam confitebitur, et ea, quæ cu[m] suis rectore tractanda et consultanda occurrent, Amunicabit ~

10. Cum propter nullas occupationes intermittendu[m] sit propriæ perfectionis studium, diligenter animaduertat, neq[ue] prætextu procurandæ aliorum salutis, p[ro]pria perfectio: nis obliuiscatur, ipsamq[ue] propriam salutem ea ratione in discrimen adducat; sed sæpe illud domini mente reuoluat, quid prodest homini si uniuersum mundum lucretur, animæ uero suæ detrimentum patiat: sibiq[ue] illud D. Pauli dictum epoistimet; Attende de tibi et doctrinæ, insta in illis, hoc enim facies, et te ipsum saluum facies, et eos, q[ui] te audiunt.~

11. Hanc autem caueat ne à Sueta in Collegijs ac domibus orandi et examinandæ conscientiae exercitia imminuat, nisi si quando necessitas aliud faciendum postularit. Conuersationem cu[m] sæcularibus nimiam non habeat aut in causam, aut quæ sæcularim sapiat, sed in omnibus se integritatis et grauitatis exemplum præbeat.~

12. Peculiarem habeat curam ut (quantu[m] fieri potest) etiam in pagis, domus et ecclesiæ mundæ sint, et omnia ubiq3 decenter suis locis composita; Curetq[ue] ut aliqui sint, qui ecclesiarum curam habeant, et mundas teneant ~

13. Absolutionem casuum reformatorum si, quoad Deus auxerit, opus esset iuxta more[m]

societatis intelligat esse reformatam rectori, ac nullum alium rectore inferiorem (etiam si minister esset, ut alius in locum rectoris suffectus eo absente) hanc potestatem habere.~

14. Bis singulis annis statis temporibus, aut semel, si professus fuerit, ut coadjutor formatus, sincere ac integrè rectori rationem suæ conscientiæ reddat, iuxta regulam et instructionem ad reddendam conscientiæ rationem; Ac de negocijs et necessitatibus communiter occurrentibus prius cum eo tractet, deinde cum opus fuerit, ad Vice Prouintiale recurrat.

15. Librum habeat, in quo per singulos menses tam pecunia et eleemosynæ, quæ profus regid pro ecclesia usibus dantur, et expensarum rationes constet: et quid: datur in alios usus non comutatur.

16. Intelligat scopum et finem societatis ubique et præsertim in his residentijs esse, ut ad animarum salutem et perfectionem cum diuina gratia promouendam in cubat, et ideò non tam residere in uno loco, quam continuas excursions per pagos sibi commissos facere debet, suas et cooperari:

omnes uisitando, illasque per piam doctrinæ, et sacramentorum pabuli perficendo, et insuis tam spiritualibus, quam corporalibus necessitatibus, quantum uiresque suppetere subueniendo.

Quare

ea bis saltem singulis annis, quoad fieri poterit, singulos pagos et ecclesias, quæ sub sua cura sunt, uisitet. In etarum omnium extensiones excipiat, peripianam doctrinam doceat, ac reliquis sacramentis et ministerijs societatis foueat.~

17. Vt melius Sine finem & æquati eo-promptius semper ad quauis in aliquo modiori loco & modicam & aliquam domum quam ad uictum et uestitum necessaria sunt, custodiat; non tamen est, ut ea resideat, nec multam familiam se oneret, neque domum nimia rerum necessariorum solitudine occupetur.

18. Ad Eos et ut etiam in ijs residentijs iuxta nostrae societatis et obiae uirtutes eluceat, omnia eis ad uictum et uestitum cum caritate à rectore, iuxta quod fuerit à Vice Prouli praescriptus circa nostri alicuius residentiae aliam particularis ratio esset tas et ordinarios res ad uictum necessarios, quæ apud se Sabere totius anni prouisionem pertinet, melius et commodius apud eundem habentur.~

19. Quod uero ad necessarios famulos et ministros pertinet, cum ac differentia, parum etiam in omnibus. corum numerum non permittat praescriptum, ad quam Sorum ministrorum taxatio pertinebit.

gradum admittat, nec admissum à domo dimittat, sine eiusdem

20. Quod ut omnia, quæ ad necessaria et conuenientem usum secum pagos circuit, semper prompta ac parata Sabeat, ne si necessarijs continua ac laboriosa peregrinatione succubatur. iugustibus uero immoretur, quantum sufficere iudicabit, ad incolas prouiso captados. et eorum omnium confessiones excipiendos: et domum ad eum quam captali loco et peregrinatione defiderat~

21. Cum pagos uisitat, uel alioquin frequenti est poenitentiu concursus, curet mulieres omnes ante solis occasum audire, ne siqui noctu remanere confitendi, uiri sine, et non

foemina: Vt aute maiori cū ordine in excipiendis confessionibus se Sabeat, et nec ipse confusentiu multitudine doniati, nec confitentes prope ipsius iacturam cū fastidio non difessi domum redeat, moneat, quātū fieri potest, per singulos dies, quot, et qui uenire debeant, ut eorū confessiones excipiat.~

22. Cum frequens sacrae Eucaristiae usus in jx-ecclesia ualde utilis et comendatus semper fuerit, omni diligentia curet, ut frequenti Suis diuini sacramenti pabulo, Sue noua ecclesia non careat. Doceantur ergo iapsnij supra Apostoli praeceptū, quomodo corpus dñi dignu: dicare, et se ipsos probare debeant, ut diuinū illum panem edant: uege se ad illud admittat magnificiat, magisq R pbeto. qui prima uice sacram-ntū Soc recipere desiderat, ad illud cū densus alicuius residentia curam suscipit ante annū, et post annū fessi fuerint, et de eorū uita et fama circumspectè inquisitionem fecerit, nisi in aliqua casa aliae specialis aliqua ratio persuaserit, non admittat, sicut nec eos, sune cū sacram-ntū prima uice petunt, absq sui ppris patris licentia.

23. Media spūalia, quibus iuxta societatis institutū et beneplacitum superioris uti poterit fere sunt, ministeriu uerbi Dei in praedicationib. et applicatis diuinarū rerū inges: uatis exhortationib. et colloquijs, catechismi explanatione, baptismi, confessionis, et reli: quorū sacramentorū administratione, et xpiana doctrina ad pueros et claratis.~

98

24. Corporalibus de pietatis operibus, quando studialis permittunt, et uires patiuntur, incubere pastorie, ut infirmos per se uel alior iuurando, mortuos sepeliendo, et pauperes quatenus licebit eodem modo subleuando. ~

25. Meminerint arma militiae nostrae iuxta Apostoli sententiam, non carnalia esse, sed Spiritualia et potentia Deo: quare circa in sellos continuis occnates iaponicos uigent, nec ipse se misceat, nec socium mi quod in Sac materia fuit à Vifitatore praescriptum. ~

26. Omnia, quae speciem habent secularis negotiationis, intelligat prohibita omnino sibi efse; externorum uerò pecuniam quantumuis ab ipsis rogamittat, nec alijs mutuandam tribuat. ~

27. Animaduertat, ut nullos profacione facienda, confessionis sacramentis administrandis, eleemosynas admittat ad nostrum laudabili oblationu usu afsuescat, curet aliquem uirum pro ea, quae à popiangis offeruntur in pauperes et caetecumenos distribuatur: quod si in Eujusmodi pagis talem uiru in unum usus disponat. ~

28. Vbi aliquis domesticus locus prope ecclesiam deputatus efse, in ecclesia excipiat, eu ad patrem iuxta morem gentis in domus ingredi permittant, nisi ea sine, quibus id absque scandalificatione recipi debeant, non en sue data opera ad conuiuium inuitanda in nostra domo, quamquam primariae foeminaefint, eos uero ita decenter facere curet, ut nec ipsi foeminas ea illis misceat, nec se nimium familiare exhibeat, sed paterna quedam et

specialis grauitas in eo semper ellucescat. ~

29. Etsi in japonia excusari non potest, quin munuscula iuxta gentis morem magnatibus offerantur, diligenter aduertat, ut Sac leuia sint, et quæ nostræ paupertati coequalitati conueniat, et ut nullus in Ede abusus inducatur, taxatum à Visitatore ualorem non excedant. ~

30. Aduertat et ne dum magnates et reliquos primarios uiros deuotos ac familiares facere studet, et fastidium aliquam domi inducat, quæ procedent nec egrere grauis fiat, et ad auferendum difficilis, ut luti efset si singulis dominicis diebus aliquem ex illis conuiuium exciperet, et alias similes.

31. Amicos conseruare, et eos, qui erga nos male affecti sunt, vulgaris autoritatis, orationibus et rationibus conuincant; ne aduersarij sine efficere studeat; ad quam rem non ne instituti nostri rationem illis exponat, nullumq; offici-j g-nus praetermittat, quo illos cu opportunu fuerit sincerè ac religiosè demereri ac consiliare possit. ~

32. Externi cu excipiunt hospitis, ut domi per noctem, ij sint, quibus multu debeatur, aut id officiu sine magna offensione praetermitti non possit: magna tamen Sabeatur ratio excipiendi hospites iuxta morem gentis, et ides Sabita qualitas personaru ratione, ut foris in aliqua domo hospitis excipiandi, ut I ad conuiuium inuitentur, ut alia omni significatione familiariter ac benuole hactenus. ~

33. De rebus, quæ pro forum et negociis varietate occurrunt, frequenter cu fratre iaponis, que Sabet socium agat, cuiusq; sniam petat et aliquos uiro probatos et æctiæ familiares et cpsternis consulat, ut iuxta laponisq; mores, qui tantum ab Europeis differut, melius ac securius possit, quæ in dno conueniut uisum fuerit, statuere ~

34. It si curādum eft, ut in quolibet pago domuculam aliquam ecclesiæ conjunctam Sabeat, ad quam se recipiat, cu ad eunt locu accedit, nullam tamen ecclesiam erigat, nec fabricam aliam faciat alicujus momenti sine sui rectoris licentia, quæ uero facit de essent, ex pecunia, quæ pre sus ordinis uictu ei datur, nullo modo faciat, sicut nec eleemosinas, sed em ex pea, quam extraordinaria pro si see prouis ei dabit.

35. Ne noua eate ecclesia præceptoru multitudine obruat, quæ si ante debitu opus publicent, consuiter ad X fidem conuersos opprimut, et eosnicos a fide X amplectenda auertunt; nullu præceptum positium in sua residentia publicabit absq; sui rectoris licentia. In causis uerò matrimonialibus, cu uideretur difficilioribus casibus defcidendis sequatur ordine à Vifitatore sore consulat, dum aliquid dubitat ~

36. Quas Sabeat facultates partim epis, quæ ipsi in eisdem regulis conceduntur, partim ex compendijs Comuni et Indico facultatum Societatis intelligat, utrisq; quæ non Sabet sciat ad superiorem recurrere. ~

37. Habeat libros, in quibus scribat nomina eoru, qui baptismi sacramto initiati sue: et in alia libri parte etiam eoru, qui sacramento matrimonij coniungunt, et alium li: brû Sabeat, in quo rerû mobiliu oium, quæ illius residentiae propriæ sunt inuentariu

conscribet, et cu ad aliu locum transmittitur, eosdem libros suo successori tradat ~

38. Præter hæc, quæ pro ratione diuersaru regionu et earum qualitate, ac tempore à superioribus constituta sunt, uel constituenda uidebunt pari diligentia obseruanda erunt ~

99Regras paos do Jucus-

1- Entendao q' sao da Da igreja e q' nela nella professao de feruir a Ds' p'curando nao som.te de guardar p' si a m.te Sua s.ta Lej e Saluar Suas almas mas tambe' de ajudar os px.os conforme a seus talentos e orde' q' seus Sups. lhes dere' e q' se for ha de pecar toda virtude e guardar especialm.te a castidade co grde pureza naosom.te no corpo mas tambe' na alma-

2- tenham muj grde amor as cousas da igreja e como fos.se della como m.e q' e' de scu Snob' e s' fiedam.te Suas necessidades a si corporais como Spuais nao som.te a seus confessores mas tambe' a seus Sups. q' sao como pais da saude e de remedio e nao padeçao p' falta desta comunicacao detrim.to nos corpos ou nas almas-

3- os q' estiuere' en algua casa ocupados en algu' off.o p'arte desfazer co toda diliga. conforme a suas regras e os q' sao deputados p'a iudarem os pes. farao o q' p'elles lhes for ordenado e a si huh' como out.o opp.o q' lhes sobier procure' de o gastar se o ocupar de se em apréder a ler e escrever ou decorar dançar ou out.a cousa q' lhe for ordenada p'a q' depois a seu tpo' possa ser pregadores ou ser recebidos p' irmaos ou algu' out.o estado co q' possa ser descadam.te p'severar a te a morte na ygreia-

4- os q' sao deputados a judar os pes. s'ra este seu trab.o na casa principal ou em suas residencias, a lende seus pes. reconhecerao p' seu principal Sup.or ao reitor q' o he tambe' dos pes. En suas necessidades corporaes e spuaes reconhecerao tambe' a elle q.do lhe parecer ou for chamado o pregurado delles-

5- seiao mui be' insinados a prederdo e guardado os costumes e catequis de hua criança de papao naosom.te cos pes. e irmaos e mais gente de ca sa mas tambe' cos de fora s.do tratados a todos coforme a suas qualidades co o devido respeito he cortezia e guardado se p' se m.te demonstrarao q'ue soberba e ser mal insinados-

6- logo en se aleua'tado polamenhaa terao meora de oracao medi tando ou rezando as contas e anoite antes de se deitare' farao seuseu exame e cadames se confessarao com confessor q~ lhe for deputado po lopt~ rector q~ naosera seu p~ priop~. poroq~ q~do quizer dentr~ domes se podera tam be~ confessar com ele ou co~quer quizer. e comu~gar q~do lho ao co~fessor parecer -

7 - q~ ass~ somte. os q~ estão nas casas principais mas tambe~ todos os mais das rezejde~cias q~ se aiuntaõ e se achaõ nas ditas, acudiraõ a se exercitarem casas

de taes mais seruicos comu~s q~ são p~prios com dos desucus conforme ha orde~ q~ dez os sup~r. saluos os q~ fore~ p~ elle eximidos [terão todos sobre [respeito ao Jrmaõ q~ for giacum nas ditas casas como a seu sup~r. e node mais guardaraõ aorde~ e costumes q~ guardao~ os mais desucus nas ditas casas -

100Regras do yacunja-

1- O yacunj he instrumto. do sup.or pa executar as cousas q' the são ma dadas p.r q seu off.o não he ordenar as Cousas senaõ executar as q' por p.or ordena-

2- Seu principal cuidado a de ser fazer q' as cousas q' ptence ha cozi nha refeirt.o despenca estejas bem ordenadas e a seu tpô preparadas pa q se possas Como os Jrmaos. os facus e moços comas a seus tempos e fara q' tam Ja a suas oras a cada cousa-

3- Não tera superioridade sobre n'huu dos nossos mas som.te sobre os do facus e moços dos quaes todos tera cuidado q' durmaõ em lugar couemie'te a partados os pequeninos dos grdes e q' não percaõ o tpô q' de se ocupé em seus off.os. E posto q' podera castigar os moços q.do for cõueniente, todauia qua'do for neces.o dar lhes algû castigo extr.a ordinar.o não o fara sem dar cõta ao sup.or sem do neces.o castigar algû do facu o fara cõforme a orde do mesmo sup.or

4- tera cuidado q' os officiaes de casa se alle segeitos tenham suas regras las leas e guarde' e q.do semandar o' faltar faltar a lgû offici al auisara ao sup.or q' p' auia e tera cuidado q' os q' entrar de nouo seja instruido no off.o-

5- saiba Qua'do se muda o tpô de comer e dormir que he duas vezes no ano e auize disso ao sup.or e cada dia no tpô q' o sup.or lhe determi nar lhe dara cõta das cousas de casa e tenha hu libro de mem.a no qual escreuera as q' lhe é comédar e sempre lhe auisara as cousas q' poré execu cal-

6- Tera particular cuidado da limpeza da casa e fazer q' as cousas esté cõpostas em seu lugar e particularm.te nos lugares publicos e todas as noites tera cuidado deuer se estão fechadas as portas da casa e se os fogos fica apagado e tenham m.ta aduertécia q' não aja perigo no fogo-

7- tenha cuidado de arecadar e cõseruar as cousas temporais da casaq' he fore' en comedadas e pcure q' as cousas necess.as se pos anj fandos diso aosup.or s' o q' en japas nas seachas C' o tpb sera be' q' tenha escrits o lugar e o tpb enq' se ma'da Comprar Eatente q' q' a por perdenh.o não co'pre as cousas ha a saude -

8 - tera huã caixa ou escreva' seguro aonde tenha o dinh.o q' o reitor lhe de pa o gasto da casa Etera hu' libro no q'll escreuera q' recebe no tado hu' mes e dia em q' o recebe E enout.a parte delle escre

uera os gastos cotidianos Eno fim de cada mes dara comta a reitor do
gasto q' fez -

9 - Dara pra ta a comprador a que' tomara conta do gasto
poder q' as cousas q' ouuere de co'prar as tragao a uender a casa -
10 - Guardara to dalas cousas q' pert'cem ao uestido C calçado como cou-
sas de pobres de z-n-s. Enaõ darana da disto sem L.ca do sup.or -
11 - As cousas q' fore' necess.as ao p.mer cuidado dos hospedes afr-
pe os agasalhar como se lhes der forumaes, dera orde' como se lhes
de' panaõ cair naõ te' falta delles, E pare sen do lhe algue' q' pede
sobeiam.te todauia lho dara E depois auisara ao sup.or paq' o anj se-
12 - terem.te cuidado de pner m.ta charidade aos p.es q' andaõ p'la
christaõdade E residencias das cousas com forme ha a orde' q' o sup
lhe der -

13 - Sabado anoite se bara do sup.or que' ha de ler a mesa a somana
seguinte Eno tpb enq' se aziuntare' aos p.es Ef.es maõs saiba quaes del-
les ande seruir a mesa -

101Regras do que se comta de agazalhar
os hospedes —

1 — Em tratar os forasteiros e agazalhar os hospedes alembre se do ins-
tituto da comp.a aqual furchádo sempre amôr, gha de se entende de toda
dilig.a no proueito dos homes e p.a isto p.e cure de edificar de exemplos e com
palavras e ang.lhes com que comversa [nas cousas q.e]
tenha scuidado dilig.a e prudecia q.e coue —

2 — Entende aelle pertencer ter comta co todos os hospedes forastej.os assi
homes como molheres, q.lq.er parte vieré para uisitar e tratar cô os pes
pcurádo q.e coforme a suas qualidades e aos of.os negoc.os mequereré sercha
agazalhados e despachados bé de modo q.e q.do for posivel se torné de nossa
caza cotentes e edificados —

3 — Quádo vier algú hospede o recado de p.e de que se deua ter comta
face o oportej.o conforme as suas regras o face logo saber e elle indoe
uez cô hospede lhe mostre m.to amor e afabilidade de naõ tiuer delle conhe-
cim.to pcure de se informar bé de que he antes de falar sobre elle aos p.es
depois dara recado ao sup.or informados coforme a necessidade q.e ouuer
dos comprim.tos e agazalhados q.e delle op.e hade fazer e antes des
p.e seir faça estar tudo prestes e apanhado —

4 — Demq.e coforme ao custume de Japaõ e aqualidade das p.as socorra
con os deuidos agazalhados tem em hú librinho escrito o modo q.e seadetra
en agazalhar os hospedes e pcure de enteder m.to bé os cataquis coube-
mer q.e nisto se ande fazer paq.e saiba qn.e caqué basta receber dom.te
Cõ Inçazuqui e Sacana e com que se deue ter mais coprimeto chalgú suj.o
mono ou tensin ou cô out.o comer demais imptancia —

5 — a si mesmo p.q.e conforme a qualidade dos hospedes e as cafiões
a lendeste p.r. recebim.to a hús se hade depoir de Cõuidar e a out.os

se á de mandar a suas casas algú zagazó q.e se a custuma tambe fazer de diuersas man.as a out.os se á de mandar fazer serej.a cõuitár ou presentes e a out.os se lhe há de madar dar cojado som ou agazathar en no seacasa. pcure de estar emtodas estas coufas muibem

Enformado eter m.to Scrito no mesmo libro e fazer tambe Saber aope

1o Conué q se faca pag.to na beja busuta C dos hospedes –

6 – Saiba tambe Co quaes tonos Eps. se deuerá

q.m cumprir pa os comuidar ou mandar lhes afazer

presentes especialm.te nosps do zoguachi E a lenbreio aos prei

tor a seutpo tendo tambe escrito oq C delles Se ha de custuma fazer

paq nao afás faltar mudancas heesquecim.tos –

7 – tenha hú lugar particular fechado comsua choue q the

sirua de despenca pa hospedes emq tera guardados os dogues necess.os

pa este ministe. dos quaes tera enuentario escrito no mesmo libro

E nao sjara delles senao no seruico dos hospedes e auendo falta

de algua dogur o lembrara ao p.e reitor pa dar ordem q se compre –

8 – tera tambe nesta despica guardadas algúas Sacanas q são p

pries pa hospedes das quaes se quema a seu tpo tratados co prei

tor pag.to de ade comose cópre. Eas mardeuir q.do lhes deuir de

longe E q.do uier algú presente a casa de coufas q lhe para dar ap

posito guardara pa os hospedes o diga ao preitor paq para dar

lhe be as made guardar exellas con.de fore necess.o tendo grade

cuidado q todas as coufas pertencétes a ahospedes se guarde m.to

bé E nao se dané –

9 – todemais q for necess.o Comprarse amiude de fora ou dar se

da dispensa comú pa os hospedes aspera aginou ou dispecei

ro oq uires coforme as suas regras oq uires q tambe se lhe cófor

tara oq for necess.o na cujinha comúa. Q.do pa os hospedes nao

for necess.o fazerse o comer na cozinha particular a qual fará q

esteja sempr m.ta limpa Ebé concertada C todos seus deguis ne

cess.os Etera sempre algú bb cozinhr.o pa os hospedes –

10 – pcure tambe co p.e reitor q tenha sempreenca sa algú tombara

q Saiba bé de certar as coufas E servir aos hospedes E q.do fore

necess.o fazer farumajs maiores seajude de algus zpáes de fora

102amigos da cafa comor sup.or parecer–

11– Como ha frequencia dos hospedes nestas cafas principais

hetas cotinua nao hade fazer y ficas de dar furumas; ao Sr. eou

ucré' de comdar fenao for a algu' tono grade ou a gentio de respei

to E pouco familiar mas co os S.or e m.to omrrados y ferias coma

m.te qn.do se comidare bastara fazer hu' pa

e feu quazi. e qn.do parecer se lhe podera

zacana mas tudo se hadedar m.to tempo e be ofertado–

12– tenha m.to particular esta Cafa muy grade limpoza na ssa

m.te nos gaziquis chanoju e minas mas tambe na cozinha de despe

sa e entodos os logar q' ferue pa hospedes E q' afrouinho como as

facanas seiao boas ebe comfertadas E q' o feruico se faca a tempo

E com boa orde' E p' isto a de ter deputados algu's moços su ficie

tes q' nao seiao ocupados nos mais feruicos da cafa–

13– procure tambe' q' no chanoju a Ja algu' Rapaz virtuofe he

inteligente de a qlle off.o oqual tenha fuacafa m.to limpa e os digus

de chanoju be' confortados e dixersos lojas decha. o chanoju nao sera recebim.to de yaguramonos quas ahi ga beber e passar o tp.o falando de coufas o ciofas e desordenados mas paagazalhar os hos pedes q.es smrrados co edificacao epruieto de fuas almas como comu' fex en n'ssa cafas E faca p' o chanoju q' a guarde de fuas regras-

14- Como os p.es Estao sempre ocupados e na pode' gastar m.to tp.o c'os hospedes ac llepertence entre tellos entra comercao escufar os p.es e p' isso guardase de fer feco ou aspero e mal infinado coelles e afo mesmo de correr as particulares afei coes e amifades tratando melhor os q' sao de huas partes q'os ou tros mais com todos seafa ch' ygualdade e c'ba Senida charida de mostradose m.to ha fauel e he' insinado epruido de o fa zer familiares e deuotos-

15 - Q.do vieré alguás mulheres fajedas entrar no gaziquia custuma todas mulheres tratar dellas detalman.ra q' sempre se sejá nelle modestia e religissa grasiudade p.a com os des pilar, sobre tudo estádo sempre alguá p.e presente quádo có ellas falar, e ná chame ninhuá outro da casa a falar có ellas se ó sup.or

16 - Os hospedes comque parece q' ha obrigaçáo de lhes dar tambe pousada p.a curéd'agaza thar có sa. do sup.or enelgú criado fora saluose for de tanta obrigaçáo e familiaridade q' parecese ma is cõueniente agasalhallo em casa epa estes q' aja em casa algú yguis conuenientes os quais tere té que des -

17 - Porq' o sobeio trato he familiaridade có forast.os né se tendo có prudencia e modestia disto he e faz m.to dão aos religiosos, guardese lesenaó fazer leuar delles p.aentretens m.tos ireligiosos e seculares tratados coelhas em confesso ocios zas indecentes mas antes q' em sempre deos ajudar aquei tar e q'isso não se oze ne chaniy ne em out.a parte nhuá man.ra de jogos -

18 - q.do como escreue s. p.llo. Non est regnú dei esca et potus eos q' paos não se há de oar par como os gentios imõ mesa tromibus et ebrietatibus aduirtade agasalhar os hos pedes conuidando os detal man.ra a beber eó agasalhado e fía criansa desa paó e não se agze omáo custume q'orgé tios ka fazendo os beber demaziado e p.a isto ponha ca p.a os conui dados a beber e porquis e né xirugoquis mas som.te có sachá zuquis ou cafas -

19 - qn.do algú gentio quizer ouuir pregaçáo o faca saber ao sup.or p.a lhe dar qué lhe pregue e quádo for p.a detanto respei to q' lhe parecese melhor se lhe a pregar em sua casa oué out.a

103lugar mais ascuço tambe lho faca sabr pa q em tudo scia nosso

Snor Servido e glorificado–

20– pcureasems po q se faca puisab bastante do chaa q for necefsr.
pa todo o ano, q hade ser de tres legas. hu m.a fom. pa os quiacus de m.ta qualidade, out.a meos pa hospedes, E out.a comu pa de ordinar.a o ql chaa todo tera am.to bem guardada, dandose ao chanoyuxa cadames o q lhe pa recer bastante E necesfario —

Roldos Diqus q sao necefs.os pa os hospedes–
porcelanasdepal goquisbos. meos. e somenos.
mesas pa goj nay naquas
luguios pa saana. 1.a casa de comer
yutos. ou fiseguas peraxiu. 1.a agunca licta
xeira caigui pa aletria etc.

Tagos pa agoa.
toyos pa coufas salgadas.
chules pa chaa pa vino
tocuris grdes e pequenos.
Bentos caxos em q efa hu aparelho de comer
Zeftor vquis pa goquis e mesas.
suenos– 1. coadores.
coador pa o v.o
cantes trenpes.
saibachi. guobachi. tachos pa pescar
Toalhas pa as maos e pa as pes.
talos de fumo pa de palo
joquis. Maxeiros. emacuras.
sobreiros de pees e bocuis.
choc hias co andeas.
camafeytos. e cejas. choper de y.

Mesas boas. meos. e somenos.
platos pa fruta Duazibos bos. meos. e somenos.
infridegerro saixibos co seus secuxis. bos. Emeos.
redondo. pa arro bulis, bors. Emaos. pa vino
louca. 1. vidriado de barro
fochos co seus fazis. 1. galos pa fequizos. 1.a pa pan e atre
Maraitas. e de xofin.
fagama. 1. tachos grdes.
reorina bes. 1. tachos paxiru. 1. cabo
cours caques. 1. tachos pa sei. 1. cafr de
cannabes coq Jenqueta o v.o pescar
grelhas. Espetos.
copos Saca zuquis co seus feguis. 1. tabli. Jou baco–
feguis. tabli pa facr (nas em q se Toalha pa facr) pone
fobons.
bacia de agoa as maos.
tife ta chis.

Mesas de fino pau. 1. Xinofex.Domodo q' se ha de ter em agazalhar os hospedes e as p.as de respeito, e dos conuities e presentes que se haõ de fazer –

Alem do modo comu~ q' se ha de ter em receber os hospedes de fora, q' he das thes sacázuqui e sacana, e chaa, e a diuersas man.ras de fazer gazalhados a forme a suas qualidades, q' q~ a as p.as de respeito, ou embaixadores, ou p.as b~e meritas, q' ue~ de longe, especialm.te na pr.a ues q' os sacázuqui e sacana, mas he necess.o fazer lhes mais gazalhado.

Este gazalhado ainda q' se faça em japaõ de diuersas man.ras se pode reduzir a cinco graos. o pr.o he o q' esta dito de sacázuqui e sacana, q' tem o mais baixo lugar, o q'l mais q' priam.te serue pa as uisitacoês ordin.as q' os ygoas fa ze~, ou pa q~lq'r p.a homrrada q' uem a nossa casa, & q' se elle esta de pressa, q' não quer esperar mais gazalhado, ou qn.do algu~ ygoas se uem despedir, q' uai~ a algu~a parte, ainda q' seia m.to familiar, ou aos criados q' trazem presentes de seus amos -

O segudo he o q' se faz co~ algu~ suimono q' he algu~é comer es acada hu~ em particular, antes de sair o v.o co~ a sacana, o q'l se faz qn.do q' tem menos familiaridade, ou qn.do não se pode fazer mais gazalhado p' algu~ respeito aos embaixadores e fauores q' uem a nossas casas, ou ainda q' seia otono m.to familiar de casa qn.do ue~ uisitar a algu~p.a hospede de resp.o 3o he o q' se faz co~ algu~ tenjen, s. Manjous, ou a letria, ou mochis cozidos, co~ seus suimonos, e sacana, o q'l se faz q' priam.te co~ as p.as de m.ta dignidade, como são Daimios, e cunixus, ou embaixadores ho~rrados, q' se não pode~ conuidar facil.m.te co~ furumais formados aos tonos do lugar q' ue~ uisitar as nossas casas raram.te -

4o. he o q' se faz co~ meçi, e zine co~ algu~s suism.os leuem.te ou p' uia de cozuque, ou yuzugue, o q' neste t.po se a custuma mais dozes, o q'l se faz a fe p.a chos tonos familiares, q' ue~ m.tas uezes a nossas casas, ou co~ q~lq'r hospede familiar homrrado, ou tambe~ co~ os q' tra~s algu~ recado de longe, q' estaua de pressa, e se ha de tornar logo a q'le dia, inda q' não seia ta~ familiar -

104OS. he couite ebanquete q' se feito, ou per modo comu', ou p' modo de charo yu, oql sefaz pe q'qr' coroa, ou enbaixador q' ue' a terra, Eestraa afgues dias huavez, ou mais, conforma otpo' q' estra na terra. item faz se deosforos e p.as ho'rradas q' estai no lugar. Cout.el p.a bne'meritas de cafas afguauer noans. p.a os ter benenolos, quer seiaõ gentios, quer Xaõs. Neste s.o modo ha fazer se mais, ou menos honrra co'forme o gasto, ou num.o das iguarias q' lhe daõ, e do modo co' que as daõ.

Al' destes cinco modos ha ta'bem fazer lhes gazalhado, eõ dar lhes al gua fruta ou cousa semelhante. esobreisso chaa, ou uinho co'forme a fruta q' se der, E a tambe' conuidallos, co' os presentes q' elles mesmos traze' q.e são mochis, ma'çous, efruta, E sobreisso dar lhes d.o ou seacajugui, ou chaa, co' bem ga.do elles ue' no tpo' de nosso comer fazellos entrar, epor lhes huadesmesas ou uindo a lgr.a cousa tarde, não p' mais q' quezi, ou algua' na cara, edar lhe v.a estas modis se usao som.te pe' os sogeitos familiares e bne'meritos da ca sa, e uem m.tas uezes anossas casas.

Aos Xphos q' a cá per hare' oop.o quem de fora de alg'u lugar. Eos misseus q' trazem carga gr.de não são pagos, Eq.do fore' mandados de alg'u lugar p' rizal gus presentes pa os pes. aos neruocus q' traze' os ditos presentes sempre se hade fazer alg'u gazalhado, agora couidandoos amesa d.a de merenda, hora de dar lhes jantar, ou cea conforme aas occasiões eatpo' q' uire', masomex hade ser de ordinar.o de ceifa, semter ob.a esta seja de gente out.os co' prim.r

Ainda q' qr' destes modos tem suas cousas determinadas, as quaes hade de saber os fenados q' tem cuidado dos hospedes E o cozinhr.o q' tem peiso toda via encomu' se haõ de guardar algumas cousas. Apr.a he a limpeza q' hade auer naõ som.te nas cousas q' se come', mas tambe' nas mesas, vasos, etc.a Dis. o q' as vezes ainda q' o comer naa m.to benft.o som.te q' naõ irem d'ogas q' naõ conem sefaz iniuria ao hospede.

A 2.a he q' as cousas q' se come' se leue nos vasos q' saõ appropriados ea cus tumados pa taes comeres e s' forme aos q' naterra se uza, fazertoas per ticulares qn.do se conuidaõ p.as q' nisto tenhaõ preeminências particu lares como elles acostumaõ.

A 3.a heguardar otpo' carole' q' se hade guardar e' trazer estas cousas por q' q'qr' falta q' se faz nisto parece aas Japroés cousa ridiculossa.A4^a. q' osque servé sciaõ p.es q' de seu natural possao servir a aqlles q' se sefaz iniuria aos hospedes, Eqnto mais homrrados faz maior homrra ao hospeda.

A5^a. heq'ainda q' os p.es naõ haõ de fazer postas a todos, p.as aquem se dia de comex, sempre se lhe hu' ou dous de pedes, e hade ser p'xobrar con forme o curmj dos hospedes e officiaes, ealgumte familiar de casa, q'senaõ hade tomar dahsterx.te.

Dos presentes.

Quanto ao q' toca aos presentes de comex, apr^a. cousa he os p.es qn.do vaõ visitar aalgué, Nunca haõ de mandar de comex, p' q' he indecencia m.to gr.de pa sua dignidade.

A2^a. cousa he q' estes presentes de comex naõ se pode' deizar de m.dar a diversas p.as con forme as occazioes q' se offerece, especialm.te aalgu's s.res dos lugares e subgectios, e aos embaixadores, q' vé de fora, e enout.as semelhantes occazioes.

Ainda q' estes presentes se fazé de m.tas man.ras todavia oq' cafas, se pode reduzir a cinco ou seis g.dos. o p.ro comers baixos em hu' de quatro bolis, ou hu' tocuri de v^a. eõ alguma sacana, hora seja de peixe, ou de fru ta, oq'se for pa mandar, a g.tes familiares, ou de pouca qualidade, q' vé de out.a parte avisitar no suas casas, ou aos q' vé co recado dalgu's foresta miliares christaõs –

o 2º. sera hu' taru, ou dous de v^a. eõ seu figuiri, ou orimono co suas saca nas he confortades. oq' se chama ychigó yoca, hepa p.es sahmeros famili ares, e de pois qualidade q' as de p.ro modo.

o 3º. Dous tarus q' se chama vmádaru ou q.tro ou seis de v^a. eõ tres ouis com manjous eletría e sacana, enout.a cousa semelhante q' se chama sargó sargó, oq' se pode mandar a gt.e q' se for homrrado ainda q' seja yacata, quando se maxda visitar q' vier de out.a parte anossa terra, ou qn.do se manda visitar as toris da terra q' estar fora enout.a parte etc.

o 4º he m.dar dez tarus gr.des, ou peqnos eõ sinco ouis de diversas saca

105nas q' se chama gocagogo. os q' raras vezes o haõ de fazer E som.te q.do fosse alguns sores de cum xeus pe.r riba q' nas fosse de vir ate' onde estamos q' queremos tomar amizade de elles, ou q' temos na bido bri.f.os em hua terra.

O 5º. he de algũas conservas ou cousas de comer de Nambe feito anossa cham. oq' he pa mandar aos Sonos do lugar onde estamos, principalm.te q.do são gentios pa os ter briulhos, e fazelos familiares, e hã de ser de dimez emez. A este pres.te se pode acrecêtar mandar algũa bemto be' acertado, cõ seus sais e Bº. mais isto he depois de os ter m.to familiares. Também neste mesmo caso pode servir. o 2º. modo de presente aq.do ouver boa sacana. E da mesma man.ra se pode mandar, q.do uem algũa fruta nova da terra. sx sacana q' me jurunxi. q' he the sinal de lembraca e amor.

O 6º. he mandar arros pilado cõ sacana mis.do e o qul' q' mere ce' darmos lhes pousada em nossas casas, ou p.ra familiares, ou p.ra meritos de nossa casa, q' se desua te.a a visitar no bus casas. mas p.a esta deser mulher ou q' trazer familia, ou q' out.o respeito, não os podermos agazalhar em nossas casas manda se a suas pousadas este laja de presente ea contra, ou quatidade seraa conforme a gente q' traz cõsigo. e adecoi ca q' hão de fazer no lugar pouco mais, ou menos –

De outra laja de presentes.

Quanto aos presentes de pessas pr.im.te se deve de atentar q' nuca os p.es deve mader de presente cousas q' pareca fato de mercadoria q' se chamam japal futomono, como laças bracas, agulhas, sapas, porcelanas, pires etc. salvo aalgũs xpar' pobres e familiares, ou aalguns estalazideiros, e ou tras pessas baixas desta laja –

A 2ª. he q' ha algũs casos q' nas leuando, ou nas mandãdo algũ presente se faz busata E descortezia, aßi como no xoguachi o presente ordinar.o q'o joxu ji de casa leua aos tonos, q' he hua resma de suiban cõ auano douza lo. E sendo os os. menores q' guxizeu, bastão dez matos de qualq.er papel bon q' se chama nacayy, cõ out.o auano q' nas seia dourado.

Tambẽ q.do uẽ huũ super.or art.uez a vizitar o tono da terra, ou q.douende longe que ham? que senaõ viraõ como dactrina, ou do mal co p.m.te conhecido do mesmo tono q' estiveraõ m.to tpo q' seraõ uiraõ, E de longe & q' he cousa ordinar.a enxapes daralgũa cousa aos q' uai longe da terra que se chama fanamuguia, Eo que de longe deras q' ficom em casa, q' se chama mia gue, ainda q' seia entre pais yrmãos, Eentre criados E se tres E discipulo, Eomesmo quando se hadefazer ferrei q' mandado visitar coalguã pes.a.

A 3.a he abentar m.to q' senaõ entroduza algu' custume de dar ox cousas certas, tirado ado Xogunachi, & q' fica Gcousa ordinar.a E de obrigacaõ.

A 4.a he q' nuca se deuẽ dar m.tas cousas juntas ne de m.to cor Religiaõ, ne seia cousa de taõ pouco mom.to q' seia ridicula se amostra fa zer pouco caso do Tono, Edep.s aquese daa, E falar do em particular há superfl. g.do for visitar algu' S.r ep.e uez podese lhe dar hua pes.a de de .15 – ou .20 – mazes periba eomesmo podera fazer na fara qn.do vier de longe eos mais p.es gr.des ueb a p.e uez pode dar ao tono alguã pes.a de menos ualia.

A 5.a he q' conforme aolugar de donde uẽ hão de ser os presentes, & q' uindo ou mandando do lugar da nao se ha de ser cousa do Narbe, Euindo do Alicaco, há de ser alguãs pes.as do camj. eafsi nos demais –

A 6.a he q' as fno.s da Tenca ou aout.os tonos gextios de q' de não se pode dar regra certa, & q' conforme ao poder & necessidade q' temos delles, ou pollo q' naqle tpo correra mais, ou menos cortiana na baia do presente.

A 7.a he q' todas as cousas q' se mandar se háo de mandar concertadas achanfa das c' seus dais gp.rios E emburulhadas c' seus papeis como na q'lle tpo se custumar na terra, & q' do ent.o man.o abaixa as mesmas presente e fica p' descortezia –

A fora destes casos E modos q' estão ditos, a contece tam be ser neces.o

dar a lguã pes.a, ou vestido, ou caixas como aos trajes q' anosas casas, principalm.te qn.do algu' S.r os manda pa ou qn.do elles uê a fazer seu off.o & termos algu' hospede seia dos nossos superi.es quer tonos estrangeiros.

Tambe' qua'do nos mandaõ algu' cauallo de presente Le custuma dar aos

106chugues, q' traze' o cauallo algumas coufas furtadas lho cacaria he cõforme ao Credito e respeito em q' esta posto aq' the age ue' opresente. posto q' de ordinario se d' mil caixas– Tambe' se das algumas caixas ou alguma peca em recado emq'nos trazem presentes de valor, com forte e Velor do presente q' traz, se lhe eade dar a gora de menos–

Regras pem o chanojyxa–

Alevantarse ha Quandose tange adesperter, se a penderia se ou ardor no chanoju, e pora o caruaõ no furo paraquentar a agoa, e fara sua oraçaõ, enqto. estaa amanhecendo –

Como Amanhecer e ouver tanta claridade q' possa fazer so' sei do q' lhe mto. bem tudo o q' lhe pertence, e changsa q' esta lauarra a cama eos mais dogus do chaa, e pora o furo como hade estar, ea uisaraa q' traga agoa aoque tem cuidado disso–

Tera cuidado de saber se tem chaa moido qto. baste pa dous dias, ou tres e faltando auisaraa aquê hade moer se elle não puder fazer por si–

Tera a todos os dogus do so'sei cõforme ao rol q' lhe derem e todas as dogas q' fore' raros ou suios os panos de a limpar como chaquin, zo'qui, fu cusamono, ea coador auisaraa aquê tem cuidado paq' proueia.

A todos os hospedes daraa do chaa cõforme a sua qualidade e condi–q' so tomaõ tiuerdada, mas aos q' fore phibidos não auifaraõ q'naõ entre, ou não esteiaõ ahi –

Ansy se conforme a orde' q' tiuerdado os irmãos confortara todos os doentes bem, e poraõ o fogo a bom recado, q' não a dirca alguma' defastre.

Terra hu inventario de todos os doentes que lhe entregarem peraque coforme a isso os entregar qndo. outrem entrar no seu offo. e terraa ta'bem hua taboa pblica emque esteiaõ escritos estes itens –

Quinsey.

Ningué poraa Maõs no chano yu, ne'nos Dogus se' licença do official.

Ningué tirara agoa quete proutº. seruiço de fora se' licª. ne' tomaraa fogo pora a fender em outª. parte.

Ningué leuaraa a outª. parte os Dogus q' pertence' as chanoju se' licença.

Ningué fara saicu na casa do chano yu, ne' pora ahi dogus q'naõ perte' caõ ao chano yu.

Naõ dormiraõ no chanoju, se' licª. do jrmaõ hospedejº.

Os Dojucus naõ teraõ ahi sen repouso, nenhu' como no subim aozajajapi.

Nabanera jogos dego, nenxogui, nen falaõ zp ta' de cousas impertientes.

Nhua mulher entraraa ahi mais tpo q' de seu recado, ne' estaraa falando ahi nte. zpõ –

107Os Dogus do changxiu o menos que podeter. saõ Estes.

Acama.
Caraburo.
Mizusaxi.
mizucoboxi.
futanogui.
lansu.
cheuá – s.
Nacume – 3 – daj.
fiquidame – 2.
chexen.
fixacu.
chaxacu.
chaquin.
fucusamono.
sumitori.
vozumitori.
fibaxi.
camasuye.

cha vsu.
Mizutago – ycca.
suyenoque. 2.
chacuto.
chabetaxi.
voguchi. 1.

letodaj – 2.
today – 1.
Andon – 2.
yourobóqui – 2.
faiyre.
faisucuj.
fiaqui.
Joquin.
suino.
Mizubixacu. 2.Regras pera o portro.

Tenha a casa da portaria M.to limpa, se primesmo o patio e mais q'estab as derredor della, deman.a e tudo este e limpo e be concertado. Quando vier algú forast.º ou recado de algúa p.a com que se podeuater particular comprim.to paselhe fazer algú gethedo o face logo se bora ofrmaõ q' tem cuidado de agasalhar os hospedes, peracelle ordenar o q' se deue fazer e fazello saber ao p.e Reitor, e não estando o dito, jamas na casa o diga ethe mesmo ao p.e fazendo the saber a qualidade da p.a q' ueyo se elle a não conhecer.

Os mais recados ordinar.os q' não té neceßidade de cimprim.to como q.do algú vé p.a falar có algúa p.a de casa, ou traz algúa esmola, ou p' Tenk de xpoertos familiares, ou mandão chamar algú p.e pa cófeßar os doentes os daraa elle immediatam.te ao p.e Reitor, e faraa cõ adiuída diligen cia o q' elle diser.

Aspois recados como as cartas q' algús forastr.os thederem pa os dar a algú de casa, os daraa ao p.e Reitor, antes de os dar a aq'lles pa quem se mandão e fara depois o q' elle lhe diser.

Tenha mui grde cóta en despachar depresa cõ diligencia os recados ep.as q'e casa vierem, falando cõtodos com m.ta afabilidade, cõ todaa cortezia e boa criança, conforme aaqualidade das p.as cas catéguy e custume de fapaz, guardandose de faler aspero, e de ser mal ensi nado, ou dar mostra de algúa soberba e altives. e asmo theres despa che braue m.te não se metendo cõ elles é palauras epratias largas– Quando vier o medico pa iusitar algú doente o faça logo saber ao enfer mr.º ou aoutré q' tiuer disso cuidado.

Se for dado q' espanhol do changuyça, tambe o afudanaa ax seu off.º cõforme ao q' osup.r lhe ordenar.

108Regras do sacristão

1 – Entenda o sacristão q' ade obedecer ao p.e q' tem cuidado da igre ja, e q' ade guardar a modestia afim no rosto com em suas fallas não som.te na igreja mas tambem na sacristia e qn.do algu' pedir alguma coisa sa tis faça lhe co' edificação, e se for necess.o falar comolheres tenha os olhos baixos e despida as com poucas palavras –

2 – Qn.do o p.e se reueste na sacristia pa dizer missa, a tente q' a alua e vestimenta estejam bem postas e p.e curé q' thenaõ falte ministro: E ao sabado aatarde auise aos p.es amissa q' cada hu' a de dizer p.a a semana –

3 – Na sacristia tera tanto num.o de lencos co' seus titolos quatos são os p.es q' ouueré e se calen destes tere hu' ou mais pa os hospedes, os quaes seporaõ lavados de dous em dous dias.

4 – Sm qn.to se dis a missa estaraõ duas candeas afesas no altar, e qn.do se leuãta o s.to sacram.to. E tambe' quando se da a comunhaõ se acendera out.a aq.ll estara com hu' tocheiro –
5 – o uinho p.e cure q' seia limpo e coado, e q' cada dia se tire do frasquo, també coara a agoa, e tera as galhetas limpas e cubertas, e as hostias e formas p.a a comunhaõ seiaõ bem feitas –
6 – Cadadia tanger a rromper dalua pa o pouo, a's dono fim cinco badaladas e as missas do altar mor, da'dono fim as badaladas acostuma das co'forme ao num.o das missas, e anoite as Auem.as e qn.do ouuer pregaçaõ na nossa igreja anoite dantes tanger a 6 mais tpo –
7 – Qn.do chamar é algu' p.e nomeadam.te pa confessar, oquai fara logo e quãdo não chamar é nomeadam.te sa bera do sup.or aqué a de chamar –
8 – Na sacrestia tera agoa sempre e toalhas pa os p.es lauaras mãos e faça q' nuca falte agoa benta na sacrist.a e na pia da igreja –
9 – Abri as portas da igreja qn.do amanhecer, e a'tarde as fechara quando se poem o sol, e entregara as chaves a qué o sup.or ordenar, &c

109cure que a igreja e Sacristia nunca esteião Sem vigia –
10 – Na igreja fam q. não aia caximapi, auisando com odestia q. se cale e p.a cure q. a igreja esteia Sempre limpa –
11 – Os altares Sempre esteião limpos ebem concertados, mudando os frontais Eornamtos. conforme aos tpos, Segundo a orde do S.or theder, Eesteião be guardados Econcertados os dogus Eornamtos. da Sacristia Egliseia –
12 – O dia da comunhaõ comugarão pr.o os Irmãos sós, depois os de fora E a gente de fora, pa o qual tera Sempre prestes na lha Elausti –
13 – Tera prestes os dogus de Enterrar–S. os tocheiros Ehu' caixao enq. estara a cruz metida em Seu facuro de Seda, candeas, liuro, paro Es demais, Etera tambe' prestes os dogus do baptismo, e o liuro onde se escreue' os Baptismos Ematrimonios –
14 – Ne'elle ne' out.o no tpo b.o Se dize' as missas Saira a fazeralgu' ser uico nos altares, Sem soubre peliz, e face fos q. Serue' a missa q.do a cabare', sobre' Suas Sobrepelizes, eas ponhaõ em lugar conueniente, e não as bote' nochaõ –Regras do despenseiro

1 – Em dar as cousas da despensa assipa os de casa saos, ou enfermos como pa os de fora, siga a orde' de que' lhe for sup.or

2 – Antes de tanger a mesa tera preparado o vinho em seus bales, e das cousas q' sobejare' das mesas, guardara o q' servir pa dara aos pobres co'forme a orde' do yacum' –

3 – Tenha cuidado de guardar bem as cousas q' lhe peça, tendoas fechadas em cia e q' se nao, se ouuer perigo de se danar, auisse ao yacum'y, plo qual sera bem q' veia mtas vezes os lugares onde estas cousas estaõ guardadas –

4 – Antes q' as cousas se acabe' de gastar auisara ao yacum', pa q' com tpo se apre out.as e a despensa e cousas q' estaõ nella, tera sempre limpas eos logus em q' tles cousas lauara e consertara q' se utos?

5 – A q' tiver cuidado de agasalhar aos hospedes dara todas as cousas

q' lhe fore' nece.as conforme a orde' q' os sup.or dara, e lembrese de quer com m.ta dilig.a e charidade aos p.es q' andão correndo axpedade, das cou sas q' lhe forem nece.as co'forme a orde' q' lhe der o sup.or

110Regras dos jnfermeiros–

1– tenha cuidado dos jnfermos, E como souber q'algua doença deq' sejea de fazer caso, auisse ao sup.r p.a ver se he necess.o chamar fisico ou out.ro fisico, se a doença pedir isto –

2– Ln.do vier o fisico visitar ao doente, sempre se achara presente, E notara as cousas q'o fisico mandar fazer, p.a as q's imexcecução Comunicado como sup.or –

3– As Cousas q'se haõ de dar aos doentes seiaõ boas; E be coberta das; E os cubiculos dos doentes esteiaõ sempre limpos, E parecendo lhe necess.o alegra los co'alguas' faras, as pora Ctera sempre as ca mas bem co'sertados –

4– Ncaõ deixe estar soom.te tpõ ao doente, particularmente as horas da recreação, p.a cure q'esteie aco'panhado, p.aq' abrelle como org'o distaõ o consolera Cõ boas palauras, E praticas spiritu ais –

5– se tiuer algumas cousas ptensentes aos jnfermos, afrido'gos como Cousas de comer, tenha do'cuidado como se guarde' Ecoser ue', E se se ouver de comprar alguma coisa, se compre a seu tpõ, E te nha as em lugar apartado das out.as cousas de casa –

6– Notese Emq'dia começou a doense, E na hora em q'the uem o febre Co derixa, p.aq' auisse ao fisico E ao sup.or qe lhe de' de comer a seu tempo –

7 se a doença for Co'tagioja temos do'gos apartados de seu ser uico, p.aq' senaõ pague aos out.os E aos conualecentes naõ co'sinta q'se aleuante' Cande' p.a fora senaõ qn.do o fisico ordenar, E tra balhe q'se lhes de' as cousas q'o fisico ordenar, parecedo afri as sup.or –

8– sofra co'paciencia E co'charidade os trabalhos q'tiuer Em curar os doentes e a dureza q'sofrera trabalhos p.a naõ faserissoa saude

9 – Indo a doença for grave, se a lembre de auisar aos sup.es pa q lhe dem os Sacramentos ao doente antes q se priue do vzo da Razaõ, e se a doença durar m.to ainda q naõ tenha perigo, auisse ao sup.or pa q veja se comugaõ cada .8. dias, com forme ao custume da Comp.a –

10 – Senos mantimentos, ou nos ares, ou frios, ou coisa semelha te vir alguma coisa q possa fazer nojo a saude Comuã dos nossos, ou q lhes possa aquietar, auisse ao sup.or –

11 – Se vir q algu~ co demasiado trabalho Em exercicios Es pirituais ou corporais se poe' Em perigo de adoecer, auisse ao sup.or & tenha se conta cõ a diuersidade de natureza, e compleição dos

Irmaos Europeos & Japoês, pa q se lhes dem as mezinhas e comer a cada hu~ conforme a sua natureza -

12 - A se entre os dõgues da Enfermeria ha' algu~s colchoês & lençoes pa se dar conforme a ordem do sup.or aos doentes cõforme as necesidades que tiverem -

13 - Crescendo m.to a doença auize ao sup.or pa q particularm.te o façã Encomendar a Ds, E tanto mais qn.to mais p.to estiver da morte, E tambe' pa q nella asistao os mais q puderem, pa o animar E ajudar na qlle passo, E como espirar auize ao Sacristaõ -

14 - Como algu~ morrer terá cuidado de cõcertar o corpo do defuncto, cõforme ao nosso costume da comp.a E estara 24 horas sem se enterrar, saluo se ao sup.or da casa parecer outra cousa -

111Regras do Refeitoreiro -

1 - Tera sempre m.to limpo o Refeitorio eos dogues q' serve pa elle, eas toalhes das mezas, e fazel mudare plo menos duas vezes cada semana, p'curado q' aja sempre agoa na pia pa lavar as maos -

2 - Procure q' nao falten os dogues do refeitor. q' fore necess.os Een hua taboa tera escritos os nomes dos p.es q' formass da casa, e notara nella os q' comere' pa saber os q' ficaõ q' cozinheiro -

3 - Tangera a ca'painha a seus tpos. pa chamar ap.a a 1.a e 2.a meza e hu' quarto antes fazera a preparaçaõ sabendo prl. do cozinhr. se esta prestes -

4 - tera hu' Rol de todos os dogues do refeitorio pa dar co'ta delles qua'do lha pedirem, e hua hora depois de se acabar a pr.a meza tanger a ca'painha pa se acabar o repouso -Regras do cozinheiro -

1 - Em tudo o q' pertence a seu off.o Usara de m.ta limpeza, e fara que as cousas esteiaõ prestes a seus t'pos, especialm.te as q' pertence aos doentes -

2 - A carne e peixe q' concerta p.a a meza, p.cure de naõ tocar coas maõs senaõ com faxas -

3 - No fazer das mezas guarde a igualdade co'forme a orde' q' o feitor lhe der E o q' sobeia das mezas guardara o q' pode servir p.a os de casa, E o demajs p.a se dar aos pobres co'forme a ordem do sup.or -

4 - Tera hu' Rol das cousas q' pertence a' cozinha e lhe saõ abalheen comendadas -

5 - Aduirta q' senaõ gaste mais lenha de q' for nece.a E o mesmo cuida do tera das de mais cousas q' lhe der p.a a cozinha -

6 - Tenha afios fogoês, como as panelas, E mais vasos com q' se ha de fazer alg'a comer chare nenh'a a pertados dos out.os en q' se aparelhe chare japaõ, naõ misturando em ninhu'a man.ra hu's co' out.os e o q' se fizer chare naõ se sirva C'reperta a modo de japaõ, se' de co'ta

q' afi estas cousas, como as mais de japaõ sedem En porcelanas, ca
fas, ou pires conforme es v'g' de japaõ -

112Regra dos irmaos pregadores.

1 Entendao os irmaos pregadores da Comp.a que o off.o peraque Deos os chama
he pera encaminhar as almas dos proximos ao seu criador, deomo seria hua
obra amais difficultosa que quantas ha. Releua que es huma deligencia busque
os meynos que os aluntas com Deos, quaes sao as uer-
des acSandidade, as intencao pura de Seruir a des-
dade com Deos nos exercicios espirituales, So de llo
pera maior gloria de Deos~.

2 Trabalhem co a graca de Deos de Serem exemp-
nas menor pessoadas os proximos aasvirtudes co
persuadem co sua boa doutrina.

3 Aproueitara aos pregadores ter cada hum hum cartapacio noq.l
tenham efcripto osprincipios dos Euangelhos detodo oano deviando
pera cada Euang.o alguma folha, ou folhas embranco onde irao efcreuedo
os pontos, q' ouuem ou leem pertencentes aatal Euang.o. Enho cartapacio
de lugares comus das virtudes Edos vicios, deixando pera cada virtude, ou
vicio alguma folha, ou folhas embranco pera enho ano ir notando oque
lem ou ouuem pertencente aatal virtude ou vicio.

4 Tambem ajudara pera fazer bem seu off.o ter algumas pregacoes de bons
pregadres pera aprender dellas nao Som.te as cousas, Senao tambem
aordem Eomodo de dizellas~.

5 Todos os pregadores hao de deiciar de fer auisados dos erros efaltas que
nas pregacoes fizerem &c. Eos pregadores da Comp.a detal manr.a se hao de
aplicar asuas pregacoes que hao de estar aparelhados co ancima uontade
pera ensinar aos meninos adoutrina.

6 Em suas pregacoes se lembrem de tratar Som.te aq.las cousas que os ouuintes
podem entender Esao proueitas asuas almas, quaes sao auida Emorte de
Jesus. Seus nouicim.os Suirtudes, porque estade aque savora todas
aspregacoes. Veo asvidas Smartirios dos Sanctos, oq. he nouifsimo
que sao morte, luizo, inferno Egloria, as cousas que tocaõ adoutrinaxpaa Salgue folem a Nomeços
reytirpar ou inicroi
nduz guardandose de cousas curiosas~.

7 Encomenden e Suas pregações o uso frequente da confissão e comunhão
aperseverança nas boas obras, o rezpto. aas cousas
divinas aos prelados q na ha tem as uzês de Veot
Ebral de mia. Plicaõ dos liuros espirituales~.

8 Aexperiência nos ensina eaki odeixou escrito
memoria que nhum prou.to se tira do pregador represen-
tonos, ou p.r los lugares, ora esteiaõ presentes, ora
ot nossos pregadres não vsem detaes representações
religiosos de outras Religioes q.do as ouuer Japaõ
p.lo greuerencia.

9 Guardemse os nossos pregadores de tratar no pulpito pouco certos e de nunca dizer cousas duvidosas ou rincertas, e por isso as cousas que são de pregar pro. as meditem e tratem com rem de encomendar aos outros algumas esmolas, ou pobres, ou obras pias pro. outra tem co osup.r

10. Guardemse com diligência q na pregação se não contem Crioulos que monão o auditorio arizo e forem ura de Deos, nem pera mouer a aducação fação cousas extraordinarias que nas pregações da Comp.a se não acostumão fazer.

11 Guardemse na pregação de não mostrar ostentação ou arrogancia, antes humildade verdadei.a de coração e todas suas obras, l se alguma vez for necessario responder por si, ou p.la Comp.a faça isso com tanta modestia que se entenda que faz por negocio de Jesu X.o antes que seu

12 O modo de pregar dos nossos Ea de ser que detal mane.a ensinemos as verdades aos ouuintes que procuremos principalm.te de mouer suas almas a adquirir as uirtudes, e auendose de declarar alguma questão dificultosa não se ponhão os argumet.os p. parte contr.a tão graues m.te que faça duvida aos roins, qnaõ detal mane.a se dê a resposta que dos fiquem os ouuintes satisfeitos.

Naõ seraõ m.to affectuados no falar, nem busquem palauras cubitas, seu notas pera se mostrar ditos ao pouo, nem se entregue ao estudo de q.

113leuar que sintem forsar mal ao seu Deos usar etsi opus seculare profano~

14 Quando Louvarem on reprehenderem alguma cousa guardemse de toda apparencia de lisonjeria Ele nao viam de m.os eixageracoes s.g. pregare na Igreja nao passem de q.tro quartos de hora.

15 As accoes do corpo Serao modestas & religiosas, & as acomode aas as cousas que tratar, & por isso sem necessidade nao Vsem de grandes altos & baixos na pregação.

16 Enterdao os pregadores que a pregação bem ordenada se ha de ter tres partes apr.a he narracao da aqual contemos as cousas por modo de historia. a 2a. he exclamacao da ag.l co palavras brandas, & umildes & amorosas falamos co V.os pedindo lhe ajuda & graca orag.l nos ora pera o povo que nos ouue – a 3a. he reprehensao da ag.l com feruor & vos alta reprehendemos os vicios & pecados & porem nopouo destas tres partes hade procurar de fazer o pregador e cada pregação.

17 Quando cathechizarem os gentios trabalhe m.o & facao os gentios entendidos das cousas q se pregão especialm.te dos dez cap.os d.os man.os de fides, porque nelles esta oque de necessario ver p.a a saluacão edas pregações dagente noua repitao m.tas uestes os. 10. cap.os que sao de suma importancia.Regras do procurador do Japão?

1 Em todos os negocios q' tratar de seu off.o, se lembre do in-q se buscando a gloria de Deos trabalhar p.a ajudar as almas, e procura B palavras B exemplo de edificar a todos aquelles co quem tratar E de faser e conseruar benções aaq.les de quem tem necessidade.

2 O seu off.o consiste principalm.te em duas Cousas, ap.a he cõ toda fidelidade ediligencia arrecadar g.do nem os navios da China LdaL as cousas que nelles nem da Comp.a asripertinentes aaprou.a como ap.as particulares dela sfores vender a seu p.o as contas q' Sad de vender eS oque faltar, asi p.a oprouim.to da prou.a como p.a as yeraes E presentes que se fasem. – A 2.a contake prouer Lodas as casas Colegios e Res fidencias e Seminarios da Comp.a que ouuer nesta prou.a, conforme oque o S. p.e Le ordenar.

3 Sua residencia sera em Nangasaqui onde terá curas Egudoes, suficientes co suas Naues Seguras e bem guardadas pera agasalhar Ldo o fato que arrecada da nao, porque p.lo ordim.o o fato terá sempre en Nangasaqui por Lugar Seguro e mais acomodado p.a acudir a todas as casas. E seure que estas cousas poradey q' se las enco-mendadas se nao percaõ, ou mal tratem, antes Sade cuidar que Sad como bens proprios de N. S.or edosquael Sade prouer a seus soc uorrg.do anao nao uier a Nangasaqui senão aoutro porto iraa La E residira alli o tpo que for necessario. –

4 O procurador estara em tudo sogeito aobediencia do Sup.or da casa onde reside conforme aanossa regra, tirando Som.te nas cousas q' pertencem a seu officio, porque nestas nao se metera o Sup.or da casa, mais que pera o ajudar e fauorecer, sem o estoruar e n'hua cousa, nem em estay cousas da procuracaõ sera sog.to ao Sup.or do proimo senão immediato ao g.or V. P.e como fas Ldo Lo q' procuradores

114das prou.as Saluo q.do e algua cousa do S.or pl.ordenar q se sera logo mas isto nao obsta que nao estando aqui o sup.or defaçaõ destando aqui o da ximo nao trate ecomunique com elle as duuidas que se offerecerem com esmo ed o sup.or da casa.

5 Eporaque nas Compras duendas que far nao haia dua o casiao de escandalo as nao fara por si mesmo, mas ha chuficientes edeutotas pessoas, plas quaes faça as compras duendas que se ouuerem de fazer. Muntante tera os moços ass.os q.s o ajudar aqui no acarreto como pa fazer edesfazer os fardos Emais Contas de seu off.o orquaes nao Terao p.a didas nas ocuçacoes das casas, de marr.a q se dee algum estoruo ao negocio domesmo procurador.

6. Tera hum liuro no q.l estara p.a m.te ordem de seu off.o edepois cotara o rol de todas as rendas q lapao tem aqui e Espanha do Sumo Pontifice, como na India, Malaca, China eMagao. E runtank. og em que na orendar cada couda destas, p.r as aldeas da India tanto na al fandegado rei, as boticas ecasas da China tanto doresmo dos riochis q temos em lapao, tambom no mesmo liuro estara hum rol das con tas doprouim.to Emais contas que cada ano acostumao uir da Chi na, peraque por ali os sup.es Eprocuradores do lapao se possam gouernar, acrecentando, diminuindo, ou mudando oque parecer necessario Muntante tera sua lembrança daqual por experiencia an deçe que pode gastar cada ano de cangaria efato cada p.e, cada irmao, cada

doçico, cada tordbara, cada moço de casa. Anesmo liuro teraa outro rol das alfayas que sao necessarias pera Sua residencia q.do se fal de nuo, tuntante tera e outra parte do mesmo liuro os alios edem branças que podem ajudar aquem tiuer este off.o deprocurador.

7 Tera ou hum liuro ed seus titolos apartados, ou diuersos liurinhos nos quaes emque apartadam.te se escreuao todos os gastos que cada ano se fazem em lapao, aqui do ordinario, que se daa aas casas Eresidencias q.scomo a que se daa ao S.or Bispo, Vniversal de Japão, asi no ordinario de pre-sentes, fabricas etc. escrevendo-se tudo por miudo peraque conste oque se gasta cada ano e cada casa, e as ditas cousas extraordinarias.

8. Alem deste livro tera outro repartido tambem por seus titulos, e nelle se escrevera asi o que se vem cada ano da China empregado como as es-molas que aqui estao sedas na Comp.a S.or os gastos das casas, asi ordi-nario como em annos, escrevendo tambem onome da pessoa, e das as ditas esmolas, e neste mesmo livro se escreveram as vendas que das fazendas se farão e do q.e que dellas se tira, denam.te e claram.te apparecera na receita deste livro tudo oque a conta da Comp.a se vem hamad.o em outro livro, estara sumariam.te adespeza de tudo oque em aq.le anno se gastou, a q.l despeza se tirará do outro livro ia dito emque se escreve em par-ticular oque se gasta por cada casa do S.or Bispo, e por outras extraordi-narias; e porque a conta do gasto do Japão começa desde Agosto que vem anão e se acaba ao tempo que vem a outra, comera oano co alem tal da receita e despeza de Agosto, no fim do qual ou no mes de setembro ficaraõ arematadas suas contas pera as aprovar ao tempo, de Japão, ou aquem elle ordenar, e nestas contas depois de dada a descarga da receita apareca sempre cada ano tudo oque fica a Japão de cabedal asi em din.ro como em peças etc.

9 Cong.o Japão tem suas rendas espalhadas em muitas partes e tambem nellas se fazem diversos gastos na conta de Japão, peraque o bispo saiba cada ano como se arecadaõ e gastaõ estas rendas, e naõ haia confusao pro-curarã o dito bispo que o procurador que estiver na China tratando os negocios de Japão mande huas contas detal manr.a distintas, que suas serao som.te de carregacao do tudo oque manda a Japão e apregado asi em cada como cargaraõ e todas as mais pessoas emiudelas, e pera Japão man-dar estas som.te o procurador de Japão apresentara e sua receita p.a dar pellas descargo, e tudo o mais que o dito procurador gastar na China se mande e outras contas apartadas, pera se saber tambem oque ella

115La gasta, Somesmo procurag facad. os mais procuradores q tratad do odro. da renda de Japão, aki em Portugal, como na India e Malaca mandando cada hum delles as contas do que gastou e recebeo druntam.te oque mandad em dro. eoque mandad empregado as China, ede hidas estas receitas e gastos que se fizerem nas ditas partes hira o procurador de Japão a toma referencia em este liuro e outro l.ro apartado, do mem.o que conste por elle oque se gastou earecadou e Portugal, na India em Malaca eoque de la se manda em dro. ou empregado, e tambem oque recebe egasta na China

10. Epong.to na mão do procurador de Japão alem do emprego que se faz na China hud de mr. e tambem do q al coutal que de Portugal

e India se mandad pera la gad aesta do dito dro. Ea odito procurador neste mesmo liuro de carregar e referer na receita em outra folha apartada tudo oque se mandar aki em liuros, como e uinros e mais cou sas de prouim.to e mais pecas, paraque conste tambem oque recebeo da quellas partes pera dar dellas descargo na despera; eexaminando pelas contas que de la mandad se he receberad e Japão das q al coutal que escreuem e pera se dar depois dal ditas contas boa descar ga na despera, se metera tambem na receita em g.l las ditas cou sas pera se por tambem na despesa e destamaneira seberta em g.l soma tudo oque cada ano se gasta em Japão.

11 Em outro l.ro se esreverao liuro, ou em outro liuro apartado se escreuera tudo oque se recebe egasta do cabedal que chamamos das egreias e esmolas que o pr.e Visetor asuntou neste ano de 91 e 92a q conforme a ordem q elle deu acorca deste cabedal se saiba tudo de acotra dele, eoque cada ano se manda na China. E se ha de gasto ed o gasto que delle se faz conforme a ordem dada p.lo mesmo pr.e

12 Tera outro liuro de lembranças no q.l estaraõ escritas e sua parte as di uidas que se devem em Japão de emprestimos que se fizeraõ e doutroso depositos que a casa ouver de differentes pas. E de outra parte do mel- mo livro estara odro que se recebe dos touros q mandao a China Scomo vieraõ ao Efe Res entregar odro. de bonvara eforevendo oque se nego acota de sua prata, geralmte. tera amais lebran- ças que forem necessarias como de fato q estra posto p os casos particulares, ou cousa semelhante.

13. Pera se guardar adeuida subordinacaõ Eoprocurador ter menos tra- balho de escrever e tratar co tantos correia no presunto. afri dos casas do Collegio como das residencias aelles sogeitas co os do aelles atri odro. como oprouimto. das contas con- tem dado pora os reitores depois as mandarem aos pr. ciaes, mas pera que nao haja confusaõ mandara a residencia ecada apartado de modo que se nao misture os reitores oentregarem conforme aadita ordem que estiver dada.

14. Peraque as casas Seraõ bem prouidas E a seu tempo, q nao se ache opro- curador empedido co aausencia do Supor. de Japao se guardara este modo em proueer as casas, pr. que porq. como acima esta dito deve auer conta determinada de cargaria que se hade dar a cada pe. cada irmão cada dogris etc. Etambem as mais cousas q uem da outra costa que se haõ de repartir p as casas como Vinho das missas azeite &c. o procurador de Japão tera licença de prouer Sem outra noua li- cencia do Supor. todas as casas e residencias de Japão de todas as ditas cousas ordinarias e determinadas, Etambem do dro. q se vai ehe and gastando e as ditas casas o ql. dro. Sera somte. pera ogasto ordi- nario das ditas casas e residencias. Eos trps. dellas nao gabtaraõ e outra conta mas todas as mais cousas extraordinarias que nao são determinadas nem hai abundancia pera se repartirem entre todos como Ciuos, pano de Portugal, peças p. ornar. quizjot

presntes. vinho de Portugal, ou de passa Eoutras contas semelhantes.
nas aldara nem dispensara o procurador sem orde e licença

116do Sup.or? de fasad 10 na gem elle der esta autoridade of na ausencia
Sonsino para a cerca do dro. das esmollas do cabedal dos pobres, e das
Igreias e de tudo o mais dro. que os sup.es Epis.es pedirem p.r contas extraordinarias
ordinarias porque adispoticad. destas cousas todas ficad reservadas
ao Sup.or? E nao se had de dar p.r procurador se sua licença

15 Por q.do como vier anao estando o Sup.or presente Vha nao hara hum
rol de todas as cousas extraordinarias que uem, ou lhe mandara aon-
de está se estiver ausente E nao tiuer deixada faculdade aelle ou a ou-
tro sup.or pera repartir as ditas cousas poraque de otramaneira sabido
acontra de todas estas cousas extraordinarias que uem as possa man-
dar guardar, ou repartir como elle quizer.

16. Ha de se encarregara de n'hum dro. defora ora sera de lapoe.s
ora de portuguezes pera mandar a China se ordem do Sup.or? E da mesma
maneira, na de se encarregara do fato defora ig.r usara da China pera elle
ouender ca ou lapad, nem recotrerao p.r casa dro. ou fato depositado de pas.s
defora sem ordem particular ou geral do Sup.or? p.r q.s da hi incouenietes
que da hi se seguem.

17 Pera escusar as muitas murmuracoês que na China sa parecemd thes
que os p.es sao contra elles por amor dos lapoes, se nao metera o procura-
dor em dar agancada da ceda, ou outra cousa prestada se nao geral
ou particular do Sup.or?

18. Cada ano antes de se partir anao pera Amacao fara hum rol
do prouim.to que ha de uir de Amacao conforme ao rol q. tem escri-
to e seu liuro Eo amostrará ao Sup.or? peroque o afine acrecen-
tando ou tirando oque lhe parecer, V nuntante se odria apratag.r
qa em lapad peraque ordene elle aquantidade da prata q. podera ir a Chi-
na, E sendo caso que hara nao e uinco, p.r o liuro que parte p.r o. mandara
apra uia do rol das cousas q. forem necessarias e da parte do dro. peraque
no tempo o procurador da China o possa melhor amar.ro.

19 Tera o procurador e sua cura dous ou tres caixoes da India em que
estara a prata, cada hum dos quaes terao duas chaves das quaes hua
teraa elle e outra o Sup.or da casa, e dentro estara hum livro e cada
caixao em que se escreva a prata que se mete, e a que se tira e forem
do dia e ano, e porque sera m.to trabalho cada ves que o procurador ti-
ver necessidade de prata aruntar as chaves, avera outro caixao, ou
escritorio onde estara outra soma de prata pera o gasto dos off.es e o pro-
curador tera a chave.

20 Nao emprestara dr.o nem outro fato sem licença do Sup.or e na do
elle presente e em sua ausencia fara conforme a autoridade que elle
sua outro dera por.

21 Todas as remendas que vierem na nao p.a o pp.el e vinhos da Cop.a

a recadara e mandara aos reitores das casas, ou residencias aon de estaõ a q.m peraguem vem sem abrilas, e o mesmo fara das en comendas que de fesp.a se mandao pera a outra Costa, e o que esta dito das encomendas se entenda se o procurador por encomendado acerca das cartas que vem na nao as quaes e diligencia mandara aos ditos reitores p.a q.e mandem a quem vaõ e a que de ca vaõ pera a outra costa, e a cerca de algua das ditas contas o Sup.or outra cousa nao ordenar.

22 Nua demanda fara de nouo contra os lapoes ou cõtra os portugueses sem ordem do Sup.or.

23 Tera hum escritorio onde tera guardado todos os papeis de doaçoos, ven das e compras de viochios, e todos os mais papeis e doaçoos que os irmaos fiserem, ou de qualquer outro modo q pertencerem a Igreja e desp.as.

24 Ao procurador pertende se vir que de nao fas do entre ano m.to gast.o p.a o pouco cabedal q tem a Igreja, avisara disso ao Sup.or ou ao admonitor pera que pro diga, pera que elle ordene o q lhe bem parecer acerca disso.

25 Tera hum livrinho em que escrevera as contas q o Sup.or lhe ordenar que faca, e as mais q lhe occorrem que se haõ de faser por se nao

117esquecer dellas.

26. O teu cubiculo sempre estara fechado a chave q. por fora senad ficar vigiando pexoa segura.

27. Como os offes. das Residencias m.tes nelles nad tem comodidade pera se proueer de alfayas necessarias p.a suas casas terá cuidado offere cendolhe algua comodidade de se prouer ds faris de semelhantes cousas como sad goguis, melas, suibara Ecoutas semelhantes que se nad aerao e cadaparte 20\$ p.l. entre ano pedem~

28. Porquanto acangaria e mais cousas que vem da China se has de dar aos Sup.es das casas e Residencias p.lo mesmo preço que vem da China computados os fietes E direitos que se pagad dellas, cada ano fara sua conta doque se monta dos fietes Edireitos das ditas cousas q. se repartir por ellas de man.ra que saibag se hade acrecentar por cada couta p.a q. nisto nao caia erro, nem embaraço depois nas contas, porque sem isto se poderiao faror p.a sermos dardo por menos, ou por mais preço al coutos das q. porque as tem carregado e sua receita. Sysse auerra p.a os organos nas Combats.

29. Eporque otrato de sua natureza he prohibrido aos homes religiozos Eaos outros da Comp.a por nossas constituicoes m.to mais particular nete Reste que senos permite eJapad por sua S.de e por S. P.e nao E p.a mais que para suprir aanecessidade da Comp.a e pozandade de pros par: tes que nao tem por agora outro remedio se ha g.de m.te de guardar que nisto nao se tome mais licença daque sua S.de e nosso p.e nos dad e pede anecessidade de Japad.

30 Por isto e por tambem se evitar todo o escandalo em muracao q. pudesse auer de nos outros entre os portugueses, ahi em Japão como em Amacao parecendo-se q nos metemos neste trato mais do que conuem se guardaraõ as coutas seguintes-

31. P.te q.e por apoderar suprir os gastos sem se consumir o cabedal e nestes e Compr.a não for nestor prouida de renda se podera mandar nesta carreira p.lo ordinario atee treze mil taeis empregados alem do que se manda do cabedal para os pobres de S.ta ygreia, e por aque tambem em este emprego nao haia desordem, alem da cangania, pecas e mais cousas que se haõ de comprar para o Ho das casas Vygarias presentes etc. E alem dos cinquenta picos de çeda que conforme ao contrato haõ de uir cada ano a nossa conta, todos os mais dr.o atee edita contia, luntam.te co o que se manda do cabedal p.a os pobres da ygreia suirao empregado em ouro, porque nao fai nehuma, E sem aparecer se compra Duende sem cohondo, E nao se empregara e outras mindesas, saluose detal mon.ra se for diminuindo o cabedal que o Vyg.or Vulgar co seus consultores q.e conuem acrescentar este hato E mandalo uir empregado e outras cousas deixando isto encarregado as suas consciencias, hade medir a neceffidade co avontade e permif-sao do S.or S.or Ede Af.a neste hato-

32. Alem disto se guardara infalivelmente o contrato que se fes co a cidade de Amacao a cerca da nossa çeda, de q.e tera o procurador hum treslado autentico aqui, E nao se alterara nem na China nem aqui e'n sua maneira, E atrificando çeda que co a partida da nao nos haraõ de deixar nao se tome mais que atee acontia de quarenta picos, o qual e'n sua manr.a se forao a dar neste porto q.e uier a outra nao, mas afri nio do como na benda dadita çeda E em todas as mais condicoes se guardara perftam.te o dito contrato E guardase o procurador que por prouenir algum ganho mais nao efrandelise os portugueses, E de dar occasiao de auer queixas, E nouas murações em Amacao, E que se uenha co nosso dano arinouar o fe contratos-

118

37. Assim mesmo se guardara de mandar atrauessar fardos e spardos aos mercadores portugueses aqui em Lapaõ para se ficar p.a uender depois da partida da nao, Saluo se se offerecesse algum lanço de tanta prouto, que sem escandalo ao iuizo dos Super.s parecesse q se poderia acrescentar hum bom pedaço de cabedal, e nao se uahar cando ganhar formigueiros que suirao e causao escandalo e pouco proueito~.

34 Tensea e daua huma diligencia de conseruar da crecêtar este cabedal de Japão se fosse possiuel atee contra de cinquenta mil taeis, porque considerado on.o dos Regios e casos co os grandes gastos que tem Viseor e perigos que Lapaõ tem ainda isto e m.to pouco, pois hum collegio e xosras h.as tem mais, e peraque perder

doze (oque deos nao queira) e nao nao haia cabedal na China
pera uir empregado na outra, e nao fique Lapaõ co tudo consumido
sem poder ter depois remedio, procurará odito procurador g.al
ouuer tanta cõtra de cabedal que se possa isto fazer de lembrar
aotrup.e de Japaõ que tenha hum deposito e Amacao de atee dez
mil taeis deste d.o de Japaõ; mandando cada ano dous paues p.a ficar
la, q.e nao se gastara, nem tomaca p.a outra conta q e Seruiço
domesmo Lapaõ conforme aorde' q que Viseor tem dado e Ama
cao aoprocurador g.al aa estaaõ~.

811Casus quor[um] absolutio reseruata est Superiori
dom[us]. uel Collegio & ab alio nisi de expressa ipsi[us].
lic[enti]a absolui Non possunt. hi editi quidem fuerunt
a R[everendo]. P[atre]. N[ostro]. Jacobo Iainez piæ memoriæ noui
ssime aut a R[everendo]. p[atre]. prep[osito]. g[e]n[era]li. p[at]re Euerardo
mercuriano recogniti ex com[m]issione con
gregationis. 2æ et 3æ. G[e]n[era]lis & ad
patres. prouinciales missi sexto
cal. feb. 1575.

1. Furtum uel usurpatio et a propriatio alicujus rei.
2. Lapsus carnis.
3. In obedi[enti]a expressa Quæquis asserit sensu Ile parere.
4. Murmuratio. I. seditio. I. nocumentu in superiore. I. in Societatem.
5. Receptus a sua vocatio[n]e. post uota et simplex. I. alicuius ad id suasio.
6. Acceptio. I. missio litteraru[m] absq[ue] expressa lic[enti]a quæ. I. acceptio. I. mi
ssio contineat ratione peccati Mortalis.
7. Impedimenti excluderis a Societate reticuisse in examine. I. in to
mentitu esse unde graue aliquod incomodu[m] posset oriri.
8. Confiteri non proprio Confessario.
9. Absoluere a casib[us] reseruatis sine licen[ti]a. Superioris.
Hec & cetera siue externa pecata cu[m] Manifesteerunt mortalia re
seruēt[ur]? Superiori dom[us]. I. Collegij.
Licet aut[em] pecata interna no[n] reseruent[ur] si quis t[ame]n sepe inter insidias
set. aut ex illis inpenderet graue aliquod periculum aut scandalu[m]
hortandus esset penitens ut Corsul sin cere superiori aperiret. ide[m] et ob
seruandu[m] est in graui b[us] et diuturnis tentationib[us]. q[uo]d peniteus ex
magno aia sua detrimento ob suam negligentia timeret lapsurus.

Euer. Mer.Obedientias danosso P.e tres
de Roma tiradas do Cap. 4.
E seis do sumario dascozas
q' pertencem aa Prou.a da India perase
guardarem nas casas E residencias de
Japao.

1. Os casos que na Comp.a sao reseruados ao Sup.or, que de
uem saber todos, nao se entende sere reseruados senao quando
forem clamt.e mortais Eq' saiao em acto exterior, os quais, sao re
seruados pa que for sa premo Superior dacasa ou colegio como sao
so priam.te o Reitor do colegio, o pposito da casa E em sua ausencia o

for vice Reitor, ou vice pposito E pode o puincial ou vice puincial
rezervar pasi emelg.s casos aa absoluicaõ, q.do lhe pa
recer, ou cometer aa absoluicaõ, oministr. ne outr.o age
fica em comedado ocolegio oucasa Enay senria do Reitor não podera
soluer dos casos Reservados, senao for coa mesma obrigação de se
tornar logosa confessar com seu Reitor.~

2- o modo q' a deter o superior em coceder esta faculdade aos confe
sores q' lha pidire' q.do o subdito senaõ quizer descobrir coo sup
zor, heque esta faculdade senaõ deueria co ceder senaõ quádo
entrene' duas codiçois – apr.a que o caso seja puram.te pessoal, E
não contafioso, ou q' pase enout.a p.a a2.a que o penitente seja
tal q' co di ficuldade sepossa Reduzir, q'corra q' absoluicaõ a seu
superior, E entreuindo estas duas condicois não ha pa q' o su
perior sefaca dificil em a coceder, maxame sendo o confesor q' a
pede uirtuoso E prudente, mas todauia se o ca so aindag' fose pura
m.te pessoal, se repitise tatas uezes, q' depois de dar lhe uarios reme
dios se juze se q' seria bem q' se soubese pa lhe dar a elle e a o ca so
opem tente recorrer a seu superior pa q' elle se co sulte
oqual m.te parece co sagio, q' mas se deue absoluer sem lhe dar
openitente a faculdade de pa o tirar do perigo de tornar a cair em

120quato lhe parece necess.a: Cnas thaquerêdo dornas odeue absoluer, Lseda
pois deintêtar todos os remedios uiseis q nadãequistaua, tambe onã
deue absoluer, deixãdo o q tome o partido q quizer, Remetedose finalm.te
aos Superiores –

3 – quanto aos q uab p caminho, ou nauegação posto q pella necessidade de
Caminho uindo (o q do não queira) Enalgũ caso pode ser absolto, todauia
ficaõ obrigados debaixo deo preceito dep.do mortal atornar
repetir adita cõfissaõ ao sup.or q temadita faculdade, q heagle q os
mãdou q.do tornarê aonde elle estiuer, E senão
na cõ aq.lle a que forê emuiado; Cstando dito caminhãte comososp.do
Emelqra casada cõp.a: nas podera ser ab
solto sup.or ordinario daditacasa, ou deoutre q seue L.a, mas Emhuã q se
Eno out.o serã obrigados os q destaman.ra for absobtos detornaracõfe
sar odito caso cõ o superior q os Enuiou, q ganhu out.o superiorré cõ
a cõp.a rra porastil. Selhedaa faculdade deabsoluer
aos nossos dos casos reservados senão p me
ra a cõfessar cõ seu p.prio sup.ior daman.ra qasima estadito &

4 – as cousas q pertencê aogouerno da comp.a Ca asp.as particulares
della, nas sedeue escrever ne aos asistentes ne aout.as p.as alguãsoi
q pidire algũa cousa pa se despachar Em Roma en pargatohãde
tratar p.e do p.o quincial quáto bram.te sepuder fazer pasasa
mais clareza Edout.a man.te sedeixaraõ denegocear ~

5 – todos os sup.ores farão guardar ensuas casas os qnglos p.es exeraos
esta ordenado acercado Vso Errepuacal dealguis liuros; a qhaké
deue todos ter; Ca q mãdou a cercados liuros do canto Edas let.as apost.as
licas, aduertindo q não se comunicê as estrãgi.os p.los grãdes Enconue
niêtes q disso se pode seguir;se sera destes. compedios denouo seorde
na q. 3. cousas ap.as q não seemprimaõ denouo Emnhuũ lugar sem L.a

a 2.a: qerg.sa ja em pressas q se destri hiere pa o uso principalmeste dos p.os p.ores E consultores, tenhaõ sempre nasmesmas casas E colle gios, ne dahise leue pa out.as partes; seõ L.ca dop.o quincial se poderã em prestar aos outros nossos; sendo ambos estados p.r qas nableue paout.as partes Em t.o menos as desforest.s

*Eosq estiuerê
enalguã casa. p.a
hospedes seconfe
saraõ cõo confe
sor ordinar.o daca
sa, ou cõo sup.ior
delle.

6 – as Reliquias q’ estão em nossas Igrejas, ou q’ se mandão repartir cõ os p.es particulares neda cop.a ne da forma para q’ Julgado ser cõvem.te se pode’ repartir q’ alguas no ssas p.de de p.e p.nincial, mas as q’ tem as p.es particu- lares, ou se lhes ma

daõ, se pode’ comonicar a out.s p.es cõ Lc.a dos sup.ores

7 – os q’ são mudados p’lo p.e p.nincial q’ visitou de algũs Lugares, se leuaré orde’ de tornar ao p.nincial a dar lhe conta, se na vis.ta

ta em q.to estiverê’ nos collegios e casas a q’ são man- dados visitar, ainda

seia da arcebada ou de tornada; E esperádo Embarca- ção depois de ter f.to

sua visita lhes dura so o ff.o e poder, mas q.do sem t.e

q’ de’ cõta de sua visita, E q’ vão seu caminho aonde morar depois de acabada a visita, acaba tam be’ seu off.o out.a orde’ do sup.or p.a comanda-

8 – Q.do os sup.ores foré auertidos de seus sup.ores maiores de algũa cousa

q’ faze’, Em nhũa man.ra deuê dar algũa significação de se sent.e aas

p.as q’ suspeitaõ se ou soube se’ q’ manderaõ or mes auisos aos sup.ores

maiores, q’ isto seria causa de m.tas desordens –

9 – as cartas q’ os particulares escreve’ ao p.e p.nincial ou ao p.e geral

se pode’ dar na som.te as admonitor, ou procurador, mas tambem com

sultores pa lhas madar sem paq’ as aibaõ os sup.ores inmediatos da ca

sas –

10 – phibe se fazeré se comedias e tragedias, senas vanissimas te

phonas na igreja. não se phibe fazer dialogos

e alguas out.s re

prefe’taçoiszinhas em lingoagem ainda q’ seia na igreja ou alguas dis

demininos em algũa p.nipal ou em out.s occasiois
semelhantes, mas
as representaçois mais não se facão sem ex
pressa Lc.a do p.nincial
q' examinara q.do comuĩ cõ ele de lla –
11 – As confessoens q' o p.e p.nincial ou o visitador
encarregaõ morraõ os su
jeitos particulares das casas, ou collegios, tem seu
vigor e se deuê ex.tar
ainda q' fosse morto ou acabasse seu off.o podito
p.nincial ou
visitador –
12 – admittaõ as superiores e todos os mais q' os
legados q' alguês en

121seus testamtos. p.a as obras pias, deixado a distribuicaõ delles aos nossos
Je a apliquei em nhua man.ra. aonosso uzo, Com esmo se façanõqalgusen
tregare aos nossos p.a restituicaõ de bens incertos, eisto não sim.te se é
tende de obras pias limitadas e fertas, mas tambe q.do se deixa paobras
pias in gnere, p. q. posto q. se deixa pa restituicaõ de bens incer
tos, Em rigor se pode aplicar aos nossos, como a pobres, todavia se deve
guardar apureza da co.pa. paq. senaõ a bra a porta a out.os in covemictes
E não aplicar a si mesma cousa alguade semelhantes rrestituicois
p. soo votade, declaracaõ, ou applicacaõ dealgu dos donos; poisnisso po
dia facilm.te averabuso, E tambe Escandalo, sabendose q. o tomamos
panos out.os E uendo q.o não podemos tomar, sedesque se disfacã sem
m.to dano temporal da comp.a pois não selhe tem q. ueredo orrestatui
dor aplicalo a ella, não se possa aceitar, E tambe aos nossos q. forem
Cofessores ou conselheiros dos taes restituidores, selhes deixa liber
dade, pa lhes p.a a necessidade q. tem sua casa collegio ou pruincia E
p.a ser emmatr.a taõ grave seade guardar sem falta a sopedalemra, e aduer
tab tambe q. não persuadaõ anhu de fora q. dé suas esmolos antes aos
nossos q. a out.os pobres –

13 – posto q. na derad.ra regra dos sacerdotes, se phibe asistirem nossos
ao fazer dos testamtos. todavia p.a Elas rezoas q. seapõtaõ pare
cia sernec.o asistix algumas vezes ene suas partes, e tam be escrever
os testamtos. sedà L.ca p.a possao asistir, cõtãl q. p.a se
p.a cure se detirar este abuso de os nossos escreveré testamtos, uédos
se as dificuldades q. nisto se offereceré, e se enaõ p.a algucaso acharidade
ou a necessidade obrigar algu dos nossos a escrever algu testamt.o
não se aceite né receba nhum legado né out.a cousa q. nelle se deixara a
Comp.a sendo stal legado escrito p. maõ dos nossos, mas se o testadre
escrever de sua maõ stal legado no dito testam.to. ou o fare p. outré escre
uer, entaõ se podera receber –

14 – entre os q. se m'adare algua parte ou estiverere' ena lgua residécia
ainda q. não seja mais q. dous sempre hu sera Superior –

15 – nhum dos da co.pa madaraõ dos lugares a onde estab anenhu aouetra p.a neda compt.e ne
fora della cousas curiozas,
de aguila, ne out.a nhua cousa precioza, e pouco
vzo pemitus hade sezar nos particulares, cos sup.es
ne madar as taes cousas, chu sup.e todauia na sse tie

sup.or pa seruico desua casa ou collegios alguas oias, antes viles e medicinais como sao ped.as de melhates q vrezduzido anbe comu, e nao se aplicad
26- os ordenare os uizitadores madados p.lo p.e des de q se ordena, ainda antes deas ditas ordenaco p.e geral, emos Reitores ou uise puinciaes podem na coes, ainda q se se de in off.o dos ditos uizitadores ua aosp.e geral-

17- os nossos q se mudare de hu lugar paout.o posto mea regra se sugeitarao aos sup.es dos collegios ou ca uia as cousas q consigo leuare ch L.ca dos sup.es q de sem lhe tomare nada, e se aliqua cousa lhe for ma p.a pamantdo te q se e yyo de sua naue ga cao tambe mas elles nao pecao nehula cousa sem L.ca dos sup.es searem-

18- Em nhua man.ra se premita aos nossos pidir retes e amigos pa sua p.pria comodidade, como sao li Lout.s semelhátes cozas q se introduzira alguá especie dade, e cofiança nos paredes e amigos, da q lhes deue longe; con todo isso quando se mada alguá p.a in comp.a pa out.a (nao podendo a religiao p.uer como he necess.o cedi pidir a alguma esmola pase aurax, the podem o sup.e q se possa tambe pidir a algu parede e amigo, como aos out. q se faca edifica cao e como de esmola-

19- pcure o sup.or qos nossos despens.os se recolhao a fazer os e xercicios spuaes ainda q seia q poucos dias; tre se toda a q ouuer se for q se recolhe a fazellos, estas tentados pois p.or meyo tao imp.tante eppris da cdp.a q se isto Lout.s p.as mais antigas e graues facao os ditos exercicios

122menos q~ tpo de hua Somana, ou o q~ for mte puderé pag uas adiate co sto exemplo-

20- Nas cafas [e]rezidencias aonde estiuere mais de hũ dos nossos, seck ue tanger a campainha asoração [e]xames &ct. S.q~ q~ sempre huide ser sup.or os out.os lhe mostré as cartas q~ escreuere e se for possiuel se procure q~ uas acompanhados, [e]nas fi sencia, [e] hũ dos companh.os podrazer admonitor q~ do afim paracer ao Superior-

21- Se em algũ dos nossos ouuer em algũ lugar to de se lauar, mada no so p.e q~ penittes se per tirpe o tal abuso, poriske esta amodestia de nossa religião, [e]assi se encomeda a todos os sup.ores qo não premitaõ-

22- o exame acostumado a fazer q~ flamenha se deixara os domingos [e] dias s.tos auedo pregação nos taes dias en nossas cafas, ou collegios, [e]nas forageras a elle, mas q~ não auedo pregação ainda q~ os famaes, não se deixara q~ ißo de tanger, [e] fazer o exame ordinaz.o nos domin gos, [e] dias s.tos -

23- As L.as ou coceções q~ p~ o gl sup.or foré dadas aalgũ dos nossos particulares, se sab todas sem out.as reus cações en se acabdo o of.o off.o daqle Sup.or q~ deu a tal L.ca Saluo as L.as q~ no so p.e geral teuda do algũ-

24- ainda q~ p~ la regra nona do sumar.o das cõstituições se
ia claro não auer nenhũ segredo q~ se deua esconder ao sup.or
tirado aquillo q~ se sabe de baxo do sigillo da cõfição, todauia
q.do se com sultar se coue despidir da comp.a algũ sugeito, [e]nhaua
n.a se trate daqlas cousas, q~ a mesma p.a de cuia despidida se trata
tiue se manifestado ao sup.or ou aop.e f.to das cousas spuaes sua
seu cõfessor por ainda q~ fora da cõfição ficar p~recas sup.ores deue p~guntar
aos cõfessores ou p.es f.tos das cousas spuaes, das cousas q~ souberem
desta man.ra [e]ainda q~ sanas trate em mat.a de despidir mas som.te
p.a bõ gouernar [e]ncaminhar as taes p.as não diue op.e f.to neocomfessor difer aos sup.res ou a
alguã q se possa

refirir a comfias dos taes ouuirá ainda q lho dißese forada cõfisao dandolhe cõta
de sua concientia Eposto q as mais cousas op.to ou cofeßor pode lici
tam.te dizer aos superior a fim de se poder Regournar E encaminhar
os subgeitos q.do como estadito assouberao som.te extra cofeção
todauia há de ser grandem.te cautos E nnaõ tratar dellas Esom.te
Eos sup.res as há de ter secretas como Cousas ditas
fazendose de outa man.ra Senaõ faça o dioso a cõ
so dos nossos cõdito p. feito -

25 - Não som.te se phibe q nas se possa escreuer cartas sem La.
pla regra 37. das comuas mas nenhuã outa so
cas &ct. Listaõ nas som.te cõ os foras.os mas
sy -

26 - cas nos pas se pos deraõ seruir de catiuos e de out.os moços ta
tal q se tenhaõ som.te os neces.os Eq se oje muy particular debaxo
Em se saber be' dos titolos de seu catiuerio p.a se guardar cõ
todos a justica neces.a aos quaes tambe' se instruição na doutrina
E bõs costumes daman.ra q' Coue' q se faça em nossas casas.

27. I uãdo se daré algũas esmolos ou dinhei.o aos sup.res pa as
poder dispencar cõforme a sua uõtade haõ de Entender q'naõ po
de dispor dellas senaõ da mesma man.ra como pode dispor do mais
dinhei.o do collegio -

Capt. 6º. Das cousas q' pertense
auicepruincia de Japaõ -

1 - Os regim.tos e mais ordens q' p.lo p.e uisitador se deixaraõ En Japaõ
a espera os superi.es comopa o bom gouerno dos seminar.os E Rezid.as
cias cõ as mais reselo çoes q p.lo mesmo p.e se deraõ não se ha de Japaõ
se louuaõ Ea p.uaõ todos p' nossos p.es claudios cõ declaração q' o mesmo p.e
uisitador as possaõ mudar Ea crecetar L.do q' lhe parecer conueniente
cõforme aas mudanças dos tpo's Circunstancias de Japaõ declarãdo
també q' naõ Em prisso neces.a sua apruação pois p.la faculdade

123q tem dada as mesmo uisitador ascontas q elle ordenar se haõ de guar
dar logo semoutra apuracaõ -

2 - Ordena nosso p.e q se tenha maij q'de comta cõ o dar das reliquias
as Eq assi na distribuicaõ dellas comono dar agnus dei E comtas de
tas se q'de ha resolucaõ da coJultadeJapaõ -

3 - Posto q nosso p.e euerardo maõdou q as esmollas q' custumaõ
fazer os Xpaõs pag os nossos p.es digas missas q seus defuctos ou por
out.as necessidades naõ som.te senaõ aceitem mas ne ainda se deuẽ dis
tribuir a pobres ou aout.as obras pias p.a ordem dos nossos ne madar

q' as dem a nhua particular, o mesmo afirma nosso p.e claudio, toda
uea o mesmo p.e geral Entendido q os Xaõs de Japão
naõ thetomando as ditas Esmollas q' das pa seus
defuctos, disq uistas as Recoës p outra
em nhua man.ra se aceitem pa nosso uzo q se ex.dit. ha sinceridade
denosso instituto mas som.te pmitte q euitar os ditos escandalos
q os Xpaõs tomaõ Eao bom costume Enq Coiso seuab criado q se
depute q agora a lgubo Xaõ q receba as taes esmollas naõ como con
fadada hantes ne como oferta paos p.es Eq elle as distribua por
p.as necessitadas sense Entremeterẽ disso os nossos E q os christaõs
Seuaõ pouco epouco instruindo nomodo depceder da comp.a efalleci
do nosso p.e q paq esta noua igreja de Japão seacous
tume ao louuauel uzo das ofertas os nossos poderaõ receber q se
ofrecenas igrejas E frmidas distribuindose tudo aos pobres E ca
thecumenos Em q.to naõ estaõ nellas parochos q possas gozar das
ditas ofertas ou naõ forẽ necess.as paas ditas igrejas E ermidas Eq
emnhuã man.ra seponha caixinha de esmollas emnhua dellas –
4 – Tendo nosso p.e claudio respeito a as obrigações q os p.es de Japão
tem aos Xaõs Encomedou ao p.e uisitador q os des carregue das obri
gacaõ das tas missas q nas repugnaõ anosas constituicois ou
canones E assi os podera descarregar da obrigação de dizermissaq se diz cada mes ptas partes
Septentrionaes por ordem de nosso p.e geral
E de out.a q se diz cada somana pta existencia dos mesmos edas q são obri
gados a dizer ptos defunctos da imdia edos demais q como esta ditto naõ
repugnare' anoßas Cõstituições ou canones –
5 – En comêda noßos q' em nhũa man.ra se promita algũ dos noßos p.a
p.as nhũa g.ro de trato ni lahi ne p.a china ou
out.as
vitalo de necessidade nide z arefas nede out.o qlqr q' sia e q' os q são
amigaveis naõ escrevaõ directe nec indirecte das
estado dos senhores encuias terras estaõ e naõ se
p.ficaõ cõ mtos inconvenientes q' d'isto se pode' seguir –

124 Obedientias dop.e Alexandro valig.no visitador tiradas
Das resoluções q' delle sederao assi sobre apr.a Consulta ge
ral de Japão, q' fez no anno de .80. Como sobre a 2.a q' se fez
no anno de .90. en cazusa, E sobre a 3.a q' se fez en Naga
saqui no anno de .92. Juntam.te Co' a 1.a Congregação q'
depois della se fez, das quaes cousas todas E das mais orde
nações q' pr.o tinha deixado, depois de bem exami
nadas E revistas se tiraraõ as seguintes obe
diencias q' todos os reitores haõ de ter
& fazer guardar exactam.te
En Japão ~

Das Regras Cap.iº

1– Acerca das regras, das quaes se trata na 2.a pergunta da consulta de ca
zusa, & no 2.o art.o da 1.a Congregação de Japão, se guardaraõ assi as regras
do reitor, Como do p.e das residencias, E dos mais officiaes de casa da man.ra
q' foraõ a como dadas peo n'so de Japão pello p.e visitador, e pellos deputados

da mesma Consulta, & as regras assi do sumario, como as comuas da comp.a se guardaraõ todas, & q' se pode' en todas as partes guardar tambe' en Japaõ tiradas somente as seguintes das comuas, nas quaes se dispensa, da man.ra q' aqui se dira ~

2- f.te Acerca da 3.a regra se dispensa co'os p.es q' entende' co'a x'pas dade, os quaes poderaõ ter algu' dr.o pera fazer esmolas aos pobres & concertar as igrejas, E poderaõ receber oq' algu's lhe dere' pa este effeito, e parte q' lhe digaõ q' po ssaõ dispor delle como elles quizerem, naõ poderaõ servir se do dito dr.o pa seu uso p'prio sem l.a do sup.or mas tudo oq' lhes de re' sera pa pobres Eigrecias da mesma man.ra q' se serve' do dr.o q' pa isso lhes der o p.e viceprovi.l & de' sempre aos reitores conta do dr.o q' lhe dere' q' tem: mas aos jrmãos naõ se permita ter nhú' dr.o ne' ainda pera esmolas: & q.do as mais cousas assi os p.es como os jrmãos poderaõ som.te ter oq' se lhe concede abaixo no tit.o de pobreza ~

125

3. fte. Acerca da 11^a. regra nas casas & residencias & qe naõ se escusa ter chaues afridos cazagos comodos cobiculos. Se dispensa qas possaõ ter, comtal qe naõ do uaõ forados Lugares donde moraõ, deize aosup.or ou aojacuirir, as chaues dos cobiculos, & dixelos casos qe pode acontecer. Mas no collegio & Nouiciado teraõ chaves som.te aquelles qe aosup.or parecer ~

4. fte. Acerca da regra 12^a se dispensa da mesma man.ra qe estaa dispensado na India, qe no veraõ possaõ dormir cojanella aberta, & sem cabertor, mas co camissa & calcoês como he costume ~

5. fte. Acerca da 16^a. & q.to enxapab ar.e coufa & faze qn.to se entra e alguma casa he dar alguma cousa de comer & beber conforme a seu custume, e fora suma descortezia naõ afseitar. Se dispensa vniversalm.te nestaregra ~

6. fte. Acerca da regra 26- Se dispensa q.to ao silencio nas casas heresidencias peqnas comtal qe naõ gaste o tpô ociosam.te mas no colleg.o & Nouiciado se guarde aregra ~

7. fte. Acerca da regra 29- nas casas & residencias poderaõ visitar os doetes semout.a particular l.ça mas no colleg.o & nouiciado se guarde aregra ~

8. fte. Acerca da regra 32 - Como nas casas & residencias na aia jrmaos depu tados paos off.os ner he conueniente q os nossos pessaõ l.ça aos moços se dispensa, mas no Colleg.o & nouiciado se guarde aregra ~

9. fte. Acerca da regra 33 - nas casas & residencias qe sexem taõ poxcessedis pensa na 1.a parte da regra, mas no colleg.o & Nouiciado se guardara to da ~

10. fte. A cerca da regra 36 - polla mesma rezaõ & p.r qn.to os qe estaõ nestas ca sas & residencias todos estaõ ocupados cõos g.os qe saõnelles taõ fre quentes se daa engeral esta licença de fallar coelles, mas no Collegio & nouiciado se guarde a regra —Das Cousas da guerra. Cap. 2-

1- Acerca das cousas das quaes se trata na 3ª. pergunta
E no 3º. artº. das Congregações. pr.mte se phibe expressamte q' ne opº. ne
pul. nemhu da compª. em nhu caso procure demover qlqr manra. de violencia directa, ou
indirectamte (Como verbi gratia di
zendo q' lhe tirara os p.es de sua terra, ou os desempara
Christao a mover guerra, ou fazer paz co algue outº.
algu, com que esta Confederado, ou se deite da parte
agora getro, q' q' em nhu caso podemos mos elos esforça
E violencia-

2. Damesma manra. se phibe q' nao tome a cargo de ter pa
leza, ne artelharia, ne outos aparelhos de espingardas, moniços coutras
armas E cousas de guerra, ne pa ou so da mesma Compª. ne pa se emprestara
outros -

3. Damesma manra. se phibe q' nao tome a seu cargo nhus fisefichis nerros
ponheo de quemas em nhum lugar, ne obrigue anhu Cofuramto. nao sq.
rendo elle q' p si mesmo fazer a estar de parte daqlles conque sedeita, ou
adeitarse q' outª. parte -

4. Damesma manra. se phibe q' em nhu modo de conselho, ne p sua des anhu
dos vassallos E criados naturaes ou pprios, ou immediatos de alge snor
q' se alevante contª. elle, p se deitar co outº. ainda q' foja supºr. ou
re conhecido p tal do mesmo seu snor, ne que de algua manra. de entrada
a seus contros. ou lhe facao outª. sorte de treicao sob qlqr pretexto de q'
ainda q' estaes Sroes fosse gentios E os contros. xpaos pellos grades Es
cadolos E danos q' disto se pode seguir -

5. Christo nao se phibe q' uindo a alge xpaos a pedir lhe na cofisao ou exferen
to co selho do q' he obrigado a fazer em sua concientia, nao lhe posali
zer o q' entende q' he obrigado a fazer, especialmente nas avido em q' se
pas oatºs q' lhe posfao de clarar suas duvidas -

6. Damesma manra. se phibe q' nhu pº. ne jrmao estardi enelgu lugar
onde os pºs. delle tenha co outº. guerra, inda q' fosse gentio E os eu com
travio christao sem nhu aviso ne p cartas, ne p reca do anhu pr

126forastr.a da parte contr.a das cousas q se praticão e ordenão na glattera
epertencentes aaguerra ~

7. Comisto se não p.hibe, q qn.do parecer pe bem esalvacão da xpiedade ne
ceß.a dar algu~ aviso destes aalgu~ sup.or ou aout.a p.a da comp.a não o possa
fazer, mas seia cótodaman.te desegredo, escrevêdo semelhantes cousas p.
cifra, ou ao menos em latim, e não o facão escrevendo aos frmãos em papeis
de hu~ manr.a qto-grde perigo qdisso se pode seguir, eistoq se avisa forair
da depois de acabada a guerra se terá em segredo ~

p. Todavia q qn.to ensapaz não tem os p.res xpaos out.a gente de mais resp.o
ne de mais Confiança com que possam Comunicar suas cousas, qos da cop.a
e não se pode fugir sem escandalo delle dar seu parecer qn.do opede, e ta~
be~ podem ocorrer casos em q a charidade e a consciencia obrigue os p.res

a dar lhe acerca disto algu~ conselho, ainda q o não pedisse p.lo dano q se pode seguir, a si e aelles como a xpiedade. pr.m.te nhu~ p.e ne frmao dará sobre isto resposta, ne conselho sem pr.o tratar co seu reitor pode dofer, s fa zêdo o q elle diser, e não dando ot.ro lugar pase poder tomar conselho do Reitor, the poderá co consideração encomendando a Ds dar seu parecer: mas a si em hu~ caso, como e oxt.e lhe apresentara as rezões q lhe ocorre~ singelam.te, remetendose depois aelles, e aos do seu cõselho, como a ma is experim.te na os na torna se os apertar, ne querer los cominp.tuni dades obrigar eq sigão seu cõselho, cm os Reitores da mesma man.ra auedo p.o o tratarão cõ o v.pl. eo vispl. deixam da mesma man.ra os notres em sua liberdade depois de lhe ter dado seu conselho ~

9. Asimesmo sendo algu~ dos xpaos detalman.te aprado de algu~ gentio q não o ajadando signia cõ algu~ dr.o ematim.to Correse perigo de seper der o axpiedade de suas terras, em semelhantes casos a sng.a a charida de obriga, como tambe~ q os xpaos se scandalizarião sidem.te lhe negar ajuda em tal tpo. as Reitores cõsultarão o q hão de fazer acerca disto cõ o vice pl. eo v.pl. eoseus consultores a si e forca de ainda q selhe deue dar, como da contra tendo muy gr.de conta cõamor per te do parecer da consulta, e pare sendo q se lhe dee ainda, o faca cõo maior secreto q' puder for, dardo pafso antes dro. que màtimto

10. Com isto não se phibe q' or pl. q' tea chare' de çerco queiraõ mui bem de mentimto. afsiçe si, como pa des dos pobres. Mas o Vicepl. pcure sempre q' puder de ficar fora, e não se q' ennu~ lugar, ou fortaleza q se espere q' aia de ser posto de cerco, e os pl. q' se achare' de çerco dandolhe elgú afsalto, ou batalha pcurem qto sem escandalo puder for, de não saix em publico pa os animar a que peleje', pois em japaõ isto apuerta pouco E nos mas pcure de estar ena gla eps encomedandos a X. S.r

11. Sendo a guerra trauada de tal man.ra q' algús soros si, ou hú se bote q' huá parte E out.a a out.a contr.a se guardaraõ afsi os sup.res como os mais pl. e jornaes de se mostrarem mais q' huús q' ġout ne' de defender huús muxmurando E dizendo mal de out.s: mas em tudo pcu raraõ de se lançar fora auerdose como paes comu~s de todos os xpaõs Certo q' se entendese q' algú s.or xpaõ ou gentio fis guerra contra Just. e rezaõ, guardea de er nhuá man.ra dizer aos xpaõs seus ue çallos q' não deue', ne' podem q' elle pellejar, pois isto nunca apuertara nada, e pode causar mui g.des escandalos, e danos E melhor he deixa llos nisto em sua ignorância ~

De Acágua aqui. cap. 3º

1. O porto de Acágueragui do q.l se trata na 4.a pergunta da consulta de caçua E no 4. art.o da pr.a congregação tornado q' algú tpõ anofianal pcurara o pe Vicepl. Conforme a 2.a openiaõ do 4.o ponto da 4.a pergunta de dar tal orde' q' se tire da comp.a todo o cargo q' nos pofsa fazer mal, E nos fique' os preitos q' temos de ditos portos q' se pofsa bem an seruar a pouca cab –

127 Dos moços e gente de serviço~

1- Acerca dos moços e gente de serviço de q' se trata na 5.a pergunta da 2.a cõsulta e no 5.o art.o da p.a congregação, afias casas coms os p.es e Irmãos q'ls não fore zodeando os lugares dos xpaõs, e faz.do seus ministr.os deuem de ser zuidos da gente de serviço e ministr.os necess.os, o q'l serviço não hade ser pa fausto, ou p.a companham.to de pompa, mas p.a se poderé fazer sem o ff.o e cõprir cõ suas obrigações, e ter com q' dar remedio a suas necessida-des e trabalhos, q' isto e p' si o micepl. como todos os mais da comp.a segurar daraõ de toda sorte dea companham.ta q' pareça fausto ou pompa~

2- E q.to a diferença e qualidade das casas não cõpadece tere' todos hũ mesmo n.o dem.te gente ficara a taxa dos q' haõ de estar no colleg.o enas mais casas aop.or p'lma: pa as residecias peq'nas q' estaõ de todo apartadas das ditas casas, aindq' de baixo dellas em q' reside hũ soo p.e cõ hũ Irmão. comúm.te não deue de passar de citop.s s. hu rapado q' ajude aos em terram.tos out.o q' tenha cuidado de chaano yz. e hũ juga q' na chõ p.e cõ.s. moços pa os mais serviços da casa~

3- Aos moços se cõprarião e casariaõ? não for justo de certo darel os reitores cõ sua cõsulta algũ t'po determinado, de pois de parecer justo, aindq' se cõpre pa as reside'cias, o q'l acabado ficaraõ livres, e creitur e hu' elivre o nome de moço co diuise câprou do t'po q' elle ha de catiur. pag. co ste temp.o e vindo out.os reitores, guardaraõ o q' achaõ escrito, e de-terminado no dito livro~

4- Porqn. a comp.a q' se daa aos p.es q.n não fore p' qatr'ea saudes e remide os necess.os da mesma man.ra se trataraõ cõ mum.te acerca disto os Reitores como os mais p.es qn.do fore faz.r seus ministr.os eaos Irmãos quádo se mandare' semp.e a algũ lugar lhe dara seu sup.or os moços necess.os~

5- O Vicepruincial assi como da taxa aos out.os hade dar a si mesmo, pois nelle se ha principalm.te de enxergar a virtude da humildade e da modestia, fogi' do de toda a man.ra de especie de aparato, ou pompa, e postos q' os off.os engaciros q' tem não escuza de leuar consigo mais gente, não excedera em n hũa man.ra a taxa q.to aa sua p.a: for dada nas resoluções destas pergunta, comendo ordinariam.te no refeito.r cõ os m.ais p.es e não te do pasi e sua gente nhua casa p'pria, ou apartada~Do cabedal gastos E presentes
Cap- 4-

1- A cerca do cabedal, gastos, e presentes, dos quaes se tratana 6ª pergunta da 2ª. consulta, Eno art.o 5º- 6º- E 8.º dapr.a se Encareda m.te aop.e vicipl. qnaõ som.te não Gagora tem Ja paq.r q sera deatee vinte etres mil re.s q2. q se acaba em agosto, mas q pcure cõ to tando q.to for posivel atee chegar a cincoenta mil ta do acontia das cafas, E grdes gastos q ha em fapas. q' corre cadaanno deauer diuersas podas, a foripellas Continues que tras desapes. como glos perigos q' hadese perder ou deixar deuir alg.s anno nas, estae sempre a comp.a expostadade fapas en grde perigo ateenão ter esta contia de cabedal-

2- Peraisto pr.m.te hade ter maõnos gastos pcurando degastar sempre menos doq'soma arenda eganhos q'theuem da china cada anno, Ea

soi guardaraa em todo o caso a orde' q' ha cerca disto esta dada pello p.e
visitador nas resolucois desta- 6.^a pregu'ta- S. q' alem doq'se gasta
pello ordinario de todas as residencias ecafas, não gasta elle cadaano
em presentes, fabricas Emais cousas extra ordinarias mais q'eke
a contia de mil taeis, e porem q' se offereçaõ out.as necefidades, pa
fazer maiores gastos não os faraa emnhu'a man.ra sempr.o cõsal
tar cõ seus consultores e dar lhe conta desta orde.' edas necefidades
q' he dese fazeré mais gastos extraordinarios, Enoq' se ouuer degas
tar alem dos mil taeis Seraa obrigado a seguir amor parte dos uotos
desua cõsulta paq' cõforme aoparecer da cõsulta, nao fique na
maõ de hu'so homem dar em terra cõ todo o cabedal de fapaõ. Alemdis. 3.^o
to pcure tambe' deter emq.to for possivel sempre de pusita da done
porto de Amacao hu' cabedal de atee outho, ou des mil taeis a los pa

128se comprarem as cousas atps e mais barato, comosq podendose oy
di nas queira huanas tenha na china este cabedal, pese medar en
pregado o anno seguinte, e nas se acabe de destruir gastandose oque
ficaua em japaõ, sem lhe uir nhi emprego da china o anno seguinte-

q. Tenhase conta q aia muy grde resguardo e limitaçaõ em dar presetes,
os quaes posto q em Japaõ senaõ possaõ escuzar. Sedeue estreitar qnto pu
der ser como encomenda a consulta e nosos p.es encaresidem, q disto os q
maos escusaraõ de dar presentes saluo se forê Coml. e de cousas mto
meudas e de pouca valia, Cos p.es q estaõ pellas residencias tambe não
daraõ senaõ destas Cousas meudas, Como tintas, agulhas auaros, pa
pel, singidores da laza de japaõ, algua caça beixo pa pobres, salgu
retros pa Cordoes, cheiro, meizinhas, E outras cousas miudas seme
lhantes Cos Reitores iraõ pella mesma uia e poderaõ dar a seus tonos
algua cousa de mais ualia q não passe de dous taeis, saluose q algu
caso accidental q não compadesa esperar repostada do vicepl. fose
Enalgucaso obrigado q ter comprimto com alguã p.a gentio de dar
lhe algua peca de mais ualia, a q lhe p curara q não passe de dous
taeis. E op.e v.pl. posto q não possa ter estes lemites, pcure de abreuí
ar amaõ qnto puder, Entendendo q os presentes tambe nos lemites
dos mil taeis, q tem faculdade de gastar de extra ordinario cada
hun anno —

Da Conseruaçaõ da Vniaõ. Cap. 5.
Et mouer ap. feiçaõ os Irmaos.

1- A cerca da vnicaõ Entre os nossos de Europa E os Japoes Comopri
cipal fundam.to de nossa concueruaçaõ, Se tratou largemte na p.ca con
sulta da pergunta .11.a e depois na 2.a na 7.a pregu'ta, e finalmte
na 1.a cõgregaçaõ no art.o 7.o pequal os Reitores guardaraõ effica
mte os remedios seguintes. o pr.o he guardare os Reitores as regras
de seu off.o accomodadas a Japaõ, especialmte porê Compratica of
P.e V.or em
P.e V.or emSe dij na regra .28. 30. 31. E 32. E na regra .40.
Japser o q' se dij na regra .41. o 2.^o. remedio heir criando os desucus
dos demininos nas casas e Seminarios Cõspu' mais libre E não taõ aca
nhado Como de seu nral tempera Cõos no fas ensinados a comunicar

as aos p.s q' tem delles cuidado, E guardãdo se caregra
.43. do Auctor. ha 5^a. das p.as das residencias. o 3^o. q' afr Emreceberos
Jrmaõs Como Enos instruir no nouiçiado, Se guar
de pua caõ E o mais q' glopt.e visitador estaua ordenado. o 4^o q'achãdo
se q' no collg.o ou em outras casas aja alg.e q' uie causa E Seminar' de
desunjaõ Se pceda rigurosam.te contra elle Apartan
doos ou da dita ca
sa, ou comp.or conforme ao q' elle merecer, E ao q' dij a regra .42. do Rei
tor. o 5^o. q' não Som.te aos q' estão no colleg.o mas tambe' aos q' estão de
rramados pellas residencias E casas se phiba C' facaõ executar as
cousas seguintes. A 1^a. q' nenhu' dos Jrmaõs Jogue, neõ Jogo de q'quer
do q' se qui pee ca se, ne fora Cõ nhu' forastr.o A 2^a.
q' se excente arecom
de não escrever cartas, sem l.ca especialm.te a molheres, ne as receber pa
aquer sem l.ca E sem as mostrar pr.o ao sup.or A 3^a. q' ne em casa ne fora
aja entre os nossos vso de fumo, saluo se for p' alguma' doença e colhe
pris basta pa limpeza E saude auer em casa lauatr.o onde se possaõ
lauar. A 4^a. q' se não de aos Jrmaõs l.ca pa ir a comer fora de casa sal
uo se fore' Cõ alg.u p.e ou fore' Comuidados de alg.u graõ S.r Enuase
She Conceda q' não sos a tais Conuites, especialm.te de noite. A 5^a. q'
qn.do p' alguma' doença E p' orden do medico haõde ir a tomar os banhos q'
Jaõ EmJapaõ taõ frequêtes, Ccomo remedios comu's não se m'dem foos
ne se morde' do vicepl. o q' l laraa se de' q' duas vezes no anno a seus
pprios tpos. seiaixte oos q' haõ de tomar estes banhos, E os não a tomar
p' alg.s Justos, dandos cargos a alg.e q' se ja no lugar, dos ditos banhos sup.or pa q'
os tome' Com puito C se fas taõ bem pui dos. E não se desmande'. o 6^o. q'
qn.to puder, ser se meta Em pratica de mandar Cõos Jrmaõs qn.do uao fora
q' Companhr.o a q.m de' Juge grande E q.ue se for posivel escuse de os ma
dar Cõ recados fora de pois q' anoitese, o Vltimo mejo C remedio q'

129pois nestas casas e residencias ha tãtas distracções, com taõ pouca re
colhim.to p.a curé os sup.es eficazm.te q.' os Jrmãos q.' estão pellas resi
dencias se recolhaõ cadaanno p.a hu ate dous mezes a viver no Novi
ciado ou no Colleg.o p.a tomar alg.u alento, Rompendo pellas diful
tades q.' contra isto se offerecem --

Dos Reitores & p.es das residencias --
Cap.o 6.o --

1- Postoq.' a resolução de 9.a pergunta da 1.a consulta parecese coueni
ente tirar se algumas residencias pequenas na oitaua pergunta da 2.a
consulta E no 11.o art.o da p.ra Congregação pareceo o contrario
E q.' se todas as residencias q.' as diante se fizere porem op.e v. gl.
se meter debaixo de iurdicaõ de alg.u reitor, como nesta consulta se in
tendendo, & cõforme ao decreto de 4.a Congregação geral edare
posta q.' deu Ac. p.e n.a Congregação indica os reitores q.' tiver
g. da comp.a debaixo de sua Jurdição, agora seia juntos Enhuacasa
agora Em diuersas espalhades te uisto na congregação cõtodos os me
jo poderes e Jurdição q.' te na comp.a os reitores, E omde aficomo se
fore residencias multiplicado seiraõ multipricando os Reit.es q.'es
taraõ em alguma parte q.' seia ato das suas residecias a comoda deque

dando as regras q.' se deverão p.a os ditos Reit.es afsi como tambe as das residencias guardarão as regras q.' foraõ p.a elles ordenados --

Do sustentam.to das casas E Residecias --
Cap.o 7.o --

1- Postoq.' na resolução do 2.o ponto da 7.a pergunta da 1.a cõsulta pareceo dar se ordenado feris p.a sustentação das casas E residecias toda uia cõforme ao q.' se diz na 9.a pergunta de 2.a consulta pareceo q.'se ordenado certo, & na 9a. pergunta da 2a. consulta p. diuerças difficulda des & inconuenientes q' se acharão, pareceo o contra.o & na consulta q' se fe antes da congregação Enregesgaõ se seguio a determinação desta 2a. consulta q' se desse acadaca/sa o q' fosse necess.o & não certo & determinado ordenado, todauia q' no Remate dascontas seuió q'indo desta man.ra se fazia gra'de excesso nosgastos, & em breue tpo' se co'sumiria o cabedal de fapato, & em out.a co'sulta q' depois se tornou a fazer co'os mesmos da congregação q' fo raõ p.a isso chamados pareceo q'to'do o caso se desse se algua limitação & certo ordenado de ordem q' se tiuesse ga.to q' fosse posivel os inconuenientes q' se experimentarão p.a.

2. P.r isto pareceo q' daqui adiante se seguise este modo. q' p.a ascasas & residencias pequenas, aom de esta ha soo p.e & hu'irmaõ, & q'quellas como setenta hitaes deui de pespar de oito p.a deseruia, sedarão ate oytenta taeis cadaa'no de feare denado, dosquaes se hasde pucer de todo o necess.o aseja p.a comer como p.a vestir, & na is cousas q' foré necess.as pa suas casas, tira'do sete canadas de u.o q' se hasdeim pacada p.e Salgu' azeite de portugal qn.o ouuer parelle poder dar.

3. p.a os colleg.s & mais casas principaes, q' q' como se ha dito não são iguais ne' podem ter todas hu' mesmo n.o de gente, se guardara este modo q' se limita do op.e q'p.a agante, cada hu' hadeter p.a suprir o so off.o e ministeriosdeca sa se depa cada p.e e jrmaõ da co'panh.a arezaõ de uinte taeis cadaanno pa seu quim.o e p.a cada rapado, e dosugu seistaeis, epa cadamoço quatrotaeis em a'. e cõ isto q' se dara como p' ordenado certo co'praraõ todasascousas necess.as pa suas casas, sem esperar mais do pcurador g.al pa es misas, e algu' azeite de portugal co'forme a medida dos outtrs.

4. E q'p' este ordenado se sustentam? Se julga' q' suficiente tenham todos a duztencia, q'asino vestir, como no comer, serao assisidos de fucus, como osdeceja limpa m.te deman.ra q'ategora se trataraõ, & no agazalhar dos os pedesejaõs doentes se mostre adeuida charidade acostumada.

5. poristo depois q' uier aDeos cada hu' fara seurol dacongaria & mais cousas q' quizer do pcurador pa ousos de suas casas, oq' tudo se lhe mandara des co'tando do mesmo ordenado, Manda'do tambe' os reitores dascasas q'des onzm.o degen te q' tem afilia do p.e como pa o seruico dacasa, pa co'forme aelle se lhe poder mandar o dinhr.o q' ficaõ deuendo.

130para a estaca, ouainda achando qe por conveniencia se lhe pode mandar como os q.es se achao sempre deos por elle, ou em commando nao pode fazer demissão do seu posto, e nem mesmo podera hir levar comsigo a q.es estiverem de q.e ordenado

de ficar servindo, e lhe rogarei q.e lhe nao meira por
q.e as vezes tomarão abili nome q.e sao para ter residencias
nem podera levar comsigo a q.es estiverem de q.e de lhe por
fiador como criados, e q.e lhes adevor papel, ou q.e tiverem papeis
alheios em poder, ou bens para os quais megeritão q.e nao saia
nas q.e para isso a pobres, e sao m.tas degeas semelhantes e q.e as
Citas e out.as cousas deastas q.e lhe ave queir, emsuma cousa mais
e como levar comsigo os rectores q.do deixao seu off.o ou fazem
se hua parte para outra
E porq.e as vezes nao haverá em todas as partes palhabitha
ou tudo o q.e he necessario para o sustento dos padres

Alem disto terao cuidado de fazer seu puim.to daros, misso, vinho de
Japao e garebo, azeite de gergelim, vinagre, conomono, xoyu, tasalho
atum, pao ou biscouto e out.as cousas semelhantes p.a as residencias
egeitas tendose tudo guardado nas casas principaes, e dandose demer
en mer, ou p.r mais tpo, o q. for destas cousas necess.o paseternas ditas
residencias, deman.ra q.e os p.es dellas nao sintao nhu falta. E seque
des cargados de elles sepuere p.r si mesmos, nas porceedo aos ditos p.es
q. tambe destas cousas sepode comais facilidade e melhor quer p.r
sy mesmos nas suas yracas, he dem dr.o q.e elles sepuere conforme
ao q. pedire, sem ir regateando coelles, pois ne p.a suas casas, ne p.a as
residencias se daa contra taxada, E os p.es q. reside emsuacasa q.do
uao aellas a ldear puia cocharidade sufficientem.te deman.ra q.e p.ra
ue a si mesmos q.do uao fora –

Mas p.a q. sepuera ao necess.o e nao se faca desordem, a lemde a sios Reit
como os p.es das residencias auere de fazer seu livro de receita e despezaDapobreza. Cap– 8–

1– Pera Seguar das nossa pobreza conforme a o q' se trata na. 10^a pre
gunta da 2^a Consulta [no artº?] 14. da 1^a congregação se fas paõ se
ordena as cousas Seguintes. p.mte q.to ao q' toca ao q' os p.es podem
leuar co~siguo q.do seuaõ de hua residencia pa outra: p.mte poderaõ
leuar tudo o q' pertence a sua cama evestido de q' usab afora pa oue
raõ como pa o imuerno –

[marginalia]
Cama he Eu
roupa de Cama
e esteira;

2. Tam be' poderaõ leuar todo inte^o hu' ornam.to de q' usab –s– calix, mi
ssal, sobrecco, uestim.ta e frontal, co~todo o mais q' pertence ao or
nam.to E seruico do altar com hu' pano de defu~tos, e de baptismo, sa
frepelis, estolla, &ct. co~forme ao Rol q' se fes co~ opcurador, accor
ca disto, q' q' posto q' nas resoluções desta prg.ta me pareço q' isto

6. E paq' entre os sup.res & inferiores naõ saõa queixumes pareço q' os sup.es traraõ
melhor suas p.as idos do Juçus & moços q' im mediatam.te servẽ aelles, q' as p.as formais
de cõp.or idos do Juçus & moços, p' quães do elles, se guardara universalm.te uniformi
dade vestindo os da cõp.a todos de hua mesma laya de
damesma man.ra. S'ilo a todos os mesmos vestidos a seu tpo. se auer entre elles nhã

diferença, & se na se escolher entre as cangas, as q' são
a caça miere, & de q.lqr man.ra repartir lhes & deste sou orde
q' quizer, se puder se' detrim.to dos da caça –

7. Alem disto dara o procurador do rendim.to do cabedal das esmolas cada ano aos q'
servẽ dozetaes, & aos p.es q' morão cõ elle na mesma caça cinco, se tiverem a
seu cargo algũas aldeas & ygrejas, & aos p.es q' estão nas residencias suas, dos
Quais se não podera servir nhũ p.a seu vso, ne da caça, mas som.te para dar
de esmolas aos pobres –

8. O q' for necess.o de gasto extra ordinar.o pa fazer caças & ygrejas, & p.a
os ornam.tos dellas serao quidos q.do fornece p.a o llop.o v.p.e & o Vis.or na
tared' destas cousas com elle assij nas caças grãdes, como nas residencias –se podia escuzar,
todauia achamos p.r experiencia q.e desq.e desordês
q.e como os p.es são trocados sempre decaõ perala, enão continuas
missoes. E peregrinacoés, não pode fazer semisto seus ministr.os afsi
mesmo poderaa cada huõ levar consigo aqlles liuros de q.e p.r ordendo
vicep.l dsa iuntam.te co seus escritos p.las rezoés q.e se daõ nesta pre
gunta, mas não tomaraõ nhus liuros q.e são p.r prios das residencias —

3. Também poderaõ levar consigo aqlas cousas miudas q.e pode dar depre
sentes como tintas, agulhas, abanos, papel, cingidores de sapaõs
algu retvos p.a cordoés, cheiro pa as igreias, mezinhas q.e se acostu
maõ e sapaõs dara pobres, e out.as miudezas semelhantes. E s.a intan.te
coisas e out.as cousas deuotas q.e daõ aos xpaõs, e o mesmo enão mais
poderaõ levar consigo os rectores qn.do deixaõ seu off.o ou se mudaõ
de hua parte pa out.a —

4. Também poderaõ levar consigo huõ bentoo e huõ tansuzinho decha
noziu com hu relógio, ou espertador de q.e vsaõ p.a ter em toda a parte
necesidade das mesmas cousas, e também huõ candieiro de lataõ —

5. Quanto ao q.e pertence a esmollas agora seia em dr.o agora em arros
cangas ou out.as cousas se fore adquiridas, ou dadas pellos gaõs da
mesma residecia, certo he q.e se haõ de deixar ahi todas ao q.e lhesuxeder
sem levar nada. E o mesmo se for do dr.o dado p.lo p.e vicep.l ou reitor
pa as ditas esmollas, mas se for de dr.o dado p.r alguõ p.tugues, ou p.r out.ro
estra.gr.o pa se repartir p.a esmollas, consultaraõ co o p.e vicep.l
ou se repartira levando a metade co sigo, e a out.a deixando aq.lle
locador, e ta bem deixaraõ tudo o q.e tiueré aiuntado, ou auido do vicep.l
pa fazer igreias —

6. Os irmãos também q.do se mudarem levarão consigo sua cama, e uestido
de q.e usão, co os liurinhos, e se foré dos q.e trataõ co a g.te da cidade e tiueré
[co a pais] E geral, ou em particular poderaõ levar estas couzinhas
miudas q.e a costumaõ de dar aos xpaõs e tudo o mais q.e sia as reitores como
as p.es das residecias deixaraõ como cousas p.prias de q.la caça e o q.e
lhe socederé, ainda q.e fosse cousas q.e elles trouxeraõ da china ou lhe ou

131uessem dado de esmolla –

7. Os que vierẽ dachina darão o Rol das cousas q trazẽ ao vicepl. de japaõ
E atee elles serẽ mandados ao lugar aonde deaserto hão de morar, nhũa
cousa tomara nhũa cousa mas todas leuaraõ
consigo se o dito vicepl. ou tr^a cousa não ordenar, mas partindose dahi
não sendo das cousas afrima ditas, ficará tudo aplicado a casa ou resi
decia aonde foi mandado morar, senaõ seuez ou tr^a [^ca do] vicepl –

8. Quanto aos q toca a dar e tomar paq não aja falta ennosas regras ese
dispense en japaõ, no q se deue dispensar os p.es teraõ tambe [^ca de] dar
aos xpãos a seu tpõ qndo julgar q conuẽ todas as cousas q afrima disemos
q pode consigo levar, Etambe poderaõ dar entre si, eos jrmãos q estão co
elles alguãs cousas destas qn.do lhe parecer, semout.^a [^ca Etambe poderaõ]
tomar tudo os q os xpãos, ou out.os lhe offerecerẽ, semelles o pedirem,
Etambe poderaõ nos lugares da xpãsdade q te a cargo pcurar de auer
delles alguãs esmollas, assi em arros como en dr.^o pa repartir aos pobres
dos mesmos lugares, ou pera fazer igreias, fazendo isto detal man.^a
q todos entendão q nãse serue dellas pa seu vso emnhũ modo, mas não
poderaõ pedir, nẽ aqui en japaõ, nẽ na china, nẽ aqmgues, nẽa japões
out.as esmollas sem [^ca de] seu reitor, Eos reitores tambe não poderaõ
mandar pedir nhũa esmolla a china, nẽ out.as partes de fora sem [^ca
de] seu puincial, Enẽ huũ, nẽ out.^o poderaõ fazer nhũa sorte de cousa
que saiba a mercadoria, nẽ ainda q seia pa Igreias, epadarpos tres, sal
uo se cõ orde do vicepl. semada se algũa or.e de putado pafazer igreja
q mas do pcurator pauir em pregado em ouro, Enaõ e out.^a cousa –

9. Os jrmãos guardarão sua regra denao dar nẽ de receber nhũa cousa
sem [^ca de] seu sup.or saluose forẽ dos q uirẽ [^comtaõ] etre xpãos eti
uerẽ e geral, ou en particular [^ca de] poisderẽ ter estas cousas meudas
q q entaõ tambe as poderaõ dar aos xpãos. Etambe poderaõ rece
ber os presentinhos q'elles lhe trouxerẽ, p. ser grãde des cortesia en
geiralos en japaõ, mas entregaraõ a seus sup.es tudo q des ta man.^a
lhedere saluo se algũa cousa elles lhe quiserẽ deixar: mas não se
lhe permitta q tenham nhũm dr.^o nẽ ainda pa dar a pobres nẽ out.^aCousas~

10 Tambe poderas dar aos xpãos cotas de rezar, vero
tos Enominas, mas não daras contas bentas de ordinar
reliquias não as daras de nhua manra. q~ se estas ne
ficaraõ reseruadas aos supres de manra q~ no so pr te ordenado –

11 E lenhos dos nossos vestira, ne os fara de nhua manra
gidouros, ne forros de barretos, ou de chapeos, nenhuã
trazer de çeda. tambe não traras de roupetas, do bucas
de ptugal q~ ser em estas partes muy custozos e preciosos
de agua qnda. não he caminho pa se defenderem das chuas
traras de sobrepelizes demasiadamte lauradas, ne de
tesmonieos forada forma q~ esta dada p~ o pr. visitr.
estas cousas em comu pnas casas principaes pera
Snores –

12 Tambe não se teras partes dos zagaquis em casas
uos se em algu lugar q~ respeito de auer grades tonos

afguanez qn ve a nossas casas, mas se poderas vsar
ornamto das igrejas, nas quaes tambe se poderas seruir
ha de thuribulos E naueta de prata, mas se podera
fazeré outros. ornamentos ricos de cedas borgados
mto Espacil mte. se danra, e tambe se poderas escu
ta Espacil mte. Entre gentios. em suma de tal manra
za Conueniente Ensepas a finas casas como
Uas fausto ne cousa q~ ant diga a nossa pobreza -

13 Of da china q~ outa parte se mandar aos nossos
Juras E na sua casa, se meterá em comunidade
do the sa ter of the sie, Saluo seu ao supr.
sa pasers: E o mesmo se fara do q~ per aos
estiverl nas resideais, se the madara la
de forma a regra sege
perca se dar tha comoneca
Reites mas seas pas
fielnte pellos Reites

132Do collegio, Noviciado, E Seminario.
Cap. 9-

1- Acerca destas casas se tratou na pr.a consulta na 8.a preg.ta mas q~
q~ depois se tiraraõ de Burgo, se tratou dellas na 2.a preg.ta da 2.a co~sul
ta Em o art.o 12.o. E. 15.o da pr.a congregaçãõ, pim.te se pa durar a Entender
onde se detornar a por colleg.o E o Noviciado mas q~ p.a os q~ ne experienuar nos
da Entender q~ naõ insistaõ files E sojeitas a mudice sab todas as cousas deJapaõ
E qua~ presto sedez faz oq~ se faz com m.to tpõ e g.de custo E trabalhos, p.a q~
de seg.da m.te o V. pl. de Japaõ de ma~dar fazer obras g.des e den.te ous
to E minha parte nenas casas nenes igrejas, mas p.a q~ se toda sseja de
remedio, capazes e sufientes p.a pasar auide q~
salua se q~ p.a q~ alg.s s.os da tença nos forçase a
brica E malgxr seu lugar aq~ tambe~ naõ se deue fazer senab quazdo
hai perigo de o fazer alterar E cajrmos en sua des g.ra naõ a faze~do como
tambe~ se co~cluhio no art.o 21. da mesma Cõgregaõ pr.a

Do estudo do Japaõ, E latim. Cap. 10-

1- Conformandome co~ o q~ acerca disto se tratou g.bina. 2.a preg.ta da 2.a con
sulta, com o no art.o 12. da pr.a congregaçãõ, pr.mte tenhase dequipr~
ante como regra infalivel, q~ todos os p.es e Irmaos q~ deout.e astanie
re~ a este Japaõ se façãõ as menos q~ hu~ ano estudar m.to deueras a lingua
E nalgua parte, e a pre~der, tabe~ os costumes de Japaõ, vencendo todas
as dificul dades, q~ nisto pudepeauer calgu~s q~ henrender q~ cedo pode
vir a pregar se deizgarab no estudo eradiante, q.te o tpõ Ea comsida
de phider lugar, E no mesmo tpõ a pre~daõ os costumes da policia de Japaõ
q~ hos auisos q~ de nouo sobre isto se fizeraõ E juntam.te aia sempre na che
na, que~ ensine a lingra, aos que pa Japaõ nos tpõ q~ estaõ ahi, sem sere~
pello reitor empedidos, Eqnto ao estudo dos Japoes a ssi latim comono
seu gacumo Entudo se guardara o q~ o lop.e Visitador esta ordena donas regras do Seminario, E
nos ditos art. 18. da congregaçãõ

Dos do Jucus, cap-11-

1. Tratouse dos do Jucus na pr.a Consulta na preg.a 16- na preg.a 13- E na pr.a Congregação no art. 19- acerca dos quaes se ordenaõ as cousas seguintes. pr.mte os do Jucus q'estaõ com os p.es p.las residencias q.do vierem as casas principaes haõ de a codir tambe' a mesa, E aos mais off.os E ministr.os como aos do Jucus E da mesma man.ra foraõ os mais moços ao serviço da casa como os sup.os q' lhe ma'dar. poderaõ p.r orde' do Reitor, E aõ de sobedecer as p.rimaes q' a cu hade castigar sem orde' de Reitor, mas não deixaraõ og.ll tambe' teraõ Cuidado de ter conta Com o seu rem o p.e cada mes tambe' se fara hua pratica a p.e p.r q.m se a lingoa se souuer, ou p.r algu' Jrmaõ q.u p.e do q' lhe ha de dizer -

2. Entre os do Jucus ha tambe' de auer diferenca de graos, E q.do os q' não saõ sa pregadores, ou homees de idade, E de respeito aiue apartados dos mais do Jucus, E não faraõ ir a mesa vezes cõ os p.es q.do não fore' cõ elles p.llas aldeas, the'tes preuilegios, com q' uiraõ contentes, E se forme ao q' o p.e Vicep.l ordenar -

3. O admitir aos graos de Jucus, E tambe' despedir os q' ja fore' admitidos pertence ppriam.te ao d. pl. saluose elle de ser exgeral estabelecido casal q.u' Reitor, ou se pe' se ausente, E ouue se perigo em esperar resposta do d. pl. E sobre tudo se ha gr.de m.te de aduertir de os p.es não se ja E terem m.ta conta dos q' estiuerão ia nella m.to tp.o E seruiraõ be' ainda q' sefaõ ia velhos, E que pude'se' ja servir p.r pouco, E tenhaõ se tam be' gr.de Conta de os curar em suas doencas -

4. Os Reitores poderaõ trocar E mudar tambe' nas residencias os do Jucus q.do não forem pregadores, E tambe' os out.os q' serue' os p.es em outros

133ministros. auêdo rezas pa isso, mas estes p. q. nao se trao do q. bem. E ne cessidade do pouso Como os outros. comutr. na os mudaraõ sempr. do opl. ou sem outra causa urgente, saluose fosse co hospede, ou parecer afr. bem ao mesmo pe.

5. Quando os pes. forê dehua residencia pa outra. Deixaraõ os Reitores fr es elle o seu do Juqu, Etam be a tee dous moços dos q. o siruiaõ, equeirao fr. co elle, eteraõ tam be l.ca delle conceder q. leue mais q.do. afr. lhe pa recer conueniente -

6. Procurê os fr.os Reitores Como os pes. q. os do Jucus se apuerte e se siruaõ de tude como em seu estado de Japão, E q. guardê suas regras Eos Reitores guardê acerca delles a regra .43. de seu off.o Eos pes. pa a regra .5.a das residencias, edepois de auer seruido a l.ça tpo nelles os q. forê habiles e parecer que o merecê p. curê co o p.e v. pl. q. os metao ap. seguir seu estudo de latim, ou de Japão no semin.o pa q. possaõ sair p. ser mados, ou exercitarê se emout.o minist.o Amq. uiaõ na ign.a dantes, Eos q. parecer q. nao poderaõ sa

ir, nepa. ser pregadores, ne p.a mros. q.do. ja forê g.des e se emfadarem residencias se poderaõ por nas casas, ou collegios principaes e algus off.os mais graues amq. uiaõ contentes –

7. Os do Jucus q. se receberão no Semin.o nao seriaõ de menos idade q. de doze annos, Esiaõ homrados des do grao de tono bara pa riba, ou fr.os de mercedores ou machijins homrados Eos q. estiuere nas residencias co os pes. não serão de menos idade q. de .16. annos pa se poder ajudar noq. delles se pretende, e podemse receber ainda q. seiaõ de menor qualidade, posto que se hade p.curar q.m. se puder q. seiaõ tam be homrados. Enos casos principaes dos Reitorados se podê receber ainda de menos idade como pa seruide .12. annos e sendo g.des, mas de algus G.s particulares E nestes casos se podera o p.e v.pl. dispensar em todos os dittos casos –

8. Afim os do Jucus como os tonobaras e comonos co forme a sua grassa sezaõ tratados de hua mesma maz.da q.to. ao uestido, a forma aordê q. acerca disto estaa dada e o mesmo se fara q.to. ao comer tirados aqlles do Jucus, ou rapados q. ao sup.or parecer q. se tratê de out.a man.ra

9. Quando algũ dos Jueces se for de nossa casa se lhe tirará o do bacus de camga preta, e cortaraõ os anaxes e quimões fazêdoos mais curtos do ma na. q' fique a chara de rapados Japões diferenciando se dos da igreja, e nos demajs conforme a s.a prudencia, e acharidade e uerê merecido se despdirá de man.ra q' não fique atre sethe busquemos, nemt.e e' astos pois faltãdo se que us cacás –

10. Pera os doJucus posto q' não deua auer nhũ caso re os Reit.es aos confessores q' foré peraeles deputados lhes caibe em algũ caso contagioss com S.s pr.es se obrigados a retirarê das occasiões, ou adar [a q.e os tiré antes de os ab soluerê, tendo tambe respeito com qn. for possivel que se aiudê tambe os q' foraõ seus Complices –

Do uestido Dos nossos. e dos doJucus – Cap. 12 –

1. Acerca do vestido dos nossos se tratou na preg.ta 19. da 1.a consulta e no art.o 32. da pr.a congregaçãõ e resomindo juntam.te o q' nestes lugares e nas resoluçoés da dita preg.ta estaa dito, se ordená as confesso guiões pr.a m.te neos nossos, neos doJucus uestiraõ nhũa man.ta de ceda demax.a q' ne uobis, ne' cordoés, ne' forros de barretes, ou de sombreiros brancos de ceda –

2. Todos os nossos assip.es como Jrmaõs uestiraõ camisas e calçoens de catabires, có roupetas abertas de gorial a lexãdo emãgas largas nom.e sem sima estricitas, eos Jrmaõs Vfarãode de buge sobre a ronpeta f.to p.a o lho emant.a de Japaõ, cosp.es semb.e p.a o p.rio habito decima o mácro do q.l usarão qn.do uaõ p.as Ilhas mais ou a uisitar algũ S.r mas qn.do cafsue p.a ré, ou foré p.as aldeas, e aas coficies fora dos machis e cidades principaes, ou ou uer lama e chuixa usarão do mesmo de bucu f.to p.a os talhos de

Japaõ, com uestido seraa de preto, posto q' o forro podera ser de azul, ou pardo, eos ronpoés q' seruão p.a casa, serao ou do bucus có bosta com

134mangas abertas ou fechadas, ou serao nun-
Japao se usao E barretes redondos agora seiao
enJapao q'nao cubrao as orrelhas, ne' seiao f-
dos como en Grugal se usao, Edaqui endiante naose en tro duza nhua
outa. manra. denesido mais q' oq' estandito E de
giboes, ou cabaia de manra. q' quizerem

3. Quato ao calcado usarab de tabis abertos, ou ser-
rem E afsi mesmo seruilhas ou sapatos demra. onde haa sola, exaspeicoes
suouta. actos solenes q' curé os pes todos deter E
tros tpos afsiches como os Jrmaos poderas tambe
os pes qn. nao a Couites, ou auisitas, ou pellos ma-
sados, E nao descalcos, mas indo forados machis, ou
quizeré, Eos dofucus qnle. ajudare' a missa, ou fore
solenes nao uao descalcos, mas co seus tabis, ou
auer, Etenhase de preposito paisto guardadas na sacrista. E q' as nao
usem de uatabogis, ne de chinellas q'hos Japoio, saluo de enfermi-
dade ou q' uelice tiuesse [a]

4. Os dofucus parese differenciare' dos Jrmaos faras de catabiras, E nao
camisas, e seus auaxes Esquimoes serao azuis E nao pretos, Eos do bucus
possor tambe' poderao ser pretos serao mais curtos daqlles de q'os fr-
maos usao E p casa comu~te nao usarao de nhua manra. de barretes,
saluo p caso do frio no inuerno se co ceder a algus etodos trazao
calções de uerao E de inuerno

Da Conuersao E ensino dos Xpaos.
cap: 13-

1- Tratase disto Na qa. pregutada ia. con sulta Ensert. 9.o E 29. da
pra. congregacao coa sua consulta precedente, postq' conforme asoa
fides q'se offerece' se deue sempre fra diante na co~uersao: todauia como art.o 9. da 1.a
Congregação de Japaõ se diz, se ha
prudencia de tal man.ra q' se naõ derrame e comp.a mais do q' conue exter-
ando de tal man.ra os corpos das casas e Colleg.os q' padecaõ em si detrimeto
E cause gr.de dano na q.dade da ia feita, e posto q'
a fceitar nouas empresas dependa de varias Circunstancias,
ofup.or de Japaõ gr.de tento denao desconsertar, o Colleg.o e Novicia
do tirando lhe os obreiros necess.os Etamb.e as casas
Reitorados pcurando enq.to for possiuel q' entre ellas
fique sempre onum.o denoue a lem dos Reitores
de mandar a estas empresas Ctamb.e as residencias
feitos -

2. Onde denouo se começa ou sej.a faz.do Conuerção se
reza cprudencia, e posto q' se fizesse o mesmo
co gr.de parte dos seus fidalgos naõ se faraõ estrondos
seus jdolos, e queimar lhe publicam.te seus jdolos,

sinhos e fazer lhe out.os desprefos semelhantes
fazer os mesmos q' se Conuertem mas secretam.te
re e queime los jdolos se couertas enigreias, ou enout.ro p.te
de man.ra q' se conserve, e não se escandalizem os gentios,
entramos aso lemos e destruimos tudo -

3. Quando os S.res se fizer xpaõs posto q' co prudencia se deue pcurar q' os fa
aida se conuertaõ tamb.e seus uassalos todos: todauia não se deue co
demaziado feruor aptar q' pceda co uiolencia co seus uassallos, ne
co indis crição p'lo dano q' disso se pode seguir, mas tudo se faça co sua
uidade, e quietação -

4. Onde o Tono principal for ainda gentio não som.te se não façanhaõ
festas cousas posto q' algu~s dos seus fidalgos, es.res se fizere~ xpaõs
mas não se a lenatem publicam.te cruces p'los caminhos, ne se façãõ
p'cisso~es ou festas publicas fora dens.ra cerca, ne enterramentos
pomposos e solenes, sem ter l.ça ou auer co~sentim.to p'lo rainar
dos mesmos sores gentios, p'q se for elles como se faze a costumaõ

135tomar istomal, fazedose sem seu consentim.to parecedo q' se faz
em seu desprezo. E se lhe te pouco resp.to eacatam.to —

5. Ajnda q' seia entre xpaos q' diuezfos inconuenientes nao comuen
aleuatar tantas cruces pellos caminhos publicos e poistonhu'p.e
aleuatar daquiadiante Cruz sem o fazer saber a seu Reitor oqual
considerando o q' conue poderaa dar, ou negar etal l.ça —

6. Os q' quizerẽ ser xpaos sepcure q' seiao bem catechizadas e sendo p.a
se entenderem. Se lhes pregara comũm.te todas as pregas do catechismo
pregado lhe som.te hua ou duas vezes no dia, e se poderaõ baptizar se'lhe
fazer out.as pregutas de q' ouuiraõ Em particular, mas cõ q' forem
rudes e de pouco engenho se acomodaraõ pregãdo lhe som.te cousas fa
ceis, e neceß.as breuem.te e tornãdo lhas m.tas vezes a dizer paq' as en
tendao e pos to q' sedeuẽ pcurar q' saibaõ as oracoens do pater noster,
Auem.a Credo, e madam.tos antes q' se baptize, todauia seospinaos der
lugar os poderaõ baptizar prosto q' as não saibaõ, pois comũm.te custa
maõ de as aprender —

7. Pera Ensino e cultiuiação dos xpaos ia feitos ueraõ e pratuquẽ os Rei
tores as regras do cap. 4. de seu off.o e faça tambe q' os p.es guardiasregras
das residências especialm.te aregra. 26. Coasmais seguintes —

8. A Doutrina xpaa se ensine som.te huavez no tpõ comũm.te dom.o dia
eno fim della rezaõas ladainhas de N. S.ra enaõ se obrigue axiraella
comũm.te os meninos q' fasẽ k' bn, ne se pmita q' uenhaõ aellameninas
de dez annos pa riba, mas estas as façãõ ensinar e suas casas q' as thes
q' as tem acargo, enas inacoas tanbe se ensine antes da mißa ermentes
se aiũta opouo os ditos dos capitulos q' todos os xpaos deuem saber
jaca qn.do puder ser aensine, não tendo o forma, ou p.e tpo pa o fazer

9. Tambem se pcure q' aia p'llas aldeas algus bonzos de q' te cuidado das igrejas

q' ensine eleaõ ao pouo p'lla doutrina impreßa, e tambe q' aia alguns cegos q' uaõ ensinãdo esta doutrina, e daqui p.a diante agora seiasorações, e goza doutrina, depregçoens, na se ensine, e na q'estab impressas–

Da limpeza q' se hade guardar nas
Casas no Comer e nos vestidos. cap. 14

1. Tratouse acerca disto largamte na pregção 17. 18. e 19. dapr^a. consulta de Japaõ, E em suas resoluções, e na 3^a. Consulta fra e Regras aquiãtes de congregação E diversos pontos, E na mesma Congregaçaõ nos art.os 25 31. 33. e 34. e ressumido toda esta materia E algus pontos pr^a. m.or assa bricas todas q' daqui asdierte se fizeré antes deste comeßare' se faça atraça a comodada ao modo de Japaõ toda p. fta linth. q a brage todo o sitio E o q' nelle se ouver de fazer por si, Senaõ aie de fazer se q'na parte, e entes de q' mais na obra se mande etraça na q' se possa bem entender, pa q' elle có sua cl sal g' disso saibe quertese examinar se esta se be e orden se nellas especialmte nas casas principaes respei diartr. lugares E p.a aquis acomodados paos hos nha, despensa, changim, latrinas etc. de tal manra. q' fique aservid tia comoda pa a casa, E senaõ deuaçe o interior dos forestr.os aozde faraõ os cubiculos acomodados, pa os p.es E formaos de manra. q' fiqu recolhidos dhe acomodados–

2. As casas comumte se facaõ de pouco gasto saluose alguma sa. as quizer fazer a sua custa, E o mesmo se guarde na fabrica das igreias, asquaes p. curé có toda dilig.a q' os xpoes e p.es as facaõ a sua custa, e se algus lugares foré os xpaõs taõ pobres q' não possaõ fazer todo o gasto, e q' elles oq' pode' se podera ajudar co alguma d'el pa o gasto dos carpintros e pregaria mas não querédo elles acodir có o q' pode' bastara fazerse pe llos nossos alguas igreias pera remedio de muy pouco gasto atee q' on de xpos nhados se mouaõ, e determiné a fazellas melhor, e indando es o q' puderé, e em fazer as ditas fabricas mais se hade p. curar

136q' Sciam capazes, descentes, E honestas q' sumptuosas, E he laurados Estiaõ todas as igreias fechadas ao derrador de muricabe co'suas q'tas –

3. Dentro da cerca de nossas casas não se criem emnhuama.nra ne'porcos ne' cabras, ne' se mate' nellas porcos, ne' vacas, ne' se faça criacaõ de nhu'a destas cousas e' terras de Snorés gentios, especialm.te aonde se uaj fazendo a xpo'sdade de nouo, mas nos lugares des.tos xpaõs, on de não se estranhar não se phibe criar algu'as destas cousas com tal q' seia fora da cerca da casa Como estaa dito, mas dentro da cerca se poderaõ criar galinhas, e adens co'tal q' este' cercadas E hu'lugar apartado deman.ra q' não ande' p' casa –

4. Tenhaõse assi as igreias Como as casas mui limpas E be' cosertadas E na cozinha interior dos p.es Yrmaos se tenhaõ fogoês apartados za partadas panellas e' di'gos pa guizar, E ministrar o comer chamaraõ pa ro comer ehara Japaõ deman.ra q' senaõ mesture' hu'as co' out.as

5. Não se façaõ emnhu'a man.ra furos emnossas casas, mas emcada hu'adas casas principaes aia hu' ou dous lauatorios bem f.tos e limpos oz dese possaõ lauar os p.es Es Irmaos, e out.ro apartado pa os do fucus, os quaes seiaõ puidos de agua que'te, E mais cousas necess.as a seus xpo's, especi alm.te qn.do se aix'taõ no principio de cada mez os p.es e'os Irmaos e' do fucus e' as ditas casas principaes pa q' d'isto se satis faça ao Ja poe's ea saude e limpeza –

6. Asimesmo aia nas mesmas casas out.ro lugar deputadopa fazerxé ta qu E lauar as catabiras, auaxces, loubas, E mais vestidos dos p.es e' Irmaos e' do fucus, E aie hu' moço ou dous deputados peraeste off.o de man.ra q' cada hu' possa mandar lauar sua roupa qn.do quiser e tan be' se tenha fora algu'a mulher q' tenha cargo de lauar e' cosfeitar as quimbe's, q' se não pode' lauar emcasa pa q' em todos aia limpeza, e' co' serto E não se emfade' os Japoês de fora ede casa –

7. Todos afsi p.a como Jrmãos Coadjucus tenham hũ vestido nous, de q se siruaõ p.a as festas, E uisitas quãdo uão fora, Com os dous q' riaõ lisos poroq' vsados e uelhos, E senão hé p.a iidos de fanaga lhas, E de todos os mais uestidos interiores conforme pellos deputados da congregaçãõ, oq' lhes todos os q' esta determinada q' se dee a cada hũ annos sepo

8. Em todas as residencias E casas qn.to ao comer hade auer de ordina.o arros E piru bem f.to e cofertado Co' duas man.as de sais hé, ou chara Japaõ Com seu post pasto, calgũ Com saizimeçi, E aos dofucus se daraa de ordin.o Sey cõ seu piru, Chá sai cõ algũ Comomono acrece se nas festas Conforme ao custume –

9. Entre paos Ea onde nãose estranha se premite tendo respeito a natureza. E necefidade de deos de Europa q' potã tambe comer uaca spor co ò sut.as cousas guizadas aman.ra de Ncarbé cõ tal q' se ponhaõ na mesa repartidos, E os q' seu seruico a chara Japaõ metido em pires s'eõbos E se' fazer taõ grofso q' pareçaõ dis formes aos Japoes, E os comeres de carne, ou out.os q' podem dar mao cheiro aos Japoes se dee eõsola nas ou pires as m.do de Japaõ, e nas enzarugoquis, nios caril, e out.os pirus de nanbã se deite dent.o enos goquis de arros Como se fele doja ru de Japaõ, mas deite o arros dos goquis na giselaras aonde uão os ditos pirus. qué afsi o quizer Comer –

10. Guardese tambe' em todas casas os costumes da policia de Japaõ, cõ forme aos auisos q' estaõ f.tos acerca disto reuistos E examinados ul timam.te pello p.e visitador. os quaes porem de ter todos

137De como se hab de auer os p.es nas oblações
Eesmollas q os fi.s faze p seus defuntos. cap. 15–

1– Tratase Disto no art.o 26– da pr.a congregaçãõ de q se terminaraõ asseguintes cousas. pr.mte q todas as oblações qepors faze e friem dr.s como em outras pessoas, q daõ pa q se digão missas, ou se facaõ enterram.tos Eout.os offi.os p seus defuntos, como quimoés, armas, cavallos &c. q ficaõ de seus defuntos eelles mandão

tiruical, como p declaração dop.e geral não se pode emnhuã manr.a recebr
pe. noço vso. Eassi emnhuã manr.a se gaste nhua destas esmollas pe ouso
de noças casas. mas pe q estanova igreja seacustume ao louvauel vsode
fazer semelhates esmollas p mister noço.p.e ad tempus q se poßab as taes es
mollas receber pase dispensar aos pobres, ou paobras
greias. Eexmidas q não seõ das casas pprias de comp.a mas dos mesmos fi.s
faze dose isto detalmanr.a q todos entendaõ q saibaõ q senaõ recebe pa
noço vso. E p isto auendo comodidade de algu's xp.os fieis pcuias mãos
sepoßaõ estas esmollas dispensar, se faraõ entregar aelles, Enaõ os aue
do se dispensaraõ pnos p.es atee q o p.e out.a cousa ordenar-

2. O mesmo se faraa do arros, bare, Eout.as cousas de comer q p sua deualia
ese pode' conferuar, qelles acostumaõ dar, pe q lhe facaõ offi.os ou digão
Miças agora as offerecaõ antes, agora depois, mas q.do forem cousas de
pouco ualor, Eq se offerece mais pa mostrar gratidaõ e boa criação ao
modo de Japaõ, q pa recompesa de missas, como q.do daõ algu' uinho, frui
tas ousout.as facenas, qlogo se gastaõ, as poderaõ tambe receber pa seu
vso-

Das confiçoés Dos doentes, Emissus
q sedizem onde não haigreja. cap. 16-

1- Tratase disto no art.o 27- E- 28- da mesma congregação, aonde seorde
naraõ as cousas seguintes. pr.mte q p.r q.to pela falta de obreiros, E multa
daõ deligares Ealmas, q cada p.e tem a seu cargo, não som.te he de insofri
uel Esin fim to trabalho quer acodir a todas as confiçois dos doentes.as sab chamados mas he
cousa imposiuel E dege de
pueitemto. de suas ouelhas, q'q' deyxao destamaneira.
sete pellos lugares em q'estao amaior perte dosps. deasende, e forcas de ir E uir
uas confissoes dos doentes q' estao duas, tres, q.to Emais legoas longe, Edexando
as Eofisoes dos saos q' ouuia mtas. uezes e' lugar dehu' doente achao hu' bebelo, ou
outro incapaz ou q'ha pouco q'se Confesou. Enab re'
aeste estoruo Estra balho qe de algu' remedio, pareceo
aos pes. q' nao somte. nao erao obrigados air atodas as
dos dos doentes, mas q' ne ainda conuinha deyxar q' el
uas confesarão q'hos lugares, mas q'a ounesse' nisto co
do somte. aaq'lles q' estiuesse' tao perto, q' pudesse' logo
certo q' estauao graue mte. doentes E engrde. perigo sp
fesar, enao sabendo isto decerto nao se tiue se' obri
soes q' ouuiiao dos saos, pair a confessar os doentes
xe algu's se' confeso' nao deuião ficar co escrupulo
lles faziao oq' conuinha arezao, mas qn. de nao estiue
gares, entao acodisem como melhor pudesem -

2. Apos isto parecerem os mesmos pes. nisto algu'mais a
ainda pauresem pr. ordenar q'llos lugares e qn. fosse possiuel q'ouuesse alguma
pes. prudentes Ecapazes, aqué acudise' os doentes antes
fosse' bem instruidos doq'auiao de fazer e seige ajudar
cao, como pa fazer saber aos pes. qn. estauao em mto. perigo - 02°. q'sende
desse e'primir enhua folha oq'deué de fazer os doentes. E como os deué ajudar
os q' estao co elles pa alancar contricao Edisporse amorrer be', ainda q' o fal

ta deps. q' enao pudesse' confessar – 03°. q' se tire apenas q' auegora se acostu
mou de q' se' nhum dos q' morre' seia e' terrado se' pr. nao chamar ps. pa se confe
sar, mas bastara dizerlhes q' acudao as ditas pessoas deputadas e se acab oma
is q' se contine nesta folha pese aparclhas a be' morrer –

3. Quanto ao lugar das missas, aonde nao ouuer igreja, q' q' mtas. uezes acorre
a charse os pes. nos Domingos e festas principaes de caminho en lugares
ondenad Eeigrna, Eaonde ha doentes q' deseiao de comu'gar, Eoutos xpoes
Ese hula pao teno compendio indico q' nao bo alean nao concede aos nassos
o uso do altar portatil pese dizer missa, senao en lugar q' seia decente

138Ehonesto, E p[or] out[ra] parte afsi polla pobruza q[ue] ha pellos
seré degentios, ou de cafados, se duuida se semelhantes lu-
mares [^decentes] e honestos, parecao aa congregação q[ue] esta decencia ehonestidade
Se hade Julgar p[or] Japaõ conforme ao vso desta terra, Enaõ de Europa e afsi se po
deraõ chamar de cente aq[ue]lle lugar q[ue] depois de consertar ahi o altar co seu sobre
ceo, parecerea ser lugar limpo ebem consertado e p[or] Japaõ, Ehonesto se podera
chamar aq[ue]lle q[ue] não serue p[ar]a off[ci]os uijs, ne he de homes infames, posto q[ue] fepel
degentios, ou cafados Eisto atee N. p.e declarar out[ra] cousa acerca destahones
tidade edecencia, Enas sendo os lugares taes antes duze ou q[ui]n
ze dias de festas –

Do modo q[ue] has de ter os p.es en escreuer aos
Super[ior]es edarauisos p[ar]as annuas. cap. 17.

1. Tratouse disto na consulta q[ue] se fez antes da congregação en Nagasaqui, e na
mesma congregação conforme a q[ue] sse ordenao as cousas seguintes. p.or os
R[eito]res e consultores guarde' e hedo a formula scribendi, afsim escreueraõ Dep[utad]o
como em escreuer ao p.e v. pt. de Japaõ e ao visitador em q[uan]to estiu er em Japaõ
Escreueraõ os R[eito]res cadamez huauez, Eseus consultores duas vezes no anno
edamesma man[ei]ra lhe escreueraõ duas vezes no ano todos os p.es q[ue] tiuerem car
gos das residencias, guardando no demais a dita formula, Estando o visita
dor na india lhe escreueraõ todos huauez cada ano, Enaõ aue[n]do visitador
escreueraõ damesma man[ei]ra ao p.e quincial da india –

2. Assimesmo todos os p.es q[ue] tiuerem cargos das residencias a pontaraõ Etre
o anno as cousas de edificação, q[ue] se faze' e' suas residencias, Eem setembro
as mandaraõ a seus Reit[or]es os quaes de todas ellas edomais q[ue] ouue de edi
ficação en suas p[ro]prias cafas faraõ hum breue sumar.o q[ue] postos eo
mãdaraõ p[or] todo o ditomez de setembro ao p.e v. pl. ou ao secretario p[ar]a se
fazerem as annuas escreuendose tudo detal man[ei]ra q[ue] se pofsaõ publi
cam.te ler se' offensa alguã na cafa e lugar, onde as ditas cousas a conte
cem como emtodas as mais partes, mas e' tudo se guarde a formula noti[ci]ando
de literis annuis, especialm.te se guarde' de tratar dos cafos particulares
q[ue] se remedearaõ nos consifos pellos perigos q[ue] ha nifso –De algumas cousas q' em comu' se
p[ro]hibe q' em
nossas casas naose facaõ. cap. 18.

1– Tratandose estas cousas na consulta q' se fez e' D'iagas aqui, antes da congre
gacaõ. pr.mte. qn. os nossos não de bu~ lugar p[ar]a out. especialmte. os q' se depar
te do diaco se tire' de toda a curiosidade e custume de ir

de cousas p[ar]a leuar de prez[en]te aos mesmos nossos q' com
como se fosse' obrigados de dar a todos alguma cousa, ne'os
postos q' Gilbo não se tira co' forme ao custume da comp.a e' todas as partes q'
hu' com l.ca não possa dar alguma cousinha a out. q' aca'so tinha.

2- Assimesmo ne' os sup.res nem hum out. mandara a os
prezente nhua cousa temporal, especialmte. q' amem delles out.s con fas,
mas não se yhibe co' [ca]sos sup.res mandar se as vezes alguma cousa de usta, co
mo p.a mostrar gretidad mas não p[ar]a uer delles cousas
mas nem te' cousas curiosas, ne' preciosas q' não serue' a o
a p[ro]hi ordenado X. p.e

3- Nemos p.es ainda q' seiaõ Reit.res ne' hum out. daraõ reliquias dos sanctos
a nhu's xpaõs sem dar os Agnus Dei, contas bentas, e mais cousas deuotas se
garde o q' se determinou na derrad.ra p[ar]te da pr.a consulta de papeis.

4- Jtem Lx.a os superiores forem uisitando, ou passando p[e]llas casas e residencia
as dos nossos não selhe facaõ nhua man.a de banquetes, mas som.te co'forme
ao Custume e charidade da comp.a q' hu' ou dous dias, qn. chegarem como
q' festa e recebc.m de hospedes se poderaõ a crecentar duas yguarias co'
algua fruta, e não mais as comer ordinar. E o mesmo poderaõ fazer no
dia q' partire', e o mais tpo' se lhes de a o ordinar. e conforme aisto tanbe' se has
de aux c'os mais hospedes q' dem.te p[o]r ne's se uiraõ.

5- Jtem Não se p[er]mita aos Jrmaõs uisitar, ne' serem uisitados de nhuas molhe
res se não se formaõ yrmaõs, ou ama, aus Etia, q' q' co' out.s não tem elles
q' tratar E estas tanbem mui raram.te se lhes conceda uisitare' pois elles
poduir a no ssa casa a o suer, mas sem p[er]der no tomar, seus recados os q' pa
ra do elles uem auisitar E tratar c'os p.es

6- Jtem p[er]q.n to. de alguns mocos q' se a cchem em nossas casas sub pretexto de não se
rem catiuos, ou p[or] out.s agrauos q' seus senhores lhe fizeraõ, agora se ias

139desnorés xpas, agora degentios, se podé seguir m.tos escandalos, q.m os escafos
sab taes q se podem quietam.te negocear cõ seus amos o facão co acheridade q se
uè, mas guardemse de irritar e agrauar seus amos p acodir aos ditos moços,
E antes se deite fora, e parecendo q ha alguma obrigação de acodir lhes o facão
p.r saber a seu Reitor, pedindo lhe o q deuẽ fazer, e o mesmo resguardo se hade
ter com os q se acolherem anos pascesar p entenderem q seus senhores os hão de
matar, E deuẽ todos gouzar en suas residencias e
cebad o priuilegio de immuniidade das igreias, e
car, pa q acontecedo fugir alguã aigreia, ne elles
façaõ force pe os quererem matar na cerca das no
os Inhõzes gentios, the dem logo cue sab cõ todo o
me ao q acheridade ordena -

7. Adsimismo se guarde' os p.es de entreceder cõ os tonos, pa q dê ou acrecêtem
réschis a seus Criados, ne pa q lhe pdoem os degredos L culpas q tem sem p.r
falaré cõ seus Reitores, Saluose for em casos leues, ou entenderé q os mes
mos tonos folgaraõ q entercedaõ p elles, q p dout.a man.ra custumaõ to
mar m.to mal meteremse os noßos e semelhantes cousas -

8. Item, não se tenhaõ ennoßas casas nhuns coxixous de cabellos panellas feruia ne a acompanhar os p.es -

9. Item. Não se tenhaõ caualllos mimozos de preço da man.ra q temos fidalgos mas fortes erijos q poßaõ cõ o trabalho -

10. Item se tenhaõ ennoßas casas pnhum caso caes p mordas, ese ouuer algũ q pareçeßa neceßario de noite pa vigia, se tenha e tre dia prezo -

11. Item. Não se faca laurar p conta da igreja nhũ réschi, mas arendense to dos aos fiacuzos como he Custume dos bonzos -

12. Quando os xpaõs fizeré ennoßas casas, ou igreias alguãs representa coés, como custumaõ fazer pa festeiar os sactos, não entré nellas nhũ dos noßos Jrmaõs, E antes de se fazeré os ditos autos, os facaõ os p.es muit.e examinar pa q seiaõ decentes, he honestos, E não aiaõ nhũas cantigas dega godis, nem nhũa cousa menos decente e honesta como, asuezes a dõ tumaõ fazer, os q fazé entremezes. a que chamaõ guéoguiés -

13 Item Não se tenhaõ deordinar. moços cefados ennoßas casas, equerendo casar seforé cativos, Enaõ ouuer rezaõ pa lhes negar ocasam.to tratem co seus Reitores of se hade fazerdelles, Esendo liures se despidaõ, sef alguma iusta razã co'alguns não dispensarem os superiores -

Da Musica E canto q' se hade vsar entre os noßos. cap. 19.

1. Tratouse disto na mesma consulta de Nagasaqui Congregacaõ, naq'l se concluiu q' visto a pouca applicaõ a a preder. como ouuir diuersos noßos instrum.tos noßos o conto deorgaõ Eo q'de q' nisto segasta co'tanto trabalho tr.o E a ltheo do costume vniuersal da comp.a Sem auer peser nisto q' he na india daqui adiante nos Semi se aa prender canto deorgaõ, nia tanger violla, a instrum.tos musicos, q'naõ foseõ detekla, mas som.te goriano, Ea tanger orgaos, Eout.os instrum.tos detekla aigreja, Eq' daqui endiante damesma man.ra q' enno se de canto deorgaõ, mas antes decanto chaõ q' chamaõ canto e'tvaõ simples anosso modo, saluose for en peito dos portuguezes que ahiuem -

Da vniformidade q' se hadeter nas Cousas doculto diuino. cap. 20.

1. Os Domingos se benzeraa a agoa antes da Mißa cuberta co' huns pans no m.o de capella, enaõ auendomeza tar, Enaõ en tanquinho peg.no, Eo Sacerdote q' benze nas festas mais principaes doanno poderaa ter tanbe pois deasperger voltar, aßi mesmo, Eos minist.os co pr.m.te aspergere a ofrmaos, Edepois iraa

camisamas aseu qazaquise estiuere ahi, seotono
ja depois deter aspergido aas camisamas aspergereas
gls corpodai greia iraa deitando agoabenta aopouo
q' estm.o Eambas as partes, deitando huaues amado
dr.a Eout.a amaõ es

140querda, demanr.a q' qn.do torna acapela naõ tenha q'
caõ no mesmo lugar onde benzeo a agoa, tomaxaa
mesarxa amissa do dia—

2. Procurese em qn.to for possiuel q' aia sempre prega-
çaõ de guarda aqual se amissa for cantada seraa depois
do Euãgelho, ese for re
zada se faraa acabada missa, enaõ passa de m.a hora
prega for p.e sendo o mesmo q' diz a missa tiraraa som.te
alua Eestolla, Esendo out.o p.e pregaraa cõ sobrepe-
lis sem barrete, Etodos antes de pregar tomẽ abencaõ
do p.e q' diz a missa sendo
for elle mesmo o pregador, beijanda afaldra da uestim.ta
Ena pregaçaõ vsem todos de tomar agraça, como he
costume rezãdo hua A-
uem.a Eoq' acõpanha ao pregador cõorrelegio se for
algũ dos minist.os ga
judas am bos, hiraõ cõ sobrepelis como estaua seruindo,
Ese for outro iraa cõ seu
sohreu sem sobrepelis—

3. Em todas as partes se publique aos Domingos na missa
do dia as festas q' em
Europa se guardão, q' saõ as quatro tẽporas, Eas vigalias
do jn.do q'esti-
uer nas festas se guardão, Eas vigalias de Jejum na
xpasdade de Europa, mas he
Japao q' seraxpasdade aindanoua, Eos pobres muitos
naõ se o breguẽ nera a
guardar as ditas festas, senaõ forẽ som.te algũas
principaes, nea jejuar
suas vigalias, mas que quizer guardallas, ou jejuar
o poderaa fazer q' sua
deuacaõ Eas festas q' se haõ entre o ano de guardar,
ou publicar seraõ as
seguintes—

4. Pr.m.te se procure q' se guarde todos os Domingos
Eo dia do Natal, diade
pascoa, ascençaõ, o espirito sancto, diade Corpus xpi,
diade assumptaõ
de N. S.ra eodiado orago z prio da Jgreja, Eestas festas
Comum.te se pu-
blicaraõ q' de guarda, as out.as posto q' se publique',
como esta dito naõ se o

brigaraõ a guardar, Eas que se ouuerẽ de publicar
saõ as seguintes—

Em Janr.o

Ao pr.o Circumcisio Domini.

Aos 6. Epiphania Dni.

Margo.

Ao 25. Anunciatio B. M. virg.Fevereiro.

Aos. 2. purificatio B. M. virg.

Aos. 24. S. Matias. apostolo.
com sua vigilia.

Marco.

Aos. 25. Anuciatio B. M. virg.

Mayo.

Ao prº. S. phelippe. e S. tiago apost.

Aos. 3. inuentio Sancti crucis.

Junho.

Aos. 24. Natiuitas S. Joaõs bapt.
com sua vigilia.

Aos. 29. S. pº. e S. paulo Apost.
Com sua vigilia.

Julho.

Aos. 25. S. tiago maior co'sua vigil.

Agosto.

Aos. 10. S. laureco martir co'sua vigil.

Aos. 15. assuptio B. M. virg. co'sua
vigilia.

Aos. 24. S. Bertolameu Apostolo
co'sua vigil.

Setembro.

Aos. 8. Natiuitas. B. M. virg.

Aos. 21. S. Mattheus apostolo.

Com sua vigil.

Aos. 29. S. Miguel Archanjo.

Outubro.

Aos. 28. S. simaõ. e S. Judas Apost.
co'sua vigilia.

Novembro.

Ao prº. festum sanctoru' omniu' co'
sua vigilia.

Aos. 30. S. Andre apostolo co'sua vig.

Dezembro.

Aos. 21. S. thome apostolo. co'sua vig.

Aos. 25. Natiuitas Dni nri Jesu x^o
com sua vigilia.

Aos. 26. S. Esteuaõ Martir.

Aos. 27. S. Joaõ Apostolo, e euang.

Festas mouiueis.

Quinta f^a. das endoencas des do m^o.
dia atee a sesta f^a. Seguinte ao
meo dia.

A pascoa co'duas oitauas.

Ascensãõ Dni nri Jesu xpi.

Pentecostes co'duas oitauas, e sua
vigilia.

Corpus Xpi.

os dies de jejum ouixeis.

As quatro tporas Do anno.

A quaresma.

141

5. Todas as sobre ditas festas, e vigalias demanã: p' festa
garda acabada a pregaçaõ q'rado aouuer, e naõ a auen
do ou disjucu ch' sobrepelis acabada a missa, dandose breuem.te
he agla que se publica -

6. Os Domingos no cabo da missa se daraa absoluiçaõ p'lo sa
cerdote fazendo p' os ministr.os e mininos e os mais q' souberem
geral e' latim emuos alta, e pausadam.te fazendo lhe saber q'
a de s.or de seus pecados, depois daquel dirá o sacerdote
etc. dandolhes a bençaõ, e acabada a pregaçaõ q'do
aouuer depois da missa
e publicado as festas se diraõ os tres p'nostres e tres
aueMarias confor
me ao custume etc -

7. Procurese q' se diga a missa do dia cosua pregaçaõ
a como dandose m.to ao pouo, e naõ o fazendo esperar m.to
antes de começarse a missa se façarezar a todos opouo jun
tos os dez itens da doutrina como estaõ impressos, os quaes aca
bados se começara logo
a missa, e nas missas q'e naõ ouuer candeas de cera,
se poderaõ servir das
candeas de japeb -

8. No fim da derrade.ra oraçaõ da missa todos os sacerdotes
acrecenté estas pa
lauras acostumbradas. S. et famulos tuos Papam et regem nostru
una
cu' prole regia, atq' p'raepositum n'rum, nos et congregatione'

n'ram cunc
tumque populu' xp'ianum a bomni aduersitate custodi; et pace'
tuam
n'ris concede temporib. Semnellas e o nome de nhua pessoa –

9. Des dos Sanctos etc e acabar de comungar se tenha a cefa
hua tocha ou can
dea e hu' tocheiro de pee, conforme ao q' se diz nas regras
do Sachristaõ e da
mesma men.ra se faça quando se der a comunhaõ a alguem,
e isto especial
m.te se fara nas casas principaes, e nas out.as onde osp.es
estiuere' de assen
to conforme aa comodade q' p'ra isso tiuerem, e na missa
do dia se procure
auerde comodidade, q' seiaõ dous os q' arude', e podendoser
seiaõ som.te, e a
lem disto aia outros q' leuem os tocheiros, e o taribulo,
o q' leuaraa tan
be' jrmaõ auendoo eos que leuere' os tocheiros seiaõ de jucus –

11. Procure' todos q' se guarde o bõ custume antigo de os mininos
e todo o pouo
respõderem a missa, e digeõ em uoz alta e em latim tres
uezes D'ne non su'

dignus etc. e tanbe' q' quando algue' comuga digas todas
em uoz alta e confiseßem en latim q' Seria antijam.te vSadasedem.te denaesas –

11. Cada S. facu teraa Sua Sobrepelis q' pria de S. hade vSar aSino ep.s de mißa como
qn.do naõ a procifsoes. enterram.tos de defuntos, e aout.os actos Solenes, a q.t Seraõ
m.to limpa e b.e guardada, e guarde'Se de a botar no chaõ
della, mas antes a torne' a dobrar e guardar e' lugar de
cente, e omesmo facaõ

dos ornam.tos e mais cousas q' Serue' ao culto diu.o: ten
do gr.de cuidado detodas

ellas etratadoas cõ adeuida reuerencia e decencia, e
guardemse deprox os be

rretes dos p.es no ep.o da mißa Sobre o altar, mes ponha
na namela desgalthetas

ou e' out.a parte, eno fim da mißa lhos de' resua maõ –

12. Tenhaõ tanbe' gr.de cuidado de Sere' diligezas e' responder enomais Seruico da
Mißa, estando modestos eatentos ao q' faze', p.curando q' naõ faltaa gua limpa
E o u.o puro das mißas nagalheta, asquaes leuaraõ Sempre ao m.o do altar aõde
estaraõ op.e qn.do as administrà, Senaõ forno ep.o de lauar
dermaõs, q'f entaõ

hade esperar q' uaa op.e a lauallas ao canto do altar –

13. O ministro q' Serue amißa agora Seia irmaõ, agora diS
uca aiudem a auestir e
a despir ao p.e: a q.e Serue, Eentre tanto o Sachristaõ ou de
as ouuex aßenderaa

as candeas e faraa o mais q' for neceß.o no altar, q' q.do
e Sendo op.e ache todopres

tes – espuando

14. Enqn.to estaa o pouo Naigreja p.a a mißa, ou ouuindoa,
ninguemiraa fazernbu
Seruiço ao altar Sem Sobrepelis, ne' Sairao daigreja Sem
do bucu agora seiaõir
maõs agora diSucus –

15. Quando ouuer comunhaõ naõ daraõ olanatoris, ne'aos
da comp.a ne'aos de
fora q' lho calir, mas q' out.o uajo –

16. Aos Sabados atarde Se diraa a Salue naigreja cõ os uer
siculos e oraçoens co
mumente aotp.o q' Se reza no breuiario, E as m.cas q'
Se diraa empre a q.t acaba
da Setagera as auem.as edepois immediatam.te Sedigaõ as ledainhas an
tigas eacustumadas q'fapaõ de N. S.ra Co as oracoens
B.ta et gloriosa. etc –

Eno fim os tres P.r nostres E auem.as: e Salgu' psalmo
como he custume, ou
de ouuer paißo comodidade –

17. O off.o das candeas E Ramos cõ Suas procißoes Se
faraa como estano mißal
Romans edepois deop.e tomar pr.o para asditas cousas
q' maõ de algu' ou
tro p.e: Seo ahi ouuer as daraa aos out.os come cado pr.o
q' por p.e Seas ouuer
q' iraõ de dous e' dous cõ Suas Sobrepelizes restollas
a tomar as ditas cousas,
faze'do p.a reuerencia ao altar, e depois pondoSe de giolhos diante dop.e

142

& beijando lhe amas, qn.do tomaõ a cardea ou Ramos, & a poe elles damesma man.ra
faraõ os Irmãos & do lucus, indo co'suas sobrepelizes, & por se depois p'sua
ordem na capissaõ huã dehuã parte da capella & out.a & out.a & damesma
man.ra iraõ dedous e' dous, indo diante os do lucus, & depois os Irmãos, & final
m.te os padres –

18. Nas noites & greias especialm.te nas q' saõ mais principais, onde os p.es estaõ
aperto aia hu' fedate e'tre os home's e mulheres de altura & estardo de girithos
naõ seueido q' riba delle hu's aos out.os oql' seia leuadiso q' se poßa tirar q.do
quizerem –

19. E'n todas as partes onde os p.es estiuere' de aßento se
as romper da alua osins co' cinco badeladas p.a opous
E na's setania p.r posto q' os p.es se aleuante' m.to antes
pois os lapios estaõ entaõ dormindo e naõ lhe aproueita
aßi mesmo se tangerãõ a pregaçaõ a noite antes do dia
setorne a tanger pella menhaõ e hu' pouco antes q'
se sirua pa a mißa do dia, E nas mißas ordinarias
algu' sinal co' o sino dando huã badelada p.a apr.ta
guda, etres p.a atexcr.a etc. e hu' pouco antes do si

qual miſa he, co'forme ao q' se dij na regra de Sachristas –

21. Os sinos não se não de repecaraõ enno pao & greias senaõ nas festas do Natal, pascoa, aſcençaõ spto' sacto, corp.s xpi' aſumpçaõ de N. S.ra
E nas festas de onze [ns?] no repicar não se facem.to reza max p' mi's quadra este modo de repique aos Japoes, Enos mais dias se tanja como he custu me sem repique –

22. A es noites se diraõ as ledainhas dos sanctos dent.ro de sua ca, e não naigreia co' as preces sempoſalmo, Eas seis oracoés a costumadas na india S. p' pecetis, p' pontifice, p' Rege se nomear o nome, pro societate, pro Naugatib.us et p' ecclesia con.ta hereticos et paganos, e né nestas ledainhas, ne' anhuãs outras das cousas q' aſima se haõ tratado se acre centara nada sem ord.e do p.e proui'cial –

23. Os p.es & Irmãos qn.do renouare' os uotos teraõ seus do buces conforme ao costume da comp.a mas os q' fizerem apr.a uez os uotos formadosdos dous anos os faraõ eõ sobrepelis e có alguma mantr. de festa inter privatos pa ra os q' ficab ou ustos formados tereõ sobrepelis. E tambem Estolla os que forem p.es fazendose festa solene e publica conforme ao cus tume da Comp.a —

Da vni formidade que se ha de ter nos off.os
Da quareisma e somana Sancta. cap. 21 —

1– A cinza se daraa de lida com agua benta com forme ao costume de portugal, mas se for em lugar onde se possa estranhar, darse de lida como entre gentios se daraa a cinza empoo, dandose som.te na igreja p.a os p.es ou p.a algu's jrmaõs gr.des nab ouuer p.e. E nab se dee, aos xpãos pa alenarem a suas ca sas pa os q' ficaõ nellas fazendo bar, mas digalhes q' venhaõ ao out.o dia pa a tomar, saluose se mandar aa lgu' doente q' alguma p.a deuota e conhecida —

2– As sextas feiras da quaresma peuvre, se em toda a parte, pregacaõ de paixaõ atarde com disciplina ou solene có priza da na mesma igreja. E os p.es e irmaõs q' a tomare' não a tome' na igreja em publico, mas ou na sachristia, ou na capella, ou e' out.o lugar deman.a q' este' cercados có algu' biobu, ou out.a cousa pa não sere' vistos, e ordenhase ter auer pregacaõ solene aos xpãos a lguã cousa de paixaõ q' elgu' liuro, ou selhe rezaraõ as ladainhas eno fim tomaraõ sua disciplina —

3– Pera q' os off.os de semana Sancta se facaõ ao menos nas casas principaes q' saõ Reitorados, com deuida solenidade, e todauia as residencias não fique' carecendo de elgua parte da deuacaõ e solenidade destes dias se guardaraa a se guinte ordem, P.to m.e todos os p.es en suas residencias y curazaõ na soma na antes do Domingo de Ramos confessar ou reconciliar todos aquelles q' ouuere' de comugar em suas freguezias E ao domingo faraõ seu off.o e bencaõ de Ramos có ascissab conforme ao missal có a maior solenidade q' pudere', Enas missa deraõ nas residencias pegnas no mesmo domingo a co munhaõ aos xpãos q' se ouuera de dar a quinta f.ra E passado domingo na segunda f.ra haõ todos de acodir a suas Matrizes –f– as cazas prici paes q' saõ Reitorados cahi haõ de estar atee sexta f.ra p.a amentar

ajudando a confessar ea fazer os mais off.os q' e nella se faraõ có toda a solenidade, mas q.do os Japoes iançaõ có off.os taõ compridos se corta

143ras os psalmos do offo. das treuas de manha. gca
orto atce doz uerticulos, E depois de acabado o offo. se faraa adiscipli
ne acostumada -

4. Nas misas qm. selee aperiçab sehas de apagar as candeas, saluo se q for ainda escuro for necessso. alguã pa auer luz, Copr. despira auestim. E cobrira acabeça co o amito pondo aestolla atira me deq rigal, E acabada aperiçab tornara a tomar a casulla pa dizeroma is q fica en lugar do Euagel:o epseguira sua missa -

5. As misas de quinta, Sesta e Sabado Seraõ cantadas cõ toda asolemida de nes cases princi paes cõ canto chaõ ou entoado damanra. q se disseno ca pitolo . s. p. Ena quinta fa. de exdiçençes sepregaras omazdato, ex fa ran Gllos superiores, ou q algu~ outro pr. nas po natorio dos pees, eos q se ouuere~ delauar seiaõ Seculares, aql pregaçaõ elenatorio se faraa q q ser mais comodo E conueniente pa opouo q o tres dias naõse diraa mais q huã soo missa En sepoderaa tanbe~ dizer alguma priuada dento. os mais pos. comigaraõ na missa de quinta fa.

6. Ado sepulchro e encerramto. como apa cisab desesta fa. se faraa cõto da asolimidade copelio da pciçaõ emquai osarctissos. oleuaraõ ospes reuestidos cõ sobre pelijes, ou aluas Eestollas, Enabauendo tãtos pes Seraõ ainda dos dos Jrmaõs cõ suas sobrepelijes, Enes oleuaraõ Seculares saluo qm. ouuer falta depes. E Jrmaõs q'o poõaõ levar, enas pae facs nas seleue os to. Sacramto. mas hu~ relicairo ou image, entaõ leuaraõ opalio os mais nobres q ahi seacharem agora seiaõ repelos, agora cõ cabello sem leuare~ catanas -

7. No tpo da adoraçaõ decoruz da sesta fa. se torraõ logo ospes. pafaes residenais Sepcure qm. puder ser q aia sempre crucifixo q se mos tre Eponha ao pouo pa adorar, Epa auitar confusaõ chegaraõ as a dorar Ebeijar os pees do crucifixo Somte. os pes Jrmaõs edõze cus estons daterra, ficãdo o mais pouo pa adorar Etrcdia depois demissa fa -

8. Acabado o officio da sesta feira se tornaraõ logo os padres pa fazeré nelles o officio do sabado sancto e da pascoa es bezendo os fogos no dia do sabado sto. publicamte. na icleia nella fonte, E na pascoa faráõ sua vresureicaõ chamor rem-

9. Quando em alguma das casas principaes ouuesse tanto numo. de pesas q' naõ somte. baste bem pa se fazer co' solenidade os officios. na dita ca sa mas ta bem podesse emprestar algumas pase fazer da mesma maneira. e alguã outra das mais residencias como ordinariamte. se podera fazer onde estiver o seminar. ou collegio of Reitores das ditas casas daram ordem como tam

be se face ora en hua ora e' outra residencia das mais principaes, dizendo se missa cantada co hu soop: seras se puder com tres-

Da conformidade que se hade ter em dar os Sacramentos. Cap. 22.

1. O Baptismo atee se emprimir no no so Serimonial se dara diante do ar co da capella, onde estaraa hu banquinho cuberto co hu pano e hua candeia aceza en hu castisal e hu saleiro, posto q' en hu pires, e hu guinde de agoa co seu hicio e hua toalha limpa pa secar sobre a cabeça do bautizado-

2. op.e q' baptizanos Baptismos ordinarios teraa sobrepelis e estolla, enos baptismos solenes, ou quando bautizar alguã tono q'de teraa capa de asperges. E estaraa em pee e' mentes q' faz os exorcismos, e as solimidades requesitas pa o baptismo estando amaõ direita do banquinho, selus quando se rezar op.e nx' e creds se hade q' de giolhos virado pa o altar. E qn.do deastep tismo q' f' entraõ se pora caçicomatta as formas ou for bapt.o solene teraa sobrepelis. E nos mais bastara estar co seu sobre cu-

3. guardaraa e' tudo a orde' do baptisterio tirando algumas cousas q' se pode' estranhar e' tress ja pois, as quaes se haõ de fazer co outro modo q' pa elles pare cemaes Conueniente, as quaes saõ as seguintes. Pr.mte as cruces q' se mandao fazer na testa, e peitos dos que se haõ de baptizar se faraõ, sobre elles no ar algu' tanto longe q' sem lhe chegar as amaõ na cabeça, E no peito o ra seiaõ adultos, ora Crianças os q' se haõ de baptizar, E da mesma ma

144neira onde diz imponat manu super caput, Se faraa tendo amao este dida no ar Semlhe tocar na cabeça-

4. O 2º. onde se manda dar o sal naõ se pora p.elle na boca do q se baptiza, se fore adulos pa elles mas dar se ha co hũa colherinha na maõ dos mesmos q se baptizaõ se forem adultos pa elles p. si mesmos o tomare, e se forẽ crias se daraa na maõ da madrinha pa lha meter na boca, e se forcaõ baptizados m.tos se podera ajudar de ministros em dar o sal p. as cias formaõs vsa do fucus -

5. O 3º. q.do se da o cuspo he muy Estranhado e sepas he muy estranhado e se pas he muy estranhado. Quandose diz epheta etc. se deixaraa de dar ainda q seiao crias mas dir se as ditas palavras conforme ao baptist.l -

6. O 4º. Emmentes se deita a agoa e se dizem as palavras Do bapt.o se fara huaso cruz co a agua, dizendo Ego te baptizo in Nomine Patris et filij et spu's sancti; Eq.do diz Accipe vestem candidam, se pora sobre a cabeça a toalha p. q ahi esta no banquinho, E naõ a estolla, ou sobrepelis-

7. O 5º. E p.q agora aqui naõ ha oleos nemodo pa os auer ate q aia aqui bpõ se deixaraõ de dar no bapt.o mas qn.do os ouuer naõ se de com o dedo mas co hũa pena limpa acomodada pa isso q se teraa nas mesmas ambuladas do oleo, E se logo q acabado o bapt.o sobreuier algũa out.a p.a mais pa se baptizar, como acontece as vezes qn.do saõ m.tos os q se baptizaõ, p.q se reputa quasi p.lo mesmo acto naõ Seraa necess.o tornar a fazer de nouo os exorcismos, mas bastaraa baptizallo co a forma breue do baptist.l q pa isto estara feita-

8. Acerca do sacram.to da coforma caõ, qn.do ouuer e sepas bpõ, ou autorida

de pa poder dar este sacram.to se guardaraa a ord.e do pontifical Romano
E acerca do sacram.to da confissãõ p.saraõ todos da mesma forma em dar a
absoluicaõ dizendo Misereatur tui, indulgentian etc. E depois Dnus
noster Jesus Xpu's quiest sumus pontifex te absoluat, & ego autoritate
ipsius mihi indignissimo concessa absoluo te a bõni censura ecclesiastica
ca si quam forte incurristi inquantum possum, et tui indiges, deinde e
go te absoluo ab omnib.s peccatis tuis in nomine pris et filij et spu's
sancti, passio Dni nri Jesu Xpi, et merita Btae Mariae Semp.r Virginiset omnium Sanctorum
quidquid boni feceris, et mali sustinueris sit tibi
in remissionem peccatorum, in augmentum gratiæ, et præmium vitæ æter
næ Amen –

9 E Quanto ao dar os S.tos Sacram.tos draltar segurardeaorde do missal, E quanto
ao S.to Sacram.to da extrema unçaõ guardis ouuer priuilegio
leos segurardeuos of estaa notado no baptisterio –

10 O Sacram.to Do matrimonio tanbé se daraa diante do arco da capella tendo
op.e sobrepelis E estolla, ou capa qn.do os que tomãõ omatrimonio forem
pessoas grdes, ou outras p.as de grde estima, E of ministro teraa sobrepelis
ou lobaza co huá caldeirinha de agoa benta co seu isopo. E no altar se a cé
derão duas candeas e auendo de graos no arco nelle estaraa op.e cuxa comatte
[cgr.do] dea omatrim.o E pede seu consentim.to não lhes faça diger as palavras
tãoqui don faua etc. q he grde peio q tem em dizellas, e q ordinariam.te
erraõ em as dizer cos out.os riem, mas bastaraa q op.e lhe pregute se co
sinté no tal casam.to of lhe preguntaraa pellas palavras seguintes pr.o a
a Molher dizendo. N. Dino gonoquitecto Romano S.ta igreianovos
sedameno gotogu N. us sonatans votoni vosadame arucal que quer di
zer uos foaõ determinaes perxofosomarido? afos? conforme ao q mada
a lei de Ds E a orde da S.ta igreja de Roma? E se a molher for p.a q se lhe sia
de fallar p.a palavras muy honrradas diral da man.ra seguinte. N. Dino
gonoquitecto Romano S.ta igreians vonsadamenogotogu N. us vosto
nj sadame saxeraturuca? E depois de a molher ter dito us, ou qualquer
out.a palaura ter explicado o seu comsentim.to pergurtaraa ao homen
pellas palavras seguintes. N. Dino gonoquitecto Romano S.ta igre
iano vós sedamenogotogu N. us sonatans caumani vosadame arucal
q quer dizer foaõ determinaes a foas q uos famo her conforme ao q
manda a lei de Ds E a ordem da S.ta igreja de Roma? e se o homé for p.a
a qui se aia de fallar p.a palavras mui honrradas diras da man.ra segui
te. N. Dino gonoquitecto Romano S.ta igreians vósedamenogo
togu N. us von caumani sadame saxeraturuca? etendo o homen
respondidoqui q qualquer palaura que for, etendo op.e esmaõs deambos
huá sobre out.a co sobrepelis e estolha como he custume estando debay
xo a mãõ da molher, E a mãõ do homen enriba, of se hade fazer antes de

145op.e dizer as palavras sobreditas, Eestando ainda de
zendoas ao menos aia duas testemunhas presentes. E se
diga Ego vos coniungo in Matrimonium in Nomine pris et filij et spus
Sancti amen. oq dito aleuantar se ha op.e empee, e
ahi diante caxicomatte, dire opsalmo B.e omnes
mais oracoês conforme as ordenacoês do arcebispado De goa Enafinos
aspergeraa co'ague benta—

11. Quanto aos pregoês onde ia estão introduzidos como e' Nagasaqui se poderab continuar, mas p quanto te os Japoês qe n.a pregoados Eate gora p experientia seuee q'apuintas poucas q'min gue' acode a dizer nada, heindenabsha e' Ja peos q' nab selhe auer publicado, ne' serem ainda paispos capazes naose introduzi raô semparaser, Elicença dop.e v. pl—

Das Enterram.tos eoff.os dos defuntos.
Cap. 29.

1. Porq os Japoês tem Muita conta coos Enterram.tos deseus defuntos, p'conve dernisto satisfaçaô atodos, fazendoos conforme a qualidade da gente co conve niente solemidade q.to b.mte puder ser.

2. Onde forem petomar odefunto desua casa pello ordinar.o ou sejaô p.es ou out.os ministros q'uaô a fazer os enterram.tos iraô sêso brepelis ateacasa do defunto, Eahi se uestiraô, mas quando oenterram.to for solene dealgunum dep.es jrmaos e' Disfucus poderaô tambe' ir reuestidos. Eemorde' desde X.aça ateacasa do defunto, mas iraô sem cruz, ne' seleue acruz nos bracos, ca bertas coamanga, mas enqtoq' man.ra de enterram.to acruz semandara di ante metida en hu' facuto deceda dentro e' hu' canigo pese depois arruo rar en casa do defunto co'as bandeiras Emais cousas q'seusaô paasole nidade do enterram.to—

3. Quando os enterram.tos fore' solenes ede algus tonos q'ides e'principaes co forme ao q' os super.es Julgare' poderaô levar os p.es ou alguns, ou todos co as capas de asperges no enterram.to Econforme a a qualidade depessoa,solenidade q' em seu enterram.to seouuer de fazer serna o num.o dos tochai ros, ou candeas e o num.o das band.as com q' se ha de a acompanhar d'tal que o num.o dellas aindaque seja yacatam não exçada de doze, da forma q' foi ategora q' não quadrauaos japoês, me sma formamna quena congregação se deu, mas as candeas ou tochos sefios poderaô ser qn.tos osparentes quizerem, e o mais infimo num.o das band.as ha de ser du as ou cardeas, e dahi pa' riba se acrecentaraô conforme a qualidade das p.as e out.os dous, quatro e seis atee o num.o de doze band.as

4. Chegados q' forem acasa do defunto seuestiraô os so dellaes como estaa dito, ese aleuantara a cruz, ea sa hiraô en orde as band.as elogo que for o offi.o rezaraa so bre o defunto as oracoens do pr.o baptistr.o deqra emmentes se imprimir out.o no uo

5. E assino tpo q' morrerem como quando se uai fazer o enterram.to se farassi nal acostumado dos defuntos tangendo os sinos. E a procissão quando se leua o defunto seraa desta man.ra p.ra m.te iraa hu diante tangendo a campainha diante da cruz aql' iraa diant.e a acompanhada com dous tocheiros, e fazendo se o enterram.to en lugar aonde aia irmandade de nra sa, que a companhe o defu to, iraô os confrades q' me ordem com sua bandeira, diante, e depois se seguira

a nossa Cruz, e os ditos tocheiros apoz ella se seguiraõ as band.as edepois as candeas, ou chochins, atraz dos quaes iraa o clero guardando sua ordem f. indo pr. os sojacus descubertos da cabeça, e os formaõs depois cubertos co seus barretes, capoz elles os p.es e detraz se siga a tumba do defunto, e detraz della iraa a mais gente conforme ao custume de japaõ. Ese app.a quese o enterro for tono, ou out.a p.a principal q' conforme ao custume de japaõ queiraõ os parentes fazer alguma mais solenidade poderaa de traz da igreja ir hu o mais jeri cordia adiante da cruz da igreja se hu o mais cauallos do defunto a feumo do confeitados com seu tachi, armas e corba cudaman.ta que elles usaõ –

6. Chegando ao adro of leua a cruz se ponha diante da cruz q' estaa no adro, e pati o nom.o delle comas band.as e candeas a metade de hua parte e a metade de out.a da mesma tumba, e depois o clero ficando op.e que faz offi.o com outros dous p.es seos ouuer atraz da tumba, os quaes diraõ no adro as ora

146Coes cõforme ao dito pr. baptista. de goa, acrecentan-do se levaõ a coua o corpo. Se bencaõ da mesma coua cõ trista. de coimbra, eposto o defunto na coua op. q. q faz o offo. Scia opr. q' deita huã pouca de terra sobre o defunto–

7. Procurem tambe q' os herdr.os dos defuntos confor caõ as bamdr.as Los mais gastos do enterramto. quando pobres se levaraõ as bandr.as e pano de tumba de

8. Quando os q' forem fazer o enterramto. não soubere nrês. etres aue Mas. e uos alta cõ todo o pous Eng q' soubere' lex guardaraõ a forma do enterramto.

9. Se o Enterramto. for de meninos se guarde a forma

10. O dia da comemoracão dos finados se celebrem cõ ssa câtada onde puder ser, especialmte. nas casas cias pegnas. cõ missa rezada fazendo se alguma men ellas na q'lle dia pregacão em q' se declare o q' pertence dos finados, Enas igrejas principaes tambe se cante nos hu' Nocturno. Ene llas heratodes as mais residen se face huã pcissaõ p'lo adro indo op.e dizendo eas uo respondendo orate p eis. Echegando ao adro di taõ no baptista. de goa, qdo. se rezaõ nos cemiterios tos cõ agoa benta, edepois cõ o turribulo, finalmte. ze e' uoz alta tres p.e nostres etres aue m.as p'las almas dos defuntos–

Acerca do Enterramto. dos nossos. Cap. 24.

1. Postoq' em todas as partes os Reitores haõ de procurar q' os p.es q'estiuere' p'las residencias qnto. puder ser se venhaõ a curar, e p'llo conseguinte ta bem a morrer os q' falecere' nas casas matrizes e principaes, todavia por quãto as vezes ha cousas accidentaes e repentinas, eoutr.as vezes estaõ as residencias taõ longe, q' isto não podera ser, Enjria a alguma a cortecere morrer nas ditas residencias sem os podere' levar a enterrar nas ditasSefas principaes, da qui e'diante q' qlqr dos nossos pes q' morrer e' qualqr residen

cia terra conta o Reitor encuia iurisdicaõ esta de fazer q' ou na mesma residencia qn. se enterra se lhe faca seu acostumado off.co aomodo da Comp.a ou não podendo istoser depois tho facaõ qn. soubere sua morte na mesma casa principal, cantando lhe seus nocturnos, Etambe missa entoada a conformidade do fazendo q' acudaõ aodito off.co todos os mais das residencias q' constaõ da mesma puder ser, Etodos os pes E Jrmaõs daqla iurisdicaõ lhe diraõ tres missas, com as Coroas, pois todos são como de hua mesma casa e reitorado sos diffucucus the diraõ cada hu' hu' rozairo intr.o de certo E cincõcta ave M.as

2- Aos dofucus Erapados quando morrerem dos osp.es daqla iuridicab lhe diraõ hua missa, Etodos os Jrmaõs hua coroa p' sua alma, E sendo estado e'seruico da igreja dezanos lhe cantaraõ tambe' hu' nocturno, cosuas laudes Somesmo se poderaa fazer p' particular priuilegio co'algu' bne'merito ainda q' não in uesse estado todos os dez anos-

3. Quando se faze' os enterram.tos dos nossos seos q' morrerem p.es leuaraõ os p.es atuba, E se fore' Jrmaõs leuaraõ os Jrmaõs esendo dofucus leuaraõ os do fucus Enaõ auendo de cada grao tantos q'apossaõ levar seraõ ajudados osp.es dos Jrmaõs, Eos Jrmaõs dos dofucus cõforme ao q' os Super.es ordenare'-

4. Por qn.to en Japaõ não se escuza fazer aos nossos defuntos algua' solenidade Je mais das que acostumamos en Europa p' ser necess.a acomodarnos aomo do Eestillo dos Japoes: Etodaui he necess.o q' nisto aia termo pa q' se não faca algú excesso, assi os p.es como os Jrmaõs E dofucus se enterraraõ em caixas Eas caixas dos p.es seraõ forrados p' fora E p' dent.o de canga preta Eodos Jrmaõs p' fora de canga preta E p' dent.o de azul, Eos dofucus p' fora de co'ga azul E p' dent.o de xeno-

5. Os p.es se enterraraõ reuestidos cõ sua uestim.ta de missa cõforme ao cus tume da comp.a Eos Jrmaõs cõsuas lobas Edobucus pretos, Eos dofucus cõ seus auaxos ou catabiras aquis cõ seus dobucus pretos-

6. Na procissaõ seos dofucus for ainda meninos iraõ quatro band.as E se fo re' maiores seis Epaos Jrmaõs iraõ oito, Epa os p.es dez, Epaos superiores e'miuer.saes doze- Seo enterram.to se fizer forade casa.

7. Nos lugares onde estaõ as casas principaes p' sab reitorados onde comum.te se haõ de fazer os ditos enterram.tos aia semit.o apartado pa os nossos

147q estaria limpo E consertado, noqual comumte não se enterré seculares, senõ for algua pe. q de de cruz deuota com lca. dos superioes vniuerzaes se aia de sepultura dos pes. Se poreia somte. hua campa de pedra cortada, oude tijolo Aos [Echurambo?] q' este como hu' palmo aleuantado do chaõ co' hua cruz a leua'tada no mº. E da mesma manra. se faraa sobre a sepulta. dos jrmaõs edo jucus, mas as dos jrmaõs não se aleua'te mais de mº. palmo do chaõ e as dos dojucus serea quasi igual co' o chaõ. E pa os superiores vniuerzaes se mon do q' seu offº. se poderaa acrescentar hu' figagaia de pedra, ou de pao se poré outrº. e trezeiros e'nhua das outas. sepulturas -

8. Nas oraçoens nocturnos etc. e nos demais se seguiraa o modo do baptisterio segundo degoa do ano de . 83. atee se fazer baptistº. nouo onde se trate

dos enterramentos. dos nossos. E tambe' poderaõ ir nos enterramentos. dos nossos a confraria da mia onde aouuer e quizer acompanhar o defunto –

S. declaraçaõ das Missas q' cada p. dos q' estaõ en japaõ he obrigado a dizer cada anno, cadames, e cada Somana e Co'forme a disposicaõ fta. pº. orde' de N. p. gl. co' os ditos p.es pº. opº. Alexº. valigº. visitador. en Julho do anno . 92 .

Cada anno.

4. Todos os p.es diraõ No principio do anno hua missa pella Compa. E outra pellos fundadores das casas, colegios, E seminr.os de japaõ q' saõ o papa, Eo Rey de portugal. E pellos mais beftores viuos & defuntos.

2. E p.a as constituicoens seordene se digaõ nas casas & colegios p.a cada dez p.es cada semana hua missa p.a a mesma Compa. e cada p.e de p.a a esta conta sinco missas cada anno. E pella mesma Rezaõ diraõ outrª. Cinco missas pellos ditos fundadores, e pellos befeitores viuos edefutos–

Cada mez–

q. Todos os p.es dirao No princip.o de cada mez hua missa pella com pa. eoutra pellos ditos fundadores e mais befeitores viuos e defutos & outra pella conuersao dos infieis e Reducaõ dos hereges–

Cada somana.

q. Todos os p.es dirao cada somana hua missa pellos defuntos da Comp.a fazem Somadas todas estas missas cento entre todas co as quaes se cumpre diq.do cada somana duas missas .S. hua pellos defuntos da Comp.a eout.a Repartida como estadita parte pella comp.a pte pellos fundadores, e be feitos viuos e defuntos, e parte pella conuersao dos infieis e Reducaõ dos hereges.

Missas extraordin.as

q. Alem das Sobreditas Missas q. sao ordin.as hasde dizer extraordinariam.te q. cada hu q' morrer nesta prou.a defap.es ouuindo aella ca da p.e duas missas, e pellos q' morrerem na jndia hua missa, e pellos q' morrerem na mesma casa, ou Reitorado, tres–

q. Cadap.e hade dizer tres Missas p' qualq.er fundador viuo dalgua casa ou colegio da comp.a eoutras tres q.do o dito fundador for defunto conforme aos auisos q' sederem de Roma.

q. has de dizer as mais missas extraordinarias q'lhe encomendarem seus superiores –

+

Instruicam perapromouer ao
Sacerdocio aos Irmaos lapoes

1º. Se supoem que os Irmaos lapoes conforme a ordem q' Seagora guarda, p.a os q' sam deestar no Semin.o por espaco de tantos annos que acabem o Latim, o estudo de Vspam, o Comp.o Catholice uerit.s que se le pera os fundar bem nos principais misterios danossa Santa fe, e'aprenderem bem omodo de Cathequizar aos gentios. Peratodos estes estudos temnecessidade pello menos de outo annos; Acabado este estudo, estam nas Residencias por espaco de dous, ou quatro annos, quem mais quem menos, no qual tempo se exercitao empregar, aprendem atratar com agente, fazense homes; e juntamente a Comp.a ve' o pera q' podem prestar, ese sao pera ser Irmaos, ou nao- e acabandovos p.a serem recebidos na Comp.a os recebem, e'acabado o Nouiciado, torna aseruir nas Residencias

2º Se supoe' que poragora emmentes os Irmaos lapoes na preuaram melhor do que ategora prouarao, nam esqem ordenar todos aindaquetenham estudado oLatim daman.a que se faz com os Europeos, mas deuisse ordenar poucos, antes pouquissimos e'estes escolhidos; mas pera que todos se animem aestudar, e' aseruir cuidando que poderam chegar ao Sacerdocio, epera que os lays folguem de dar os s.s e'porques B.os ordenalos seus mans p.a hera fazer fundamento na ajuda que podem dar a Christandade por via do Sacerdocio. e'isto pollas seguintes rezoas q' muitas vezes setem escrito, e que por sy mesmo Sedeixao entender e'agora denouo seescreue a V. P. em bua particular

3º Porque se de se ordenarem pouquissimos, sequarde eocactam.te e so p.a comquem isto se consultou, forao do parecer que ficasse reseruado a V. P. assy como o esta o da profissam, e'mais grasso da Comp.a Demodo que quando o Sup.or julgar que haalgum Ir.mao quemerece, e'he conuiniente que seja ordenado, sa de tirar delle enformacão pello pontos abaixo apontados aomodo q' sefaz pera os graos da Comp.a Aqualenformacao setomara dos P.es que forao Sup.es dotal Irmão, ou tivera delle inl.ca noticia, que or sejam Consultores do Viceprou.l quer nao, tomada

149B

a enformação se comunicará aos Consultores, e julgandos se, que deue ser proposto o tal Irmão a V. P. pera selhe darem ordêes Sacras, se proporá, escreuendo o Sup.or e os Consultores cada hum por sy a V. P. o seu parecer acerca do Irmão sobreque se tratar de dar ordens, e julgando V. P. que selhe dem Ordens, lhedaram estudo de casos de Consciencia aqui em lapaõ.

4.o Que nenhum Irmão se chegue ao Sacerdocio que não tenha aca-

bado os 40. annos, por ser esta ydade nos Iapoês muito madura e que nos nossos, responde aos cincoenta polla natural fraqueza da compreição, e pouca virilidade, e efficacia das paixões. As rezoês que ha pera senão deuer ordenar nenhum Irmão de missa senão estar ay dade dos 40. annos sao as seguintes. 1.a que sejam melhor prouados. 2.a por que os Iapaês não aparentão tão cedo como o Europeos, e antes dos 40. são ainda muito mancebos. 3.a por-q' siruam mais tempo nos ministerios de Cathequizar, e outros arriba ditos, sendo assi que estes ministerios cejssam em grande parte com o Sacerdocio por senão como açerem tato, nem terem tempo pera elles, por lhes ser necessario perarezar, dizer missa e pera as confissoês. 4.a porque dilatandos se, tanto o Sacerdocio he mais facil ter mãos em não admittir multidaõ, porentretaõ hus morrem, outros com doenças se fazem inuteis ou inhabiys pera o Sacerdocio, outros se despedem, ou saem. &c.

5.o He bem guardar nas ordens dos Iapoês os intersticios da Igreja como ordenou o P.e Val.o de boa memoria pera que as estimem mais e pera que com isso se va mais devagar

6.o As partes que haõ de ter os Iirmaos que haõ de ser ordenados acerca das quais se ha de tirar a enformação sao as seg.tes 1.a que tenhaõ procedido bem na vertude, e principalm.te na castidade, de man.ra q' se possa confiar delles que sendo Sacerdotes, não deshonorram a o Comp.a 2.a Sejam dados adeuacaõ e recolhimento. 3.a afeiçoados a Comp.a e tenhaõ zelo das cousas della. 4.o não sejam afeiçoados aos Europeos, nem aos seus costumes por respeito da uniaõ fraterna. 5.a tenhaõ talento, partes, boa presença, e bom trato com oproximo assy Christaõs como Gentios, 6.o tenhaõ sayde, e forças corporais pera exercitarem os ministros do Sacerdocio. 7.a Sejas finalm.te sears que seja bem empregado nelles o Sacerdocio, e q' uniuersalm.te sejam tidos por merecedores de tal grao

+

Tratado q' Em Macao per ordem do Pe Visitador Francisco Passio fizerao alguns Pes doutos acerca de hum caso, cuja informacao se mandou de Japao a nosso Pe Geral mais Largamente.

Perguntouse se o Pe podiao ter Em Japao e tomar pera si aprata do ouro das suas partes, q' estaua pera se embarcar na nao de Andre Pessoa, e mandar as seu procurador residente Em Macao, q' chegando anao aquelle porto, desse outra tanta as ditas partes; E perdendose anao ficasse ella sem donos, assi como a ouveraõ de perder se ella realmente se embarcara. Nao se pergunta se foi bem feito assentar de mandar a prata na nao, porq' isto Ja esta prouado Largamente no tratado q' ves de Japao, se podiao fazer adita troca da prata tomando la Em Japao Em Macao lhe dar outra tanta.

Nao se repetem aqui as ressoens q' se derao no outro caderno, porq' se fizessem mais apontao se outras de nouo E tirao se alguas das outras pera mais aprouarse, E sao estas.

Provase q' o Pe podiao fazer adita troca, porq' nella Em nada excederao a ordem, E comissao dos costumes, os quaes tinhao ordenado q' Iha mandassem no

cedo, auendo embarcacao pera isso, Enas aquerendo lha mandasse na nao. Isto fizeram os Pes porq' nao auendo embarcacao no cedo a mandarao na nao, com ordem ao procurador q' chegando ella asalvamento, desse outra tanta, por cuja monta, como se lhe embarcara amesma prata nos caixoens, E porq' chegando la auia de dar outra tanta, naquial paga nao podia auer falta, porq' se sauer tafe de nao ter prata, podia pagar co' seda do pe q' hia na nao, ou co' adas Embaixadas aos acredores pello preco de Macao, ou co' a vender, E lhe dar prata, porq' adeda dos padres tinhao na nao valia mto mais q' aprata do ouro, q' tanto monta mandar aprata realiter, como mandar virialiter ao modo dito. He opiniao de doutores lida Em escolas, como se ve pello cartapacio q' apresentarao. He cousa corrente na India, E aprouado pella rota de Goa, como consta do mesmo cartapacio. Diria alguem q' isto nao val, porq' quando a solucao ista determinou foi Em hu contrato de respondencia, q' he diferente da troca q' os Pes fizerao, E nao val argumentar de hu contrato pa outro. – Respondese q' oponto q' a solucao determinou nao foi acerca do contrato, pois o contrato da respondencia, claro esta ser licito, Ejusto, senao acerca do seguinte, q' tomou aprata aresponder tomando riscos Em hua nao q' fora pera Malaca, laca, deizou de mandar aprata, E della comprou Em Goa hu palomar

150Sem fazer a saber adono daprata decomo anao mandaua na Nao, jperdeo se anas Emq ambos tinhao tomado prisco, og tomou aprata emprestada Disse q nada deuia pois anao se perdeo, o dono daprata soube como na nao, Eq della se comprara o Palmar, demandou aprata disendo q pois elle nao fora na nao, semq elle disse ser sabidor, oconbato nao ficara valioso. Fej ademanda a Relacao, aqual julgou q se perdeo q ambos os riscos na nao, tanto montaua ir nella amesma prata, como nao ir, porq hia vithaliber, pois se anao tomara afaluamento, og fada auia depagar oproprio co arespondencia, asicom cara, Econsequintemente perdendose anao ficou aprata perdida pollo dono della, asi como se aprata se embarcara, demodo q oponto q a Relacao determinou foi q tanto montaua ir aprata naliber, como ficar Em terra, correndo toda uin risco por seu dono, q he onosso caso, sem tirar ne por, Enas julgou do conbato, pois nao ha duuida ser injusto oconbato darespondencia. Item disse se atentar mto ser este caso corrente na India, como effm disso acha do omandatarios q cumprem co seus mandantes, se lhes mandao dar ouha tanta prata no lugar, onde omandante ordena, correndo seu risco. He costu me tam aprouado, nao se deue de condenar: seiral disso seja q os donos do ouro nas imbricas nisso, Evese noq effa dita Lorq trasendo dinhr o dos homes de Macao de Cochim pera ca, o empregao Em pedraria, pagando somte Em Macao ouha tanta aos donos della, og se funda na grossa ad legem siqua est. Dereceptis, qui'arbitrium est. q deue serer aquillo q me nas prejudica, Ea outrem he deproueito. Eisto he recebido, como se ve no caso dos asugueres q de Molina tras Disput. 523. Onde diz q hu home q vinha pera Lisboa Em hua nao q trasia muitos asugueres seus, Edepartes, o seu vinha Em barcos, Eos dos partes encima, chegarao ahua ilha, creo q alterceira, quis vender ahi al gum doseu asuguere, Emandar odinhr o por letra aLisboa por medo q tinha dos piratas, Eporq nao podia tirar osen q estaua no fundo, tomou odaspartes, Evendeo, dando as partes osen q estaua no fundo q era igual. Sucedes ser anao tomada dos piratas, Eos mandantes souberao, como elle na daria tinha vendido o seu asuguere, requererao aprata disendo q como era procedida dos seus asugueres, aelles pertencia, Enao aMandatario. Contudo o

Doutor Molina resolveu o caso em favor do mandatario, dizendo q pois elle flera atrocados asugueres, ficou traspassando odominio doseu asuguere nos mandantes, Eodos mandantes ficou sendo seu, Eq podia fazer tal troca, pois nenhu dano se seguia della aos mandantes, Eq se elles estiuerao presentes, Eforas preguntados, se eraõ contentes da troca, ouueraõ de dizer q' si, pois naõ the vinha nenhu dano, pello q' os asuqueres se perderaõ naõ se tambem aisso, porq' ordones do asuguere nemhua perda receberaõ, pois ainda q' se naõ fizera esta troca o seu asuguere ou Cosairos, pois omesmo dizemos nos, q' os padres podiaõ prata do ouro co as linhas em Macao, porq' disse partes, antes proueito, como esta dito, Eq' se naõ fizera se auia deperder aprata, pois seouuera deber embarcada nos mesmos caixoes.

Prouase tambem isso por hua Decisaõ do Gama qual passou por dous tribunais. fs. pelos desembargadores Paço. Ocaso foi, q' hu home se encarregou de cem crusados na Ilha da Madeira comprar asuqueres, e vilo rezder comprar certos panos q' la ha. Estando na Rochela couros Espapel teria mais ganhos q' nos panos, pelo q' boa daua adono daprata os panos q' auia deber comprado orquael acertou ter elle em sua casa. Eos couros Espapel fs. odono daprata soube oq' passaua, e naõ queria aceitar q' ja o papel, eos couros foraõ comprados co a sua prata. Contudo nos dous desembargos foi sentenciado ocontro, q' se o mandatario, pois delle nenhu dano seguia ao mandante. lhantes trocas podem os mandatarios fazer, quando se fazem dantes. Mas aqui podera alguem dizer q' esta troca foi porq' odono daprata pedia panos, eo mandatario lhos deu, o mandatario naõ deu ao mandante panos comprados do mandante, mas deu lhes outros semelhantes q' ja dantes Econhudo foi iulgada esta troca por boa, Eq' o mandatario dante, porq' tanto montaua comprar lhe os panos na Rochela q' ja dantes tinha em sua casa, porq' em substancia fazia tinha ordenado, esem lhe dar perda alguma: pois logo tambem dias levar aprata tomando em Japaõ ados donos do ouro, tanta em Macao, porq' em substancia faziaõ oq' os donos pedido, sem desta troca lhe vir dano algu?

Prouase tambem isso pela ley Si remunerandi. D. Si passus, et Co. Si pro k. ff mandet et S. Siguid inst. de fidei iussione. et. L. 12. ffº 12. par. 5.

151Onde diz, qui videt aliquid fieri in ipsius gratiam, et tacet, censetur id mi dare, ut prosequitur ibi no mandel, in id mandal virtute ac viris interpretatione. Vide Mol. disp. 548. Og suposto di Temos q porg ordens do ouro vindas q em Outubro o padre Procurador da Companhia lhes daua pa ra ja a sua prata delles, pois o ouro ainda estava por vender, mas as jehira tomada aos Parelhanos, e as antes pagas. Logo ex leg. Cil. censetur mandasse ut provid et expresse no mandauerit, in virtute et darunt similem permutatem. E por isso os Des como ederao os limites do mandado em faser essa troca, nem

outra tanta prata se a nao chegasse.

Item dato no conseito, q se nao guardara inteiramente a forma do mandado diz Mol. tom. 2. d. 552. Si forma tradita mandati no fuit servata ex omni pte vi mandati, si commodum tunc, quia nullu indie sequitur sed potius commodum unetur mandati servatum, ita tenet inst. mandal, et lege Diligenter. §. Vltimo. si codem etc. O temor porem mandar a prata a Macao na marra q os Des fizeram nemhu dans vinha aos donos da prata, antes proueito de pouparem os dous por cento de fretes q ouveraõ de pagar do dito dinheiro, por nao ser precedido de sua venda. assegurar o embarcarse a prata na nao, pois mto melhor em terra por ver o perigo q corriaõ nella, e nao poderaõ rem, guardo viaõ q a nao se queria ir, e a fação entregando aos Japoens sem conhecimento. E sem nada do perigo de se a fonegam, como us, do qual risco eraõ livres os donos da prata do ouro, em Macao, logo como quer q a estes donos da prata nao se proueito conistiu mandati servati.

Prouase mais serem os padres feita essa troca lícitamente, polas q corre por todo o mundo q quem diz eu seu feitor ou procurador q lhe de a prata q tem na sua mao nunca en talue se fri algu deposito mudado, mas contentase co amy ma conhia, logo tambem os donos de sua prata deue deser como de feito eraõ se anao chegara. Co banqueiros q guardao a prata alhea, os feitores q feitorizao a fazenda de diuersos nunca guardao a prata decada hu sobresi, mas toda misturada, auendo q pagando a mesma hi salem ainda q nao seja a mesma numero. logo os Des co duma faser em todo mundo, e o q fasem todos os mandatarios, e depositarios e consequentemte nao excederaõ o mandado, porq os mandantes nao lhe disseraõ de adineybor nuca guardão a prata de cada hum sobre si, mas pagando amesma com desenta no Louro satis faze ainda q' numero, Logo os P.P. se sua troca fizerão só de custu-me, oq' fazem todos os Mandatarios, e Depositarios, e se derão o mandado, porq' os Machados não lhe disserão sua prata numero, das especificaras tal, Logo se os P.P. derão amesma cousa, no q' tal não podia haver falturar não tivesse prata Veralhe se feda da Companhia p.lo preço de Macão, ou a vendera Veralhe a prata conforme o sobre dito cp. Mol. to. ist: onde diz Cahé scripta certa forma. Se Mandatarius bona fide rationabiliter egerit, madati actio p'te q' egit mandati rationabiliter facta, ita hih. Leg. 3. et Leg. od supposito de sermos de porquato os donos do Ouro, ne especificaraõ aos P.P. seus mandatarios o q' seria numero prouzida do Ouro, a des Pigaros Machados ao telhano, Logo epui mandati, não esta-vam a mandar amesma prata no. Mas bastaua mandar conforme se obro mais p.lo q' diz omesmo Molina G. q' Leg. Se procuratorem. S. mandati: et. S. man-datoré diversus mandatoris altrum mandati; hicnius eo n simplihoem madati: aliquod interesse tenebt mandatarius In sua negligentia et culpa ceptum, dato por, et no concefla q' os padres por sua culpa Enegligetia

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

emo tiaua nat.a e apunhaõ na Mao virtualm.te
aos seus donos, Logo em tudo gesserit utilit.r negotium
como o L. n'kothe presente, porq' ella dise mesmo
q' aura de vir a Macao por mar, e se acaõ teuo perderse
@ q' nel isto lhe pode prejudicar como consta p.los grimio
Dirá alguém, q' na L. Si pupillo. ff. de neg. gest. §. Sed et si; Se diz
q' siquis negotia mea gessit no my cõtemplatioe
Pasto scribit luum p'otuit, quod meum negotium gessisse,
os q' se fizeraõ esta fora pera seu proueito p.lo seu
grata, Logo não lhe ual o d.to de Neg. gest.
R.d. q' nam esma ley. §. Siquis ita, diz q' quando o neg. he de ambas
as partes, tunc nascitur actio negotiorum gestoris. E
porq' he a quella troca emproueitosa p.ra os P.s ta
donos da prata, Logo datur q' atribus actio negotioru g
tuis podraõ fazer aboca.
Dizemos mais, q' aquella lei som.te quer dizer, q'
não se deue meter a tomar o Neg.o som.te pera o seu p.prio interesse

153e proueito como se vé claram.te no texto; Enos exemplos q trará, Eda
Sua grossa, Cdo exemplo, q trará de oquir alledit animo Depredadi
por q' entaõ no orir perfeito de tho negohorum gebarris: Mas não hia,
q' se algue opfito Capit genere neqshium alterius, C no progresso
se offerecer alguma occasiõ deste e proueito, na mesma negotcacad
q' não tirhe em dano ao dono do Reg.o Se não possa aq Sueitar della
porq o comercio fora co anaturat equidade, Erezão. Jto mesmo acõte-
ceo neste feitorizacão dos S.res aquel não comeceou no mandar aprata
a Macao. Se não em vender o truro, pesar, aprecaar aprata, Eema
mandar, como na verdade daqes mandarão m.ta a seus donos, aqual
Receberão em Macao, Eem Japão entregaraõ Muita a seus Procuradores
q' mostrauaõ comissaõ pera arreceber, aqual todo se perdeo nallao
em q' eraõ obrigados a embarcalla: E os S.res não tiveraõ dho alguo
aoprueito, fek se não no t.po Demãdar agrata a Macao: Logo isto
nada lhes póde prejudicar, pois etudose ouuraõ comofieis negohoru
gestores. ~

+.
Tratado q' em Macao qizeradem ao P.e Visitador
Francisco Lasso prezado algus Padres doutos
acerca de hum caso, cuja informacão se mandou
ao Nosso P.e Geral mais largam.te

Pergutase se os P.es podião deter em Japão e tomar p.a
suas partes, q' estaua perase embarcar na Nao de An-
ao seu Procurador Rezidente em Macao, q' chegando ao
subia tata as ditas partes e qer dendose a Nao p.a fiesse o q'
eur donos assi como a outras e deporder se ella se alme-
Naste pergunta se por bemfeito afetar demandar aprata
esta provado largam.te no tratado q' veio de Japão, mas
se podião fazer adita troca da prata tomada la em Japão
sem Mdeao lhe dar outra tata.

Sobre Repitem aqui as rezoas q' se deraõ no nutro caderno q' se supõen, mas epoetamse outras de nouo, etiradose algumas das outras p.a mais aprouar e esobre ellas fundar outras de noua.

E rezafe q' os P.es podiao fazer adita troca p.lo nesso aordem, e comissaõ dos costumes os quaes tinhaõ orno cedo auendo embarcacao pera isso. E não auendo na Nao. Isto provao os Padres porq' não auendo cedo a madaraõ na Nao e a mandarem ao Procurador afaluam.te despre outra tata o q' tanto mota como se prata, nos caexos, e porq' chegando lhe hauta de qual paga não podia auer falta porq' se acertafe de não pagar a seda dos padres, q' hia na Nao, m.te aos a credores o seu preco de Macao, ou e a venporq' a seda q' os Padres tinhaõ na Nao valia m.te ouro. Que tanto mota mandar aprata e ealiter como ao modo dito. He opiniaõ de doutores Liola em Escartapacios e apresentai. He cousa corrente na India e aprouado p.la e placa de Goa como consta do mesmo Cartapaisso não val porq' quando a Relacaõ isso determinou de respondencia q' he difiriete da trota dos P.es p.a argumitar de hu contrato pera outro.

154Respondese q' opofo da Relação determinou não fir aurea do coftrato pois o coftrato da Correspondencia e claro e feo ser Licito. E ifso se não aurea Lo reguinte, qe efitimou a prata a responder tomando Viseo em hua Naõ q' hia pera Malaca deixou de mandar a prata Edela coq'bu em hua hu palmar Sem fazer ofaber a dono da prata de conto e não mandaua na Nao, perdestese a Nao em q' ambos tinhao tomado o rifco, o q' tomou a prata e perdeuia pois a Nao se perdera, a dono da prata foubes como a sua q' hia não pra na Nao Eq' della se cobrara o Palmar. Demandou depois elle não fora nellaõ sem elle difsoser sabedor ocoftrato Foi lbi a demanda a Relação a q'tal julgou q' depois de ambos os coftratentes tomado o rifco na Nao, fanto motaua hir nella amefma prata como não hir, porq' feria virtualiter, pois se a Nao tomara afsim a prata empreftada auria de pagar o proprio co la Correspondencia afsi como se a prata se embarcara. Eco requetemetes perdendose a Nao ficou a prata perdida p.lo dono della afsi como se a prata se embarcara de modo q' opofo da Relação determinou fri q' tanto motaua hir a prata de alter, como ficar emterra correndo todavia o rifco por seu dono, & se o nofso cafo sem tirar ne por. E não julgou do coftrato pois nao ha duvida ser ifso ocoftrato da Correspondencia

Jtem deuese abetar m.to ser este cafo combe nos da India como eladita a chando os Mandalarios q' cuq'rem co seus mandados ses her mandao dar ou batata prata no lugar onde o Mandate ordena correndo seu rifco. He cuftume e he aprovado não se deue de condenar; sinol disto fera q' os donos do ouro não imbiçaõ nifso. Euefe no q' Or. dos homes de Macao, de fe hirem pela ca, se empregao emfeu nome pagando fomete em Macao e ubalanta aos donos delle, o q' se funda na Ghoza ad legem siquia ff. de receptis qui arbitriu id q' dene sofer.

aquillo q' me não preiudica Eaoutrem he de proueito. E ifso he decidido
 como seve no cafo dos afuqueres do L. de Moftina na d. dispiut. 523.
 onde diz q' hu home q' vinha pera lisboa em hua Nao q' trazia m.tos
 açuques seus E de partes, o seu vinha em baixo E o das partes emcima
 e creio q' as terceiras, quis uender ahi alguã cofsa
 chegarad ahua Ilha, e mandou por letra a lisboa q' m.do q' tinha dos piratas, e
 por q' não podra tirar o seu q' eftava no fundo tomou o das partes. Euendi-
 do o seu q' eftava no fundo q' era igual.
 Dando as partes o seu q' eftava no fundo q' era igual.
 Sucedes ser a Nao tomada dos piratas, E os Mandates souberao, como elle mada
 fano tinha vendido o seu afuquere, requereraõ a prata, dizendo q' como era
 procedida dos seus asuques a elles pertencia, e não
 o Doutor Antonio de Palueo o caso de Infusor do Mandatario, dizendo q' pois
 elle priua a troca dos asuques pelou trespassando o dominio dos asu-
 ques nos mandantes, e o seu Mandatario ficou sendo seu, e se lhe seguia
 troca pois nenhum dano se seguia delle aos Mandantes
 presentes, e porazo preguintado se exão estes da troca, ouverão de dizer q
 sy, pois não se lhes vinha nenhum dano pollo q os asuques
 se mandates, moueo se tambem a isto porq os donos do asuquer
 dão a receberão pois ainda q se não fizera esta troca ofe-
 rião o mesmo sustento nos e os padres podião fazer
 esta troca da prata do Ouro e da farinha em Macao
 seguia dano as partes, a tes pouesto como esta dito.
 E esta troca tambem se auia de perder a prata pois se
 ouue os mesmos faixões.
 Proua se tambem isto por hua desisão do Lama de
 gastou por dous tribunais, e os S.ores desembargadores
 de Goa. O caso foi q hum home se encarregou de cem criados de hum
 amigo pera na Ilha da Madeira cobrar asuques, e hilos uender a Po
 cheo e nelle cobrar certo ganho q se ha. Estando na Rochella uio q
 se cobrava, couros, e papel, teria mais ganhos q nos
 chegando a Lisboa sauia ao dono da prata o ganho q
 na Rochela os quaes auerão ser elle e sua casa. E
 tomana pera sy, o dono da prata soube o q passaua e não queria aceitar
 os panos, dizendo q o papel, e os couros forão cobrados co a sua
 prata a elle pertencerão; co tudo nos dous de Zebargos foi sentenciado o caso q se
 havendo por boa a troca q fez o mandatario por q não se seguia nenhum dano de
 seguia ao mandante. Logo se mestas trocas pode os Mandatarios fazer
 quando se fazem sem dano dos mandantes. Mas aqui podera alguem
 dizer q esta troca foi julgada por boa por q o dono da prata pedia panos
 e o q respondemos q o mandatario não deu ao
 mandante panos cobrados na Rochela e todos do
 outros, semelhantes e q a dantes tinha e sua casa. Recebido foi julgada
 esta troca e boa e q o mandatario nada deuria ao mandante por q se os
 panos na Rochela como dar lhe os que a dantes
 tinha em sua casa, por q de Julianeira se faria o q o mandante lhe tinha or-
 denado. E sem lhe dar perda alguma, pois logo tambem os S.res podião trocar
 a prata tomada em Japão a dos donos do Ouro, e dar lhe outra da sua e Macao

155E emsubstancia faziao os dos clonos dagrata dechinhao pedido sem
 desta boca The vir dano algum.

Prova feta bem vdo polaser si Remunerandi: d.
pro le ff. mandet. et d. siquid in fr. defidee rubrone, et L. 12. H. 12
par. 5. Onde diz. qui uidet aliquid fieri in ipsius
rei madare, acproind q. ad no mandet, solad in
instrucone Vide M. Trip. 5487. O que suporia
os donos do ouro, uvaõ qem Outubro opadre Dr.
lhes dava por principio depaga nata a sua prata
ainda estaud por vender. Mas agretinha comeca
co verem isto celaramse, antes folgarao. Logo. d.
mandass semilem promutasem acproind. q. eassic
et iurif inqstaõib manderunt similem permutasem
como Mandatarios nao exederas os limites do man
troca madanlhe cada anno outra Cata prata se
Item dato et no excessõ q se nao guardara inteiram.te
diz Mol. tom. 2. D. 552. Seforma tradita madati
e. amandans tu comodum tunc quia nullus indie
diciu sed potius comodum cesset madati seruatio
exequit inst. mandat. et lege diligeter. S. Vltimo
pois q emmandar agrata amalao na manya q os
dano vinha aos donos dagrata, ates proueito depou
defetes q ouverao depagar do dito Dr. por nao
Lenda q viesse no Theo. Item asegurar o embar
pois muitos seforiao emparcer agconhad etra
nas nella E nao puderao por os Lames opprohibire
se quera hir, Ea hiao entregando aos Lapois sem
to porgo desta sonegarbm como deposito a Equis a
erao Liures os donos dagrata do Ouro, aque se
Logo comoquer q aesses donos dagrata nao lhe
proueito cenfret madati seruand.

Gualemais terem os p. seria esta troca licitam.te
aut quem diz ao seu feitor ouprocurador qlhe de
mdo nula E dado o mesmo numero seLuo seki alg
mas cotentese co a mesma coza Logo tambem os d
deser cotentes desta troca como deposito prab se
banqueiros q guardao agrata alhea, os feitores q
os feitores da fazenda q' lhe mandassem a sua prata numero, nao especificarão
co' lhes mandão dar ca a mesma conha, noqual nao podia
auer falta porq' que
do Procurador nao husse prata dera lhe a Sra da Companhia q' vinha na nao,
pelo preço de Macao, ou viera, edera lhe a prata.
Confirma se sobre dito ex Mel. Lo cito onde diz q' quando in mandatione fuit
scripta certa forma. Si mandatarius bona fide rationabilr q' mandatu exe
quatur, nascitur vtrinq' mandati et alio pst, q' cogi mandat' stare executioni na
dati rationabiltr facta, ista habr leg. 3. et leg. Si quis ff.
Dissemos q' por quanto os donos do ouro nao determinarão,
q' se lhes mandabario q' mandassem a sua prata ppria no
antes Alvara quando lhe mandaraõ aoor Castelhana, logo
estauao os Pes obrigados a mandar a mesma prata no. no
dar ca outra tanta. Confirma se isto mais polo q' diz o

abaixo Fl. 1941. S. 9 leg. Si procuratore. T. mandati
mand. licet habemus competere mandatori aduersus mand.
quatenus ex n' impletione mandati aliquod interesse cessat
-tur mandatarius, si sua negligentia et culpa no egerit
Dahi, pois, et n' conceito q' os padres por sua culpa enegligencia
hramte omandado os negamos, contudo porquanto desta
seguia dano nenhu aos donos se a nao chegara antes porem
perdendosse tanto se auia deperder, tendosse nella embarcada
qes por causa desta troca nao lhe derao perda, logo se segue
nada aos mandatos, q' mais q' nenhuã culpa, ne negligencia
do mandado. Jtem dahi, et no conceito, q' os padres excedessem
os limites do mandatario; dissemos q' o mandatario q' negocia
sem dispendio in gram mandati n' tenetur nisi de dolo,
claro esta q' aqui tal nao ouue, logo os mandantes nenhuma
padres por nao ter embarcado a prata naliber na nao.
Dabarius, tenaz ex dolo, et lata culpa, prouasse ex lege
doto, leg. item in principis leg. Jdus ff. mandati. Et
trabs. ff. de regulis iury, diz q' nao esta o mais obrigado
Dahi, epelo consequente assi como no comodato distinguimos
fit, pera dahi deduzir eaquanta culpa teneatr a si motra
tinguir no mandato, Eassi prialmte distingue a grosa
fine mand. Edeuirtute q' afferi entendem q' entao fora

156daharvis ex lata culpa, et dolo quando tiuer dado dano
forçori menos estara obrigado se lhe nao tiuer dado
culpa, pois co D. nas demao dano nenhu ao seu man
dado, ne huera dolo, ne lata culpa, mas so peras bo
porq se do omandatario q leua fasenda domandante
gar, ou gastar mal sabe domandante, E se for disso con
sorgar amais q se anao chegara a Macao sabiam
prata quanta lhe yigou ou gastou mal. E se elle ficar
procuradores q asi o facao, E caso q anao se perca sei
do mandante asi como asi se auia deperder logo o
rad afraba dor donor do ouro, E mandarao q ca selhe
nao chegase abaluarto, comprirao co ordens do ouro
cousa algua.

Perguntase mais, q asi como temos sufisientissimamente
pro

uatario podias faser esta troca, E tambe apodias
prata, daqual poruentura nao eras mandatarios, mas
sores.

Respondese, q tambem como negotioru gestores opodia
presupoem q entre omandatario E negotiorum gestor
datario se conprihie imposihone, E aucisee. mandah:
mas negotioru gestor se conprihie somente ex re al
mandado expresso, ne tacito, antes sem disso ser sabed
od idem claram.te m fas leys co a l. Siquis. ff. de negot.
ff. mandah. Ex lex. Tubri. C. de negot. gest. Che cousa
fida dos doutores.

2o. Soponho q asi como omandatario Jaconsultado pod
vulgar ser neceso proueitoso E conuiniente pera com

sem por ysto poder ser requerido domandante, asi ta q se tehem entregue do negous, pode licitam.te faser ajuda pera valiter gerere negotium ram susceptum. obrigacao de valiter gerere negotium: logo podem lic ajudar pera isto. Isto tambem claram.te espoem as leis, tes, q algr valiter gerit negotium alterius, semper a gestoris, logo espoem q onegotioru gestor posse faser his obem donigocio valiter gerendo. Siquis denegot. ge por m.to R. P. Liserun, l. ff. denegot. gest, E omessmo seEm hrdos et per denegat. gest. Porq esta diferenca ha entre

gohoru gestor q o mandatario nao pode preterir, ne farir da danke the der, Econsequentem.te fica atado aella, mas fica atado a cousa menhua ahiliter gerere nege horu sueptri inda mais seure q o mandatario.

3o Soponhoq pera algu ter auzao denegohoru gestor abasta q negohuimgirere, Epor isto se sem sua culpa onegocio nao nada the proueito como esta definido, Eexplicado co ex autem p. de neg. gest.

Soposto isto q. Visto como atrocar daprata aomodo onegocio dos donos della preneistamte pontauas thes os fretes, opodias fazer como negohorum gestoret. Vtem krias aprata doperigo Eapunhas nanas visitaliter, Ea mandauas a Macao hido gestorut vtiliter negotium. Orisco q aprata correu porq ella desi mesma tinha, pois era prata q auia de vir a Macao por mar.

Se aconteceo perder se, nas foi culpa dos Des, ne isto lhes consta pelo primr. Soposto.

Dira alguem q na L. Siquisilli. ff deneg. gest. S. Sed negoha mea gestit ne mei contemplatore, sed sui lucri suum potius qua meum negotium gessisse, sed si est q os Des por sua propria vtilidade peraser proueito, pola necessidade q tinhao deprata, logo nao the val d.to de negot. gest.

Ra q na mesma ley. S. Significa, diz q quando onego he de ambas as partes sui napiter alius negotioru gestorit, Eeste he onosso caso, porq se aquella troca eraproueitosa pera os Des, tambem oera pera os donos daprata, Logo dahux atribui alius negotioru gestorit, porq como tais podias fazer atroca.

Diremos mais q aquella ley somente quer dizer q onegohoru gestor nao se deue meter atomar onegocio som.te pera seu proprio interesse, Eproueito, como se ve claramente no texto, Enos exemplos q tras, Edahua gra tras, de agis auedit animo depredandi, porq entao ne oritur per seste alius negotiorum gestorit: mas nao tiraq se alguem vtiliter experit gerere negohu alterius, Et no progresso. Se offerecer algua occasiao de seu proueito na mesma negociacao q nao forme emdano dodono donegocio, senao possa aproueitara della porq ocomercio pra edanatural equidade Eresps. Isto mesmo aconteceo nestafaci

litacao dos Des, aqual nao comecon nomandar aprata a Macao, senao em

157vender o ouro, pesar, arrecadar aprata, E emam dantes mandarão mha a seus donos, aqual receberão entregando mha a seus procuradores q mostraraõ comissaõ pera a receber, ag.

R.dos leperdes na não Emg. eraõ obrigados a embarcala, E os P.es não hueraõ olho a seu proveito sen, senaõ no tempo demandar aprata a Macao: logo ifso nada lhe pode prejudicar, pois Em tudo se ouverão como fieis nego.tiorum gestores.

+

Pera Ver–nosso P.e Geral.

1612

Se convem admittir Japoes a Comp.a

Entre os Sujeitos da Comp.a q ao presente ha em Japaõ, os q. Draquenta os Sete saõ Per.s e os demais Jrmaõs: E destes hu hera E an[ti]guo nesta terra querendo se istud a Comp.a receber eo [a]gente servirmonos de VJ huus som.te nos ministerios q exercitamos E os 8.or E quotros polla parte contraria não faltas algumas rezoes, como ao deante apontarei: todaura parece q mais coue a tabelo, E do Spirito de nossa Comp.a nesta Prou.a não se ad–graõ, como alegora se admittiraõ; porq naverd.e parece q capacidade pera taõ alto estado. E zouarei esta opiniaõ

1.a Primeiramente se atentamos a compreição corporal de Le vigor, forças, E calide q se requera pera n[os]s[o]s Jnstituto: não aque n[os]s[a]s regras nos obrigaõ; mas ne pera o trabalho q temos So de preseder nes[t]a mesma cultivação com o Belo E seudo e cuidado de não defcair na propria perfeição, antes de obrigação do estado religiozo. E serem os Japoes des[t]a fra pos comeres, com que se vesto, q saõ os mais leves q virmos coer q conhecemos. Donde nace q andag não tenhaõ o poeder q vemos nos de Europa. todaura a cada passo adoecem; mograõ dados a tomar mezinhas, ainda estando saõs. E home saõ lhe emberulha o estamago o cheiro da mezinha iaõ lhes abre o appetile qualquer cousa se lhe dizem q he a quanho esta inclinação nelles chega, trarei hu breve exen por grande remedio p.a certas doenças. Indo hu uez a folgar lugar de recreação. E alguns delles acharaõ Emalvareo bria; Ereca em talhados atomeraõ estando lhe ainda palpitando, manx come quaregi ou[tr]as immundicias por não tenhas q. virtude medicinal. Este he certo de os Japoes por serem fracos na guarda de n[os]s[o] Jnstituto igualarse aos de Europa, não sofos os p.es Eurogeos, q ca estamos; mas ainda elles proprios escutaõ quando os Sup.res os apertaõ; Dizendo q não devem ropeos, pois nos saõ taõ desiguaes na compreição. Lembro Sacerdote, me dixe q se os Sup.res esperauaõ dos Jrmaõs Japoes helo procedessem como os de Europa, q melhor era não receber não tinhaõ compreição, ne forças pera isso. Jsto pois q se Santo P.o Jnatio requiere nos que haõ de entrar na Comp.a bus fervo postind Jnstituti n[os]t[r]i labores: E faltando isto Saõ não ficaõ taõ aptos pera serem admittidos a Comp.a

2.a Não ha duvida senaõ q a boa criação q hum tene fundamento pera o exercicio das Virtudes, E ministerios d giaõ. Dos Japoes he manifesto q criaõ os filhos na mayor

nen hua nação, daq. neste Oriente conhecemos. Lorq arede
appetites da natureza, ne os douberrinaõ nas virtudes moraes,

[marginalia, right side]

q.ult. p.i.c.r.

s.11.

[footer]

159cios contrarios a ellas; ne tambem os Pays se atrevem a castigar os filhos. Eas Majestra
es aos amoxgados como a Sres. As Escolas ordinarias, em q os meninos nobres genhosos se
crião, e aprendem sua letra, e as cortezas politicas, são as Varelas dos Bonzos, aonde
cometem grauiiss. abominações. Pois nação tão mal criada, e q ainda depois de rece
ber o S.to Baptismo pera chegar ao estado de qualqr bom Christão de Europa, tem
m.to q desbastar, e reformar: como aremare pera professar hũa instituição tão alto, e
de tanta perfeição como he a da Comp.a de JESU?

§ 3.o De mais da fraqueza natural da compreição, e desta roim criação, tem estes ho
mens alguns vicios connaturais q nasce emorrem com elles: os quaes parece q de rosto
arostra emcontrão aquella boa, e bem inclinada natureza q tiverão os q fossem admitidos a
Comp.a

Eaõ q fale por esta opiniaõ q vou provando, botarei brevemente alguns. A primeira
falta natural q podemos notar nesta Nação, he sua grande inconstaneia: a qual posto q
o vulto diella q era comua aos Insularios: todavia aqui parece q reyna mais q em
m.tas outras partes. Porq ate os tempos são tão uarios, q por mais clara e serena q ame
nha se veja, não nos podemos prometer tarde de bonança. Não poucas vezes em hum
momento se tolda o Ceo, e succedem rijas tempestades, e raives de sagente: donde nace
revoltas e guerras q por tantas centenas de anos correm em Japão. Por mais q appetiteão
hũa cousa, depois de possuida, logo della se emfastiaõ. Desta raiz nasce os continuos
repudios das molheres: os quaes são aqui tantos, e tão
comuns, q ja se tem por custume ordinario sem serem estranhados dos naturais. Os mesmos
Japoes acaba patho se mudão de tristes em alegres, e de alegres em tristes: oq fale aos cria
dos andar com hũa continua pena de ver se os agrada ou não. E com o mesmo cuidado
elles. E com o mesmo cuidado procuraõ quando o visitaõ de o tomar em tempo q esteale
gre. Esta mesma inconstaneis mostraõ em receber, e deixar nossa santa Ley: de sorte
q creyo, pella experiencia q tenho de perto de 22 annos q ca estou, q dos q se fizeraõ
xpaos za adultos, mais são os q arrenegareõ, q os q perseveraraõ na Fee. So no rey
no de Fingo de trinta mil xpaos q a li avia em tempo de Ag.el P.e Tursencami done
Durido se agora avera mil q o sejaõ. E uniaõ como Cais, e Dgo isto, porq tenho
aquelle reyno a minha conta, indo cada ano dagui hũs P.e a visitar os fieis q ali
ha. A esta inconstaneia aospanha outro vicio, q he serem em cabo fracos. Enemigos
dos nog falem e aprendem, devião de vencer de qualquer difficuldade q selhes abra
veca, perdendo logo o coração. E dado q as vezes se mostraõ impetuosos em algumas ac
ções, todavia ofe impeto todo he como fogo de polvora q logo acaba. O mesmo esti
lo guardão em suas guerras, mostrando se nos primeiros encontros furiosos: porem
se achaõ resistencia, perdem o animo, donde nace q rara he a fortaleza q em Japão lofea
dousmelles fieires semk render. Sobre esta fouxidaõ de animo, são tã dados a boa vida, e
aromer, beber, e covites, e inimigos de tudo o q lhes pode causar molestia. Sendo im
m.to preguiçosos. Sendo pois a inconstancia e fouxidaõ de animo tão universal, e na
tural aos Japoes, parece q he de nelles o servir impedimento dos Secundarios a Noth
D.i.c.2.s.11. Santa. E aponta nas Constituições. Inconstantia, vel remissio animi notabilis etc.
E por conseguinte q não são tão aptos pera professar nisto instituto.

§ 4.o Outro vicio natural dos Japoes, e que parece q trazem da doentia das Mays, hese: remem sumo grao mentirosos, refalsados, e inclinados a enganar, de forte que [403]o saber mentir a seus tempos, e fingir se q' lhe parece necess.o; otem por regra de Goa e videncia. Donde nace q' como o mentir entre elles se não he tambem Dizer ahum nas barbas q' mente. Spolo custume q' tem de dizerem entre sy alguns formais Japões o dizem tambem aos Pes de Europa quando lhes contaõ alguma couza fas q' elles não crem: postoq' ca heimaiz certo nisto os Japões q' delles dizem q' o Japão tem dous corações, hu~ q' comunica aos aos intimos amigos, o outro q' guarda so pera sy. Com outra uina creatura o saber. Daqui vem q' todos se regeao sempre huns dos outros; ate os lays, jenaõ fiaõ dos filhos, nem estes dos Pays, Em.to menos os Irmaõs entre sy. Bem q'ca dissimulação Japonica dous ans ha, q' os Arimadoens, q' tinhamos pella principal colonada Jepandade de Japão, pretendeo com falsos fingimentos, e jurame~tos falsos enganar ao Sor Bispo, eas P.es Vis.or e P.e Provincial Nas as capitãs mor da China Andre Pessoa, e vir a nossa der, ou matar, e tomar a mesma Naõ, Segundo V.P. sabera za largam.te S ainda agora o filho moçado do proprio Arimadono se tem unido em secreto nador genho de Nagasaqui contra o mesmo Pay. S foi a sorte com beneao do o excluir deltas terras, e ficar se com ellas; S quasi tem alcancado og' pretendia. Spostorgas exteriores de Jejeção e amor; e todavia teme q' elle lhe de peco nha; e por esta causa za antes q' daqui se partisse trazia tomada a meide. O proprio P.e Alex.o de boa memoria com ter taõ cordial affeição a esta nação: todavia no pr.o livro de seu [affuerismo impresso] comersione 5.a falando destes enganos e fingimentos dos Japoes, diz estas formais palavras. Se invice~ deficiant, et passim decipiunt: ubiq~ doli, fraudes, et insidias Dominantur. Sexum hocs fidem po peram violantur etc. Pois sendo taõ importante pera o bom governo da Comp.a e pera o bem proprio de cada religioso della a fidelidade e clareza co~ que hemos de descobrir nosso coração ao Sup.or; e como tal emcomendada taõ emcarecida mente nas constituicoens por nosso Santo P.e Inacio. Sendo tambem averiguado q' como dis semos, os Japoes com o leite mamaõ o fingimento e dissimulação, e o fechados corações aos out.os; parece q' tambem por esta razão fica esta nação menos apta p' nosso Instituto. C.o 5.a Naõ he nesta nação inferior ao passado o vicio da Crueldade: dqual he nos Japoes taõ natural, q' se pode duvidar se ha gente q' m.to os iguale: porq' com o leste mamõ hu~ desenfreado appetite de derramar sangue humano. E hu~a das mayores recreações q' ha pera elles he matar ou ver matar homens. E por isso senaõ estranha o ver q' os R.es antes he costume ate os proprios Daymios, q' são os principaes Sores de Japão, matarem p' suas per sua propria mãõ os delinquentes, fasendo os em postas pera provar o fio das Cata nas. [cimbrame q' estando eu em Firoxima debaixo Fucuxima dous primo de Tascico, e S sor de dous reynos, q' se entaõ tinha mocheos per sua mãõ mil homens: S q' antes de morrer esperaua de matar outros mil.] E como por hua parte todos agui, particularm.te soldados podem matar a seus criados sem ninguem lhes ir a mãõ: E por outra tem estar nisto mãõ e sede de matar gente, são as mortes sem conto. Muitas vezes bios, sabendo hu~ soldado q' o outro mata algu~ seu criado, mandar lhe pedir hu~ pedaço do corpo pera o saber em postas procurando o seu tereçado. [Cuhumas tambem mandandelin quente algum seu amigo, percaq' em sua casa o mate procurando nelle a espada: E haõ que he presente e favor q' nisto lhe fas o amigo.] Eu ui com meus proprios olhos em terras de genhos alguma vezes, q' vindo caminho alguns, e achando no campo corpos mochos amosta

160Iha dos em cileiras (porq. am.te a gente baixa os Lancas falhas co as arvores e alegria. E depois com grandes risadas

nenhu dos caminhanes q' passavão, nisto reparavão, por ser
guma minima do nosso Semin.o falerão de cera corpinhos
les por reverença cortarhe a cabeça, bracos etc. O q' decla
uou falando. Os Lays frequentem.te senão ou mandão os
os padecentes. São ueles thes falem q' dem cutiladas nos
cadinhos q' trazem logo desde criancas, pera comisto pe
dade q' fanto nelles reina, he causa de não teres co's paixo
m.to se estão evindo dos merens e esgares q' lhes uesfals
padecer. Deste mesmo vicio lhes nace tambem serem e
seguinte desgarradecidos: E isto se emxrega ate entre
o filho matara ao Pay, se o Tono lho mandar, como se
do nas annuas antigas. E os Lays tambem matão os f
fez Freuxeimadono ao seu Morgado. He mui ordinario
nacendo pondolhe o pe no pescoço, ou esmagandoas. E
desterrar este diabolico custume: de algus sei q' malour
do, e outros abortando co' certa erva q' ca ha. O matare
E isto o fase frequentem.te menos ha de hũ ano q' morrere
se matarão asy mesmas rasgando as entranhas, como
gente nobre pera o aio panharão na pulcra vida: E os L
forco, mas por grande virtude. Esta crueldade dos Jap
dos outros: confirma tambem o Pe Alex.e de Goa mem
feriaonde logo depois das palavras pasadas, immedia
inter eos nulla pietas, misericordia nulla, nulla charit
se ipsos viberimunt, et alij alios impune trucidant:
Digo pois q' sendo tão importante ao Religioso da Comp.a
compassiva das miserias alheas: não som.te pera fome
entre nos: mas tambem pera acudirmos as necess.des
beatamos, faltando ella aos Japoes, antes tendo em t
que tambem isto proua q' não armão pera nossa Ju
& 6a: Outro vicio q' geralm.te tem co'taminado esta Nacão,
mais de setecentos anos q' esta peste e fogo infernal se
terra, sendo o pr.o autor della certo Bonzo por nome
mada Kuingonxi, q' passando a estudar a China, trou
qual esta aqui tão autorizada pelos proprios Bonzos
tipais q' a usão, como por palavra, e escritos, q' não a
apregoão por virtude. Jembrete q' em certo Livro co
o mesmo autor q' esta foi a semente com que se sendou
Sião China, e Japão. E acrecenta ser esta hua confa
mos Fotogu. E q' certo fotoge chamado Monfu, po
ubore tão fea abominação, The derão nome de continu
cos a se renderẽ aelle, eserem q' os q' lhe tiverẽ a
uardes, e de fraco coração. E tais raizes Lansou est
ponhualm.te na opinião da sua gentelidade, como eq'hao q' fica menos cabido, & q' he p.co pouco
amoco q' persuadido de algua pessoa hon
rada se nao rende. Algus de lesuis q' antes de entrarem em
desta parte, me dixerão q' por serq' naturalm.te lhe sentiaão asco, & auersão q' por nao
ficarem afrontados de couardes, & affeminados, se rendiaão. Ehe este vicio tão ge
ral nesta nação q' me parece rarissimo moço secular se
achar q' chegue aos vinte
anos liure desta contagiaão. porq' do uentre da May parece q' trazem hua nota
uel inclinação a elle. E como se nao tem por deshonor, antes os Conhos ouendem

por uirtude (segundo diziamos) elles mesmos sem nenhum pejo fazem conuios os moços q' chamaõ Vacaxu, co o cabells comorido, & bem composto, e uestidos o melhor q' podem. Os soios principaes de lapaõ todos tem alguem, ou alguns pagens q' lhes ser uem do mesmo, E os proprios se honraõ de sere nomeados por taes: E o mesmo se sabe os outros q' tem criados, particularm.te soldados. Ser esta abominação tão uniuer sal como tenho dito, & nao se ter por deshonra, o afirma tambem no th.o B.e Pe. Fro es na pr.a carta q' de Cangoxima escreueo aos nossos de Goa no mesmo ano de 1549. em q' chegou a lapaõ. O mesmo confirma o Pe Alex.e Valign.no no pr.o liuro de seu Cathicismo impresso. Coneio. 5.o aonde vindo tratando desta abominauel torpeza, aere centa. Hinc fit ut iste pueroru[m] usus in Japonia passim et ubiq[ue] vigeat: et quod penis est, cu[m] hoc crimen et scelus post idoloru[m] cultu[m] sit simplicissimu[m], et immun dissimu[m], et max.e detestabile, suauit tamen Bonzioru[m] reshonesta, et sancta censetur. Daqui nasce o continno cuidado, com q' sempre andamos uzando aestes de lapueis, & moços q' temos em casa, & com tudo nao se deixa de auer m.tas miserias pola natural inclinação q' tem a este mal. Ehe certo q' tanto, ou por uentura mais moue a he lapaõ auista de hum moço de bom parecer, do q' a de huã donzella. Pois sendo este uicio tão abominauel, & tão pegaioso, & criando se os lapoes desde berço com esta ma inclinação a elle, parece que ainda por esta causa não são tão aptos pera se reza da comp.a porq' na uerdade habitos tão maos, & em certa manr.a tão naturaes, são quasi irremediaueis. [marginalia] Creyo q' estes são os vicios principaes q' ha nos lapoes, os quaes podemos dizer The sao como naturaes, deixando outros muitos costumes em q' de criação areceos a todos arezaõ: os quaes todos fazem esta gente menos apta pera nosso instituto. E por uentura q' e esta rezaõ se podem iulgar q' são o pr.o impedimento dos Secundarios q' nosso S.I.e Inacio poem nas Constituições. Lationis, uel affectus luxuriel uel peccatoru[m] habitus dequibus no magna emendatio speretur. Bem sei que que fora da contraria opiniaõ. P.ra q' dado q' tenham tão ruim fundamento natural pera professar Religiaõ, q' adauia se podem ir cultiuando nos annos q' estao no semin.o & em nossa casa os q' ande entrar na Comp.a: Eq' tambem depois de entrados o mesmo ensino, & uida religiosa os iria perfeiçoando cada vez mais. Respondo poderosa: porem ategora nao uimos em alguã tão notauel mudança, q' o podeissemos igualar com qualq.r Irmao uirtuoso dos q' nos Collegios de Europa se criaõ: porque por derradr.o criaõse aqui entre os seus, aos quais todos ue seguir os costumes & uicios, em q' elles mesmos naceraõ. O mesmo recolhimento & criação q' tem na Comp.a se vsa em nossa Europa: porque ne da aluora, ne dos costumes q' com o leite mamaraõ, as poucas aua das q' se lhe podem dar, as innumeraveis ocasiões em q' andaõ metidos no trato co o proximo em casa & fora della, & finalm.te outras m.tas cousas q' de vxo, me tem per sudido q' por ora nao he possiuel amanear, dobrar, & perfeiçoar tanto os desta nação,

161

[marginalia] P.1.c.3.§.9õ poderaõ protestar coms cousa do nosso Instituto: Eõ se poder de ecclesiasticos õ os Carrações dettem peras, couzas õ mesmo seueres mais claram.te pellos iura apontando. õ Se a fraqueza de forcas Ecomprecisaõ natural Tuta hação õ roim criação dos della, E os uicios õ uniuersalm.te aqui reynaõ, parece õ coenaõ avsorses menos aptos pera sere admitidos a Comp.a de Jesu, não confirmamenos esta opiniaõ of a mesma experiencia ategora nos tem mostrado acerca da causa õ os moriçaõ como entraõ na Religiaõ, E do modo comõ nella procedem. õ Quanto à causa õ moue aos Japoês ou a dare seus filhos pera sere Iesuitas, ou aos

mesmos pera pedire q̃ os recolhamos em nossa casa, he (uniuersalm.te falando) pura ne-
ceßid.e E falta de sustentação temporal. Pera mayor declaração disto, podemos dizer
que desde Taico pera ca, não ha em Japão mais q̃ hu So Sor, q̃ he o da Tenca. Este g.do
The despojada a q̃lqr Tono dos q̃ possuem os reinos particulares, ou lhe tira, ou omata
como quer, ficando elle E todos os soldados seus Criados
he ne na mesma terra ficaõ de ordinario, mas dester-
rados p.a outros reynos, ficando
ab solam.te os lauradores, Eaquelles q̃ uiuê de seus officios Emertaceas. Sfe embes os
soldados do Tono morto, ou desterrado ha algues afamados em armas Eualentia, acheaõ
facilm.te outros sores q̃ os tomaõ em seu seruico, dandolhe a mesma renda q̃ dantes ti-
nhaõ, ou mais ou menos. Os outros ficaõ desterrados sem renda, sem abrigo, Esem ter de q̃ viuer
senaõ uendendo as armas, E tudo do bom q̃ atté seu como de suas
mulheres. Sãs uezes chegaõ a tanta pobreza E miseria q̃
co meus proprios olhos ui em algues partes de Japão os
mens nobres, q̃ pr si ueredes m.to mil exudados dezen-
do q̃ seu Tono grande o Sor da Tenca não querendo dar
aseus filhos, o daa a algue estranho. Seste mesmo estilo q̃ tenho dito viue entre os To-
nos os paes q̃ chefes immediatos, guarda tambem cada Tono em
suas terras pera com seus uasalos. He ho secede tambem q̃ ha guerres ficando huns
uencidos dos outros. Vendose pois estes homens honrados sem nhum remedio de uida, E
q̃ perecé a pura fome, se tem m.tos filhos, procuraõ de fazer algus delles pagens degen
te nobre: outros daõ aos Bonços pera q̃ os criem E depois os façaõ tambe Bonços. Eisto mesmo
fazem co
as orfaas q̃ ficaõ de seus paes, ou de mercancia
Thankesbidos. Este estilo segue tambem outros q̃ uiuê de seus officios, ou de mercancia
os quais sendom.tos filhos, E não os podendo sustentar, daõ algus ou algua abonsos, E
os rapas à nos, Eagora aos Frades. Os Irmaos q̃ temos na Comp.a E os Officiaes q̃ ha
em nossa casa, quasi todos por este caminho entraraõ; E rarißimo he o q̃ tendo fora
com q̃ se sustentar honradam.te, o deixasse por ser religioso: antes he certo q̃ m.tos
as escondidas fizeraõ sua meriacia estando em nossa casa, E algus depois de serem
Irmaos, E outros aprenderaõ m.to bem a ler E escrever sua letra, E outros estudaraõ
liuros de Medecina com intenhaõ de se saire, E teré com q̃ se sustentar, como em eff.to
to de tem saido m.tos per este caminho. E finalm.te raro he o q̃ depois de entrado,
se não for na a sair, serie q̃ fora selhe offerece boa opochem.d de poder ter com q̃
se sustentar.
q̃ Deste pr.o motiuo q̃ os Japoês semprea em trare em nossa casa, se pode em parte en-
tender a vocação com q̃ entraõ na Comp.a naqual não se admitca nenhũ delles, sem
pr.o auer sido dous ou tres annos. Os q̃ tenho alcaçado de Lamat na no tempo q̃ ha resididoem
Japão. Svy ouvi por vezes a m.tos graves, & ainda
de Nouiços, he q' pornenhua o principal intento q' os moue
Com p.a aentrarẽ nella, não he o desejo de serẽ perfeitos,
se de honra, & desejo de leuar boa vida. Quanto à honra, o
conheces logo no pr.o ano tanto este humor, q' escriuiria de
tendem & apetece dentre todos. Daqui nascẽ os m.tos & diuer
sos q' tratos mesmos cegos, a mudança de nomes, & apelli
modos de hũa & dez usas no como falar, q' sabem esta lingua mui difficultosa. Vendo pois
os nossos Virem como os q' la fora os admittidos a Com p.a são mais
per consequente dos de fora, porq' não são sograos & dignos de re
gentios q' sabem de nosso modo os respeitaõ por esta rezaõ.
Logo q' delles são visitados (porq' tambem nisto ham m.ta differ.a
& honra de palavras com q' lhe falaõ: Vendo tambem como

são de sua dignid.e tratados mui differentem.te adeus co' pan
 igueis, conforme ao estilo Eus de Japão: & da mesma man.ra
 & uenerados dos q' eraõ primeiro; como os Japoes são naturalm.te
 enxergaselles o reuera appetece ograõ de Irmaõ por es
 sejo de boa vida. He cousa auerigoada em Japão q' m.to melhor
 crus. Dos q' come ordinariam.te a gente nobre dos seculares (naõ falo de grandes tonos)
 & os nossos Irmãos comeõ melhor q' os d'os seus. Demais d
 hũo perene vigia polo perigo q' ha de offenderẽ grauem.te
 torpeza de q' usaõ: ou em cochas q' caminhaõ aella, com
 caõ hegrandem.te affeçoada, & seus mesmos vestidos são t
 daõ azaõ: em se entendendo qualq.r descuido culpauel n
 qurosam.te serueõ tambem nos off.os de casa, de compa
 do api, & q.do cometeõ faltas dignas de castigo, de ordina
 nalm.te se sem outras m.tas cousas em q' sentem pena & trab
 Depois de feitos Irmaõs, alem dos nouos graos de dignid.e
 os Vsuem, porq' ja não são taõ uigiados, ne caligados
 vestido, na estima, & em fim em tudo se melhoraõ. Donde de
 pretende servir a Deos deixando o Mundo he ordina
 uida co os mesmos, & deleites q' nelle tinha ou podia ter,
 seruiço: assi esta gente ate nisto uai ao reues dos euro
 uar melhor vida em tudo, & ter mais comoda depois
 antes desejarẽ. Em parecidisto trarei hũ dito ordinario
 usaõ, q' he chamareõ ao semin.o Inferno, ao Nouiciado
 do q' tem depois de saberẽ os rechos do Collegio. Ao Semin
 gra q' ali ha sobre elles, & as uarias ordens, q' são obrig
 castigo q' se da aos q' descuydaõ. Ao Nouiciado cha
 mais largo & menos penoso q' o Semin.o, porq' comeõ &
 fantas uigias, & castigos: Finalm.te ao estado dos q' sabe
 uarios, porq' em tudo ficaõ melhorados, & co mayor li
 Residencias, & andando de hũa em outra parte com m.ta
 se as quisesse particularisar.
 d' Eis aqui breuem.te o intento principal q' moue esta gen

162opinção de m.tos graves p.r oqual na verd.e parece ser o segundo impedimento ex secun
 p.1.c.3.§.10. da vez q' nosso S. Fundador aponta nas Const. Intento minus recta quid par est ad
 Religio

nis ingreßu[m] ut q' erò humano ab ijs qui se vitæ Dom.o
 Jom.te parece Domixta erò humano ab ijs qui se fine; m.a
 mixtura de nenhu[m] fim sobrenatural. Enaõ ainda pouco anihiler et illos an[te]gustissimo
 Desta raçaõ naõ se de meter nenhri Bombo por amor da saluacaõ, q' elles falsam.te crem
 auer em algu[m]as de suas seitas: senaõ puram.te por buscar remedio á vida, eter q' comer.
 Sendo pois este o motiuo q' os Japoes commum.te tem em entrar na Comp.a como pode
 mos d'elles esperar as demais cousas q' nosso S. Pe Inacio pedià nos q' quirensse profeßar
 m.st p.1.c.2. nosso instituto. Ut uniuersæ uirtutis et perfectionis spiritualis studiosi sint, qui
 ti, constantes, Prompti in ijs q' ad D[omi]ni n[ost]ri seruitiu[m] egrediuntur. quique Belli habere
 ant salutis animoru[m]. et ea de causa ad nostrud institutu[m] sint affecti. Faltalhes
 també aquella resolução de deixar o mundo. Esegur os conselhos de Christo nosso Sor.
 ix.c.3.n.13. q' o mesmo nosso S. Fundador quer nos q' entraõ na Comp.a An omnino decreuerit se
 culu[m] relinquere. et consilia D[omi]ni n[ost]ri Jesu Christi sequi.

§ 9.a Com entraõ co tal vocação, he facil de uulgar qual sera o desejo de sua perseuerancia
 E o modo de proceder na obseruancia dos votos E de n[oss]as regras. Apontarei breuem.te

algu[m]as cousas sem proua porq' uou dizendo. Quato ao desejo q' mostraõ de perseuerar depois de entrados na Comp.a he taõ fraco, q' he neces.o andar sempre os Sup.es co grande tento co elles. E dissimular m.tas cousas q' fasem, E liberdades q' tomaõ, as quais na verd.e nas pouco priudicaõ a nosso instituto E modo de proceder, pola facilid.e q' mostraõ de dar logo co o fardo em terra como dizê. E como p.r sua natureza aceita por lugar de uento ficar sempre pondolhe amaõ diante, ora de mia parte, ora de outra pera q' se não apague: assi he neces.o andar sempre co estes demaõs dissimulando huns cousas, E co cedendo lhe ou tras, peraq' se não apague nelles aquelle lumezinho da vocação, se por uentura for lume. Aeste proposito me lembra q' dizia o P.e Diogo de Mesquita, sendo Rox de Nagasaki, E hri dos q' tem larga experiencia desta gente, q' lhe parecera q' nenhu[m] Irmão Japao dos q' entaõ na Comp.a tinha tenção de morrer nella. Senaõ era hu velho de 70 anos por nome Gomez, q' em Nagasaki reside. Eco tudo isto quando pedem ser admiti tix.c.3. §.14. dos a Comp.a Elhes perguntaõ, Hum deliberatu[m] habeat animi propositu[m] uiuendi, et moriendi in D[omi]no cu[m] hac, et in hac Societate Issu? Vete respondem afirmatam.te q' sy. § 10.a Esta mesma pouca firmeza em sua vocação se demostra mais pelo q' logo virei dizendo: porq' sahifarei p.r a hu[m]a duuida q' aqui pode occorrer. She q' sendo eu dito acima q' os Japoes en traõ em n[oss]a casa. Epor consequinte na Comp.a m.tos dos ordinarios da pura necessi dade, parece q' esta mesma q' fora padecerzas, Eonaõ ter outro remedio de uida an tes sera motiuo de os deter, E faser perseuerar na Religiaõ. Respondo primeiram.te q' hado q' isto se achase em algu[m]; ra não he motiuo no fim sobrenatural, E por consequinte q' sua vocação, E estado na Religiaõ he sem fundamento. Secundariam.te digo q' co muito maior facilid.e achpaõ remedio da uida saindo se depois de entrarem na Comp.a do q' antes q' nella entrasse. Porq' de ordinario q' entraõ em n[oss]a casa saõ m.to mininos, q' semin da necessid.e de qul os pense E crie; pois p.la mayor parte os q' de veçebem no Semin.o não chegaõ a 14 anos: E desta idade mal podem buscar seu remedio uiuendo fora. Depois não aprendendo per m.tos anos sua mesma letra, q' e tudo em q' consistem seus estudos: aprendem o estilo de escrever cartas, as policias Ecortesias da terra, E finalm.te de se fasê homens letrados a seu modo: E assi depois q' se sayê, co facilid.e achaõque os Come por escritvães. Outros sefasem mestres de Escola. Outros casandose pa- rem qos ponhamos por vigias das Igrejas das Aldeas para ajudaro a expandirse, re- cebendo por isso seu salario. Efinalm.te como ia se fasen modos pera vivere. Desvio qm os Estando ainda em m.ta casa não ia lançando suas traças pera este fim, como acima tiquer

[symbol] 10. Quanto á satisfação com q procedem na Comp.a, se pode bem entender do modo com q guardão os tres votos com serdo os nervos da Religião. Efalando primeiram.te do pobre 3o, não se enxerga nesta gente folgare de pduer os effectos d'ella; antes se ve o con- trario, polo asco natural q os Japões lhe tem, com serdo o q foi a causa da dificuldade q alguns Irmãos mostrarão nas partes do Camis em deixar os vestidos de seda de q usarão em tempoda perseguição. No dar e tomar sem licença tem m.to poucos escrupulos: E o mesmo tem mostradõ na propriedade. Averá pouco mais de tres annos q na Cidade do Miyaco faleceo hum Irmão Japão chamado Vicente, o qual com passar de setenta de idade E de 30. da Comp.a, como era bom medico, E curava gente de fora; do dinheiro E peças q lhe davão os q sarava, por via de seus amigos se cretam.te fabia mercancia; E veio a ajuntar hum bom cabedal. De sorte q adoecen- do gravem.te, E vindolhe escrupulo, se descubrio ao Sup.or, E entregou algus dousmil cruzados em seda E prata á Comp.a, postos q tornando a convalecer algum tanto daquel- la doença, deixou escondido m.to fato, q não quis entregar, E por isso o não confessou ras alguns meses, ate q por derradr.o morreo como Deos sabe. Outro chamado Si- mão, E avido por p.e m.to difficil casio ha annos o fugio da Comp.a levando o fato q

pode da casa onde estava E as alfayas: E este tambem estando na Comp.a fabia mercancia em secreto. Outros varios exemplos pudera referir de Irmãos q fizeram se-forão mercedores, E arruntando dinhr.o, E depois se farão sendo logo com quem vir abastadam.te Donde se prova não som.te a pouca firmeza na Religião d'esta gente, mas og acima se disse q por pura necessid.e entrão, E esta mesma he grande parte de perseverare; pois em tendo remedio de vida se sayem com tanto como vemos os que aqui resedimos.

[symbol] 11. Tomodo co q guardão a segundo Voto não decerei aparticularid.es, pois a mesma ma.or esta ditando q não são pera carta. O q posso diser he ser esta nação fraquissima neste negocio. As mulheres ordinarias, ainda as horadas (senaõ são as de grandes sores) qual das menos clausura q em qualqr outra parte de que se cabe andejas: Os mesmos seus vestidos são tão poucos honestos, q alem de traherem os braços descobertos pelos cotovelos, são abertos por diante como roupões de nossa terra, co hriadobra sobre outra, Es cingidouros tão largos q lhe anda caindo ate os joelhos: tirando as calçadas, as outras lado q se descuidem alguma ou calqr veses, E será labamento perdem por isso: ellas são facilimas em se vendere, E rariss.a he aq m.to tempo resiste. Demais disto os moços ate de se de 17 E 18. anos trae o cabelo do topete derramado na frente, Eo demais amarrado de tras, quasi como mulheres: Epola natural inclinação q esta nação tem ao peccado abominavel sicomo mulheres: Epola natural inclinação q esta nação tem ao peccado abominavel os moços m.to mais q a das mesmas mulheres. As occasiões de offender a Deos nesta mat.a são tantas, q por u-

parte, onde residemos, da Comp.a, he necess.o andar sempre hu home sobre sy, pedindo de contino ao sor q lhe de sua Divina graça pera escapar d'ellas. Visto pois como esta nação he tão fraca no neg.o da Limpeza, Eas grandes E continias occasiões q tem 163.andando sempre entre ellas, sem poder alser por trabemos entre mãos. Visto tambem os uarrios desastres derar se couè metera honra de Deos eda [compa?] em mais estes. Porq' ainda q' ahû se preen de veda algum Pesalves de menos, E afmp[?] não fica perdendo ocredito: porem (se he certo q' tem acontecido am[?] delles) não som[?] q' nûa particular tem em toda a parte: mas ate na da[?] parece redundar algûs descredito: pois o mesmo prega[?] Porq' como a limpeza he hû divino esmalte desta San[?] bios q' uê esabem as abominações etorpezas em q' u[?] certo q' os desatres q' se podem soceder aos mesmos gentios de cristrars q' a notha doutrina E a d[?] verda por q' a promulgas não for desemeilhante a d[?] Bem temia isto Fr. João Vcondono quando aconselhara não deixasse nûca andar, ne estar so nenhrû demaes isto executar, antes m[?] uebes andão sós ate por

[symbol] 12^a. Na obediencia se uê q' realm[te] não mostrão obedi[?] apervoad a p[or] noso Sor, mas co hû medo servil, c[?]
Arebão disto he, porq' em Japão tirando som[te] o Sor d[?]
Demais dão eferaus hûs dos outros. os soies principaes a sua propria custa todas as fortalezas, Emais obras hû co onum[?] degende se prechos nuess[?] conform[?] ra os m[?] Eclabosor presentes q' dequandemquando outros m[?] seruiços q' lhes fasê. os inferiores corrê da[?] sorte q' os soies tomão as terras e herdades a seus cria[?] matabnos, tomãolhe os filhos por catiuos, e fazem

sem ninguê lhes ir a mão, Efinalmente tem sobre
mayor ainda. Porq' em Europa tem hû home d'obre d[?]
de todos os Japões ja desdo berço co hû spirito servi[?]
gor com q' tratão dão recados de seus sores, e por uia
e leuados puram[te] do medo, e não de amor. E assi q[?]
grâ cousa porenchergeira, ou por esprimento de
ca, q' he a palaura q' significa o seruiço obrigatorio
como nosos demais Japões biale este mesmo spirito ser[?]
inda de tal man[ra] na comp[a], q' se uê nelles guardare a[?]
do temor da reprensão ou penitencia, q' o Sup[or] lhe da
mento spiritual. Eassi se as podem quebrar as regras
trão disso pouco escrupulo. Boa proua disto he hûa o[?]
deu auera quatros anos, em q' prohiibe a todos q' não u[?]
erua seca chamada Tabaco, Eem Portugal erua d[?]
em Japão. assi por não perderê o tempo ociosam[te] n[?]
incentiuo grandem[te] da sensualidade: E co o ser pr[?]
pera o mandar em virtude de Santa obediencia, S[?]
te fumo (o qual bebê por certo instrum[to]) sem licen[?]
disciplina no Refeitorio, Epola segunda lhe tirê a[?]mos acabar isto com huns dos Irmãos Iapões:
antes por mais re

Thedemos, o bebem ás escondidas. E algus sendo febril Spe
te, eferindo fogo acendem candea, e bebem á uontade o
tambem mostrão pejo de o beberê diante dos Iesuitas e d
em nossa casa esta prohibido; só por dizerê q' aquelle fum
alidades. E he cousa q' nos vem aos de Europa m.to disedifi
ca obediencia desta gente. Os q'estão nas Resid.as com algu
algua cousa q' lhes não agrada, quando por sy não po
res dão parte disto aos xpãos. e per via delles fazem q'
Outros seuale da intercessão dos seculares pera alcançar
Jião q' depois não pouco mais ha de dous anos, tinha pedi
de Arima, e a seu filho morgado q' acabassê isto o Pe Visi
proprio Animador me contou. Outro chamado Rafael
legio, por ser elle o q' praticou o cathecismo a huma m
christãa, porq' sabia que o Pe Visit.or onão queria por a
credo rogou a este mesmo Tono, e a sua mother, segundo
todo caso alcancassê do proprio Pe q' o mandasse per
hie i a sua E ao Tono desta determinação. Outro cham
Miyaeo, e desejando uir pera Nagasaqui por uiuer a
ues a loan q' fizesse com o Pe Visit.or q' o puzesse naqu
o mesmo se não soubesse q' elle Pe o negárua isto per u
me eu presente, o proprio loan o contou ao Pe Visit.or q'
deste toque.

§ 13.a Outra cousa q' m.to nos desconsola nestes Irmãos he
xerga e pouco desejo de seu aproueitamento Spiritual
ao exercicio das uirtudes. Nem inuão quando São Flouico
tenrura. E sua uida interior q' ordinariam.te costuma
ropa aorq' o começo a servir. Não me lembra em pe
chorar alguma pellana comunhão, ne falar de Deos co aqu
os q' delle gostão. Raro he o q' peke lic.a pera comugar q
gum grande santo. Tres anos ha que tenho cuidado
Dio ategora. Tem por pena a oração, como ha menos de

E esta he a causa porq' o Pe Visit.or tem ordenado ha ia leneraes aonde não ha mais q' hû Irmão, o Pe ouia Le tempo da oração: porq' muitos a leixão toda de hûa so q' lhe dão, parece q' ficão co hû cerbo asco aque lhes dã vio sinál de q' se querê aproueitar. E o mesmo pa uirtudes religiosas. Em proua disto trarei hû exem comais de hû ano (como h. P. ordenou q' viesse a Ja logo se espalhou fama q' uinha pera ser Sup.or de lap no Collegio de Nagasaqui d' Irmão Vicete (arruba de Roma: o qual parece q' co bom selo diria m.to u o Pe fosse Sup.or desta Prou.a, elle os meteria em ord cousas. Bastou isto pera alguns quatro dos principai rarê co Safioye Gouernador gentio, Eco loan q' L 164P. Valentim carualho, dando por rezaõ q' se fosse Sup.r auia de faller guardar as re gras da Comp.a aos Irmaos Japoes, segundo me es creueo o P.e Visit.or, a qual tenhose em meu po der. Le Collegio. Porem esta pretençaõ não ouue effeito: porq' a hido de aordio como o negoueo requeria. De man.ra q' so o receyo q' tin ha auer de faller guardar as nossas regras, os mo ueo a cometerẽ tal treição con tra a Comp.a no qual por outra parte engrandeceraõ E porem tanto confessaraõ q' ategora não guardauaõ as regras, ne Eoq' mais he q' as não queriaõ guardar, porq' preten deraõ lançar de capaõ que lhes parecia q' lhas fazia guardar. São tambem dados a comer E beber, E alguns delles se embebedañ. Agora achulm.te estando escreuendo, isto entroue huõ Irmão Japao no meu cubriclo, o qual vinha meyo bebado de huã aldea aonde esta mentira foi: E este se custuma a embebedar não poucas ueses. O P. R. tocante a este Reitorado uindo aqui se embebedou, E uomitou em casa de huõ seire: Lar desta terra; E daly ueyo treyo caindo, E fallendo cambetas ate este Collegio: E eu o fis meter em hum cubiculo pera cozer o uinho, E todo o cujoue co uomitos. E postroq' lhes damos suas penitencias; todauia dos q' são dados a o uinho, raros ou ne nhuõ se emendaõ.

¶ 14. Deziarnos acima q' os Japoes não tinhaõ o men tir por deshonna, E geral m.te chados, E dissimulados. Ho mesmo se acha nelles, Repois de tornaõs Xpaõs Sup.es tem scrupulo de mentir, ne se enuergonhaõ de os achar na mentira: antes ri uem sendo tomados nella audem com huõ riso. Tambem a experiencia nos tem mostrado q' de ordinario mais se comunicaõ E aabrem aos seculares, q' aos mesmos Sup.es. Em q.to delles tem m.to mostrado pouquissi.

ma fidelidade a Comp.a Hum chama
do Gaspar q' agora ainda ao P.e Visit.or foy o prim.ro
a descobrir a Omuradono, como
em Nagasaqui por ordem do P.e Fr.o Passio falara
co P.e Fr.o Passio E de Joao Roiz o interprete kre
debaixo da mesma cidade pera o apresentarẽ ao
Sor da Tenca, co tenção q' tomasse
pera sy parte da mesma cidade, q' era do proprio
Omuradono; porq' sendo huã sua me
lhor se gouernaria: q' foi a principal causa daque
bra daquelle Tono co o mesmo
de Fr.o Passio, E la perda daquelle taõ antiga E
boa xpendade. Outro Ir.ao por
nome Rafael, de que ia atras falei, ha menos de
noue meses q' escreueo do Myia
co onde residia huã carta a este Tono, na qual o
auisaua q' o P.e Martinho, huõ
dos quatros fidalgos Japoes q' foraõ a Roma,
suentamente co o Sapoixe E Joan tinhaõ
feito co o Sor da Tenca, que se lhe naõ desse certas
terras q' lhe tinha prometido, co
q' ficaua grande Sor: E porlog' o mesmo lhe tinha
tambem escrito huõ seu criado
q' na corte reside: todauia co a carta do Irmao
ficou mais confirmado: de sorte
q' leuado da paixaõ mandou seu xetam p.a a huõ
sere q' o matasse ao proprio Sapoixe:
E ficou m.to tomado do P.e Martinho, E per
conseq.a uinte do foto p.a Lorem ere per ordem do
P.e Visit.or o P.e capax de como o
mesmo P.e Martinho nenhua culpa tinha, E q' era
falso oq' acerca delle se partiera:
Lar delle se disera: E qui B. Notto Sor q' o proprio
Arimadono E seu filho mox
gado ficaraõ satisfeitos. E o mesmo filho moxado
me fez a saber em secreto co
mo o Irmao Rafael, fora oq' escreuera, isho a seu
Pay, aruntando q' elle lera a pro
pria carta. Veja V. P. q' fidelidade esta. Este mesmo
Rafael uindo aqui ha dous
E meyo em grande segredo descubrio aos Irmaos
Japoes q' neste Collegio ha q' ellesabia como na corte estava afentado q' forte hua armada de
Japois
cao porq' o não descubrisse anenhu dos Europeos: Eelles
daletra, ate q' pasandose afou mezes, E não auendo effeito
acaso. Tambem temos por certo q' m.tos destes Irmãos, ou
q' o Soi da Tenca mandaua per Arimadono matar ao Capitao
mor a Nao da China; E co' entenderem m.to bem q' naquella
temporal desta Prou.a, nenhu delles quais descobrir este
ropea: antes sou ere Goa testemunha q' no tempo em q' os da
na Tiao, porq' aqui comeceou auertar sestr'e q' the aella se

estaua todos estes do fucus de forão correndo a Igreja a q' não escapasse atertre Tias, E depois q' ouuirão q' ella se q' l sabe todos assi dos Japois como demais mostraraõ verd.a q' não som d'aly de perdera inda a nossa sustentação aporta ao sagrado Quanz' quebrando Japão co' Elrey hoje d'Elrey em Nagasaqui que sabra tudo ordem nossa de Arimadono. De sorte que hedito como dequasi todos te, q' os Irmaos Japois e do fucus são os mayores serui culares. Eq' nada passa entre nos q' logo se não saiba tario andar sempre co' grande precató, particularm.te emxergamos nelles q' reuera nos trataõ como a estranhos, e trão como hospedes nosos, E não Irmãos da Comp.a filhos do P.e nro the ferino Digui hua pratica o Santo uelho o P.e Alex.r tocado antes das guerras dos Gouvernadores q' 15.a Não ainda poueo aconfirmar esta opinião o não ter ca les, Irmãos como tem em Europa, Enas demais partes: de par q' o conestão, não os podem castigar os Sup.es como mere he a despedilos, E ne disto podem faser liurem.te com cujas terras estão. E aquelles q' se tem emcomendados m.tos fugirão, E fique nos mesmos lugares, ou perto donde dão logo aviz' governão aterra, nenhu medo tem de com elles. Muitos exemplos disto pudera trazer; ap em Oraca estando eu então na mesma cidade com o P.e E de cafa de seu Pay, q' ali reside, escreuia cartas ao mesmo mer de nos: E agora unio no Sacata amacebado co' aquella Longe de nossa casa. Outro chamado Andre fugio de do as uezes a nossa casa sem nenhu receyo, por se ter uernadores daquelle Cidade. Hum Antonio q' se Tiraoxima fugio, qe esta ama cebado dous dias de caminho da quella cidade sem ninguem the poder prejudicar. Ethe mesmo outra uez q' tinha fugido do fongo se forão pouco mais de tres legoas de Espanha. E com estar então de Alex.e Eprocurar de o auer as mãos, nada pode effe não tem nenhu um coadjutor sobre estes q' fogem, m q' de bozum da Comp.a co' licenca he recer grangealos, não fação mal per uia dos Tonos gentios. E de outros a Comp.a não ter um coadjutor sobre estes Irmãos, nace 165por yentenderdo assy pelles vês, Eq os tememos porsinal q cuidamos nos podem sober deçois de saídos, comas m.tas liberdades, E farem m.tas cousas poucas conformes a notho ins tituto, sem o r.o Sup.r lhes poderê ir à mão como con vem E inda aalguus parece q vâo dem.ta cortesia com nosco seplodem Lic.a Hes.te proposito me lembra q ha pouco mais de dous anos estoria neste collegio hũ cert.o Ir mão, q sequeria ir paJapão, E per carta pedio Lic.a ao P.e Visit.or oqual Iha nãoquis dar. Epostoq este homem he de bom natural, Emeyo Chris tianismo: todavia m.to agastado porq sêlhe negara a Lic.a logo sequeria sair semella Evêse unir a puhindus, q daqutdita legra E meya notha: até q per via de corse lhos o aquietamos, demodo q arnda esta na comp.a Dês pois q sendo etãgente por hũa parte são inconstantes E sfacil em se ir da Religiaõ, Epor outra parte procu rendo cõtão pouca satisfaçãõ, Eoq mais he podendo nos prejudicar depois de servos formais E saídos, mais doq seorão forão: parece q melhor he a comp.a naõ os re ceber, mas servirse antes delles em Vslueris.

d 16.o He Japão sfeita a santae alterasoes Emudanças, q pode soceder q algus soc.os da

Tenca nos desterre, Elance a hñosfora deltas ilhas. Ese tomarse isto apeito, he certo qgravissimos dos nothos podião ca ficar escondidos. Acoferendo isto, não sei como alongo se aueria cõ S.r Japões q agora tem, E então por ventura q sezaõ m.to mais: porq por hũa parte he moralm.te certo q varios aviaõ de querer saírse de Japão desterrados cõ nosco. Deixalos tambem ca sós, eramettellos em evidente perigo de sua perdição, E infamia de n.ta Religião: porq se asinda agora cõ nunca os P.es largare desy, Eaver tantas vigias sobre elles, ha tantos desastres, E por esta causa se tem os Sup.res olsenado q menos os P.es sejassem de Japão, E em caso q se lhes de matr, mas q os leves com sigo, Equando nao puder ir oder, E a defesa q hão de saber ouuer dechegar a oïto dias, q os mandem as casas Reitoraes: que seza se os deixarmos sós entre seus naturaïs por casas de seculares, E em tempos de Japão? Nem seria então possivel deixalos unhos debaixo de algum P.e por q pollo mesmo caso serraõ descubertos: E em semelhante perseguição efacam.te se pode em Japão, hum per hũ, segundo em varios lugares experimentamos em tempo de Taico. Pois existendo este caso q digo, q hem cousa ingente em Japão, uista a gra de incontinencia desta terra; pareceme q o e Sup.or universal se auia de resolver a despedir todos os demais E se Japões q não quisessem desterrarse cõ nosco, ouq cuidentem.te se arriscana, deixandoos ca, aos perder com grande deshora de notha comp.a E menoscabo da ley de Deos. Equalquer destes inconvenientes parece digno de muita consideração. Logo vĩa por esta razão parece q coue não admitir a notha Religião estagente, mas seruirmonos de Vslueris pregadores: porq dado este caso q digo, estes aindad fora cõantose poderaõ ficar cõ mais facilidade ajudando nesta xpanse com nenhum estrondo, Emais proueito doq se forão Irmãos: E og mais he, sem visco de ficar a Comp.a deshonorada.

d 17.a Outra razão q confirma esta opiniaõ q uou propondo he, iq cõ estare ca ca fica Religiozos de seaber, E auere de vir quantot mais quiserem, pois tem lic.a do Sumo Pontifice, cõ tudo nenhũa dellas recebe, ne parece q recebera Japões mais q por Vslueris, por vere q sem duuida não sem o fundamento q se requiere em homens q haõde professar vida religiosa, E he certo q tachão a Comp.a d'admit tillos. Pois digo q agora mais q nuca, nos coue ir m.to atent.s, não so noq toca aosmumos Europeos, por sermos todos notadores Escrupulo-zos qdo se offrece; mas em particular no admitir Japoes a Comp.a, os quaes sem do o q acima tenho dito, parecemoralm.te certo q se panhia perdem o credito ainda em Europa: porq a auridade podem la escrever os Irmanehos q sabem e seu modo de proceder pouco edificativo, e Rendo q nao derao ou dao mao exemplo nisto ou naquillo, q Japoes os q tal fizerao, ja q de tudo parece se apro-veita, e desfalarao em nos. Logo melhor parece q nos nao servirmonos delles em Do Jucum, pois oq fizerem notta Religiao, por nao sered religiosos della.

§ 18.o Os filhos dos Lochuquenses q não na China Orien-na Occidental parece q sao criados em melhores cus-mais q de lere filhos de Espanhoes, e se re da notta mema nação, mammas afee com o leite: nao sao tao refalsados e dissimulados osi; ne finalm.te taõ contaminados de outros vicios sobre elles toda a ruim coachia q tem em Europa: p-tao q os Japoes pera professar notto instituto: E tam-aquellas Prou.as, pois as de Espanha nao podem dar sendo os Sup.res e P.res graues de ambas as Indias q tem certos vicios e habitos como na beverais, sobre

de ordinario se emendaõ, querendo antes sofrer gente, por causa da qual se fosse naquellas partes co muito acordo e zello q bem de notta Religiao per fossem admitidos a Comp.a particularm.te os Mesticos q acima disse, e sendo os mais delles nascidos, e criados q de la tria co o leite em m.or costumes q a acompanha menos aptos sao pera sered de notta Comp.a q os Mesdo como procedem depois de Religiosos, seguiraia § 19.o Parecendo aqui sempre a Comp.a tanta falta de to cada Irmao em q tanto ou quazi tanto como da q elles daõ aos P.es a mesma q dação sendo PJu-nos: parece q tambem por esta razao melhor nos ue nao Religiao, mas servirmonos delles em Do Jueus. § 20.o Finalm.te o P.e Alex.o Valign.o de Boa memoria pos logo to desta nação entãõ no cabo huerto q onao tinha tantem mostrado o fio nestes dous anos, creyo q fora de opinde raseis anos q ando eu de ca a q m.mo me disse o P.e DuRos daquelle Collegio, e Sup.or da China, q lhe parecia q ne capacid.de pera serem da Comp.a: e dizia o polo q tinha tomado de proceder de alguns Irmaos Japoes q avia naqua cuidar. O P.e Felro Confalonerio q foi Mestre de Novidos de vinte anos a esta parte, perm.or saber me tem di-poes pera a Comp.a O mesmo P.e Prior por Fco Jasio me em Nagasaqui, q por devedor estagerio nao era pera a

166q huve se?

q huvesse auido entre elles pollo de melhor Juizo. Dizem q com elle de Japão entê= dia q os de sua nação não erãõ tanto pera Religião, mas q armavãõ mais pera se= nhores, por não ter aquelle estado tantas obrigações. Finalm.te creyo q esta he a opinião q tem todos, ou quasi todos os Pes Graues, Desta l.a duvida. Responderse ha agora aalguas rezoês q ha emcontrario.

Reposta as rezoes em contrario.

A pr.a rezão q parece prouar aueremse de admitir os Japões a Comp.a he ser esta nação tão polida q o mesmo B. P. Mestre Fr.co na carta q escreueo de Cangoxima aos nossos de Goa em Nouembro de 1540. a antepoem q todas, as q te então nellas partes erãõ descubertas. ¶ Respondo q he uerd.e serê todos os Japões bom entendimento, mas sabê hecerbo q os Chinas e Corias nelle os igualão, e q os Europeos lhe são m.to auanteira= dos, sem embargo doq alguns Pes antigos la escreverão. Com tudo co sua policia e bõ Juizo q mostrão, o modo de gouerno de Japão he por ventura o mais barbaro que sabemos auer entre gente q se preza de polida: porq alem de não terem leis, pellas determinadas pera se gouernem, antes cada Tono poem em sua terra as q quer, e as q lhe uê bem, conforme a seus intentos e cubica, tem m.tos costumes como leis por tradição, e uso antigo ja tão arraygados, q lhes são como naturais; os quais totalm.te emcontrão a rezão, como são, entre outros, os repudios tão frequentes das molheres sem isso se ter por deshonor da parte dos maridos por mais filhos q dellas tivessem: as usuras; o arter de morrer infaliuelm.te ou em bezer mata a outro, ou será em sua defenião, ou não: o matar se a si mesmo, e ter se isto por virtude da fortaleza: o ma= dar matar a molher e filhos polo q fez o marido, auendo ser isto conforme a re= zão. Tem tambem todos os reiceios q acima vimos. E outros m.tos q deixo: os quais

não som.te desfazê m.to em sua policia mas tornão esta nação menos apta a nosso instituto. Quanto mais q só a policia não basta pera se julgar de hua nação q he capaz de professar hua Religião tão perfeita, como he a Comp.a de Jesu. Bem polidas são todas as de Europa, e gouernadas per m.to boas leis: e com tudo nosto Junho Fundador requiere tantas condições, como sabemos, pera os dellas serem admitidos a Comp.a

¶ A 2.a se funda na necessid.e q temos de Irmãos Japões pera pregar o Euangelho, por que dado q pera cathequizar os gentios bastarrão os Pes Europeos: todauia protreposto ho q pollo grande difficuldade de sua Lengua os Pes Europeos não pregão ordina= riam.te, melhor e mais decente he q o fação nas Igrejas pregão aos xpaãos lezão Religiosos, q não o fiserão, os quais por devrão são Seculares. ¶ Respondo q não podemos ha duvida senão q pera leuarmos adiante a empreza desta conuersão, não podemos deixar de nos ajudar dos mesmos naturais por m.tas e boas rezoês q deixo, porê não he necess.o q sejam Irmãos, mas bastão somênte do Jueus. Nisto B. P. Mestre Fr.co no pr.o anno q chegou a Japão couerteo mais de cem gentios na cidade de Cangoxima segundo se colhe da carta escrita aos nossos de Goa, q pouco acima alleguei. E na mesma diz q em Jamaguchi em espaço de dous meses receberão quinhentos o san= to Baptismo, sem ter Irmão, nê saber a lingua. O Pe antigo q depois demes mo B. P.e Xauier passarão a Japão, sem terê Irmãos, mas ajudandose som.te de do Jueus. E dealgus rapazes calçados instruidos bem nas cousas de Deus, fizeramE mui boa Cristand.e como inha hoje uemos polos q oos porisso me Lembra q auera mais de uinte anos pergun bou mem o P.e Lo.co enio Japão co panheiro q foi do B.pe exa acausa porq os P.es antigos co sabere menos da Lin m.a os p.es co tudo se esmerauão na Christand.e mayor fe tempo. Estando o mesmo P.e Alex.e alguas reliões dillo, ueera q a causa era porq os P.es antigos de Japão, como sem, todos elles com o pouco ou m.to q sabião da Lingua bos as cousas da Fee, E da Ley de Deos, co o spirito q omes agora co auer melhores Linguas, os P.es não pregauão a os Irmãos sendo certo q mais folgauão os Seculares de falare com os P.es doq aos proprios Irmãos. Eeste co cei Dadaq não falem tanbem como os naturais, he inda xpaões de melhor fruito. Eade este Tono de Azima pera os P.es se desse a pregar, ou polomenos afalar pessoalm.te onde estão co essa Lingua q sabem, menos necess.os serrão os q pode confessar nesta Lingua sufficientem.te, pode atraues aos qpaões. porq se elle sabe alingua pera co aos pes, Espera aconselhar acada hu conforme oq pede elles comelhos em publico atodos uenhão? E dado q de al so mesmo se edificação os xpaões, uendo seu Belo Echarida os ajudar. Ja de os P.es q uão de Europa fore mancebos dous anos de estudo da Lingua sem outra occupação, ten sem alcaçar sufficiencia pera podere depois pregar co gem, em qualq.r Igreja de Japão. Bem pouco da lingua todavia quasi todos os q confessão nella pregão tanbem pregar nas duas Igrejas principaes. Equanto aos q se d mãos q os do Jureu, pois elles são seculares; confesso q os Irmãos porq he deuer de do esta rezão basta pera i embargos de todos os mais incouenientes. Quanto mais

são auidos por seculares por homens legos; antes co
Ese mete no Mosteiro de Bonzos, mas q seja por Jofre
significa Religião. E o mesmo co certo se tem dos nossos
melhor ouvidos nas pregações, q os proprios Irmãos. Est
xpaõs q antes lhes pregasse hum Jofure pregador q'al
talento, E reconhecere nelle mais virtude e Spirito. E
los. Se aos Jofures lhes derão sufficiente estado como se
não pregarão tambe como elles. Antes m.to q se quere m
Japão, por sere mais de Jeitos, E meneauéis pera tra
A3.a q.m como os P.es das Residencias, de terras de gen
os Tonos delles, E co outras pessoas nobres: E conforme ao
sempre immediatam.te couirer co elle tralo; Etambem porq
quanto pera isto he necess.o, parece q não se escusão Irm
por meyo delles co os mesmos Tonos, q sabendo q são Ir
aos do Jureus: como tambe pera catheguizare alguma gente

167a nossa Santa Fee, q as uezes de homêes destes mandarem pregar cathequismo per os seus
q Respondo q não são necessos Irmãos pera tratarem com Tonos, mas q bastão Doutores
pregadores

aorque as os mesmos Tonos, e outros seculares tratão com respeito sabendo q são gête
Eassi se lhes visitão mandorem m.tas uezes ursitar por elles as ordêes principaes, porq seais
seus agasalhados com ta hora e cortezia. Tambê sejo q nê pera cathequisar gente
nobre são necessos Irmãos: antes de ordinario os pregão aos gentios assi nas par
tes do Miyaco, como em outras fóra do seu. E dado q onde ha Irmão algû gentio se
tomasse de o não cathequisarê per elle, isto não he de ordinario, mas caso m.to raro: q
mais q sendo tiuermos Irmãos, os q desejarê de ouuir as cousas da Fee, contentarse
hão de as ouuir pelos pregadores q tiuermos: os quais de tiuerê o estudo sufficiente
como temos proprios Irmãos, não uesto porq não satisfarão como elles aos ouuintes
q A 4^a se funda no costume q alegora ouue de se admittirê Japões, a sç. porq em tempo
do B. P. Fr.co xauier se recebeo Fr. Lorenzo q en faleceo Fr.or Bernardo, q o mesmo
se emuiou a Roma, e da uolta morreo no Collegio de Coimbra. Da mesma manra todos
os demais Sup.res uniuersais q se seguirão ate o Pe Fr.co Gario os receberão: E em parti
cular os q mayor numero delles admittio, e em Thome uiuido formado, foi o Pe Alex.e
de boa mem.a q Respondo primieram.te q em matéria tão graue, parece q não basta
allegar som.te o costume antigo: mas q he necess.o ponderar se uê bem a nossa Reli
gião continnalo. Vemos q todas as Ordens pello discurso do tempo, forão e uão reforman
do m.tas cousas, q prî nellas se usarão, por se irê descobrindo nouos inconuenientes.
Segundariam.te digo q nûca os P.res Europeos de Japão tiuerão tanta noticia do humor
desta nação, como agora: assi polo q a larga experiencia tem descuberto desde q se começou
a receber Japões na Comp.a ate hoje; como por auer as presente m.tos q sabem m.to bem esta lin
gua. E os mesmos Japões recebidos na Comp.a derem cá tã bõa conta de si como os de agora
tico feato q nûca. Tem q desde tambem de trinta ânos a esta parte diuersos casos, em q
m.tos destes Irmãos mostrarão o fio, como foi a perseguição de Tãico, e outros particula
res q não aponto, por não ser diffuso. Demais disto poruentura q aquelles q antiga
m.te nos conhecerão bem esta gente, por ser hua apparencia exterior q a faz muyto
pauel. O Paulo de S.ta Fee tão Louuado do B. P. xauier, depois de ser fr.or e uindo
roubar a costa da china, la morreo miserauelm.te, segundo me contou o Pe Luis Frois.
Origino Miguel hû dos quatro fidalgos q forão a Roma, depois de ser Irmão da Comp.a se
lebayó, e espalhou em Vmura m.tas heregias, e uexou q.to pode a christandade, e ainda esta
arrenegado, pelome
nos no exterior.

q A 5ª diz q uendo os seculares q recebemos na Comp.a a seus filhos, os dão de boa uontade, crendo q depois uirão a der Religiosos: e q de se sobrestê q não admittimos Japões em to do, e não sómente os não fazemos Irmãos, e careceremos de Cofessores: E por não teremos Irmãos, e careceremos de Cofessores: E por consequente ficaremos faltos dam.ta ajuda q nos dão no ministerio das almas com detrimento da xpandade, e da propagação da Ley de Christo nosso Sor. q Respondo q já atras dixi como ordenamos cramente a causa principal q moue aos Pays ânos darem seus filhos, ou assi mesmos filhos a entrarem em nossa casa, he pura necessidade, e falta de remedio de uida. E assi se tiuermos dinheiro pera os sustentar, teremos quantos quisermos; como se os Frades q estão em Japão, cô não admittirê Japões a suas Religiões, e como nos ti nhamos antes de auer Nouiciados formados. E quanto a algûs poucos q entrarão noui ços do desejo da saluação: digo primeiram.te q estes são muy raros: e de ordinario são homens en fadados do mundo, q mais pretendem viuer quietam.te em nossas casas em grao de rapados, q de Irmãos, pois ca não podem aprender n[oss]a Letra e o demais q apren dem os q se crião pera Irmãos. Secundariam.te digo q ainda aos mocos horados se con se de q de mouros a seruir a Deos em nossa casa, os atrahira gaboires, particularm.te se aelles lhes fibere alguns privileg[ios] na hora da morte se admittisse alguns m.to raros na Comp.a anos tiuessem seruido no off.o de pregar co a deuida satis façaõ nos a fechar esta porta, pelaqual pode entrar a re nesta Prou.a como se ue ia q iai entrando, hemos de ter dade d'acodire tambem com sua prouidencia perag rais, q com o Deurso delos nos aiude a cultiuar esta vi nha q a velao finalm.te diz q de os lapoes q agora temos em Nouiciado como partes, e souberes q não hao de ser ca com estas esperanças, parece quasi certo q auera entre ell es se sentaõ e sayraõ muitos: E q ate os proprios Ir epor uentura alguns se esfriaraõ na vocação e sefalsaraõ excluidos da Comp.a e Respondo q mais deue de por Comp.a desta Prou.a, q não a perturbação, e aipda ad mente digo q não he necess.o faserlhes a saber q se de nação, pera não encher na Comp.a: mas q se riaõ adestra co e poutro, dando seus privilegios aos mesmos prega ese depois q souberes q ca não hao de ser admittidos aj nos mal he q relaxar se por sua causa nossa Religiaõ n[es] pera mim q dado q saibaõ q não haõ de ser recebidos q se uere pregadores alguns privilegios no comer, uestir haõ de viuer taõ quietos, e por uentura mais do q agora Laião de uere q seus co panheiros saõ recebidos por Irma rar o mesmo grao: e a outros por uentura os fas sentar com todos de sty conhecere q na verdade não tem forcas, n[e] q levar consigo a obseruacia do estado religioso. E se da ahdos, ne auera queixumes de sere huns admittido ra o spirito de emulação, q agora os moue a pretender inferiores aos q o saõ. Por outra parte tem as comod gação da guarda das regras da Religiaõ: e assi creyo q o perdem a honra, alguns Irmãos iapois folgariaõ ma seus privilegiados, q não de ser Irmãos. Ahohe og se tar n. V. P. acerca deste [crossed out] ponto, q tenho por m.to uniera. Na beneaõ e sanctos sacrificios de V. P. m.to me 25. de Feuereiro de 1612.

168necefsidade se pode' recorer aelle, A 3a razão e' q' es
tando Bungo nomeo sfendo como eles taõ dito, conueni
ente, e' q' estaõ azi os mais do Tempo o fusor do Japaõ ben,
muy a proposito, de se darê ahy amor forte do nosso, ahy p.a
o bom gouerno delles, como y e' q' com mais facilidade se nas
prestes se pode o fusor fazer suas micoês, E de ahi abertas as
portas, tendo presentes os fructos, quanto mais se pora' se sendo
tira poderense fazer outros collegios nas partes do Meaco
Sdo Reino do Tempo.

Desta opinaõ forao
os p.es Bycantino, f.
guerredo, Ramõ,
Cespales E Miguel
vaz.

A 2a openiaõ foy q' o collegio se fizefe nas partes do Meaco
pellas seguintes verzoês, A 1a porq' como a frol do Japaõ
Corresponde ao de todo, E nesta naquellas partes. Com que
a Comp.a meta e' aquellas partes as feus principais caledos e q'
pore a xpandade vay ahi crescendo. E' debrancura q' Se
Sor quazi todo Japaõ nos fauorece tanto, Se na sua fonte
estara meyor o collegio q' la.

A 2a vezaõ Se porq' nas partes do Meaco Se adinerar fores
Semuy dos Anor Sata se tem maior E mais rica de tudo
o mais do Japaõ, poronde mais reputacaõ Se p.a a Comp.a
S p.a a xpandade do Japaõ fazerse olegio e afento dos nossos
no Meaco, q' em todas as partes do Japaõ, E allem disso se
pode esperar mais remedio q' nao as temporaes. Sendo
a seguranca dos nossos gentios as mais fortes delle.

A 3a vezaõ porq' a xpandade daquellas partes Se tem mj
yor q' toda a mais xpandade do Japaõ por ser a gente mais